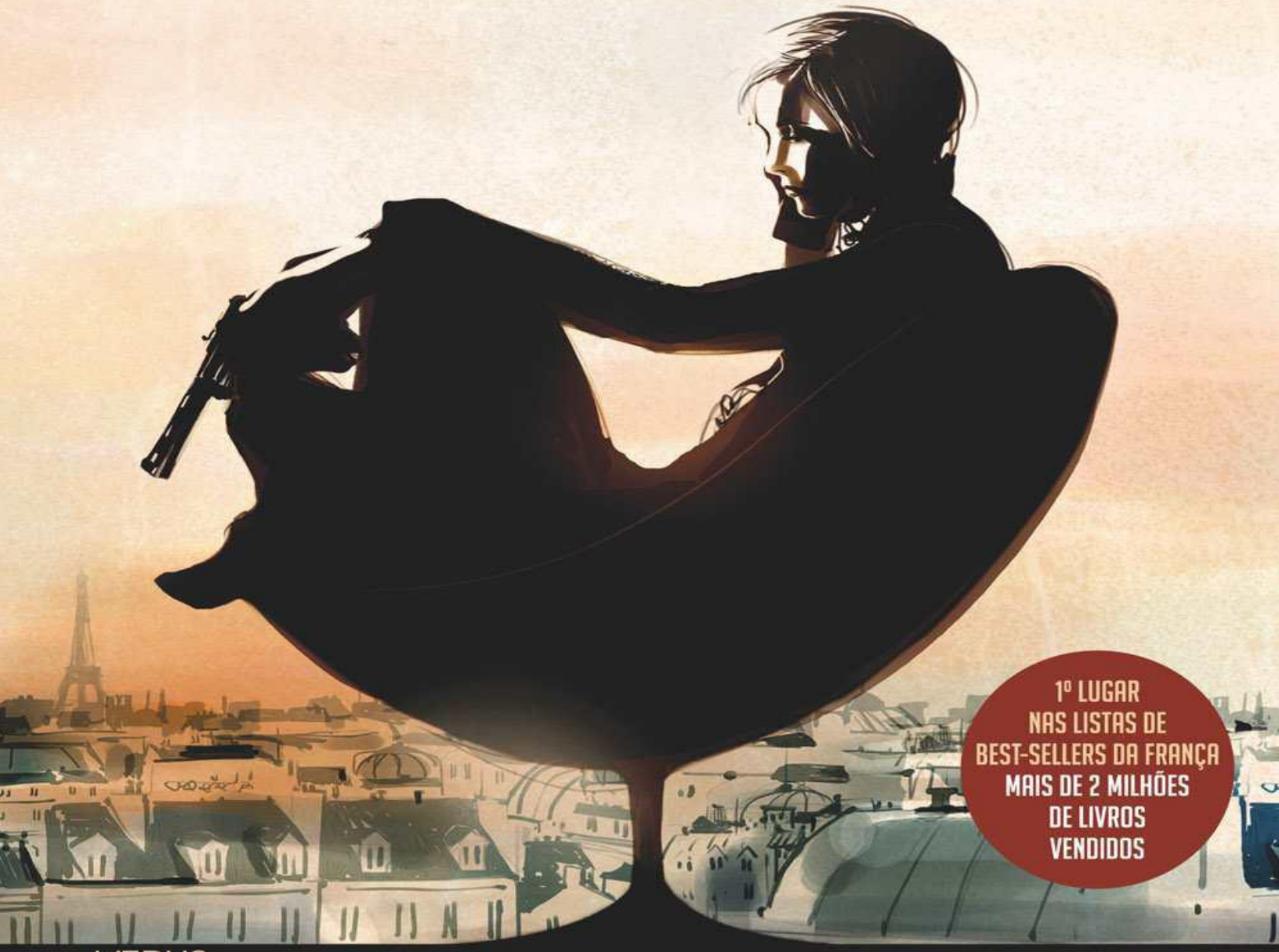
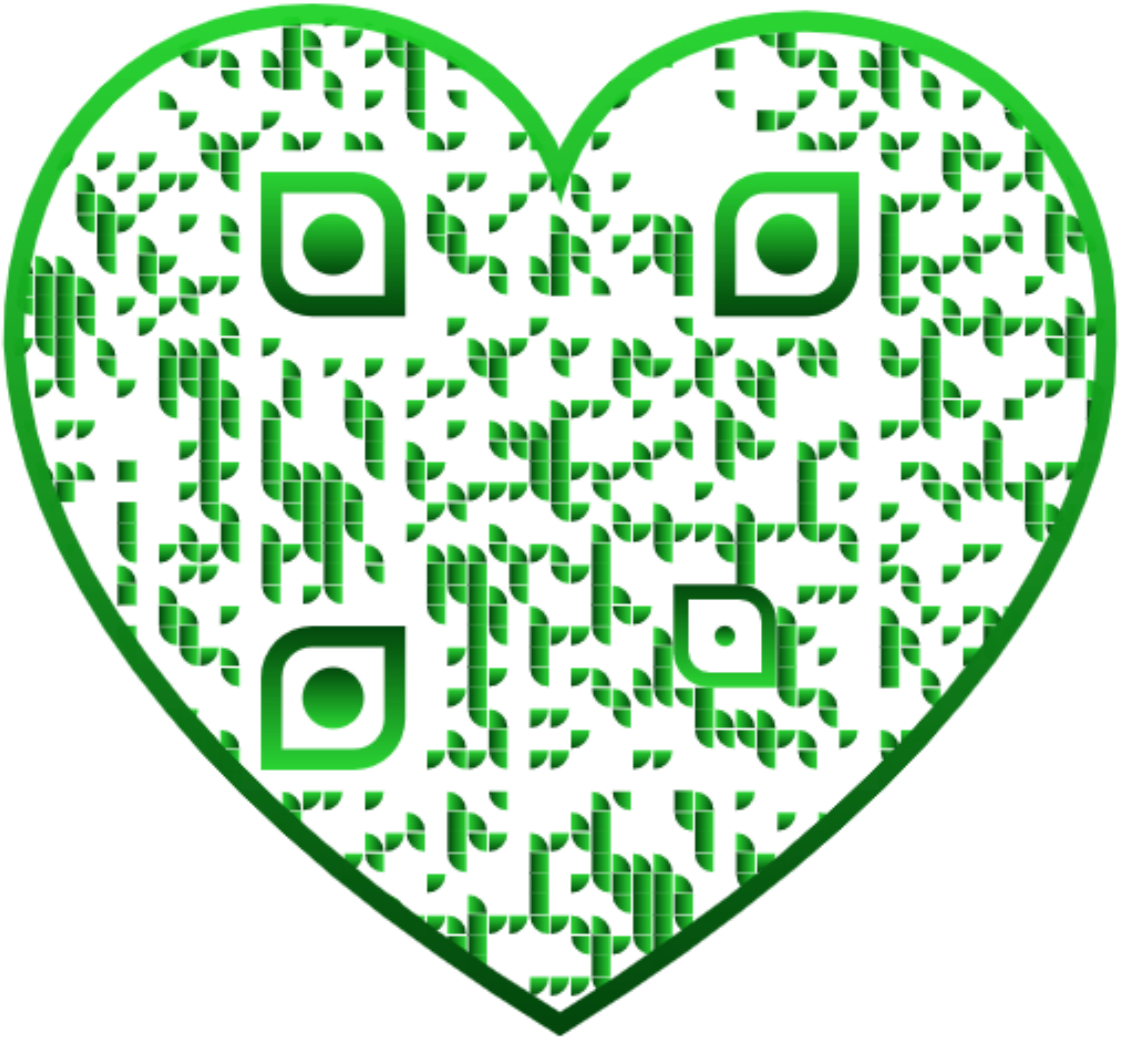
GUILLAUME MUSSO

O chamado do anjo



1º LUGAR
NAS LISTAS DE
BEST-SELLERS DA FRANÇA
MAIS DE 2 MILHÕES
DE LIVROS
VENDIDOS

VERUS
editora



GUILLAUME MUSSO

O chamado do anjo

Tradução
André Telles

Editora: Raïssa Castro
Coordenadora Editorial: Ana Paula Gomes
Copidesque: Maria Lúcia A. Maier
Revisão: Luciana Estevam
Capa e Projeto Gráfico: André S. Tavares da Silva
Ilustração da capa: Sophie Griotto

Título original: *L'appel de l'ange*

ISBN: 978-85-7686-298-7

Copyright © XO Éditions, 2011
Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2013
Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.
Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 55, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M98c

Musso, Guillaume
O chamado do anjo [recurso eletrônico] / Guillaume Musso ; tradução André Telles. - Campinas, SP : Verus, 2013.
recurso digital: il.

Tradução de: L'appel de l'ange
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-7686-298-7 (recurso eletrônico)

1. Romance francês. 2. Livros eletrônicos. I. Telles, André. II. Título.
13-03237

CDD: 843
CDU: 821.133.1-3

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

A orla é mais segura,
mas gosto de lutar com as ondas.
– Emily Dickinson

Agradecimentos

A Laurent Tanguy. A floricultura de Madeline existe! Enfim, quase... Ela me foi inspirada principalmente pelo belíssimo Jardin Imaginaire de Laurent Tanguy, na Rue de La Michodière, em Paris. Obrigado, Laurent, por todas as histórias, pela disponibilidade e por sua paixão comunicativa pela arte floral.

A Pierre Hermé. Obrigado pelo tempo dedicado a me esclarecer a respeito dos "mecanismos" de criação de suas sobremesas. Nossa conversa alimentou meu imaginário para os impulsos criativos de Jonathan.

A Maxime Chattam e a Jessica. Agradeço a Max pela visita guiada ao "Brooklyn de Brolin". Nosso programa de 25 de dezembro de 2009 numa Coney Island surrealista e coberta de neve permanece uma excelente recordação, que serviu de cenário para os últimos capítulos deste romance.

A vocês, caras leitoras e leitores, que há anos se dão ao trabalho de me escrever para compartilhar suas reflexões e travar um diálogo.

E à "desconhecida do aeroporto", que, num dia de agosto de 2007, em Montreal, trocou por descuido seu celular com o meu, plantando em meu espírito a semente que está na origem desta história...

Sumário

Prólogo

Primeira Parte: O gato e o rato
1. A troca
2. Separate lives
3. Em segredo
4. Fuso horário
5. You've got mail
6. O fio da meada
7. Lempereur deposto
8. Aqueles que amamos
9. Um segredo bem guardado
10. A vida alheia
11. A investigação

Segunda Parte: O caso Alice Dixon
12. Alice
13. Sem pistas
14. Inimigo íntimo
15. The girl who wasn't there
16. A caixa
17. A orquídea negra
18. Hipnótico
19* Atravessando o caminho
19**
19***
19****
20. Ferida aberta
21. The wild side
22. O fantasma de Manchester
23. O espelho de duas faces

Terceira Parte: Um pelo outro
24. O que os mortos deixam para os vivos

25. A cidade que nunca dorme
26. A garota com olhos de Modigliani
27. No cativeiro
28. Francesca
29. Um anjo no inferno
30. A face oculta da lua
31. Em território inimigo
32. A verdade sobre Danny Doyle
33. As testemunhas
34. The girl in the dark
35. Acossado
36. Finding Alice
37. A febre no sangue
38. Little Odessa.

Epílogo

Sobre lugares e pessoas...
Referências das epígrafes

Prólogo

Um *celular*?

No início, você não via realmente a utilidade, mas, para não parecer ultrapassada, deixou-se seduzir por um modelo bem simples, com uma plataforma básica. Num primeiro momento, chegou a se surpreender falando um pouco alto demais, no restaurante, no trem ou na varanda dos cafés. Verdade que era prático e tranquilizador ter sempre a família e os amigos ao alcance da voz.

Como todo mundo, você aprendeu a escrever mensagens digitando num teclado minúsculo e se acostumou a dispará-las em todas as direções. Como todo mundo, desistiu de sua agenda e a trocou pela versão eletrônica. Diligentemente, salvou os números dos conhecidos, da família e do namorado, disfarçando os dos ex, bem como a senha do cartão de crédito, que às vezes você esquece.

Mesmo sendo péssima fotógrafa, você não deixou de usar a câmera do celular. Era simpático ter sempre ao alcance uma foto engraçada para mostrar aos colegas.

Aliás, todo mundo fazia igual. O objeto casava com a época: diluíam-se as divisórias entre vida íntima, vida profissional e vida social. Afinal, o cotidiano se tornara mais urgente e flexível, exigindo permanentemente a maximização do tempo útil.

* * *

Recentemente você trocou seu velho aparelho por um modelo com mais recursos: uma pequena maravilha que lhe permite ter acesso a seus e-mails, navegar na internet e baixar centenas de aplicativos.

Foi quando você ficou viciada. Como enxertado no corpo, seu celular é agora um prolongamento de você mesma que a acompanha até ao banheiro. Onde quer que esteja, você raramente passa mais de meia hora sem consultar a tela, espreitando uma chamada perdida, uma mensagem íntima ou amistosa. E, se sua caixa de mensagens está vazia, você clica para verificar se nenhuma está a caminho.

Como seu bichinho de pelúcia da infância, o celular a reconforta. A tela é suave, tranquilizadora, hipnótica. Ele lhe confere um ar imponente em todas as situações, oferecendo-lhe uma facilidade de contato imediato que abre inúmeras possibilidades...

* * *

Certa noite, porém, ao voltar para casa, você procura nos bolsos, depois na bolsa, e percebe que seu celular sumiu. Você o perdeu? Foi roubada? Não, você se recusa a acreditar nisso. Você o procura novamente, tentando se convencer de que o esqueceu no escritório... mas não: você se lembra de tê-lo consultado no elevador, quando saiu do trabalho, e, sem dúvida, no metrô e no ônibus.

Droga!

Primeiro você fica com raiva por ter perdido o aparelho, depois dá graças a Deus por ter feito aquele seguro contra "roubo/perda/quebra", que preserva os pontos de fidelidade, os quais, a partir de amanhã, lhe permitirão adquirir um novo brinquedo high-tech e touch screen.

No entanto, às três horas da manhã, você continua sem pregar o olho...

* * *

Você se levanta sem fazer barulho para não acordar o homem que dorme ao seu lado.

Na cozinha, em cima de um armário, pega o velho maço de cigarros já aberto, que escondeu ali para qualquer emergência. Acende um e, no estado em que se encontra, serve-se também de um copo de vodca.

Merda...

Você está sentada, curvada na cadeira. Sente frio, pois deixou a janela aberta por causa do cheiro de cigarro.

Faz o inventário de tudo que seu telefone contém: alguns vídeos, umas cinquenta fotografias, o histórico de sua navegação na internet, seu endereço (incluindo a senha da porta de entrada do prédio), o de seus pais, números de pessoas que não deveriam necessariamente estar ali, mensagens que poderiam sugerir que...

Não seja paranoica!

Você dá outra tragada e um gole na bebida.

Aparentemente, não há nada *efetivamente* comprometedor, mas você sabe muito bem que as aparências enganam.

O que a preocupa é a possibilidade de o aparelho ter caído em mãos mal-intencionadas.

Você já sente saudades de algumas fotos, alguns e-mails, algumas conversas. O passado, a família, o dinheiro, o sexo... Procurando bem, alguém que desejasse prejudicá-la teria material suficiente para acabar com a sua vida. Você lamenta, mas lamentar não resolve nada.

Tremendo, você se levanta para fechar a janela. Com a testa grudada na vidraça, observa as raras luzes que ainda brilham na noite lhe dizendo que, do outro lado da cidade, um homem talvez esteja com os olhos pregados na tela do seu celular, explorando prazerosamente o lado obscuro de sua vida privada e vasculhando

metodicamente as entranhas do aparelho em busca de seus *dirty little secrets*.

PRIMEIRA PARTE

O gato e o rato

1
A troca

Há criaturas cujo destino é se conhecerem. Onde quer que estejam. Aonde quer que se dirijam. Um dia elas se encontram.
— Claudie Gallay

Nova York
Aeroporto JFK
Uma semana antes do Natal

ELA

— E depois?

— E depois o Raphaël me deu um anel de diamantes da Tiffany e me pediu em casamento.

Celular grudado no ouvido, Madeline caminhava sem rumo em frente às altas sacadas envidraçadas que davam para o asfalto. A cinco mil quilômetros dali, em seu pequeno apartamento no norte de Londres, sua melhor amiga escutava, impaciente, o relato minucioso de sua aventura romântica na Big Apple.

— Você realmente tirou a sorte grande! — constatou Juliane. — Fim de semana em Manhattan, quarto no Waldorf, passeio de carruagem, pedido de casamento à moda antiga...

— Pois é — rejubilou-se Madeline. — Foi tudo perfeito, como num filme.

— Talvez um pouco perfeito demais, não acha? — fustigou-a Juliane.

— Pode me explicar como alguma coisa pode ser perfeita "demais", senhora despeitada?

Juliane tentou se redimir, meio sem jeito:

— Quero dizer, talvez tenha faltado *a surpresa*. Nova York, Tiffany, o passeio na neve, o rinque de patinação do Central Park... É um pouco previsível, meio clichê, caramba!

Maliciosa, Madeline contra-atacou:

— Se bem me lembro, quando o Wayne pediu você em casamento, foi voltando do pub, numa noite de bebedeira. Ele estava totalmente chumbado e saiu para vomitar na privada logo depois de pedir a sua mão, não foi?

— Ok, dessa vez você ganhou — capitulou Juliane.

Madeline sorriu, enquanto se aproximava da área de embarque para tentar encontrar Raphaël no meio da multidão compacta. Naquele início de férias de fim de ano, milhares de viajantes se comprimiam no saguão do aeroporto, que zumbia como uma colmeia. Alguns encontrariam a família, outros viajariam para o fim do mundo, para destinos paradisíacos, longe da melancolia de Nova York.

— A propósito — continuou Juliane —, você não me disse qual foi sua resposta.

— Está brincando? É claro que eu disse sim!

— Não fez nem um suspensezinho?

— Suspense? Tenho quase trinta e quatro anos, Juli! Não acha que já esperei muito? Eu amo o Raphaël, saio com ele há dois anos e estamos tentando ter um filho. Dentro de algumas semanas, vamos nos mudar para a casa que escolhemos juntos. Juliane, pela primeira vez na vida, me sinto segura e feliz.

— Por acaso você está falando isso porque ele está do seu lado?

— Não! — exclamou Madeline, rindo. — Ele foi despachar as bagagens. Estou falando isso porque é o que penso!

E parou em frente a uma banca de jornais. Dispostas lado a lado, as primeiras páginas esboçavam o retrato de um mundo à deriva que hipotecara seu futuro: crise econômica, desemprego, escândalos políticos, tensão social, catástrofes ecológicas...

— Não tem medo de levar uma vida previsível com o Raphaël?

— Mas isso não é um defeito! — retorquiu Madeline. — Preciso de alguém firme, confiável, fiel. Tudo à nossa volta já é tão frágil e inseguro. Não quero isso no meu relacionamento. Quero voltar para casa à noite e ter certeza de encontrar calma e equilíbrio. Sacou?

— Hum... — fez Juliane.

— Não tem nada de “hum”, Juli. Pode começar a visitar as lojas para comprar o vestido de madrinha!

— Hum — repetiu ainda assim a jovem inglesa, dessa vez mais para disfarçar a emoção do que para traduzir o ceticismo.

Madeline consultou o relógio. Atrás dela, nas pistas de decolagem, aviões esbranquiçados esperavam em fila indiana para tomar impulso.

— Bom, vou desligar, meu voo decola às cinco e meia e ainda não encontrei meu... meu marido!

— *Futuro* marido... — corrigiu Juliane, rindo. — Quando vem me fazer uma visitinha em Londres? Por que não esse fim de semana?

— Eu adoraria, mas é impossível. Vamos chegar muito cedo a Roissy. Mal vou ter tempo de passar em casa para tomar um banho antes de abrir a loja.

— Mas você não para, caramba!

— Sou florista, Juli! O período de Natal é o mais corrido!

— Tente pelo menos dormir durante a viagem.

— Está bem! Ligo amanhã — prometeu Madeline, antes de desligar.

* * *

ELE

— Não insista, Francesca. Está fora de questão me encontrar!

— Mas estou a apenas vinte metros de você, bem na saída da escada rolante...

Celular colado no ouvido, Jonathan franziu o cenho e se aproximou da balaustrada que dava para a escada rolante. Ao pé dos degraus, uma morena do tipo mulher fatal falava ao celular enquanto segurava pela mão uma criança envolta numa capa meio grande demais. A mulher tinha cabelos compridos, usava um jeans de cintura baixa, uma jaqueta acolchoada com cinto e imensos óculos escuros de grife, que, como uma máscara, lhe escondiam parte do rosto.

Jonathan agitou um braço na direção do filho, que retribuiu timidamente a saudação.

— Mande o Charly para cá e dê o fora! — ele ordenou secamente.

Sempre que via a ex-mulher, sentia-se invadido por um misto de raiva e mágoa. Um sentimento poderoso que ele não controlava e que o deixava ao mesmo tempo violento e deprimido.

— Você não pode continuar falando comigo desse jeito! — ela protestou, com uma voz que traía um ligeiro sotaque italiano.

— Quem é você para dar lição de moral?! — ele explodiu. — Você fez uma opção, assuma as consequências. Você traiu sua família, Francesca! Você nos traiu, a Charly e a mim!

— Deixe o Charly fora disso!

— Deixá-lo fora disso! Quando é ele que paga o preço! É por causa dos seus acessos que ele só vê o pai algumas semanas por ano!

— Sinto mui...

— E o avião! — ele a interrompeu. — Quer que eu te lembre por que o Charly tem medo de viajar sozinho de avião, o que me obriga a atravessar o país todas as férias escolares? — perguntou, subindo o tom de voz.

— O que está acontecendo conosco é... é a vida, Jonathan. Somos adultos, não existe um lado bonzinho e outro vilão.

— Não foi o que o juiz achou — ele observou, subitamente cansado, aludindo ao divórcio pronunciado em detrimento da ex-mulher.

Pensativo, Jonathan pousou os olhos no asfalto. Não passava de quatro e meia da tarde, mas não demoraria a anoitecer. Nas pistas iluminadas, uma fila impressionante

de jatos de grande porte esperava o sinal da torre de controle para decolar com destino a Barcelona, Hong Kong, Sydney, Paris...

— Bom, chega de conversa — ele decretou. — As aulas começam no dia 3 de janeiro, levo o Charly na véspera.

— Tudo bem — aceitou Francesca. — Uma última coisa: comprei um celular para ele. Quero poder falar com ele a qualquer hora.

— Está brincando! Mas nem pensar! — ele explodiu. — Ninguém tem um celular aos sete anos.

— Isso é discutível — ela objetou.

— Se é discutível, você não deveria ter tomado a decisão sozinha. Podemos até discutir isso um dia, mas por enquanto guarde a sua geringonça e deixe que o Charly venha.

— Tudo bem — ela abdicou mansamente.

Jonathan se debruçou sobre a grade, franziu os olhos e viu Charly devolvendo a Francesca um pequeno celular colorido. Em seguida, o menino beijou a mãe e, num passo inseguro, subiu na escada rolante.

Jonathan esbarrou em alguns passageiros para receber o filho.

— Oi, pai.

— Oi, mocinho — ele disse, apertando-o nos braços.

* * *

ELES

Os dedos de Madeline corriam rapidamente pelo teclado. Empunhando o celular, ela percorria as vitrines do *duty free* enquanto escrevia quase às cegas uma mensagem para responder a Raphaël. Seu companheiro já fizera o check-in, mas agora estava na fila para passar pelo controle de segurança. Na mensagem, Madeline sugeriu se encontrarem na cafeteria.

— Papai, estou com um pouquinho de fome. Será que eu poderia comer um *panino*? — pediu educadamente Charly.

Com a mão no ombro do filho, Jonathan atravessava o labirinto de vidro e aço que levava aos portões de embarque. Detestava aeroportos, particularmente naquela época do ano — Natal e saguões de aeroporto lhe lembravam as circunstâncias sinistras em que soubera da traição de sua mulher, dois anos antes —, mas, exultante por encontrar Charly, fez com que ele decolasse do chão, agarrando-o pela cintura.

— Um *panino* para o mocinho! — disse com entusiasmo, mudando de direção para entrar no restaurante.

A Porte du Ciel, principal cafeteria do terminal, ficava numa praça em cujo centro diferentes balcões ofereciam um leque de especialidades culinárias.

Uma musse de chocolate ou uma fatia de pizza?, perguntou-se Madeline, examinando o bufê. Claro, uma fruta seria mais razoável, mas ela estava com uma fome de leão. Colocou o doce no prato, depois o devolveu quase instantaneamente, tão logo seu Grilo Falante lhe sussurrou ao ouvido o número de calorias que continha aquela pequena tentação. Um pouco decepcionada, catou uma maçã na cesta de vime, pediu um chá com limão e se dirigiu ao caixa para pagar a conta.

> Pão ciabatta, molho pesto, tomate seco, presunto de parma e mozarela: Charly salivava diante de seu sanduíche italiano. Desde a mais tenra idade, acompanhara o pai na cozinha dos restaurantes, o que aguçara seu paladar e desenvolvera sua curiosidade por tudo que é tipo de sabores.
>
> — Cuidado para não derrubar a bandeja, ok? — aconselhou Jonathan, depois de pagar o lanche.
>
> O menino assentiu com a cabeça, concentrado em manter o equilíbrio entre o *panino* e a garrafa de refrigerante.
>
> O restaurante estava lotado. A sala oval se estendia ao longo de uma parede de vidro que dava diretamente para as pistas.
>
> — Onde vamos ficar, papai? — perguntou Charly, perdido em meio ao fluxo de passageiros.
>
> Jonathan analisou detidamente a multidão compacta que se esbarrava entre as cadeiras. Visivelmente, havia mais fregueses do que lugares disponíveis. Então, como num passe de mágica, uma mesa ficou livre perto da sacada envidraçada.
>
> — Direção leste, grumete! — bradou, piscando para o filho.
>
> Enquanto apertava o passo, seu celular tocou em meio ao burburinho. Jonathan hesitou em atender. Embora estivesse com os braços ocupados — a mala de rodinhas numa das mãos e a bandeja na outra —, tentou arrancar o aparelho do bolso do paletó, mas...

Quanta gente!, desanimou Madeline ao ver a horda de passageiros invadir o restaurante. Ela, que esperara relaxar um pouco antes do voo, não encontrava sequer uma mesa livre!

Ai!, evitou gritar, enquanto uma adolescente distraída a pisoteava sem uma palavra de desculpa.

Sua pestinha, pensou com veemência, dirigindo-lhe um olhar irritado, ao qual a menina respondeu com um discreto dedo em riste cujo significado não deixava margem à dúvida.

Madeline não teve nem tempo de se deixar atingir por aquela agressão. Acabava

de ver uma mesa livre ao lado da sacada envidraçada. Apertou o passo com medo de perder aquele excelente lugar. Estava a apenas três metros do objetivo quando o celular vibrou dentro da bolsa.

Justo agora!

Primeiro decidiu não atender, depois voltou atrás: provavelmente era Raphaël, querendo saber onde ela estava. Desajeitadamente, segurou a bandeja com uma das mãos — *Caraca, como esse bule é pesado!* —, enquanto com a outra vasculhava na bolsa para pegar o celular, afogado entre o volumoso molho de chaves, a agenda e o romance que estava lendo. Contorceu-se toda para ligar o aparelho e levá-lo ao ouvido quando...

* * *

Madeline e Jonathan bateram de frente. Bule, maçã, sanduíche, garrafa de Coca, taça de vinho: tudo voou pelos ares antes de cair no chão.

Surpreso com o encontrão, o próprio Charly deixou a bandeja cair e começou a chorar.

Que idiota!, irritou-se Jonathan, levantando-se com dificuldade.

— Olhe por onde anda! — gritou.

Que grosseirão!, irritou-se Madeline, recobrando-se.

— Ah, então a culpa é minha? Não inverta os papéis, meu amigo! — ela o desafiou, antes de recolher do chão o celular, a bolsa e as chaves.

Jonathan se inclinou para ficar mais perto do filho e tranquilizá-lo, recolhendo o sanduíche protegido por uma embalagem plástica, bem como a garrafa e o celular.

— Eu vi a mesa primeiro! — ele se indignou. — Estávamos praticamente sentados quando você irrompeu como uma avalanche sem nem...

— Está brincando? Eu vi a mesa muito antes!

A raiva da moça acusava um sotaque inglês até então imperceptível.

— Seja como for, você está sozinha, enquanto eu estou com uma criança.

— A desculpa de sempre! Não vejo como o fato de ter um fedelho lhe dá o direito de me dar uma trombada e estragar minha blusa! — ela se lamentou, mostrando a mancha de vinho que lhe maculava a roupa.

Contrariado, Jonathan sacudiu a cabeça e ergueu os olhos para o teto. Abriu a boca para protestar, mas Madeline foi mais rápida:

— E depois, para começo de conversa, não estou sozinha! — ela garantiu, percebendo a aproximação de Raphaël.

Jonathan deu de ombros e pegou a mão de Charly.

— Venha, vamos procurar outro lugar. Idiota... — ele resmungou ao sair do restaurante.

* * *

O voo Delta 4565 deixou Nova York em direção a San Francisco às cinco horas da tarde. Feliz da vida por encontrar o filho, Jonathan não percebeu o tempo passar. Desde a separação dos pais, Charly tinha fobia de andar de avião. Era impossível para ele viajar sozinho ou pregar o olho durante o voo. As sete horas que duravam a viagem foram então dedicadas a trocar piadas, contar histórias engraçadas e assistir pela vigésima vez ao filme *A dama e o vagabundo* na tela do laptop se lambuzando com potinhos de sorvete Häagen-Dazs. Aquela mordomia era reservada à classe executiva, mas uma comissária de bordo compreensiva, que se encantara com o rosto de Charly e a simpatia canhestra do pai, resolvera transgredir as regras.

O voo Air France 29 deixou o Aeroporto JFK às cinco e meia da tarde. No conforto acolchoado da *business class* — decididamente, Raphaël trabalhara direito —, Madeline ligou a câmera fotográfica e fez desfilar as fotos de sua aventura nova-iorquina. Grudados um no outro, os dois namorados reviveram alegremente os melhores momentos de uma viagem com gostinho de lua de mel. Depois Raphaël cochilou, enquanto Madeline, fascinada, via pela enésima vez *A loja da esquina*, a velha comédia de Lubitsch, oferecida na programação.

Em virtude do fuso horário, não eram nem nove horas da noite quando o avião de Jonathan pousou em San Francisco.

Livre da angústia, Charly dormiu nos braços do pai assim que saiu da aeronave.

No saguão de desembarque, Jonathan ficou à espera do amigo Marcus, com quem tocava uma pequena *brasserie* francesa no coração de North Beach e que deveria ir buscá-los de carro. Pôs-se na ponta dos pés para inspecionar a multidão.

— Seria uma surpresa se ele estivesse no horário! — resmungou.

Já desistindo, resolveu consultar o celular para verificar se havia alguma mensagem. Assim que desativou o modo avião, um texto comprido se estampou na tela:

Bem-vinda a Paris, minha querida! Espero que tenha conseguido descansar durante o voo e que Raphaël não tenha roncado muito ;-)
Desculpe por ainda há pouco. Adorei saber que você vai se casar e que encontrou o homem capaz de fazê-la feliz. Prometo fazer todo o possível para cumprir com seriedade e solenidade meu papel de madrinha!
Sua eterna amiga, Juliane

Que baboseira é essa?, pensou, relendo a mensagem. Uma piada extravagante de Marcus? Acreditou nisso durante alguns segundos, até inspecionar o aparelho: mesmo modelo, mesma cor, mas... não era o seu! Uma rápida espiada no aplicativo de e-mail lhe permitiu descobrir a identidade da proprietária: uma tal Madeline Greene, que morava em Paris.

Porra!, praguejou. *É o celular daquela destrambelhada do JFK!*

Madeline consultou o relógio reprimindo um bocejo. Seis e meia da manhã. O voo levara pouco mais de sete horas, mas, com o fuso horário, o avião aterrissara sábado de manhã em Paris. O Aeroporto de Roissy despertava freneticamente. Como em Nova York, os turistas de Natal tinham tomado posse do aeroporto, mesmo àquela hora da manhã.

— Tem certeza de que vai trabalhar hoje? — perguntou Raphaël diante da esteira de bagagens.

— Claro, querido! — ela respondeu, ligando o celular para consultar as mensagens. — Aposto que já tenho várias encomendas à minha espera.

Escutou primeiro a secretária eletrônica, na qual uma voz arrastada e com sono que lhe era totalmente desconhecida deixara uma mensagem: "Oi, Jon, é o Marcus. Éhh... tive um pequeno problema com o 4L, um vazamento de óleo que... Bom, eu explico mais tarde. Enfim, tudo isso para dizer que posso me atrasar um pouco. Desculpe..."

Que palhaçada é essa?, ela se perguntou, desligando. *Alguém que teria discado o número errado? Hum...*

Em dúvida, examinou o celular com atenção: era a mesma marca, o mesmo modelo... mas não era o seu.

— Merda! — deixou escapar bem alto. — É o celular daquele maluco do aeroporto!

2

Separate lives

É terrível ficar sozinho quando fomos dois.
— Paul Morand

Jonathan enviou a primeira mensagem...

Estou como seu celular, você está como meu?
Jonathan Lempereur

... à qual Madeline respondeu quase instantaneamente:

Sim! Onde você está?
Madeline Greene

Em San Francisco. E você?

Em Paris :(
Como vamos fazer?

Bom, existe correio na França, não? Mando o seu amanhã por FedEx.

Muito gentil... Farei o mesmo assim que possível. Qual é o seu endereço?

Restaurante French Touch, 1606 Stockton Street, San Francisco, CA.

O meu: Le Jardin Extraordinaire, 3 bis Rue Delambre, Paris, no 14º.

Você é florista, certo? Em caso afirmativo, você tem uma encomenda urgente de um tal Oleg Mordhorov: 200 rosas vermelhas a serem entregues no Teatro du Châtelet para a atriz que se despe no terceiro ato. Cá entre nós, duvido que seja a esposa dele...

Com que direito escutou minha secretária?

Ora, para lhe fazer um favor, sua anta!

Vejo que é tão grosseiro em suas mensagens quanto em suas falas!
Quer dizer que tem um restaurante, Jonathan?

Tenho.

Nesse caso, sua birosca tem uma nova reserva: uma mesa para dois amanhã à noite em nome de sr. e sra. Strzechowski. Enfim, foi o que compreendi da mensagem, mas o sinal estava ruim...

Ótimo. Boa noite.

Em Paris, são 7 da manhã...

Irritado, Jonathan sacudiu a cabeça e enfiou o celular no bolso interno do paletó. Detestava aquela mulher.

* * *

San Francisco

Nove e meia da noite

Um velho Renault 4L vermelho berrante deixou a Route 101 para pegar a saída que levava a *downtown*. O calhambeque se arrastava como um bezerro pela Embarcadero, dando a impressão de avançar em câmera lenta. Apesar de a calefação estar no máximo, os vidros estavam embaçados.

— Você vai nos matar com essa sua lata-velha! — queixou-se Jonathan, encolhido no banco do passageiro.

— De jeito nenhum, minha gatinha está tinindo — defendeu-se Marcus. — Se soubesse como a paparico!

Cabelos sujos e eriçados, sobrancelhas espessas, barba de dezoito dias e pálpebras caídas à la Droopy: Marcus parecia teletransportado de outra época — a pré-história —, e até mesmo, em certos dias, de outro planeta. Sobrando numa calça baggy e numa camisa havaiana aberta até o umbigo, a silhueta raquítica parecia ter sido contorcida e desmembrada para caber dentro do carro. Calçando velhas sandálias de dedo, dirigia com um único pé, o calcanhar na embreagem e os dedos apertando alternadamente o acelerador e o freio.

— Pois eu gosto muito do carro do tio Marcus! — entusiasmou-se Charly, saracoteando no banco traseiro.

— Obrigado, irmãozinho! — ele respondeu, dando uma piscadela.

— Charly! Coloque o cinto e pare de zanzar de um lado para o outro — ordenou Jonathan. Depois, voltando-se para o amigo: — Passou no restaurante hoje à tarde?

— Éhh... estamos fechados hoje, certo?

— Mas pelo menos recebeu os patos?

— Que patos?

— As coxas de pato e a rúcula que Bob Woodmark entrega toda sexta-feira!

— Ah! Eu bem que estava achando que tinha esquecido alguma coisa!

— Seu cabeça de vento! — irritou-se Jonathan. — Como pode esquecer a única coisa que lhe pedi para fazer?

— Não precisa fazer um drama por causa disso... — resmungou Marcus.

— É claro que precisa! Woodmark é intragável, mas a fazenda dele nos fornece os melhores produtos. Se dermos um bolo nele, ele vai cismar com a gente e não vai mais querer nos vender nada. Vamos voltar e passar pelo restaurante. Aposto que ele deixou a encomenda nos fundos.

— Posso verificar isso sozinho — garantiu Marcos. — Primeiro, deixo vocês em cas...

— Não! — cortou Jonathan. — Já vi que não posso contar com você, então vou assumir as rédeas.

— Ora, o menino está morto de cansaço!

— Não, não! — alegrou-se Charly. — Também quero ir ao restaurante.

— Bom, resolvido — decretou Jonathan. — Dobre no cruzamento na altura da 3rd Street — ordenou, limpando com a manga o vapor condensado no para-brisa.

Mas o velho 4L não gostava de ver alterado seu itinerário. Os pneus estreitos perderam aderência e a guinada brusca quase provocou um acidente.

— Você não controla mais essa lata-velha! — gritou Jonathan. — Assim vai nos matar, porra!

— Eu faço o que posso! — garantiu Marcus, aprumando o carro e promovendo ao mesmo tempo um concerto de buzinadas estridentes.

Avançando pela Kearney Street, o calhambeque pareceu recuperar uma espécie de estabilidade.

— Você ficou nesse estado porque esteve com a minha irmã? — perguntou Marcus, após um longo silêncio.

— Francesca é apenas sua *meia*-irmã — corrigiu Jonathan.

— Como ela está?

Jonathan lhe dirigiu um olhar hostil.

— Se acha que ficamos de papo...

Marcus sabia que o assunto era delicado e não insistiu. Concentrou-se no volante para alcançar a Columbus Avenue e estacionar sua “gatinha” em frente à *brasserie* que ostentava a placa French Touch, na esquina da Union Street com a Stockton.

Como Jonathan presumira, Bob Woodmark deixara a entrega nos fundos do restaurante. Os dois homens recolheram os engradados e os armazenaram na câmara frigorífica, depois verificaram se estava tudo em ordem na sala principal.

O French Touch era um pedaço da França no coração de North Beach, o bairro italiano de San Francisco. Pequeno, mas acolhedor, o lugar reproduzia o interior de

um bistrô francês dos anos 30: madeiras, relevos, chão de mosaico, imensos espelhos *belle époque*, velhos pôsteres de Josephine Baker, Maurice Chevalier e Mistinguett. O estabelecimento propunha uma cozinha francesa tradicional, sem pretensão, sem frescura. No quadro-negro afixado na parede, podia-se ler: "Folheado de *escargots* com mel, *magret de canard à l'orange*, torta Saint-Tropez..."

— Me dá um sorvete, pai? — pediu Charly, de frente para o balcão rutilante que atravessava o recinto.

— Não, querido. Você já comeu demais no avião. E depois já é tarde, você devia estar na cama há séculos.

— Mas estou de férias...

— Vamos, Jon, seja legal! — pediu Marcus.

— Ah, não, você não vai se intrometer nisso também!

— Mas é Natal!

— Duas crianças! — Jonathan exclamou, sem conseguir conter o riso.

Ocupou um lugar no canto do restaurante, atrás do balcão da cozinha aberta, que permitia aos clientes acompanharem em parte a preparação dos pratos.

— Do que você gostaria? — perguntou ao filho.

— De uma dame blanche! — entusiasmou-se o menino.

Com desenvoltura, o "mestre-cuca" quebrou alguns quadrados de chocolate amargo numa pequena tigela para derretê-los em banho-maria.

— E você? — perguntou a Marcus.

— Podíamos abrir uma garrafa de vinho...

— Como quiser.

Um largo sorriso iluminou o rosto de Marcus, que se levantou rapidamente para se dirigir ao seu cantinho predileto: a adega do restaurante.

Nesse ínterim, sob o olhar guloso de Charly, Jonathan dispôs numa taça duas bolas de sorvete de creme acompanhadas de suspiro. Derretido o chocolate, acrescentou-lhe uma colherada de creme de leite fresco. Despejou o chocolate quente sobre o sorvete e cobriu tudo com chantili e amêndoas tostadas.

— *Enjoy!* — exclamou, espetando um pequeno guarda-chuva na cúpula do creme.

Pai e filho se instalaram a uma mesa, sentados lado a lado, num confortável banco. Nas nuvens, Charly se armou com uma colher comprida e começou a degustação.

— Olhe só essa maravilha! — exultou Marcus, voltando da adega.

— Um Screaming Eagle 1997! Por acaso está delirando? Esse tipo de garrafa é só para os clientes!

— Por favor! Fica como meu presente de Natal... — implorou.

Após uma resistência puramente formal, Jonathan aceitou abrir o *grand cru*. Pensando bem, era melhor que Marcus bebesse alguns copos no restaurante. Pelo

menos poderia ficar de olho nele. Caso contrário, era bem possível que o canadense começasse a percorrer os bares, e, quando ele estava sob a influência do álcool, as catástrofes não demoravam a acontecer. Em várias ocasiões, alguns de seus companheiros de copo haviam se aproveitado de sua gentileza e credulidade para trapaceá-lo no pôquer, fazendo-o assinar reconhecimentos de dívida imaginários que depois Jonathan tivera todas as dificuldades do mundo para resgatar.

— Admire a cor desse néctar! — extasiou-se Marcus, vertendo o vinho numa garrafa para decantá-lo.

Filho ilegítimo do pai de Francesca e de uma cantora de country do Quebec, Marcus não recebera um centavo por ocasião da morte de seu genitor, um rico empresário nova-iorquino. Sua mãe havia morrido recentemente, e ele só mantinha contato de vez em quando com a meia-irmã. Sem um tostão furado, vivia numa bolha de despreocupação, não ligava para o visual, ignorava o básico da etiqueta e das regras de convívio social. Dormia doze horas por dia, dava uma mãozinha no restaurante na medida do possível, mas as obrigações e os horários de trabalho pareciam não lhe dizer respeito. Avoado e generoso, simplório e cativante, tinha alguma coisa de patético e desconcertante, ainda que as consequências de sua irresponsabilidade fossem difíceis de administrar no dia a dia.

Durante o período que durara seu casamento, Jonathan não vira em Marcus senão um cretino com quem não tinha nada em comum. Contudo, quando Francesca o deixara, o cunhado fora o único a apoiá-lo. Na época, mesmo tendo Charly, Jonathan mergulhara no abismo negro da depressão. Desempregado e desamparado, afogara as mágoas num mar de Jack Daniel's e Johnnie Walker.

Felizmente, por um estranho milagre, Marcus deixara a preguiça de lado e, pela primeira vez na vida, tomara a iniciativa. Encontrara um restaurante italiano decadente que acabava de mudar de proprietário e fizera das tripas coração para convencer os investidores a transformar o lugar num bistrô francês e entregar os fogões a seu cunhado. Aquela atitude permitira a Jonathan dar a volta por cima. Tão logo sentira o amigo salvo, Marcus recaíra em sua preguicite aguda.

— À nossa! — ele brindou, estendendo a Jonathan uma taça de vinho.

— Então é Natal antes da hora — concluiu o francês, ligando o aparelho de rádio *art déco* que desencavara num mercado de pulgas de Pasadena.

Sintonizou o aparelho numa estação de rock que tocava uma versão ao vivo de "Light My Fire".

— Ah, como isso é bom! — empolgou-se Marcus, afundando-se no assento, sem dar a perceber se estava falando do cabernet ou da música do The Doors.

Jonathan tentou relaxar também. Desabotoou o colarinho e tirou o paletó, mas a visão do celular de Madeline pousado na mesa o contrariou. *Essa história de celular vai me fazer perder um monte de reservas!*, suspirou. Entre seus clientes assíduos,

alguns tinham seu número pessoal — privilégio que lhes permitia conseguir uma mesa mesmo em noites movimentadas.

Enquanto Marcus pegava o aparelho, Jonathan observou o filho dormindo tranquilamente no banco. Gostaria de tirar uns dez dias de férias para se dedicar a Charly, mas não podia se dar a esse luxo. Acabara de sair do abismo financeiro que quase o engolira fazia poucos anos, e aquela derrocada tivera o mérito de vaciná-lo contra empréstimos, cheques especiais, inadimplências e multas por atraso.

Esgotado, fechou os olhos, e Francesca lhe apareceu na mente, tal como a vira no aeroporto. Dois anos depois, a dor continuava viva. Quase insuportável. Abriu os olhos e tomou um gole de vinho para expulsar aquela imagem. Não tinha a vida que esperara, mas era a que tinha.

— Nada mal a belezoca! — exclamou Marcus, enquanto os dedos encardidos deslizavam na tela touch screen para fazer correrem as fotos contidas no celular.

Intrigado, Jonathan passou a cabeça por cima da tela.

— Me deixe ver.

Entre as fotos da moça, algumas eram sutilmente eróticas. Poses sugestivas imortalizadas em preto e branco: rendas finas, ligas de cetim, mão erguida escondendo recatadamente um seio ou roçando o contorno do quadril. Nada muito comprometedor numa época em que havia quem colocasse suas *sex tape* na internet...

— Posso ver também, papai? — perguntou Charly, abrindo um olho.

— Não, não. Volte a dormir. Não é assunto de criança.

Em todo caso, era surpreendente que, com seu ar petulante de patricinha metida, a desastrada do aeroporto também tivesse feito sua sessãozinha de poses safadas.

Mais espantado que excitado, Jonathan deu zoom no rosto da modelo. Embora aparentemente se divertisse, prestando-se de boa vontade à brincadeira, por trás do sorriso de fachada se vislumbrava um certo constrangimento. Provavelmente aquele gênero de fotos era antes um delírio de seu homem, que se tomara por um instante por Helmut Newton. Quem estava atrás da câmera? O marido? O amante? Jonathan se lembrava de ter notado um homem no aeroporto, mas era incapaz de reconstituir seus traços.

— Bom, basta! — decidiu, largando o celular sob o olhar decepcionado de Marcus.

Sentindo-se subitamente um *voyeur*, perguntou-se com que direito se intrometia na vida privada daquela mulher.

— Como se ela fosse ter escrúpulos de fazer o mesmo! — comentou o canadense.

— Não estou nem aí. Não tem nenhum perigo de ela encontrar esse tipo de fotografia no meu celular! — ele exclamou, servindo-se de um copo de Screaming Eagle. — Se acha que já me diverti fotografando minhas partes íntimas...

O cabernet tinha notas sutis de frutas vermelhas e pão de especiarias. Enquanto degustava a bebida, Jonathan listou mentalmente o que tinha em seu celular. A bem da verdade, não se lembrava de tudo.

Em todo caso, nada íntimo nem comprometedor, tranquilizou-se.

No que se enganava totalmente.

* * *

PARIS

SETE E MEIA DA MANHÃ

O capô frisado de um Jaguar XF último modelo corria no azul gélido e metálico da marginal parisiense. Forrada com materiais nobres — couro branco, relevos de nogueira, alumínio escovado —, a cabine exibia luxo e conforto. No banco traseiro, malas de lona Monogram dividiam espaço com um saco de golfe e um número da revista *Fig Mag*.

— Tem certeza de que vai abrir a loja hoje? — perguntou novamente Raphaël.

— Querido! — exclamou Madeline. — Já falamos sobre isso várias vezes.

— A gente podia prolongar nossas férias... — ele insistiu. — Estico até Deauville, passamos a noite no Normandy e amanhã jantamos com meus pais.

— É tentador, mas... não. Além disso, você tem um compromisso com um cliente para visitar um canteiro de obras.

— Você é quem sabe — capitulou o arquiteto, virando no Boulevard Jourdan.

Denfert-Rochereau, Montparnasse, Raspail: o carro atravessou uma boa parte do 14º *arrondissement* antes de parar no número 13 da Rue Campagne-Première, em frente a um portão verde-escuro.

— Passo para te pegar na loja?

— Não, vou de moto.

— Vai congelar!

— Talvez, mas adoro minha Triumph! — ela respondeu, beijando-o.

O carinho se prolongou até que a buzina de um motorista de táxi apressado os arrancasse bruscamente do casulo.

Madeline bateu a porta do sedã e soprou um beijo de despedida para o namorado. Digitou a senha para abrir o portão, que dava para um pátio arborizado. Ali, no nível do jardim, ficava o apartamento que alugava desde que viera morar em Paris.

— Brrr! Está fazendo quinze graus negativos aqui dentro! — ela tiritou, entrando no pequeno duplex, típico dos ateliês de artista construídos no bairro no fim do século XIX.

Acendeu o aquecedor e pôs a chaleira no fogo para preparar um chá.

Fazia tempo que o antigo ateliê de pintura dera lugar a um bonito dois quartos,

dispondo de uma sala, uma pequena cozinha e um quarto no mezanino. Mas a altura do teto, as amplas vidraças na parede principal e o assoalho de madeira lembravam a vocação artística do antigo morador, contribuindo para o charme e a personalidade do lugar.

Madeline sintonizou na TSF Jazz, certificou-se de que a calefação estava no máximo e bebericou seu chá, dançando ao ritmo do trompete de Louis Armstrong enquanto o apartamento aquecia.

Tomou uma ducha rápida, saiu do banheiro arrepiada e pegou no armário uma camiseta térmica, um jeans e um grosso suéter de lã. Pronta para sair, deu uma mordida num Kinder Bueno enquanto vestia uma jaqueta de couro e amarrava no pescoço seu cachecol mais quente.

Passava um pouquinho das oito quando subiu na moto amarelo-fogo. Sua loja não era longe, mas ela queria evitar ter de passar de novo pelo ateliê quando fosse encontrar Raphaël. Cabelos ao vento, percorreu a ridícula centena de metros até a rua que ela adorava. Ali, Rimbaud e Verlaine haviam composto versos, Aragon e Elsa haviam se amado e Godard imortalizara o fim de seu primeiro filme: aquela cena tristíssima em que Jean-Paul Belmondo, “acossado”, desaba, com uma bala nas costas, sob os olhos da namorada americana.

Madeline virou no Boulevard Raspail e percorreu a Rue Delambre até o Jardin Extraordinaire, loja de que tinha orgulho e que abrira dois anos antes. Subiu a porta de ferro com apreensão. Nunca se ausentara por tanto tempo. Durante suas férias em Nova York, entregara as rédeas da loja a Takumi, seu estagiário japonês que estava terminando o curso na escola de floristas de Paris.

Quando entrou, deu um suspiro de alívio. Takumi seguira suas orientações ao pé da letra. O jovem asiático abastecera-se na véspera no Rungis, e o recinto estava abarrotado de flores viçosas: orquídeas, tulipas brancas, lírios, bicos-de-papagaio, heléboros, esporinhas, mimosas, narcisos, violetas, amarílis. A grande árvore de Natal que haviam decorado juntos brilhava com todas as suas luzes, e feixes de visco e azevinho pendiam do teto.

Tranquilizada, tirou a jaqueta para vestir o avental, juntou as ferramentas de trabalho — podadeira, regador, enxadinha — e se concentrou alegremente nas tarefas mais urgentes, limpando as folhas de um fícus, reenvasando uma orquídea, podando um bonsai.

Madeline concebera seu ateliê floral como um lugar mágico e poético, uma redoma propícia ao devaneio, um porto seguro longe do tumulto e da violência da cidade. Mesmo num dia eventualmente triste, ela queria que seus clientes deixassem as preocupações de lado tão logo atravessassem o umbral de sua loja. Na época do Natal, a atmosfera de seu Jardin Extraordinaire era particularmente encantadora, remetendo aos perfumes da infância e às tradições de outrora.

Concluídos os “primeiros socorros”, recolheu os pinheiros para instalá-los na vitrine e abriu a loja às nove em ponto.

Sorriu ao ver entrar o primeiro cliente — no mercado de flores, um velho ditado dizia que, se fosse homem, o dia seria lucrativo —, mas logo se entristeceu diante do pedido: ele queria enviar um buquê à mulher sem cartão. Era o novo estratagema da moda entre maridos ciumentos: enviar flores de maneira anônima para espreitar a reação da esposa. Se, ao chegar em casa, ela não falasse do buquê, eles concluíam que ela tinha um amante... O homem pagou a conta e deixou a loja, desinteressando-se pela composição do buquê. Madeline começou então o arranjo floral — que Takumi entregaria a partir das dez horas da manhã num banco na Rue Boulard —, quando o *riff* de “Jumpin’ Jack Flash” ressoou na loja. A florista franziu o cenho. A célebre música dos Rolling Stones saía do bolso de sua mochila, na qual estava o celular daquele Jonathan qualquer-coisa. Hesitou em atender, mas, enquanto se decidia, o toque parou. Fez-se silêncio durante um minuto, até que um som breve e áspero indicasse que o interlocutor deixara uma mensagem.

Madeline deu de ombros. Em hipótese alguma escutaria uma mensagem que não lhe era destinada... Tinha mais o que fazer! E depois, estava se lixando para aquele Jonathan qualquer-nota, tão vulgar e antipático. E depois...

Movida por uma irreprimível curiosidade, pressionou a tela touch screen e colou o celular no ouvido. Uma voz grave e hesitante surgiu no aparelho: uma americana, com um leve sotaque italiano, contendo os soluços.

“Jonathan, sou eu, Francesca. Ligue de volta se puder. Precisamos falar, precisamos... Sei que te traí, sei que você não entende como pude estragar tudo. Volte, por favor, faça isso por Charly e por nós. Eu te amo... Você pode não esquecer, mas vai me perdoar. Temos apenas uma vida, Jonathan, e fomos feitos para passá-la juntos e ter outros filhos. Vamos retomar nossos planos, vamos continuar como antes. Sem você, a vida não tem graça...”

A voz da italiana se estrangulou numa tristeza infinita, e a mensagem se interrompeu.

Durante vários segundos, Madeline permaneceu imóvel, abalada diante do que acabara de ouvir e cheia de culpa. Seus braços ficaram arrepiados. Sentiu um calafrio, depois largou no balcão o celular ainda carregado de lágrimas, ruminando o que fazer.

3
Em segredo

Todo mundo tem segredos.
Só é preciso descobri-los.
— Stieg Larsson

Jonathan pisou na embreagem e engatou a terceira. A caixa de câmbio emitiu um barulho estridente de ferragem, como se o carro fosse se desmilinguir ali mesmo. Fez questão de dirigir o 4L — ainda que morassem perto, era impensável deixar Marcus dirigir. Refestelado no assento do passageiro, o amigo curtia seu porre emendando estrofes obscenas do repertório de Georges Brassens:

♪ ♬ ♪ ♪ *Quand je pense à Fernande,*
je bande, je bande...[*] ♬ ♪ ♬ ♪

— Um pouco mais baixo! — ordenou Jonathan, dando uma espiada no retrovisor para se certificar de que o filho continuava no país dos sonhos.

— Desculpe — disse Marcus, erguendo-se para abaixar o vidro da janela.

O canadense pôs a cabeça para fora, oferecendo o rosto ao vento, como se o ar noturno fosse ajudá-lo a curar a bebedeira.

Esse cara é completamente doido..., pensou Jonathan, diminuindo até alcançar a velocidade de um caracol asmático.

O carrinho entrou na parte oeste da Filbert Street, uma das ruas mais íngremes de San Francisco. Diante da ladeira, o calhambeque engasgou, ameaçou pifar, mas terminou recuperando o fôlego para alcançar penosamente o topo da colina, iluminado pela luz branca da Coit Tower, a torre que domina a cidade. Jonathan executou uma manobra arriscada para estacionar na perpendicular, com as rodas voltadas para o interior da calçada. Aliviado por chegar a um porto seguro, pegou o filho no colo e entrou numa passagem em meio a eucaliptos, palmeiras e buganvílias.

Marcus ia atrás, cambaleando. Voltara às suas canções despudoradas, que balbuciava estridentemente.

— Tem gente querendo dormir! — queixou-se um vizinho.

Jonathan agarrou o amigo pelo ombro para incitá-lo a apertar o passo.

— Você é meu único amigo de verdade, meu único amigo do peito... — gaguejou o bebum, agarrando-se a seu pescoço.

Jonathan teve dificuldade para colocá-lo de pé, e foi passo a passo que os “two

and a half man" desceram a escadinha de degraus de madeira que rasgava o flanco de Telegraph Hill. A escada serpenteava em meio a uma vegetação quase tropical, dando acesso a pequenas casas coloridas. Poupadas pelas devastações do terremoto de 1906, aquelas habitações de ripas de madeira, construídas originalmente para marinheiros e estivadores, eram hoje prezadas por uma clientela de artistas e intelectuais ricos.

Finalmente chegaram diante do portão de um jardim selvagem e exuberante, onde as ervas daninhas haviam definitivamente vencido a luta com as fúcsias e azaleias.

— Bom, todo mundo para a cama! — lançou Jonathan com a autoridade de um chefe de família.

Então despiu Charly, deitou-o e beijou-o após tê-lo coberto. Em seguida, fez o mesmo com Marcus, menos o beijo. Afinal de contas, não precisava exagerar...

* * *

Finalmente em paz, Jonathan foi até a cozinha, serviu-se de um copo de água e saiu para a varanda com o celular embaixo do braço. Atordoado pelo fuso horário, reprimiu um bocejo, esfregando as pálpebras, e desabou numa cadeira de teca.

— E aí, meu velho, perdeu o sono?

Jonathan levantou a cabeça para a voz que o interpelava: a de Bóris, o papagaio tropical da casa.

Tinha me esquecido desse aí!

O animal pertencera ao ex-dono do imóvel, um excêntrico que incluíra em seu testamento a obrigação, para qualquer comprador da mansão, de cuidar *ad vitam aeternam* de sua ave predileta. Bóris tinha mais de sessenta anos. Durante décadas, seu dono lhe dedicara uma hora diária de logopedia, ensinando-lhe umas boas mil palavras e várias centenas de expressões que ele repetia com um bom senso impressionante.

Impassível, Bóris se adaptara muito bem ao novo lar e era uma fonte de alegria para Charly. Como se não bastasse, entendia-se às mil maravilhas com Marcus, que lhe ensinara toda a coleção de pragas do capitão Haddock. Mas o animal era um maldito bufão, e Jonathan só apreciava moderadamente seu mau caráter e sua língua suja.

— Não está com soooono? — repetiu a ave.

— Estou cansado demais para dormir.

— Bexiguento! — xingou-o Bóris.

Jonathan se aproximou da ave, que, com o grande bico adunco e as patas com garras poderosas, reinava majestosamente no poleiro. Apesar da idade avançada, a plumagem dourada e turquesa conservara o brilho, e a penugem negra que zebrava o contorno dos olhos lhe dava uma aparência orgulhosa e arrogante.

O animal balançou a longa cauda e abriu as asas, reclamando:

— Quero maçã, ameixa, banana...

Jonathan examinou a gaiola.

— Você não comeu os pepinos e as endívias.

— Nojentas as endívias! Quero alpiste, nozes e amendoiiiim.

— Negócio fechado, e eu quero a Miss Universo na minha cama.

Jonathan balançou a cabeça e abriu o laptop. Verificou os e-mails, respondeu a dois fornecedores, confirmou algumas reservas e acendeu um cigarro, enquanto observava os pontos de luz que brilhavam aos milhares no oceano. Dali, a vista para a baía era magnífica. Os arranha-céus do bairro empresarial se recortavam diante da imensa silhueta da Bay Bridge, que corria para Oakland. Aquele momento de quietude foi perturbado por um toque de celular incomum: um trecho de violino, o início de um *Caprice* de Paganini, segundo seus remotos conhecimentos musicais.

O celular de Madeline Greene.

Se queria mesmo dormir, o melhor era não se esquecer de desligá-lo, pois, com o fuso horário, os telefonemas corriam o risco de se multiplicar. Decidiu, contudo, atender a ligação.

— Alô?

— É você, minha querida?

— Éhh...

— Cansada? Espero que tenha feito boa viagem.

— Excelente. Obrigado por se preocupar.

— Ora, não é a Madeline?

— Claro que não!

— É você, Raphaël?

— Não, sou eu, Jonathan, de San Francisco.

— Juliane Wood, prazer. Pode-se saber por que atendeu o celular da minha melhor amiga?

— Porque trocamos nossos celulares por engano.

— Em San Francisco?

— Em Nova York, no aeroporto. Para resumir. É muito comprido para explicar.

— Ah, engraçado...

— É, principalmente quando acontece com os outros. Então você...

— E como aconteceu?

— Escute, já é tarde e não é muito interessante.

— Ora se não é! Ao contrário, me conte!

— Está ligando da Europa?

— De Londres. Vou pedir para a Madeline me contar. Qual é o seu número?

— O quê?

— Seu número de telefone.

— ...

— Para eu ligar para a Madeline...

— Ora, não vou lhe dar o meu número, eu nem te conheço!

— Mas se a Madeline está com o seu celular!

— Ah, dane-se! Você certamente tem outro jeito de falar com ela! É só ligar para o Raphaël, pronto!

Que tagarela!, ele pensou, apressando-se em encerrar a conversa.

— Alô, alô — repetiu Juliane do outro lado.

Mas que grosso!, ela se irritou, ao perceber que ele desligara o telefone na cara dela.

* * *

Jonathan estava decidido a desligar o aparelho quando uma ponta de curiosidade o incitou a olhar novamente as fotos armazenadas no celular. Além das duas ou três poses sensuais, o essencial dos arquivos era formado por fotos turísticas, um verdadeiro álbum de recordações das viagens românticas do casal. Madeline e Raphaël exibiam assim seu amor na Piazza Navona em Roma, numa gôndola em Veneza, diante dos edifícios de Gaudí em Barcelona, agarrados nos bondes lisboetas ou calçando esquis nos Alpes. Lugares que o próprio Jonathan visitara com Francesca quando estavam apaixonados. Porém, como a felicidade dos outros ainda o machucava, deu apenas uma passada de olhos nessa galeria.

Em contrapartida, prosseguiu com a exploração do celular, percorrendo com interesse a biblioteca musical de Madeline. Quando esperava pelo pior — compilações de música brega, pop e R&B —, esfregou os olhos ao descobrir... todas as músicas que amava: Tom Waits, Lou Reed, David Bowie, Bob Dylan, Neil Young...

Músicas melancólicas e boêmias que cantavam a fossa, o blues das manhãs lívidas e dos destinos malfadados.

Era surpreendente. Claro, o hábito não faz o monge, mas era difícil imaginar a moça sofisticada, maquiada e louisvuittonizada do aeroporto se embrenhando naqueles mundos atormentados.

Levando adiante suas investigações, consultou os títulos de filmes que Madeline baixara. Nova surpresa. Nada de comédias românticas, episódios de *Sex and the City* ou *Desperate Housewives*, mas longas-metragens menos padronizados e mais controvertidos: *Último tango em Paris*, *Crash*, *A pianista*, *Perdidos na noite* e *Despedida em Las Vegas*.

Jonathan se deteve no último título — a história de amor impossível entre um alcoólatra suicida e uma prostituta pirada era seu filme preferido. Quando o descobrira, estava no auge do êxito profissional e familiar. Apesar disso, a longa

viagem etílica de Nicolas Cage, afogando no álcool o fracasso de sua vida, parecera-lhe quase familiar. Era o tipo de filme que reacendia as mágoas, despertava os velhos demônios e os instintos de autodestruição. O tipo de história que nos remetia a nossos medos mais secretos, a nossa solidão, lembrando-nos de que ninguém está imune a uma descida aos infernos. Dependendo do nosso estado de espírito na hora, a obra podia nos causar náusea ou nos fazer enxergar mais claro dentro da gente. Em todo caso, ela ia ao ponto.

Decididamente, Madeline Greene tinha gostos inesperados.

Cada vez mais perplexo, dedicou-se a percorrer seus e-mails e mensagens. Afora as mensagens profissionais, o essencial de sua correspondência se compunha de conversas com Raphaël — o namorado, visivelmente superapaixonado e solícito —, bem como com sua melhor amiga — a famosa Juliane, faladeira, teimosa e fofoqueira, mas amiga fiel e bem-humorada. Dezenas de e-mails de um empresário parisiense sugeriam a iminência de uma mudança para uma casa em Saint-Germain-en-Laye que Madeline e Raphaël haviam arrumado com o zelo e o fervor que empenhamos no primeiro ninho de amor. Visivelmente, o casal estava nas nuvens, só que...

... continuando o que merecia certamente ser qualificado como "busca", Jonathan deu com a agenda eletrônica de Madeline e observou encontros regulares com um certo Esteban. Imaginou imediatamente um playboy argentino, amante da jovem inglesa. Duas vezes por semana, às segundas e quintas, entre seis e sete horas da noite, Madeline ia ao encontro de seu Casanova sul-americano! O amável Raphaël estaria a par dos pecadilhos de sua bela noiva? Não, claro que não. Jonathan passara pelo mesmo dissabor e nunca percebera nada até descobrir a traição de Francesca, quando imaginava seu relacionamento ao abrigo dos tornados.

São todas iguais..., pensou, completamente desencantado.

Nas fotografias, Raphaël lhe parecera um pouco sem sal, com o suéter nos ombros e a camisa azul de genro ideal. Mas, diante do destruidor de felicidade conjugal que sem dúvida era Esteban, Jonathan não podia deixar de sentir por ele a empatia e a solidariedade características dos maridos enganados.

* * *

Entre outros compromissos, o termo "ginecologista" aparecia regularmente: a doutora Sylvie Andrieu, que aparentemente Madeline consultava havia seis meses em virtude de um problema de infertilidade. Pelo menos era o que deixavam supor os e-mails enviados por um laboratório de exames clínicos que ela salvara.

Diante da tela do celular, Jonathan se sentia um pouco *voyeur* e constrangido, mas alguma coisa naquela mulher começava a cativá-lo.

Nas últimas semanas, Madeline fizera os exames mais corriqueiros para detectar

uma eventual esterilidade: curvas de temperatura, coleta de material, ecografias e radiografias. Jonathan se achava em terreno conhecido — Francesca e ele haviam passado por problemas similares e se submetido ao mesmo percurso antes de conceber Charly.

Deu-se ao trabalho de ler os resultados com atenção. Pelo que entendia, até que não eram maus. Madeline tinha ciclos regulares, taxas hormonais tranquilizadoras e uma ovulação que não precisava de estímulo. Até o seu queridíssimo se prestara a uma coleta de sêmen, e Raphaël deve ter constatado com alívio que seus espermatozoides eram suficientemente numerosos e móveis para lhe permitir procriar.

Faltava apenas um exame, conhecido como teste de Hühner, para completar o quadro. Examinando as anotações contidas na agenda eletrônica, Jonathan constatou que, de três meses para cá, a data fora sempre adiada.

Estranho...

Ele se lembrava muito bem de seu estado de espírito na época, quando ele mesmo realizara aquele exame com Francesca. Decerto o teste, destinado a verificar a compatibilidade do casal, dava trabalho — o exame devia ser efetuado nos dois dias anteriores à data de ovulação e menos de doze horas depois de uma relação sexual não protegida —, mas, uma vez tomada a decisão de se submeter àquela bateria de exames, você só queria uma coisa: terminá-los o mais rápido possível para ficar tranquilo.

Por que Madeline adiou três vezes a data do teste?

Queimou os miolos, embora sabendo que não encontraria resposta para a pergunta. Enfim, talvez as consultas desmarcadas fossem culpa da ginecologista ou de Raphaël.

— Hora de dormir, palhaço! — interpelou-o Bóris.

Dessa vez, a ave tinha razão. Que ideia era aquela, de pé às duas da madrugada, espionando desesperadamente a tela do celular de uma mulher que só vira por dois minutos na vida?

* * *

Jonathan se levantou da cadeira, decidido de uma vez por todas a ir dormir, mas o celular continuava a exercer seu poder de atração. Incapaz de soltá-lo, conectou-o na rede wi-fi da casa antes de consultar mais uma vez a coleção de fotografias. Fez desfilarem as poses de Madeline até encontrar a que procurava. Mandou imprimir e foi para a sala.

A impressora estalou antes de cuspir um retrato em plano americano da moça diante do Grande Canal, em Veneza. Jonathan pegou a imagem e mergulhou o olhar no de Madeline.

Havia um mistério naquele rosto. Atrás da luz e do sorriso, sentia uma rachadura, alguma coisa de irremediavelmente quebrado, como se a foto carregasse uma mensagem subliminar que ele não conseguia decodificar.

Jonathan voltou ao terraço. Hipnotizado pelo celular, verificava agora os diferentes aplicativos baixados por Madeline — jornais informativos, mapa do metrô de Paris, previsão do tempo...

— Qual é o seu segredo, Madeline Greene? — ele sussurrou, roçando na tela.

— Madeline Greeeeeene — repetiu o papagaio, berrando.

A luz se acendeu na casa defronte.

— Queremos dormir! — reclamou um vizinho.

Jonathan abriu a boca para repreender Bóris, quando um programa chamou sua atenção: um "calendário feminino", no qual Madeline registrava boa parte de sua vida íntima. Organizado como uma agenda, o aplicativo guardava na memória as datas em que ela menstruava, marcava os dias de ovulação, as datas férteis e calculava a média dos ciclos menstruais. Um diário acompanhava a evolução do peso, da temperatura e dos humores, enquanto discretos ícones em forma de coração permitiam à usuária identificar os dias em que tivera relação sexual.

Foi quando observou a disposição dos corações no calendário que a evidência saltou aos olhos de Jonathan: Madeline declarava querer um filho, mas tomava cuidado para só fazer amor fora de seus períodos férteis...

Nota

* Em tradução livre: “ Quando penso em Fernande, fico com tesão, com tesão...” (N. do T.)

4
Fuso horário

O coração da mulher é um labirinto de sutilezas que desafia o espírito grosseiro do macho voraz. Se quiser realmente possuir uma mulher, você precisa antes pensar como ela, e a primeira coisa a fazer é conquistar sua alma.

— Carlos Ruiz Zafon

Enquanto isso, em Paris...

— Takumi, preciso de um favor.

O relógio de parede da loja acabava de dar onze horas da manhã. Encarapitada num banquinho alto, o coque preso por um prendedor de flores, as mãos raladas, Madeline terminava de pendurar um imenso buquê de azevinho.

— Claro, patroa — respondeu o jovem estagiário.

— Pare de me chamar de "patroa"! — irritou-se ela, descendo alguns degraus.

— Tudo bem, Madeline — consertou o asiático, corando.

Chamar a patroa pelo nome criava uma intimidade que o constrangia.

— Eu queria que você postasse um embrulho para mim — explicou, estendendo-lhe o pequeno envelope de papel-bolha no qual enfiara o celular de Jonathan.

— Claro, patr... éhh, Madeline.

— É um endereço nos Estados Unidos — ela esclareceu, dando-lhe uma nota de vinte euros.

Takumi examinou o endereço:

Jonathan LEMPEREUR
French Touch
1606 Stockton Street
San Francisco, CA 94133
USA

— Jonathan Lempereur… Como assim, o chef? — ele perguntou, montando na bicicleta elétrica que usava para fazer entregas.

— Conhece? — admirou-se a florista, que saíra com ele na calçada.

— Todo mundo conhece — ele replicou, sem se dar conta da gafe.

— Quer dizer que sou a rainha das imbecis? — perguntou Madeline.

— Não, éhh... de jeito nenhum... eu... — ele balbuciou.

Takumi ficou escarlate. Pequenas gotas de suor lhe brotavam da testa, e seus

olhos estavam grudados no chão.

— Bom, faça haraquiri outro dia — ela troçou. — Enquanto isso, me conte quem é esse sujeito.

O japonês engoliu a saliva.

— Há alguns anos, Jonathan Lempereur tinha o melhor restaurante de Nova York. Meus pais me levaram para jantar lá para comemorarmos minha formatura. Era um lugar mítico: um ano de lista de espera e sabores originais, que não se encontravam em nenhum outro lugar.

— Não acho que seja o mesmo cara — ela disse, apontando para o envelope. — O endereço que ele me deu é de um restaurante, mas muito mais para um pé-sujo do que para um cinco estrelas.

Takumi guardou o embrulho na mochila e deu uma pedalada sem procurar saber mais.

— Até já.

Madeline fez um acenozinho com a mão e voltou para a loja.

As palavras do estagiário haviam excitado sua curiosidade, mas ela tentou voltar ao trabalho como se nada tivesse acontecido. Desde a abertura, a loja não esvaziara. Assim como o Dia dos Namorados, o Natal despertava emoções: amor, ódio, solidão, melancolia. Só naquela manhã vira desfilar em sua loja uma penca de personagens, um mais original que o outro: um velho sedutor enviara doze buquês a doze conquistas em doze cidades diferentes; uma mulher de meia-idade expedira orquídeas para si mesma a fim de fazer bonito diante das colegas de escritório; uma jovem americana chegara aos prantos querendo mandar para o namorado parisiense um arranjo murcho simbolizando o rompimento. Quanto ao padeiro do bairro, encomendara de presente para a adorada sogra um enorme cacto mexicano com espinhos compridos e afiados...

Madeline herdara do pai a paixão pela arte floral. Guiada pelo entusiasmo, primeiro se formara como autodidata, depois fizera o curso da Piverdière, a prestigiosa escola de floristas de Angers. Sentia orgulho de praticar uma atividade que marca todos os grandes acontecimentos da vida. Nascimento, batismo, primeiro encontro, casamento, reconciliação, promoção profissional, aposentadoria, enterro: as flores acompanham as pessoas do berço ao túmulo.

A moça se concentrou num novo arranjo, mas o abandonou cinco minutos depois. Não conseguia tirar da cabeça a história que Takumi lhe contara.

Passou para trás do balcão e abriu o navegador do computador da loja. Digitando "Jonathan Lempereur" no Google, obtinham-se mais de seiscentos mil resultados! Conectou-se à Wikipédia. A enciclopédia online continha um longo verbete sobre o chef, ilustrado com uma fotografia que reproduzia, sem dúvida alguma, a figura do homem com quem ela esbarrara no aeroporto, embora na foto Jonathan parecesse

mais jovem e mais sexy. Perplexa, Madeline colocou os finos óculos de leitura e, mordiscando um lápis, concentrou-se na leitura da tela:

Jonathan Lempereur, nascido em 4 de setembro de 1970, é um chef de cozinha e empresário francês, tendo construído o essencial de sua carreira nos Estados Unidos.

Formação
De origem gascã, é oriundo de uma família de modestos donos de restaurante e começou a trabalhar muito jovem no estabelecimento do pai, La Chevalière, na Place de la Libération, em Auch. Aos 16 anos, começa a fazer estágios e diversifica suas atividades: auxiliar de cozinha de Ducasse, Robuchon e Lenôtre, antes de se tornar auxiliar do célebre chef provençal Jacques Laroux dentro dos muros do La Bastide, em Saint-Paul-de-Vence.

Revelação
O brutal suicídio de seu mentor leva Lempereur para o comando do La Bastide. Contrariando todas as expectativas, ele consegue manter o nível do estabelecimento, tornando-se, aos 25 anos, o mais jovem chef francês à frente de um três estrelas no *Guia Michelin*.

O prestigioso Hôtel du Cap d'Antibes recorre então a seus serviços para relançar seu restaurante, o La Trattoria. Menos de um ano após a abertura, o estabelecimento também obtém três estrelas, tornando-se Jonathan Lempereur um dos quatro chefs do mundo a acumular seis estrelas no célebre guia.

Consagração
Em 2001, conhece Francesca, filha do empresário americano Frank DeLillo, que viera passar no Hôtel du Cap a lua de mel como banqueiro Mark Chadwick. A herdeira e o jovem chef se apaixonam à primeira vista e Francesca entra com um pedido de divórcio menos de uma semana depois do casamento, brigando assim com sua família, enquanto o hotel da Côte dispensa Lempereur para preservar a reputação.

O novo casal se instala em Nova York e se casa. Com a ajuda da esposa, Jonathan Lempereur abre seu próprio restaurante, o L'Imperator, no topo do Rockefeller Center.

Para Lempereur, é o início de um período particularmente criativo. Experimentando novas tecnologias, embora preservando os sabores da cozinha mediterrânea, transforma-se num dos pioneiros da "culinária molecular". O sucesso é imediato. Em poucos meses, torna-se o queridinho das estrelas, políticos e críticos gastronômicos. Com apenas 35 anos, é eleito o melhor chef do mundo por um júri internacional de quatrocentos jornalistas, que elogiam sua "cozinha flamejante" e sua capacidade de oferecer aos clientes "uma viagem gustativa extraordinária". Por essa época, seu restaurante recebe anualmente dezenas de milhares de encomendas dos quatro cantos do mundo, e não é raro ter de esperar mais de um ano para conseguir uma reserva.

Ícone midiático
Paralelamente à carreira de chef, Jonathan Lempereur se torna uma celebridade, com seus diversos programas de tevê, em especial *An Hour with Jonathan*, na BBC America, e *Chef's Secrets*, na Fox, reunindo todas as semanas milhões de telespectadores, além das versões em livro e DVD.

Em 2006, apoiado por Hillary Clinton, senadora de Nova York, Lempereur empreende uma cruzada contra os cardápios das cantinas escolares da Big Apple. Seus encontros com alunos, pais e professores terminam por resultar na adoção de cardápios mais equilibrados nesses estabelecimentos.

Com seu sorriso encantador, sua jaqueta de couro e seu irresistível sotaque francês, o jovem chef se impõe como um ícone da cozinha moderna e integra a lista da *Time Magazine* das personalidades mais influentes do mundo. Nessa ocasião, o semanário chega a chamá-lo de "Tom Cruise dos fogões".

— Suas decorações estão à venda?

— Perdão?

Madeline ergueu a cabeça da tela. Absorta na vida de Lempereur, não se dera conta de que uma cliente acabava de entrar na loja.

— Suas decorações estão à venda? — repetiu a mulher, apontando para os mostruários pastel de madeira esbranquiçada que guardavam acessórios: termômetros centenários, velhos cucos, gaiolas de passarinhos, espelhos enferrujados, lanternas e velas perfumadas.

— Éhh... Não, sinto muito, elas fazem parte da loja — mentiu Madeline, com pressa de dispensá-la para voltar a mergulhar na biografia de Jonathan.

O empresário: a construção do grupo Imperator
Valendo-se dessa recente notoriedade, Lempereur cria, com a mulher, o grupo Imperator, encarregado de gerir sua marca sob a forma de diversos produtos. O casal inaugura então uma série de estabelecimentos: bistrôs, *brasseries*, adegas, hotéis de luxo... Seu império gastronômico estende-se aos quatro cantos do mundo, de Las Vegas a Miami, passando por Pequim, Londres e Dubai. Em 2008, o grupo Imperator agrega mais de dois mil empregados em mais de quinze países, com faturamento de dezenas de milhões de dólares.

Dificuldades financeiras e retirada do mundo da gastronomia
Enquanto os clientes continuam a afluir a seu restaurante nova-iorquino, o chef francês é alvo de ataques cada vez mais virulentos. Os mesmos críticos que alguns anos antes elogiavam sua criatividade e seu talento agora o recriminam por se dispersar e ter se transformado "numa simples máquina de dinheiro".

Entretanto, as múltiplas atividades de seu conglomerado estão longe de alcançar um patamar de rentabilidade. O grupo Imperator desmorona com as dívidas e fica à beira da falência em dezembro de 2009. Algumas semanas mais tarde, após o fim de seu casamento, Jonathan Lempereur joga a toalha, declarando-se "cansado das críticas", "com a inspiração esgotada" e "desiludido com o mundo da gastronomia". Aos 39 anos, obrigado a ceder a licença de exploração de seu nome, Lempereur retira-se definitivamente dos negócios, após ter deixado sua marca na cozinha contemporânea.

O fim do verbete informou a Madeline que o chef publicara um livro em 2005, *Confissões de um cozinheiro apaixonado*. Uma nova busca, seguida por dois ou três

cliques, levou-a ao site da *brasserie* French Touch, que Jonathan tocava agora em San Francisco. O site visivelmente não estava atualizado. Encontravam-se alguns exemplos de menus de vinte e quatro dólares: sopa de cebola, morcela com batatas, torta de figos. Nada de muito extravagante para alguém que, poucos anos antes, estava à frente da melhor cozinha do mundo.

Como ele chegou a esse ponto?, ela se perguntou, perambulando em meio a pinheiros e orquídeas. Foi ao fundo da loja, decorado como um jardim, e, com os olhos no vazio, sentou-se no balanço pendurado num enorme galho preso ao teto.

A campainha do telefone da loja a arrancou de suas reflexões.

Levantou-se de um pulo da tabuinha e atendeu. Era Takumi.

— Continua no correio?

— Não, patr... éhh, Madeline. Por causa da greve, todas as agências estão fechadas.

— Bom, antes de voltar, dê uma passada numa livraria e compre um livro para mim. Tem como anotar? O título é *Confissões de um cozinheiro apaixonado*, de...

5

You've got mail

O desejo de conhecer plenamente uma pessoa é uma maneira de se apropriar dela, de explorá-la. É um desejo vergonhoso ao qual devemos renunciar.

— Joyce Carol Oates

San Francisco, de madrugada

Jonathan deu um puxão seco na correntinha que acionava a luz fria pendurada sobre o espelho do banheiro. Impossível pregar o olho. Culpa do nervosismo e das ardências estomacais que não cessavam de torturá-lo desde que bebera aquele maldito vinho. Cercado por um halo de luz pálida, procurou no armário um ansiolítico e um remédio para gastrite. Tendo encontrado os dois comprimidos, foi até a cozinha para tomá-los com um gole de água.

A casa estava silenciosa. Marcus, Charly e até mesmo Bóris já tinham caído nos braços de Morfeu havia tempo. A janela de guilhotina permanecia entreaberta, mas não fazia muito frio. Um vento quente soprou, fazendo tilintar baixinho o sino dos ventos de bambu, enquanto um raio de luar atravessava o vidro para iluminar a tela do celular que ele deixara carregando no balcão. Jonathan não se conteve: com uma pressão no único botão, acionou o aparelho, que se tornou instantaneamente luminoso e cristalino. O pequeno ícone vermelho indicando um e-mail para Madeline estava aceso. Uma espécie de sexto sentido matizado de curiosidade o levou a clicar no ícone para ler a mensagem. Fora enviada dez minutos antes e, por mais estranho que pudesse parecer, destinava-se a ele...

> Caro Jonathan (poupemo-nos logo do sr. Lempereur e sra. Greene, tudo bem? Afinal, imagino que, se está tendo a cara de pau de ler minha mensagem, deve ter igualmente dado uma espiada em minhas fotos e deleitado os olhos com as duas ou três poses "artísticas" do meu álbum. Isso mostra que você é um pervertido, e o problema é seu, mas faça o favor de não postá-las no Facebook, porque não tenho certeza de que o meu futuro marido vá gostar disso...).
>
> Caro Jonathan (bis), aproveito minha pausa do almoço (pois é, já passa de meio-dia em Paris) para lhe escrever degustando um sanduíche de *rillettes* do Mans artisticamente preparado por Pierre & Paul, membros eminentes da Confraria dos Cavaleiros das Rillettes do Sarthe e artesãos-padeiros, cuja loja

fica defronte da minha. Estou instalada ao sol, no balcão de degustação. Minha boca, portanto, está cheia de embutidos, tenho farelos de pão espalhados no suéter e manchas de gordura na tela de seu belo celular. Não é muito glamouroso, admito, mas é uma delícia. Enfim, não é a você que vou ensinar a desfrutar dos prazeres da boa carne...

Portanto, caro Jonathan, deixo-lhe esta pequena mensagem para lhe comunicar duas notícias, uma boa, a outra ruim. Comecemos pela ruim: como talvez saiba, neste início de férias escolares uma greve paralisa este magnífico país que é a França. Aeroportos, estradas, transportes públicos, serviço postal, parou tudo. Takumi, meu jovem estagiário, acaba de encontrar fechada a porta da agência do correio do Boulevard Montparnasse, e vejo-me assim, por ora, na impossibilidade de lhe enviar seu celular.

Saudações,
Madeline

A reação de Jonathan não se fez esperar. Doze minutos mais tarde, sua resposta decolou:

Está zombando de mim? Que história é essa de greve?

Se ela não lhe devolvesse o celular, estava fora de questão que ele devolvesse o dela!

Trinta segundos depois, Madeline já o provocava novamente:

Ainda de pé a essa hora, Jonathan? Não dorme nunca? Essa falta de sono não seria responsável pelo misto de irritabilidade e mau humor que parece caracterizá-lo?

Jonathan deu um longo suspiro e enviou uma nova mensagem à moça:

Na verdade, você tinha me prometido uma boa notícia para compensar a ruim...

Encarapitada no banquinho, Madeline engoliu o último pedaço do sanduíche, antes de responder na lata:

Exatamente, eis a boa notícia: apesar do frio e das greves, o tempo está lindo em Paris.

Assim que enviou o e-mail, ela já espreitava uma resposta, que não demorou a chegar.

Bom, pelo menos dessa vez não resta dúvida: você está se lixando para mim.

A despeito de sua inquietude, ela foi obrigada a sorrir. Impedindo-a de despachar o celular para seu dono, aquela greve dos serviços públicos a deixava em apuros. Fazia com que carregasse o peso de uma responsabilidade que ela não queria. Deveria advertir Jonathan a respeito da mensagem deixada por sua ex-mulher, que ligara para ele de Nova York suplicando que voltasse a morar com ela? Involuntariamente, Madeline detinha uma informação crucial para o futuro de um casal e isso não lhe agradava.

A moça pediu um segundo copo de vinho, que tomou observando o movimento dos passantes e dos carros através do vidro. Próxima de grandes estabelecimentos, a Rue Delambre estava animada naquele último fim de semana de compras de Natal. Nas calçadas borrifadas pelo sol, os casacos acinturados das parisienses, as grossas jaquetas dos adolescentes, os cachecóis coloridos, os gorros das crianças, os saltos que estalavam e o vapor que saía das bocas se misturavam num movimento inebriante de cores e rostos.

Madeline terminou sua taça de vinho, e foi um pouco altinha que pegou da pena — modo de falar — para redigir uma última mensagem:

> Caro Jonathan,
>
> É uma hora da tarde. Minha pausa para o almoço chega ao fim, ainda bem, pois, se ficar mais um minuto neste estabelecimento, sinto que vou sucumbir à *tarte Tatin* de maçã com bola de sorvete e todos os acompanhamentos. Uma verdadeira "matança", como dizem na sua terra, mas uma tentação que, a menos de uma semana das festas de fim de ano, não seria nada razoável, você há de convir.
>
> Foi um prazer conversar mesmo brevemente com você, e isso a despeito de seu humor execrável e esse lado resmungão, deselegante e antipático que, compreendi muito bem, constituem uma espécie de "marca registrada" que algumas devem certamente achar o máximo. Antes de me despedir, contudo, permita-me matar a curiosidade fazendo-lhe três perguntas:
>
> 1) Por que o pretenso "melhor chef do mundo" serve hoje bife com fritas num simples bistrô de bairro?
>
> 2) Por que ainda está de pé às quatro horas da manhã?
>
> 3) Você ainda ama sua ex-mulher?

* * *

Tão logo apertou a tecla ENVIAR, Madeline percebeu que tinha cometido uma tolice. Mas era tarde demais...

Saiu do Pierre & Paul e atravessou a rua, tonta por causa do vinho.

— Ei! Olhe por onde anda, SUA ANTA! — vociferou um playboyzinho que, de franjinha nos olhos, quase a atropelou de bicicleta.

Para se esquivar, Madeline recuou bruscamente um passo, mas foi "colhida" pela buzina de um 4x4 que tentava ultrapassar a bicicleta pela direita. Teve medo e se esquivou por um triz do carro para alcançar a calçada defronte, quebrando no caminho o salto de uma de suas botas.

— Merda! — esbravejou, abrindo a porta da loja para se refugiar em seu Jardin Extraordinaire. Adorava Paris, mas detestava os parisienses...

— Tudo certo, patroa? — perguntou Takumi, percebendo que ela estava em estado de choque.

— Você é mesmo lento no gatilho! — ela o repreendeu por sua formalidade.

— Desculpe — voltou atrás o asiático. — Tudo bem, *Madeline*?

— Tudo, exceto esse maldito salto que...

Ela interrompeu a frase no meio e passou um pouco de água no rosto antes de tirar os sapatos e a jaqueta, sob o olhar embasbacado de seu funcionário.

— Não adianta me olhar com essa cara sacana, não prosseguirei com o striptease.

Quando viu Takumi ficar vermelho como um pimentão, Madeline se arrependeu de sua exaltação e não quis que um clima de constrangimento se instalasse entre eles.

— Pode ir almoçar. Não tenha pressa, eu cuido de tudo.

A sós na loja, a moça ligou sofregamente o celular de Jonathan, que acabava de lhe responder:

> Cara Madeline,
>
> Se isso pode satisfazer sua curiosidade, eis a resposta às suas perguntas:
>
> 1) Se é que um dia fui, faz tempo que não sou mais o "melhor chef do mundo". Digamos que, como um escritor, perdi a inspiração e a paixão necessárias para realizar criações inovadoras. Dito isso, se passar por San Francisco com seu Raphaël, não se furtem a vir degustar o "bife com fritas" do nosso restaurante. Nosso *prime rib* é maravilhosamente macio e saboroso; quanto às fritas, são na realidade batatas salteadas no alho, no manjericão e na salsa. "Belles de Fontenay", cultivadas em pequena quantidade por um produtor local e que todos os nossos clientes acham macias e douradas no ponto.
>
> 2) É verdade que são quatro horas da manhã e que ainda estou de pé. A razão disso? Duas perguntas que martelam na minha cabeça e me impedem de dormir.
>
> 3) Vá catar coquinho.

* * *

Na Rue d'Odessa, Takumi entrou no pequeno restaurante aonde costumava ir. Cumprimentou o dono e se instalou timidamente na segunda sala, menos barulhenta e movimentada. Pediu um folheado de tomate com queijo de cabra, uma especialidade que Madeline lhe revelara. Esperando a entrada, tirou da mochila um dicionário de bolso para procurar o sentido da palavra "lúbrico", que, acanhado, descobriu. Como que pego em flagrante, teve subitamente a impressão irracional de que todos os fregueses lhe dirigiam olhares acusadores. Madeline tinha um prazer sádico em provocá-lo, espezinhá-lo com suas certezas e referências. Ele ficava chateado porque ela não o levava a sério, considerando-o mais um adolescente que um homem. Aquela mulher o fascinava como uma flor misteriosa. Na maior parte das vezes, ela era como um "grande sol", loura como um girassol, espalhando luz, confiança e entusiasmo à sua volta. Porém, em determinados momentos, podia ser secreta e soturna, como uma orquídea negra: uma flor rara procurada por colecionadores, que desabrocha em pleno inverno sobre as palmeiras de Madagascar.

* * *

O cliente entrou numa hora imprópria. Para atendê-lo, Madeline interrompeu a redação de seu e-mail e escondeu o celular no bolsinho do avental. Era um adolescente, entre quinze e dezessete anos, com visual de roqueiro baby, como se viam à saída dos liceus dos bairros chiques: tênis Converse, jeans slim, camisa branca, jaqueta de grife acinturada, cabelos minuciosamente despenteados.

— Posso ajudar?

— Eu... éhhh... Sim, queria comprar flores — explicou, descansando o estojo do violão numa cadeira.

— Ainda bem. Se tivesse me pedido croissants, seria mais difícil.

— Hã?

— Nada, esqueça. Um buquê pequeno ou grande?

— Na verdade, não faço ideia.

— Pastel ou colorido?

— Hã? — repetiu o adolescente, como se lhe falassem hebraico.

Com certeza não é o mais esperto de sua geração, ela pensou, tentando manter a calma e o sorriso.

— Bom, tem ideia de quanto você gostaria de gastar?

— Não sei. É possível comprar alguma coisa com trezentos euros?

Dessa vez, ela não pôde reprimir um suspiro; detestava as pessoas que não tinham nenhuma noção do valor do dinheiro. Numa fração de segundo, algumas recordações

de infância vieram à tona: os anos de desemprego do pai, os sacrifícios da família para que ela pudesse estudar... Como podia existir um fosso tão profundo entre aquele guri nascido em berço de ouro e a menina que ela fora?

— Bom, preste atenção, garoto. Ninguém precisa de trezentos euros para comprar um buquê de flores. Em todo caso, não na minha loja, sacou?

— Saquei — ele respondeu frouxamente.

— Então, essas flores são para quem?

— Para uma mulher.

Madeline ergueu os olhos para o teto.

— Para sua mãe ou sua namorada?

— Na realidade, para uma amiga da minha mãe — ele respondeu, um pouquinho mais constrangido.

— Certo, e que mensagem você quer transmitir ao dar esse buquê?

— Mensagem?

— Está dando essas flores com que objetivo? Agradecer por ela ter te dado um suéter de aniversário ou para lhe dizer outra coisa?

— Éhh... na verdade, a segunda opção.

— Porra, foi o amor que te deixou bobo ou você é sempre assim? — ela perguntou, sacudindo a cabeça.

O adolescente não julgou útil responder. Madeline se afastou do balcão e começou um arranjo.

— Como se chama?

— Jeremy.

— E qual é a idade da amiga da sua mãe?

— Éhh... mais velha que você, eu acho.

— E quantos anos você acha que eu tenho?

Nesse caso também, ele preferiu não responder, prova de que talvez não fosse tão burro quanto parecia.

— Bem, você não merece, mas é o que tenho de melhor — ela explicou, estendendo-lhe o buquê. — São minhas flores prediletas: violetas de Toulouse, ao mesmo tempo simples, chiques e elegantes.

— São muito bonitas — ele admitiu. — O que significam na linguagem das flores?

Madeline deu de ombros.

— Esqueça a linguagem das flores. Dê o que achar bonito e pronto.

— Tudo bem, mas fale.

Madeline fingiu refletir.

— No que você chama de “linguagem das flores”, a violeta representa a modéstia e a timidez, mas simboliza também um amor secreto, portanto, se está com medo que

fique parecendo ambíguo, posso substituir por um buquê de rosas.

— Não, as violetas combinam muito bem — ele respondeu, abrindo um largo sorriso.

Pagou a conta e, no momento de deixar a loja, agradeceu a Madeline pelos conselhos.

A sós novamente, ela pegou o celular e se apressou para terminar de escrever a mensagem:

> Mil vezes desculpas, Jonathan, por essa tão pouco sutil incursão em sua vida privada. Culpa de uma taça a mais que me fez escrever mais rápido do que minha sombra (um branco macio de Vouvray com aromas de mel, rosa e abricó. Claro que você conhece e, se for o caso, me perdoará ;-)
>
> Acho que a greve do correio não vai durar muito, mas, para não correr nenhum risco, vou contratar um serviço de entrega privado. Chamei um boy que virá pegar seu celular no fim da tarde. Mesmo descontando o fim de semana e os feriados, me garantiram que você vai receber sua encomenda antes de quarta-feira.
>
> Permita-me lhe desejar boas festas, bem como a seu filho.
>
> Madeline
>
> PS: Sou curiosa, perdão. Você me escreveu na última mensagem que, se ainda está de pé no meio da noite, é porque duas perguntas martelam na sua cabeça e o impedem de pregar o olho. Seria indiscreto perguntar quais?
>
> Cara Madeline,
>
> Você quer conhecer os dois enigmas que me impedem de dormir. Ei-los:
>
> 1) Eu me pergunto quem é ESTEBAN.
>
> 2) Eu me pergunto por que você finge para os seus amigos que quer ter um filho quando toma todas as precauções justamente para NÃO ter...

Em pânico, Madeline desligou o celular e se afastou dele como se para escapar de um perigo.

Ele sabia! Aquele sujeito vasculhara seu celular e descobrira sobre Esteban e sobre o filho!

Uma gota de suor lhe escorreu ao longo da espinha. Ouviu o coração bater forte no peito. As mãos tremiam e as pernas vacilavam.

Como era possível aquilo? A agenda e os e-mails, claro...

Sentiu um grande e inesperado vazio na barriga e teve de lutar para não cair. Precisava se acalmar; apenas com aqueles elementos, Jonathan Lempereur não

poderia atingi-la. Enquanto não se apoderasse de outra coisa, não era uma ameaça efetiva.

Mas havia nas entranhas de seu celular um documento que ele não podia encontrar *de jeito nenhum*. Uma coisa que Madeline não tinha o direito de possuir. Uma coisa que já destruíra sua vida e a levara à beira da loucura e da morte.

Teoricamente, seu segredo estava bem protegido. Lempereur era um bisbilhoteiro sujo, não um ás da informática ou um delator. Jogara com ela, divertindo-se à sua custa, mas, se ela não o cutucasse, ele esqueceria.

Pelo menos, era o que ela esperava.

6
O fio da meada

Pois eram unidos por um fio [...] que não podia existir senão entre dois indivíduos de sua espécie, dois indivíduos que haviam reconhecido sua solidão na do outro.

— Paolo Giordano

San Francisco
Nove e meia da manhã

Marcus emergiu com dificuldade do sono.

Como um sonâmbulo, foi até o banheiro, entrou no chuveiro sem tirar nem a cueca nem a camiseta e ficou imóvel sob o jato até a água esfriar. A água gelada fez com que abrisse um olho, e, após se secar rapidamente, arrastou-se até o quarto para constatar que sua gaveta de roupas estava vazia. Todas as suas cuecas e camisetas estavam amontoadas na cesta de vime. O canadense ergueu uma sobrancelha interrogativa. Jonathan, que por diversas vezes ameaçara não lavar mais suas roupas, levara a cabo a ameaça!

— Jon! — ele se queixou, antes de perceber que era sábado e que àquela hora o cozinheiro certamente saíra para sua visita semanal à feira livre do Embarcadero.

Ainda ensopado, mergulhou a mão na montanha de roupa suja e vestiu as primeiras roupas "recicláveis" que achou.

Em seguida, arrastou-se até a cozinha e, tateando, encontrou a garrafa térmica de *argh* que Jonathan preparava todas as manhãs. Deixou-se cair numa cadeira e tomou um demorado gole de chá preto direto do gargalo. Como se a bebida desenferrujasse os neurônios, teve uma iluminação súbita e ficou nu em pelo para lavar as roupas na pia, com detergente. Após tê-las enxaguado, abriu a porta do micro-ondas e ajustou o tempo para oito minutos.

Satisfeito consigo mesmo, foi como veio ao mundo que saiu no terraço.

— Olá, beberrão! — recebeu-o Bóris.

— Bom dia, ectoplasma de plumas — respondeu Marcus, coçando-lhe a penugem.

Sinal definitivo de cumplicidade, a ave saltitou, inclinou a cabeça e abriu o bico, oferecendo-lhe uma gosma pré-digerida de frutas misturadas.

Marcus agradeceu ao amigo, depois se estirou demoradamente ao sol, bocejando a ponto de desconjuntar o maxilar.

— Cuide das crianças! Cuide das crianças! — berrou o papagaio.

Estimulado por suas exortações, Marcus efetuou então o que considerava sua tarefa mais importante do dia: verificar o sistema da bomba d'água que irrigava a dezena de pés de *cannabis* escondidos atrás das roseiras do jardim. Jonathan não aprovava em nada aquela sua pequena plantação, mas fechava os olhos. Afinal de contas, a Califórnia era o primeiro produtor ocidental de cânhamo-da-índia, e San Francisco simbolizava para ele a tolerância e a contracultura.

Marcus permaneceu por um instante no terraço a fim de aproveitar o calor. Tendo passado a maior parte da vida no frio de Montreal, saboreava particularmente o clima ameno da Califórnia.

Sobre a pequena colina de Telegraph Hill, era difícil acreditar que o Natal se aproximava: as trombetas douradas do jasmim começavam a eclodir; as palmeiras, as cerejeiras e o louro-rosa resplandeciam ao sol; as casas de madeira curvavam-se sob as trepadeiras, sepultadas em meio a uma selva luxuriante onde piavam passarinhos alegres e beija-flores coloridos.

Apesar de relativamente cedo, alguns caminhantes já desciam os degraus floridos das Filbert Steps. A despeito da vegetação abundante, a casa não era completamente protegida dos olhares. Alguns passantes se divertiam, outros se chocavam, mas nenhum permanecia indiferente diante daquele excêntrico pelado que mantinha uma conversa obscena com um papagaio.

Marcus não se incomodou até que um turista sacasse sua câmera para imortalizar a cena.

— Não se consegue ficar tranquilo nem em casa! — resmungou o canadense, batendo em retirada para a cozinha, justamente no momento em que o toque do micro-ondas assinalava o fim do "cozimento".

Curioso pelo resultado, abriu o forno para recolher as roupas. Estavam não somente secas, como quentes e macias!

Além de tudo, cheiram a brioche, alegrou-se, inalando a trouxa.

Diante do espelho, vestiu-as satisfeito, ajeitando a cueca, alisando a camiseta, cuja estampa apreciava especialmente:

OUT OF BEER
(life is crap)*

O estômago roncou. Faminto, abriu a geladeira e vasculhou entre os alimentos antes de tentar uma mistura temerária. Sobre uma fatia de pão, passou uma bela camada de pasta de amendoim, que cobriu com sardinhas em conserva, sobre as quais dispôs rodelas de banana.

Sofisticado!, pensou, soltando um suspiro de satisfação.

Degustara apenas uns pedaços do sanduíche quando as percebeu.

As fotografias de Madeline.

Mais de cinquenta retratos espetados no quadro de cortiça, colados com ímã nas portas dos armários metálicos ou presos com durex na parede.

Visivelmente, seu parceiro passara grande parte da noite imprimindo aquelas imagens. A moça aparecia de todas as formas: sozinha, acompanhada, de frente, de perfil... Jonathan chegara a ampliar algumas cópias, para estudar melhor os olhos e o rosto.

Perplexo, Marcus parou de mastigar e se aproximou das fotos. Sem deixar transparecer, o canadense exercia uma vigilância constante sobre Jonathan. Por que se prestara àquela encenação? Que mistério ele procurava desvendar atrás do olhar de Madeline Greene?

Sob o verniz, conhecia a fragilidade do amigo e sabia que sua "recuperação" ainda era precária.

Todo homem tem no coração um vazio, uma ferida, um sentimento de abandono e solidão.

Marcus sabia que a ferida no coração de Jonathan era profunda.

E que aquele comportamento não prometia nada de bom.

* * *

ENQUANTO ISSO, A POUCOS QUILÔMETROS DE DISTÂNCIA...

— Papai, posso provar um pouco de *jerky*? — perguntou Charly. — É a carne dos caubóis!

Com o filho nos ombros, fazia uma hora que Jonathan percorria as barracas da feira, aglutinadas na esplanada do antigo cais. Para o cozinheiro, era um ritual imutável: todo sábado, lá estava ele se abastecendo e buscando inspiração para compor o cardápio da semana.

O Farmer's Market era uma verdadeira instituição em San Francisco. Em torno do Ferry Building, reunia-se uma centena de fazendeiros, pescadores e marisqueiros que vendiam produtos locais produzidos organicamente. Era ali que se encontravam os mais belos legumes, as frutas mais suculentas, os peixes mais frescos, as carnes mais macias. Jonathan adorava aquele lugar, que atraía uma multidão variada: turistas, cozinheiros, gourmets à procura de produtos de qualidade.

— Por favor, papai, tem *jerky* ali! Nunca comi!

Jonathan liberou o filho, que correu até a barraca. Entusiasmado, Charly engoliu um pedaço da carne-seca antes de reprimir uma careta.

Jonathan lhe dirigiu uma piscadela maliciosa.

Em meio àquele festival de sabores, sentia-se em casa. Manjericão, azeite de oliva, nozes, queijo de cabra, abacate, abobrinha, tomate, berinjela, ervas aromáticas,

abóbora, alface: inspecionava, cheirava, provava, escolhia. “O mau cozinheiro é aquele que procura disfarçar o gosto original do ingrediente, em vez de o revelar.” Jacques Laroux, o chef que o formara, transmitira-lhe a habilidade e o rigor na seleção dos produtos, no respeito às estações e na busca dos melhores fornecedores.

Ali, na horta dos Estados Unidos, isso não era muito difícil. Já fazia tempo que a alimentação orgânica não era mais privilégio dos hippies. Agora era um estilo de vida não só em San Francisco, como em toda a Califórnia.

Mantendo um olho em Charly, Jonathan completou suas compras com cinco belas aves, dez postas de linguado e uma caixa de vieiras. Negociou dez lagostas e cinco quilos de lagostins.

A cada pedido, fornecia ao responsável da barraca o número da vaga onde estacionara a caminhonete, para que os funcionários pudessem proceder à entrega.

— Ei, Jonathan, prove isso e me diga! — sugeriu-lhe um marisqueiro de Point Reyes, estendendo-lhe uma ostra.

Era uma brincadeira entre eles, pois o francês, não apreciando o costume local que mandava passar a ostra na água antes de servi-la, nunca incluía aquele tipo de fruto do mar no cardápio do restaurante.

Jonathan agradeceu e acabou comendo o molusco com um pingo de limão e um pedaço de pão.

Aproveitou a pausa para tirar da jaqueta o celular de Madeline. Verificou a tela e demonstrou ligeira decepção ao constatar que a florista não respondera sua mensagem. Deveria lhe enviar um SMS para se desculpar? Teria ido longe demais? Mas aquela mulher o intrigava tanto... Aquela noite, logo depois de imprimir as fotos, fizera uma estranha descoberta ao verificar o espaço disponível no disco do celular:

Capacidade do disco: 32 GB
Espaço disponível: 1,03 GB
% utilizada: 96,8
% disponível: 3,2

Essa informação o surpreendera. Como era possível a memória do aparelho estar no fim? A princípio, o celular continha cinco filmes, cerca de quinze aplicativos, cinquenta fotografias, umas duzentas músicas e... era tudo. Não dava para encher um smartphone; não era preciso ser um perito em informática para saber disso. Conclusão? O disco rígido provavelmente continha outros dados.

Debruçado no parapeito que dominava a baía, Jonathan acendeu um cigarro, observando Charly acocorado perto dos cercados dos coelhos. Provavelmente não era muito legal fumar ali, mas, com o sono atrasado, precisava de sua dose de nicotina. Deu uma tragada, respondendo com a cabeça ao cumprimento de um colega. Jonathan nunca fora tão apreciado por seus pares, agora que não lhes fazia mais sombra! Quando passavam por ele, a maioria dos produtores e cozinheiros o

saudava com um misto curioso de respeito e pena. Ali, quase todos sabiam quem ele era: Jonathan Lempereur, o ex-*chef mais criativo de sua geração*, o ex-*Mozart da cozinha*, o ex-*dono do melhor restaurante do mundo*.

Ex, ex, ex...

Hoje não era mais nada, ou quase isso. Juridicamente, não tinha sequer o direito de abrir um restaurante. Quando se vira obrigado a vender a licença de exploração de seu nome, comprometera-se efetivamente a se manter afastado dos fogões. O French Touch não lhe pertencia, e esse nome não constava nem no site do restaurante nem em seus cartões de visita.

Numa reportagem, uma jornalista do *Chronical* levantara a lebre, mas reconhecera que a modesta birosca na qual ele cozinhava atualmente nada tinha do brilho do L'Imperator. Jonathan, aliás, convocara o jornal para deixar tudo claro: sim, seu novo restaurante serviria apenas pratos simples a preços acessíveis; não, nunca mais criaria nenhuma receita e sua inspiração não voltara; não, nunca mais concorreria a qualquer prêmio culinário. Pelo menos esclarecera as coisas, e a matéria teve o mérito de tranquilizar os chefs que se preocupavam com o possível retorno de Lempereur aos fogões.

— Papai, posso provar ervilha com wasabi? — implorou Charly, observando com curiosidade a barraca de um velho asiático que oferecia também línguas de pato e sopa de tartaruga.

— Não, meu filho. Você não vai gostar, é forte demais!

— Por favor! Parece tão gostoso!

Jonathan deu de ombros. Por que, desde a mais tenra idade, a natureza humana nos levava a ignorar os conselhos de quem sabe?

— Faça como quiser.

Deu outra tragada no cigarro e franziu os olhos por causa do sol. De patins, a pé ou de bicicleta, várias pessoas aproveitavam o tempo bom para circular à beira-mar. Ao longe, o oceano faiscava e, no céu de um azul intenso, gaivotas oportunistas faziam a patrulha, prontas para investir contra qualquer comida acessível.

Escaldado com o *jerky*, Charly devia ter desconfiado, mas a bela cor verde das ervilhas aeradas inspirava confiança. Foi então que, sem maiores apreensões, engoliu um punhado de ervilhas com wasabi e...

— Argh! Isso arde! — berrou, cuspindo imediatamente o que acabava de ingerir.

Sob o olhar divertido do velho japonês, a criança se voltou para o pai.

— Você devia ter me avisado! — criticou-o, para disfarçar a vergonha.

— Pronto, agora vamos comer um chocolate — propôs Jonathan, esmagando o cigarro e encarapitando Charly nos ombros.

* * *

Enquanto isso, em Paris...

Passava um pouco das sete horas da noite quando um boy empurrou a porta do Jardin Extraordinaire. Apesar do adiantado da hora, a loja ainda estava cheia e Madeline se desdobrava para atender a clientela.

Ao tirar o quepe, o boy teve a impressão de ser projetado em outra dimensão. Com as flores cor de outono, a mescla de perfumes, o balanço e o velho regador de ferro, o ateliê floral lhe evocava o jardim da casa de campo de sua avó, onde passara grande parte das férias quando criança. Surpreendido pela doçura inesperada daquela ilha de natureza, teve a impressão de respirar de verdade pela primeira vez em muito tempo.

— Posso ajudar? — perguntou Takumi.

— Federal Express — ele respondeu, emergindo bruscamente do devaneio. — Me pediram para vir pegar uma remessa.

— Exatamente, aqui está o envelope.

O boy pegou a pasta de papelão que o asiático lhe estendia.

— Obrigado, boa noite.

Saiu para a rua e montou na bicicleta elétrica. Ligou a ignição, deu partida e acelerou em direção ao bulevar. Já havia percorrido uns dez metros quando percebeu no retrovisor uma mulher gritando por ele.

— Sou Madeline Greene — ela explicou, aproximando-se. — Fui eu que preenchi o formulário na internet para pedir a remessa urgente dessa encomenda, mas...

— Deseja cancelar o pedido?

— E pegar de volta o embrulho, por favor.

Sem criar dificuldade, o adolescente devolveu o envelope a Madeline. Manifestamente, era comum remetentes mudarem de opinião na última hora.

Ela assinou um recibo, depois lhe estendeu uma nota de vinte euros à guisa de indenização.

Madeline voltou para a loja, apertando o celular contra o peito e se perguntando se tomara a decisão certa. Optando por não remeter o celular para Jonathan, tinha consciência de correr o risco de provocá-lo. Se não ouvisse mais falar dele nos próximos dias, teria todo o tempo do mundo para lhe devolver o aparelho, mas, no caso de ir tudo por água abaixo, queria manter a possibilidade de fazer contato direto com ele.

Torcendo para que isso jamais viesse a acontecer.

* * *

San Francisco

Jonathan continuou na feira sob as arcadas do Ferry Building. Mais do que centenário, o terminal marítimo se erguia altivamente ao longo do Embarcadero. Conhecera seu momento de glória nos anos 20, quando era o terminal de passageiros mais importante do mundo. Hoje, o prédio principal fora transformado em elegante galeria comercial, onde queijarias artesanais, padarias, delicatéssens, cantinas italianas e sofisticadas quitandas se sucediam ao longo de uma calçada tomada por glutões.

Depois de completar as compras com um sortimento de frutas de inverno, uvas, kiwis, limões, romãs e laranjas, Jonathan cumpriu a promessa e proporcionou ao filho uma boa cassata de chocolate num dos cafés que davam para o cais.

Foi com alívio que Charly expulsou o gosto de wasabi que lhe queimava a boca com o sabor doce do cacau. Jonathan se contentou com um bule de *argh*. A cabeça estava longe. Deu um primeiro gole no chá e consultou a telinha do celular. Ainda nenhuma notícia de Madeline.

Uma voz íntima lhe soprou que parasse por ali. Que brincadeira era aquela? O que estava procurando provar? O que suas investigações poderiam lhe trazer a não ser aborrecimento?

Mas decidiu ignorar os avisos. Na noite anterior, abrira metodicamente todos os aplicativos e apenas um lhe parecera suspeito: um espaço de armazenamento que permitia ler arquivos muito pesados — pdfs, imagens, vídeos — depois de transferidos do computador para o celular. Se Madeline camuflava documentos em seu aparelho — e era o que a análise da memória do celular sugeria —, era ali que estavam.

Só que o aplicativo era protegido por uma senha!

ENTER PASSWORD

Jonathan observou o cursor piscar, convidando-o a inserir o código secreto. Apostando na sorte, tentou sucessivamente MADELINE, GREENE, depois PASSWORD.

Impossível.

Quando a terceira tentativa fracassou, consultou o relógio, não imaginando estar tão atrasado. Nos fins de semana, contratava um auxiliar para ajudá-lo no restaurante, mas o jovem cozinheiro não tinha as chaves e, em matéria de pontualidade, ele não devia esperar muita coisa do indolente Marcus.

— Vamos, marujo, levantar âncora! — ordenou, incitando Charly a vestir o casaco.

— Ah, papai, não podemos antes dar bom-dia aos leões-marinhos?

O menino adorava quando o pai o levava para ver aqueles estranhos animais marinhos que, desde o terremoto de 1989, haviam transformado o Píer 39 em domicílio fixo.

— Não, querido, preciso ir para o trabalho — respondeu Jonathan, com uma ponta

de culpa. — Podemos ver os bichinhos amanhã em Bodega Bay, enquanto pescamos de barco, tudo bem?

— Tudo bem! — exclamou Charly, pulando da cadeira.

Com um guardanapo, Jonathan limpou o bigode que o chocolate desenhara sob o nariz do filho.

Acabavam de chegar ao estacionamento quando o celular vibrou no seu bolso. Jonathan sacou o aparelho e constatou que o nome ESTEBAN piscava na tela.

* * *

Por um instante hesitou em atender, mas o responsável pelas entregas já o assediava para ajudá-lo a carregar as mercadorias. Charly se esbaldou ao pôr a mão na massa, e os três homens empilharam rapidamente todos os engradados na minivan Austin, um autêntico utilitário dos anos 60, com apliques de madeira no emblema do restaurante.

— Coloque o cinto — pediu Jonathan ao filho antes de dar partida.

Enquanto se dirigia para o bairro italiano, enfiou o celular no compartimento perto do para-brisa e...

Bingo! Esteban deixara uma mensagem! Ligou o viva-voz para escutá-la, mas, embora esperasse uma voz de homem, foi uma voz feminina e melodiosa que disse: “Bom dia, srta. Greene, aqui é do consultório do doutor Esteban. Estou ligando para saber se é possível adiar em uma hora sua consulta de segunda-feira. Agradecemos se puder ligar de volta. Um ótimo fim de semana”.

Jonathan reagiu com surpresa. Então Esteban não era o nome de um amante sul-americano, mas de um médico! Atiçado pela curiosidade, abriu o aplicativo PáginasAmarelas baixado no aparelho antes que seu filho o advertisse:

— Olhe para a estrada, papai!

Ele concordou:

— Ok, mocinho, você vai me ajudar.

Feliz da vida por colaborar, Charly apertou a tela touch screen para inserir dados no catálogo online. Orientado pelo pai, digitou DOUTOR ESTEBAN, depois PARIS, antes de iniciar a busca. Em poucos segundos, o programa exibiu um resultado:

Laurence Esteban
Médico psiquiatra
66 bis, Rue Las Cases
75007 Paris

Portanto, Jonathan se enganara no que se referia ao adultério de Madeline, mas adivinhara seu mal-estar. Nas fotografias, a moça talvez exibisse uma aparência de felicidade, mas alguém que fazia duas sessões por semana num psiquiatra dificilmente era um modelo de serenidade...

Nota

* Acabou a cerveja (vida de merda).

7

Lempereur deposto

Nós dois precisávamos do esquecimento, de uma parada no caminho, antes de seguir adiante com nossas bagagens vazias. [...] Duas criaturas perdidas que se apoiavam em sua solidão.

— Romain Gary

Paris, oitavo *arrondissement*

Uma hora da manhã

Em um apartamento em Faubourg-du-Roule

Uma mistura de chuva e neve caía sobre os telhados da capital.

À luz de um abajur, encolhida sob o edredom, Madeline terminava as últimas páginas das *Confissões de um cozinheiro apaixonado*, o livro de Jonathan Lempereur que Takumi comprara para ela naquela manhã.

Deitado ao seu lado, Raphaël dormia fazia duas horas. Quando se juntara a ela na cama, na realidade esperara que sua futura esposa abreviasse a leitura diante da perspectiva de um "carinho", mas Madeline estava absorta no livro e, cansado de esperar, Raphaël acabara mergulhando no sono.

Madeline adorava ler no silêncio da noite. Embora o apartamento de Raphaël ficasse perto da Champs-Élysées, era um recanto pacífico, protegido das sirenes da polícia e de outros alaridos boêmios. Devorara a prosa de Jonathan com um misto de fascínio e repulsa. O livro datava de 2005. Lempereur vivia então sua era de ouro, como atestava a contracapa, que listava as críticas entusiastas e unânimes de que gozava na época: "mago dos sabores", "Mozart da gastronomia", "chef mais talentoso do mundo".

Nas entrevistas que concedia, Lempereur martelava seu credo: a criação culinária é uma arte em si, assim como a pintura ou a literatura. Para ele, a gastronomia não se restringia à satisfação do paladar, mas incorporava uma dimensão artística. Mais que um cozinheiro, ele se definia como um criador, comparando seu trabalho ao do escritor diante da página em branco, e afirmava praticar uma "cozinha de autor".

"Mais do que o simples trabalho artesanal, quero que minha cozinha conte histórias e provoque emoções", ele declarava.

Nessa óptica, remontava às fontes de sua criação para identificar as raízes de sua arte. Como se formavam suas intuições? Que processo utilizava para combinar um

sabor com outro e obter um desconhecido? Que papel desempenhava a textura do prato e o aspecto estético?

"Tudo me desperta curiosidade", ele confessava. "Alimento minha criatividade visitando museus, exposições de pintura, escutando música, vendo filmes e contemplando paisagens, mas minha primeira fonte de inspiração é minha mulher, Francesca. Fecho o restaurante durante três meses por ano para me refugiar em meu ateliê na Califórnia. Preciso desse tempo para me revigorar e aprimorar as novas receitas que farão parte do cardápio do L'Imperator no ano seguinte."

Madeline ficara admirada com o número de capítulos dedicados às flores. Jonathan as empregava em abundância em sua cozinha, articulando parte de suas receitas em torno dos sabores delas: botões de capuchinha confeitados, folheados de *foie gras* com geleia de rosas, coxas de rã caramelizadas com violetas, sorvete de mimosas e suspiros de lilases, bombons de papoula de Nemours...

Madeline sentiu a barriga roncar. Toda aquela leitura lhe dera fome! Sem fazer barulho, esgueirou-se para fora da cama e se enrolou num cobertor antes de ir até a cozinha americana que dava para os telhados. Colocou a chaleira no fogo e abriu a geladeira à procura de alguma coisa para mastigar.

Hum, nada muito tentador...

Vasculhando os armários, desencavou um pacote já aberto de biscoitos de granola. Esperando a água ferver, deu uma mordida num biscoito e percorreu os anexos das *Confissões de um cozinheiro apaixonado*, em que estavam impressas em destaque algumas das receitas que haviam feito a reputação do restaurante nova-iorquino de Lempereur. Na época em que Jonathan pilotava os fogões, todas as noites o L'Imperator oferecia uma viagem degustativa organizada em torno de quase vinte pratos a serem saboreados em pequenas porções, segundo uma ordem precisa digna de um roteiro de filme, com surpresas e perplexidades. Consultando o cardápio, Madeline ficou com água na boca.

Ato 1

Gratinado de lagostins com caviar
Crocante de bacon e parmesão
Ovos mexidos com ouriço e crocante de amêndoas
Tempura de flores de acácia com marshmallow
Favinhas salteadas no alho e empanadas com *pain d'épices*
A verdadeira *pissaladière* (torta de cebolas, anchovas e azeitonas pretas, típica de Nice)

Ato 2

Fritada de vieiras com *macarons* e risoto de amêndoas
Risoto de trufas em emulsão de chocolate branco
Pernil de vitela do País Basco confitado ao jasmim
Duo de *carré* e medalhões de cordeiro com mel e tomilho

Ato 3

Sorvete de marshmallow grelhado em fogão de lenha
Abacaxi com pétalas de magnólia
Morango com capuchinhas e folhas de ouro
Merengue de lilases sobre musse de leite com azeite de oliva e mel
Tuiles de banana e cacau com arroz-doce
Musse caramelizada de coco
Bombom gelado de algodão-doce

Com a xícara de chá na mão, Madeline se instalou em frente à tela do laptop. Pela janela, observou os flocos espiralados que se desagregavam ao cair sobre os telhados. Um pouco à revelia, a moça sentia um fascínio cada vez mais intenso por Lempereur e pelo mistério que cercava sua brusca retirada da cena gastronômica. Por que um homem ainda jovem, no auge da fama e da criatividade, optou por abandonar a carreira de forma tão repentina?

No Google, digitou "Jonathan Lempereur" seguido de "fechamento do restaurante" e iniciou a busca...

* * *

Enquanto isso, em San Francisco...

Às quatro horas da tarde, Jonathan despachou a última sobremesa do dia — uma simples torta de damasco e alecrim — antes de desamarrar o avental e lavar as mãos.

Expediente encerrado!, pensou, deixando a cozinha. Na sala, cumprimentou um cliente e passou para trás do balcão a fim de preparar dois expressos — um para o auxiliar e outro para ele. Escolheu as xícaras, verificou a temperatura para ter certeza de que a perda de calor fosse mínima e o aroma do café fosse preservado. Em North Beach, bairro italiano da cidade, não se brincava com isso! Fora de questão errar num *ristretto* ou utilizar uma daquelas máquinas de cápsulas que, de Xangai a Nova York, uniformizavam o gosto do café em todo o planeta.

Com a xícara na mão, saiu no terraço e se certificou de que Charly não se entediava muito. Em seu iPad, o garoto mergulhara no universo dos dinossauros e só

prestou atenção no pai quando este se sentou perto dele, junto a um dos braseiros.

Acendeu discretamente um cigarro enquanto observava os passantes e as crianças que atravessavam a Washington Square. Adorava aquele lugar e sua atmosfera especial. Embora a maioria dos moradores fosse de origem asiática, o bairro tinha fortes raízes ítalo-americanas, como atestavam os sorveteiros ambulantes, os lampadários enrolados com a bandeira verde, branca e vermelha e os numerosos restaurantes familiares, onde se degustavam massas ao pesto, *panna cotta* e *tiramisu*. O lugar era mítico: Kerouac morara ali, Marilyn Monroe se casara na igreja local, e Francis Ford Coppola, diretor de *O poderoso chefão*, ainda tinha um restaurante e escritórios ali.

Jonathan pegou no bolso o celular de Madeline. Nenhuma mensagem ainda. Abriu o aplicativo misterioso, dessa vez determinado a contornar a barreira da senha.

ENTER PASSWORD

Bom, era preciso agir por etapas. As pessoas buzinavam constantemente que o código que protegia nossas contas era tão importante quanto a senha de nosso cartão bancário. Tudo bem. Martelavam nossos ouvidos com conselhos para escolher uma senha efetivamente segura: evitar palavras muito curtas, não utilizar informações conhecidas de nossos parentes, escolher uma alternância de letras, números e caracteres especiais. Garantiam que, obedecendo a esses preceitos, uma fórmula como Efv(abu#$vh%rgiubfvooalkùs,dCX seria uma ótima senha, quase impossível de hackear.

Só que era igualmente impossível de guardar...

Jonathan engoliu de um trago seu *ristretto*. Estava convencido de que devia procurar uma coisa simples. A vida moderna impõe que lidemos com todo tipo de senhas: cartões de crédito, redes sociais, contas de e-mail, administração... Para acessar qualquer serviço, é preciso uma senha. É demais para nossa memória. Então, para simplificar a vida, a maioria das pessoas tende a escolher senhas curtas e familiares, facilmente memorizáveis. A despeito de todas as regras de segurança, as escolhas incidem em datas de nascimento, prenome da mulher ou dos filhos, nome do animal de estimação, um número de telefone ou uma série de algarismos consecutivos ou letras contíguas.

Metodicamente, Jonathan tentou “123456”, “abcde”, “raphael”, “greene”, bem como o número do celular de Madeline.

Nada.

Vasculhando no histórico de e-mails da moça, encontrou uma mensagem particularmente interessante: o protocolo de emplacamento enviado por Madeline à concessionária onde comprara sua moto. Continha, entre outras coisas, a fotocópia de sua carteira de identidade. Conhecendo assim sua data de nascimento, Jonathan entrou com “21031978”, “21marco1978”, “21/03/78”, depois em inglês:

“03211978”, “march211978”, “03/21/78”.

Novo fracasso.

— Pense! — disse para si mesmo em voz alta.

Como o endereço de Madeline era maddygreene78@hotmail.com, tentou “maddygreene”, depois “maddygreene78”.

Em vão.

Jonathan sentiu a raiva e a frustração aumentarem. Apertou os punhos e suspirou. Era frustrante estar à beira do segredo e não poder alcançá-lo!

* * *

Madeline colocou os delicados óculos de leitura para ler confortavelmente os resultados da busca exibidos na tela.

“Lempereur abdica”, “Lempereur destronado”, “A queda de Lempereur”: os jornais franceses haviam rivalizado nos jogos de palavras para anunciar a “aposentadoria” de Jonathan. Clicou no link que remetia à matéria do site do *Libération*.

CULTURA 30/12/2009

LEMPEREUR DEPOSTO

O prodígio da cozinha vanguardista deu uma entrevista coletiva surpresa, ontem à noite em Manhattan, para anunciar o fechamento de seu restaurante, bem como a venda de todos os seus empreendimentos.

Rosto desfeito e carcomido pela barba, bolsas sob os olhos, silhueta um tanto roliça: foi nessa forma lastimável que o papa da gastronomia nova-iorquina, o chef francês Jonathan Lempereur, anunciou na quinta-feira o fechamento imediato de seu restaurante, o L’Imperator (três estrelas no *Michelin*), bem como a venda de todos os negócios do grupo que fundou com a mulher, Francesca DeLillo. Uma decisão repleta de consequências para os dois mil trabalhadores da empresa.

Um chef à parte

Situado no mítico Rainbow Room, o L’Imperator foi classificado diversas vezes como o “melhor restaurante do mundo” pela revista britânica *Restaurant Magazine*.

Visionário e inventivo para alguns, impostor e charlatão para outros, Lempereur divide o mundo gastronômico há quase dez anos.

Cansaço

Para justificar a súbita decisão, o chef se declarou “cansado, desmotivado e

desgastado", exprimindo assim seu esgotamento por estar sempre assoberbado e ser obrigado a trabalhar 18 horas por dia, 360 dias por ano.
"Estou parando com tudo. Definitivamente", esclareceu Lempereur, descartando categoricamente a possibilidade de voltar à frente de um grande restaurante. "Não sinto mais nenhum prazer exercendo minha arte e não penso que esse prazer possa voltar um dia", explicou, dizendo-se igualmente abandonado pelos críticos, que não compreendem mais o seu trabalho.

Problemas conjugais
Mais do que as críticas, parecem ter sido os problemas conjugais que precipitaram sua decisão de se retirar do mundo da gastronomia. "Eu era muito ligado à minha mulher, Francesca, e não resta nenhuma dúvida de que nossa separação recente pesou em minha decisão", reconheceu Lempereur, contornando ao mesmo tempo todas as perguntas sobre sua vida privada.

Problemas financeiros
"Também levei em conta as questões financeiras. Assim, meu afastamento era só uma questão de tempo", esclareceu. Nos últimos anos, o grupo Imperator achava-se de fato severamente endividado, engessado num modelo econômico de baixo desempenho e em investimentos temerários. Foi então, com a corda no pescoço, que Lempereur se viu obrigado a ceder a licença de exploração de seu nome ao complexo hoteleiro de luxo Win Entertainment, que viria a assumir a totalidade das atividades do grupo.

Futuro incerto
Ainda com 40 anos incompletos, o que Lempereur vai fazer agora? Descansar? Recuperar as forças? Lançar-se a uma nova aventura? O chef foi evasivo a respeito do futuro. Pressionado a pôr um ponto-final na entrevista, foi um homem solitário, com o olhar perdido, que abandonou a coletiva. Um homem cansado, mas talvez também secretamente aliviado por não ter mais de fazer o papel de "imperador".

Madeline clicou em outro link: uma matéria do site do *New York Times*, que lançava novas luzes sobre o episódio.

A SÍNDROME DE VATEL

POR TED BOOKER
PUBLICADO EM 30 DEZ. 2009

Líder emblemático da cozinha de vanguarda, Jonathan Lempereur teria sucumbido à síndrome de Vatel?*
Com efeito, o chef nova-iorquino está longe de ser o primeiro virtuose dos

fogões a se retirar subitamente de cena após um dissabor. De Bernard Loiseau** a Jacques Laroux, vários grandes chefs sentiram antes dele a angústia permanente do declínio.

Jonathan Lempereur conseguiu milagrosamente conjugar criação, reconhecimento crítico e rentabilidade durante dez anos. É esse equilíbrio precário que acaba de se romper esta noite.

Seguia-se uma compilação de depoimentos que dava à matéria um aspecto de obituário, todos os entrevistados falando de Lempereur como se ele estivesse... morto.

Michael Bloomberg, prefeito de Nova York, elogiava o formidável talento do grande chef que, com o passar dos anos, se tornara nova-iorquino por opção. Hillary Clinton lembrava o "apoio ativo de Jonathan Lempereur às ações realizadas no seio das escolas para educar o paladar das crianças". Frédéric Mitterrand, ministro francês da Cultura, saudava nele "um gênio da criação culinária que soube contribuir para a difusão internacional da gastronomia francesa".

Ao lado dessas reações consensuais, uma opinião destoava claramente: a do chef escocês Alec Baxter, que Jonathan destronara do título de melhor cozinheiro do mundo. Baxter se vingava e não escondia a satisfação: "Lempereur não passou de um meteoro no mundo da cozinha. Um meteoro criado pela mídia, que terminou por se deixar devorar pelo sistema que o levou à fama. Quem se lembrará de seu nome daqui a dez anos?"

Mas o depoimento mais forte, pessoal e pungente cabia a Claire Lisieux, uma das duas sous-chefs do L'Imperator: "Trabalho com Lempereur há dez anos", explicava a moça. "Foi ele quem me ensinou tudo. Nós nos conhecemos quando eu era garçonete num café da Madison, aonde ele ia todos os dias tomar o café da manhã. Eu não tinha licença de trabalho válida e ele ajudou a regularizar minha situação me contratando para o restaurante dele. Era um homem de uma vontade de ferro, exigente, mas generoso com os funcionários."

— Ora, minha cara, você devia ser secretamente apaixonada por ele... — resmungou Madeline, antes de retomar a leitura do artigo.

"Jonathan é um misto de força e fragilidade", continuava Claire. "Uma criatura de temperamento exuberante e contraditório, que adorava e abominava a imprensa e a fama. Nesses últimos tempos, notei que andava muito deprimido. Hiperativo, sob constante pressão, empreendia uma busca incansável pela perfeição, que se tornara uma espécie de escravidão. Estava extenuado, trabalhava sem parar, de manhã até a noite. Quase não tirava férias. Enquanto a mulher o apoiava, estava a salvo de um acesso de loucura, mas, quando ela o abandonou, tudo ficou pesado demais para suportar. Todos se enganam a respeito de Jonathan Lempereur: sua sede de reconhecimento, sua ambição, suas concessões ao *star system* não são sinais de

megalomania excessiva. Acho que ele fazia isso apenas por Francesca. Para agradá-la, para que ela o amasse. A partir do momento em que se separaram, acho que ele se desinteressou por tudo, que nada mais fazia sentido para ele...”

— O que está fazendo acordada?

Madeline levou um susto e se voltou como se tivesse sido flagrada. De roupão e com cara de sono, Raphaël a olhava com uma expressão singular.

— Nada, nada — ela garantiu, fechando precipitadamente a tela do laptop. — Estava... fazendo algumas contas, orçamentos, impostos... Enfim, sabe como é.

— Mas são duas horas da manhã!

— Não consegui dormir, querido — ela explicou, tirando os óculos.

Tomou um gole de chá, agora frio, enfiou o nariz no pacote de biscoito, mas constatou que estava vazio.

Raphaël se debruçou para beijá-la nos lábios. Passou uma das mãos sob o baby-doll e lhe acariciou a barriga. Em seguida, a boca abandonou a de Madeline e deslizou para o pescoço dela. Lentamente, ele fez cair uma alça da peça de seda, depois a outra...

Seu impulso amoroso foi bruscamente interrompido pelo *riff* de “Jumpin’ Jack Flash”. Raphaël estremeceu com o efeito da surpresa e recuou.

Madeline olhou para o celular de Jonathan, que vibrava ao lado do computador. A fotografia de uma mulher morena, de aspecto grave, olhos escuros e profundos, havia surgido na tela. No alto, um nome:

FRANCESCA

Intempestivamente, Madeline atendeu...

* * *

— Papai, estou com um pouco de frio.

Jonathan ergueu a cabeça da tela. Fazia uma hora que estava mergulhado nos meandros tortuosos de sua reflexão, tentando sem sucesso hackear a senha de Madeline. Percorrera boa parte dos e-mails da moça, coletando pacientemente fiapos de informações e tentando, a cada novo indício, descobrir uma senha correspondente.

— Vá pegar um suéter, querido — disse ele, estendendo um lenço de papel para que ele limpasse o nariz que escorria.

O sol desaparecera para dar lugar a um nevoeiro branco e denso que cobria as ruas e o parque para o qual dava o terraço. Não era à toa que San Francisco tinha o apelido de Fog City. Esse era um dos aspectos misteriosos e desconcertantes do lugar: a velocidade com que um nevoeiro espesso podia envolver a cidade e sua célebre Golden Gate em poucos minutos.

Quando Charly voltou, protegido por um grosso suéter de gola rulê, Jonathan

consultou o relógio.

— A Alessandra não vai demorar. Quer ver *O mágico de Oz* com ela?

O guri fez que sim com a cabeça, antes de exclamar:

— Ela chegou!

E, percebendo a babá, pulou de alegria.

A estudante era filha de Sandro Sandrini, dono de um dos restaurantes italianos mais antigos do bairro. Fazia um curso em Berkeley e, quando Charly passava uma temporada na Califórnia, Jonathan recorria a seus serviços.

Ele estava cumprimentando a adolescente quando o celular vibrou em sua mão. Verificou o que a tela exibia e reconheceu os algarismos familiares do número de sua ex-mulher!

— Alô?

Com uma voz neutra, Francesca lhe explicou que, procurando fazer contato com ele, dera com uma parisiense que lhe contara sobre a troca dos aparelhos. Queria apenas se certificar de que estava tudo bem e falar com Charly.

— É a sua mãe — disse Jonathan, estendendo o aparelho para o filho.

Notas

* *Maître* do príncipe de Condé, que passou para a posteridade por ter se suicidado em 1671 durante uma festividade porque o peixe do dia estava atrasado e ele temia que faltasse comida.

** Um dos grandes chefs de cozinha franceses da segunda metade do século XX. Figura assídua na mídia durante os anos 90, suicidou-se sem deixar explicações em fevereiro de 2003, aos cinquenta e dois anos.

8

Aqueles que amamos

Às vezes o amor é assim: deixar partir aqueles que amamos.
— Joseph O'Connor

Condado de Sonoma
Califórnia
Manhã de domingo

— Você não gosta mais da mamãe, não é? — perguntou Charly.

A minivan Austin percorria a costa acidentada do Pacífico. Jonathan e o filho haviam acordado de madrugada e deixado San Francisco pela Highway 1, atravessando a praia de areia escura de Muir Beach e a aldeia boêmia de Bolinas, cujos moradores destruíam, há décadas, todas as placas de sinalização, a fim de se proteger do turismo de massa.

— E então, ainda gosta da mamãe? — reformulou o garoto.

— Por que essa pergunta agora? — indagou Jonathan, abaixando o som do rádio.

— Porque eu sei que ela sente a sua falta e queria que a gente continuasse a morar junto, nós três.

Jonathan balançou a cabeça. Sempre se recusara a sugerir ao filho que a separação deles podia ser provisória. Por experiência própria, sabia que uma criança sempre acalentava a esperança secreta de que os pais voltassem um dia, e ele não queria que Charly alimentasse essa ilusão.

— Esqueça essa ideia, querido. Isso não vai acontecer.

— Você não me respondeu — notou o garoto. — Você ainda gosta dela um pouco, não é?

— Escute, Charly, sei que é difícil para você e que está sofrendo com essa situação. Meus pais se separaram quando eu tinha a sua idade. Como você, fiquei muito triste e os critiquei por não terem se esforçado para se reconciliar. Admito sinceramente que nós três éramos mais felizes quando sua mãe e eu nos amávamos. Infelizmente, as histórias de amor não são eternas. É desse jeito. É importante que você compreenda que essa época passou e que não vai voltar.

— Hum...

— Sua mãe e eu nos amamos muito no passado, e você é o fruto desse amor. Isso basta para eu nunca me arrepender de nada.

— Hum...

Diante do filho, Jonathan jamais criticava Francesca em seu papel de mãe. A propósito, embora pudesse criticá-la por ter sido uma esposa infiel, era uma mãe maravilhosa para Charly.

— Ao contrário do que acontece com os casais, os laços entre pais e filhos duram a vida inteira — continuou, aplicando ao pé da letra os conselhos dos psiquiatras que lera. — Você não tem que escolher entre nós dois, sua mãe será sempre sua mãe e eu serei sempre seu pai. Nós dois somos responsáveis por sua educação e vamos acompanhar você tanto nos momentos felizes quanto nos momentos difíceis da vida.

— Hum...

Jonathan observou a paisagem através do para-brisa. Sinuosa e selvagem, a estrada serpenteava ao longo do oceano. Com suas escarpas erodidas e fustigadas pelo vento, o lugar lembrava mais a Bretanha e a Irlanda que a Califórnia.

Sentia-se culpado por não saber se dirigir ao filho com palavras mais adequadas. Para Charly, a separação dos pais fora brutal e inesperada. Até aquele momento, Jonathan tomara o cuidado de evitar entrar em detalhes da relação com a mãe do menino, mas aquela era uma decisão acertada? Sim, sem dúvida: como explicar a uma criança a complexidade das relações conjugais e as devastações da traição? Apesar de tudo, arriscou-se a um esclarecimento:

— Não renego nada do passado, mas um dia compreendi que a sua mãe não era mais a mulher que eu acreditava conhecer. Durante os últimos anos do nosso casamento, eu estava apaixonado por uma ilusão. Entendeu?

— Hum...

— Pare com esse "hum"! Entendeu ou não?

— Não sei direito — respondeu a criança, fazendo bico.

Merda, por que falei isso para ele?, arrependeu-se Jonathan.

Passaram por um rebanho de vacas, depois chegaram ao destino: a pequena aldeia de pescadores de Bodega Bay. Situada sessenta quilômetros a noroeste de San Francisco, a localidade adquirira fama mundial depois que Alfred Hitchcock filmara lá a maior parte das cenas de *Os pássaros*.

Naquela manhã de inverno, a vila costeira ia acordando lentamente. Pararam o carro num estacionamento quase vazio. Charly saiu do carro e correu para o píer a fim de observar os leões-marinhos que se douravam ao sol, emitindo gritos de satisfação.

No porto, várias barraquinhas ofereciam crustáceos ainda vivos, e, sob o alpendre dos restaurantes, alguns "veteranos" se balançavam em cadeiras de balanço enquanto degustavam, apesar da hora matinal, caranguejos gigantes e *clam chowders*.*

Como prometera ao filho, Jonathan alugou um barquinho com casco pontudo,

parecido com um saveiro marselhês.

— Vamos, grumete, levantar âncora!

O espelho d'água estava tranquilo, perfeito para navegar.

A casca de noz se afastou da costa, depois se estabilizou a duas milhas do porto. Charly pegou a vara de pescar e, com a ajuda do pai, prendeu uma minhoca no anzol antes de arremessar a linha.

Jonathan verificou o celular de Madeline, mas, naquela parte do condado, não havia sinal. Mantendo um olho atento no filho, acendeu um cigarro e saboreou a primeira tragada observando a nuvem de palmípedes que rodopiava em torno do barco. Decididamente, Hitchcock mostrara inspiração: o lugar era invadido por aves de todos os tipos — gaivotas, biguás, maçaricos —, cujos pios se misturavam aos sinalizadores das embarcações.

— Vem cá, por que você fuma, se isso mata? — perguntou Charly.

Jonathan fez que não tinha escutado e perguntou por sua vez:

— Está mordendo?

Mas a criança estava decidida a não desistir de sua cruzada antitabagista:

— Eu não quero que você morra — disse, com os olhos úmidos.

Jonathan soltou um suspiro.

Como lutar contra isso?

Capitulou, esmagando o cigarro após dar uma última tragada.

— Está contente agora?

— Agora estou! — respondeu o menino, recuperando instantaneamente o semblante risonho.

* * *

Enquanto isso, em Deauville...

O relógio da sala acabava de dar sete horas da noite.

Um belo fogo crepitava na lareira. Raphaël e o pai se enfrentavam na mesa de bilhar. Sentada num sofá de couro capitonê, Madeline balançava a cabeça mecanicamente, escutando com um ouvido distraído a falação de Isaure — sua futura sogra —, tendo aos pés Sultan, o cocker inglês da família, que babava afetuosamente sobre seus sapatos novos.

Do lado de fora, a chuva batia nos vidros desde o início da tarde.

— Ah, adoro esse programa! — exclamou Isaure, desviando subitamente a atenção de Madeline para aumentar o som da televisão, que, naquela época de fim de ano, passava a enésima baboseira.

Madeline se aproveitou da brecha para escapar do sofá.

— Vou fumar um cigarro.

— Achei que você tinha parado — protestou Raphaël.

— Isso vai matar você, querida — reforçou Isaure.

— Sem dúvida, mas a gente tem que morrer de alguma coisa, não é?

Com essas palavras, vestiu a capa e saiu no terraço.

Se anoitecesse muito cedo, um sistema sofisticado de spots iluminava o pequeno solar anglo-normando, valorizando o enxaimel e a água turquesa da piscina.

Madeline deu alguns passos ao longo do terraço coberto e se debruçou na balaustrada. A propriedade dava para o hipódromo, oferecendo uma vista impressionante de Deauvillle.

Acendeu o cigarro e deu a primeira tragada. O vento lhe açoitava o rosto. Embalada pelo barulho do mar, fechou os olhos e tentou criar o vazio dentro de si.

O conforto burguês e o marasmo daqueles fins de semana em família lhe provocavam sentimentos contraditórios: serenidade, tranquilidade, revolta, vontade de fugir.

Quem sabe com o tempo...

O ar estava glacial. Subiu até o pescoço o zíper da capa, colocou o capuz e tirou o celular do bolso.

Desde aquela manhã, a maior parte de seus pensamentos convergia para Francesca DeLillo, com quem falara ao celular na noite anterior. Aquela mulher, seu mistério e sua história exerciam uma fascinação estranha sobre ela. A conversa tinha sido breve, mas suficientemente peculiar para persegui-la o dia inteiro. Quando Francesca tomara consciência da situação, pedira-lhe, um pouco confusa, que deletasse a mensagem que ela deixara na secretária eletrônica de Jonathan e, principalmente, não comentasse nada com ele. “Um momento de fraqueza”, confessou. Madeline compreendera.

Entrou no navegador do smartphone e digitou o nome de Francesca na seção “imagens” do buscador. Na mocidade, quando estudava administração, a herdeira trabalhara como modelo para grandes grifes de moda. As primeiras fotografias datavam dos anos 90 e a mostravam em passarelas e propagandas. Dependendo da foto, ela tinha ares de Demi Moore, Catherine Zeta-Jones ou Monica Bellucci. Vinham em seguida várias fotos comerciais com Jonathan, prova de que, durante os anos felizes, o casal não hesitara em utilizar a vida privada para aumentar a popularidade da empresa.

A chuva engrossou. Um relâmpago espocou, um raio caiu perto da casa, mas, mergulhada no ciberespaço, Madeline nem percebeu.

Os dedos deslizaram sobre a tela e clicaram numa vinheta que a transportou para o site da revista *Vanity Fair*. Alguns anos antes, a *Paris Match* americana dedicara seis páginas ao casal, com a manchete: “A cozinha é o amor”. Uma longa entrevista e fotos glamourosas que não tinham nenhuma relação com gastronomia. Numa delas,

era possível ver que o casal se tatuara com uma inscrição idêntica na omoplata direita. Madeline deu um zoom para decifrar a “epígrafe”:

You'll never walk alone**

Que bonito... se fosse para ficar juntos a vida inteira. Mas hoje, olhando para trás, a fotografia tinha algo de patético.

— Querida, vai pegar friagem! — disse Raphaël, abrindo a porta.

— Estou entrando, coração! — respondeu Madeline, sem erguer os olhos do celular.

Passando de uma foto a outra, uma evidência lhe saltou aos olhos. Dependendo se estivesse sozinha ou na presença de Jonathan, a atitude de Francesca mudava: a top model felina, segura de seu poder de sedução, transformava-se em mulher amorosa, de olhos meigos. Mesmo por trás das encenações feitas para jornalistas, o amor que aqueles dois se devotavam não deixava nenhuma dúvida.

O que foi que os separou?, ela se perguntou, voltando ao salão.

* * *

— Por que eles se separaram? — perguntou Charly, guardando a vara de pescar no porta-malas do carro.

— Quem?

— Seus pais.

Jonathan franziu o cenho. Girou a chave de ignição e, com um gesto, ordenou ao menino que colocasse o cinto. A minivan deixou Bodega Bay e rumou para San Francisco.

Enquanto dirigia, Jonathan abriu a carteira para pegar a foto desbotada de um pequeno restaurante de província.

— Seus avós tinham um restaurante no sudoeste da França — explicou, mostrando a foto ao menino.

— La Che-va-li-ère — soletrou Charly, franzindo os olhos para decifrar a tabuleta.

Jonathan assentiu com a cabeça.

— Quando eu era criança, durante alguns meses meu pai amou outra mulher: a representante de uma grande marca de champanhe que fornecia para o restaurante.

— É?

— Esse amor durou mais de um ano. Como nas cidades pequenas os boatos se espalham com rapidez, eles tomaram cuidado para manter a história em segredo e conseguiram.

— Por que o seu pai fez isso?

Jonathan abaixou o quebra-sol para evitar ser ofuscado pela luz do meio-dia.

— Por que os homens traem as esposas? Por que as mulheres traem os maridos?

Ele deixou a pergunta sem resposta por alguns segundos, um pouco como se refletisse em voz alta.

— Por um monte de razões, imagino: perda do desejo, medo de envelhecer, necessidade de validar a própria capacidade de sedução, a impressão de que uma aventura não vai trazer consequências... Explicações decerto muito válidas. Não posso dizer que desculpo meu pai, mas também não condeno.

— Então não foi por isso que você ficou sem falar com ele até ele morrer?

— Não, querido, não foi por isso. Meu pai tinha outros defeitos, mas, apesar da infidelidade, nunca duvidei do amor dele pela minha mãe. Tenho certeza de que o adultério o fez sofrer muito, mas a paixão é como a droga: no começo, você acha que controla, depois, um dia, é obrigado a admitir que é ela quem controla você...

Ao mesmo tempo impressionado e um pouco incomodado com aquelas confissões, Charly observou o pai com uma cara engraçada pelo retrovisor interno, mas Jonathan não parou.

— Finalmente ele conseguiu se "desintoxicar" daquela mulher. Mas, seis meses depois do fim daquela aventura, achou melhor confessar o adultério à minha mãe.

— Por quê? — perguntou o menino, arregalando os olhos.

— Acho que ele estava se odiando e se sentindo culpado.

Jonathan ligou o pisca-pisca para parar na única bomba de gasolina de um velho posto de combustível.

— E depois? — perguntou a criança, seguindo o pai.

Jonathan retirou a mangueira.

— Ele implorou à minha mãe que o perdoasse. Como eles tinham dois filhos, ele pediu a ela que mantivessem a família unida, mas minha mãe ficou arrasada com a traição. O marido estragou o amor deles e tudo que eles tinham construído. Então ela recusou o pedido de perdão e o deixou.

— Na lata?

Jonathan pagou o tanque cheio e voltou para o carro.

— Sua avó era assim — explicou, dando partida.

— Assim como?

— Uma eterna romântica, uma idealista, exaltada e apaixonada. De repente, tomou consciência de que a pessoa que ela mais amava no mundo tinha sido capaz de mentir para ela e magoá-la. Ela falava muito que a confiança era a coisa mais importante que devia existir num casal. Dizia que, sem confiança, o amor não era realmente amor, e nisso acho que ela tinha razão.

Como não era bobo nem nada, Charly observou:

— Parece a sua história com a mamãe.

Jonathan concordou:

— É, durante anos com a sua mãe fomos apenas um. Dividíamos tudo, e nosso amor nos protegia de tudo. Mas um dia... um dia o amor vai embora... e não há mais nada a dizer.

Charly balançou tristemente a cabeça e, uma vez que não havia mais nada a dizer, permaneceu em silêncio até chegarem em casa.

Notas

* Sopa de mariscos comcebola e bacon, servida dentro de broa de pão semmiolo.

** “ Você nunca caminhará sozinho.”

9

Um segredo bem guardado

Havia entre eles a intimidade de um segredo bem guardado.
— Marguerite Yourcenar

San Francisco
Domingo
Início da tarde

Charly abriu a porta de casa e invadiu a sala.

— Veja, tio Marcus! Pesquei dois peixes!

Largado no sofá, os pés em leque, o canadense fumava um baseado da grossura de um cone de amendoim.

— Que cheiro estranho... — disse o menino, beliscando o nariz.

Marcus se ergueu de um pulo e deu sumiço no cigarro, mergulhando-o no vaso que reinava na mesa de centro.

— Olá, camaradas.

Mas Jonathan o fuzilou com o olhar.

— Quantas vezes preciso repetir...? — começou, irado.

— Desencana, não é nada de mais — defendeu-se frouxamente o canadense.

— Com essas suas armações, corro o risco de perder a guarda do meu filho. Você acha que isso não é nada de mais?

Jonathan abriu todas as janelas para arejar enquanto Charly tirava do isopor um belo salmão e um pequeno linguado ainda vivos.

— Estão fresquinhos! — exclamou, orgulhosíssimo das duas conquistas.

— É, diferente do tio Marcus... — acrescentou perfidamente Jonathan, para fazer o filho rir.

Era bem verdade que seu amigo tinha uma concepção personalíssima da "roupa de domingo": cueca esfiapada, meias trocadas e camiseta, dessa vez enfeitada com uma folha de maconha sobre a bandeira jamaicana.

— Quer uma fruta? — perguntou Jonathan, arrumando dentro da geladeira o resto das compras que eles haviam levado de lanche.

— Para falar a verdade, prefiro que o tio Marcus faça um sanduíche trio...

— Hum — disse ele, vacilante.

— Considere feito! — gritou Marcus, indo buscar os ingredientes no armário.

Já lambendo os beiços, Charly trepou num dos banquinhos altos que cercavam o bar.

Concentrado, Marcus passou manteiga na primeira fatia de pão, que salpicou com chocolate em pó e cobriu com uma segunda fatia, besuntada de leite condensado, à qual superpôs um último pedaço embebido em xarope de bordo.

Charly deu uma dentada no sanduíche e, de boca cheia, exclamou:

— Extá delixioso, obrigado!

Muito orgulhoso com o elogio, Marcus preparou outro para ele próprio.

— Quer um, Jon?

Jonathan abriu a boca para recusar — nem pensar em engolir aquela mistura hipercalórica —, mas voltou atrás. Por que dar as costas para todos os prazeres e momentos de cumplicidade com Marcus e o filho? Afinal de contas, seu cunhado tinha muitos defeitos, mas trazia um pouco de alegria e dava um toque de originalidade ao lar. E, sobretudo, não havia outro igual para fazer Charly sorrir, quando ele mesmo, emparedado em sua tristeza, não era o pai mais efusivo com que um filho podia sonhar.

— Tudo bem, por que não? — disse ele, juntando-se à mesa.

Serviu a todos uma rodada de *argh* e ligou o pequeno aparelho de rádio, que sintonizou numa estação especializada em rock californiano. Então, foi ao ritmo dos sucessos dos Eagles, de Toto e de Fleetwood Mac que degustaram o lanche.

— Sabe de uma coisa? Vou incluir "o famoso sanduíche trio do tio Marcus" no cardápio de sobremesas do restaurante — brincou Jonathan. — Tenho certeza de que vai funcionar!

Rindo gostosamente, Charly levantou os olhos.

— Por que você espalhou todas essas fotos aí? — espantou-se, apontando para as imagens de Madeline que cobriam a parede da cozinha.

Jonathan se sentiu flagrado. Nos últimos dois dias, deixara-se arrebatar pela curiosidade, mas agora tinha dificuldade para compreender a lógica e o sentido de seu comportamento. Por que a vida daquela mulher o fascinara tanto? Por que se julgara investido de uma espécie de missão?

— Tem razão, vamos tirar — ele aprovou, quase aliviado por aquela decisão racional.

— Eu ajudo — ofereceu-se o cunhado.

Os dois homens se levantaram e começaram a soltar uma a uma as fotografias que cobriam o cômodo.

Madeline em Veneza, Madeline em Roma, Madeline em Nova York...

— Olha, você viu? É o Cantona...

— O quê?

Marcus lhe estendeu a fotografia que acabava de retirar. De jaqueta de couro e

blusa cintada, Madeline sorria diante de um bolo de aniversário espetado com vinte e nove velas. A foto datava de cinco ou seis anos. Embora nitidamente mais jovem, Madeline parecia bem menos elegante e feminina do que a mulher com quem Jonathan esbarrara no aeroporto. Na época, tinha um rosto mais redondo, uma expressão de garoto traquinas e feias olheiras.

O retrato fora batido num escritório: percebiam-se pastas de papelão, um computador um pouco fora de moda, bem como canetas, lápis e uma tesoura arrumadas numa caneca. Apesar da má qualidade da foto, distinguia-se, espetado na parede, um pôster de Eric the King* com a camisa dos Red Devils.

— Sabe onde foi tirada essa foto? — perguntou Marcus.

— Não.

— Na minha opinião, numa delegacia.

— Por quê?

Ele apontou silhuetas pretas e amarelas perdidas no fundo da tela.

— Esses dois sujeitos são tiras.

— Viajou!

— Pode ampliar a imagem?

— Escute, não estamos em CSI...

— Tente!

Sem acreditar naquilo, Jonathan pegou o laptop no qual baixara todas as fotos de Madeline. Clicou no ícone correspondente para abri-las no Photoshop e usou o zoom do programa. Claro, o nível de precisão não era excelente, mas ainda assim era possível distinguir mais detalhes.

A bem da verdade, não era impossível que as manchas amarelas no fundo da tela correspondessem aos coletes amarelos com faixas fosforescentes usados por alguns policiais ingleses. Mas aquilo não provava nada. Examinando as diferentes partes da imagem, outro detalhe chamou sua atenção: as letras "GMP", que enfeitavam a caneca de Madeline.

— GMP? Isso te diz alguma coisa?

Jonathan abriu a janela do navegador e digitou "GMP+police". O primeiro resultado remetia ao site da Greater Manchester Police, as forças policiais do condado de Manchester.

— Tem razão, estamos realmente numa delegacia.

— Conhece muita gente que comemora o aniversário numa delegacia?

A pergunta ficou no ar durante alguns segundos. A resposta se impunha por si mesma: num passado remoto, a moça havia sido tira!

Jonathan compreendeu que acabava de descobrir a chave do mistério que Madeline ocultava. Mas, agora que acertara o alvo, viu-se invadido pela dúvida. Com que direito se intrometia assim em seus segredos? Ele sabia que não se mexia

no passado impunemente e...

— Veja isto!

Apoderando-se do computador, Marcus acabava de decidir por ele. No buscador, digitara: “Madeline+Greene+police+Manchester”.

Havia centenas de resultados, mas o primeiro que apareceu foi uma reportagem do *Guardian*:

MADELINE GREENE, A INVESTIGADORA DO CASO DIXON, TENTA SE SUICIDAR

Nota

* Apelido do jogador de futebol Éric Cantona quando jogava na equipe do Manchester United.

10
A vida alheia

Nosso grande tormento na vida decorre de que somos eternamente solitários, e todos os nossos esforços e atos são meras tentativas de fugir dessa solidão.

— Guy de Maupassant

Paris
Segunda-feira, 19 de dezembro
Quatro e meia da manhã

Uma neve fina e cerrada caía fazia alguns minutos sobre o oitavo *arrondissement*. Congelado pelo frio da noite, o bairro do Faubourg-du-Roule estava deserto.

Um Peugeot Partner branco acionou o pisca-pisca antes de parar em fila dupla no meio da Rue de Berri. Embrulhada numa capa com um capuz grosso, uma silhueta feminina saiu de um prédio burguês e entrou numa caminhonete.

— Aumente o aquecimento, está congelando! — Madeline reclamou, ajustando o cinto.

— Já está no máximo — respondeu Takumi, arrancando. — Teve um bom domingo?

A jovem ignorou a pergunta e enfiou as luvas de lã, enquanto a cabine esquentava.

Takumi não insistiu. O carro percorreu a Rue d'Artois e virou à direita para chegar à Rue La Boétie e depois à Champs-Élysées.

Madeline afrouxou o cachecol, pegou um maço de cigarros do bolso e acendeu um.

— Achei que você tinha parado...

— Vai começar! Não vá se intrometer também! Sabe o que Gainsbourg dizia? "Eu bebo e fumo: o álcool conserva as frutas, e a fumaça, as carnes."

Takumi ficou pensativo por alguns segundos, antes de observar:

— Em primeiro lugar, ele pinçou essa citação de Hemingway...

— ... e em segundo lugar?

— Em segundo lugar, os dois morreram, não?

— Muito bem, os incomodados que se mudem, ou melhor, abram um processo contra mim por fumo passivo!

— Falo isso pelo seu bem — replicou calmamente Takumi.

— Ei, vê se me esquece, pode ser? E tire essa porcaria! — ela ordenou,

apontando para o rádio do carro, de onde escapava uma versão nipônica de “Que je t’aime”, interpretada pelo próprio Johnny.

O asiático ejetou o CD e Madeline zapeou pelas estações até encontrar uma rádio de música clássica, que tocava a *Suite bergamasque*. A música a tranquilizou um pouco. Voltou-se para a janela e observou a neve, que começava a se acumular nas calçadas.

Na rotatória da Porte Dauphine, Takumi pegou a rampa que dava acesso à marginal. Madeline levantara com o pé esquerdo, como às vezes acontecia, mas seu mau humor nunca durava muito tempo. Ele reprimiu um bocejo discreto. Aquelas saídas noturnas para irem até Rungis o encantavam. Pena que precisava acordar de madrugada... Aliás, nem todos os floristas se davam mais a esse trabalho. Boa parte de seus “colegas” se limitava agora a receber as flores diretamente na loja após terem feito a encomenda pela internet! Madeline o convencera de que aquela não era a maneira correta de exercer a profissão e que a primeira qualidade de um verdadeiro florista residia justamente na busca do produto perfeito.

Por causa da neve, a estrada estava um pouco escorregadia, mas nada diminuía o prazer de Takumi de dirigir à noite em Paris. A fluidez do tráfego tinha algo de inebriante e irreal. Continuou pela A6 como se fosse para Orly e logo chegou diante do pedágio do maior mercado de produtos frescos do mundo.

* * *

Rungis fascinava Takumi. O “ventre de Paris” fornecia metade dos peixes, frutas e legumes consumidos na capital. Era lá que se abasteciam os melhores restaurantes e os artesãos mais exigentes. Na última primavera, quando os pais do jovem japonês visitaram a França, fora o primeiro programa que ele organizara para eles, antes mesmo da Torre Eiffel! O lugar era impressionante, uma verdadeira cidade, composta por milhares de pessoas, delegacia própria, estação de trem, corpo de bombeiros, bancos, cabeleireiro, farmácia e vinte restaurantes! Ele adorava aquela efervescência, entre quatro e cinco horas da manhã, quando as atividades chegavam ao auge, em meio ao balé dos caminhões, abarrotados de um universo de aromas e sabores.

No pedágio, Madeline estendeu a carteira de compradora para entrar, e a caminhonete estacionou entre a Avenue des Maraîchers e a Avenue de la Villette, num dos estacionamentos cobertos do setor destinado à horticultura.

Escolheram um carrinho alto e entraram na imensa estufa de vidro e aço. Os vinte e dois mil metros quadrados do pavilhão C1 eram inteiramente dedicados às flores cortadas. Para além das portas automáticas, mergulhava-se num outro mundo, e a monotonia do lado de fora dava lugar a uma sinfonia de cores e cheiros.

Revigorada diante do espetáculo, Madeline esfregou os olhos, despertou

completamente e atravessou o saguão num passo decidido. Numa área equivalente a mais de três campos de futebol, cerca de cinquenta atacadistas se alinhavam no imenso galpão, cujos corredores tinham nomes de flores: Alameda das Mimosas, das Íris, das Anêmonas...

— Olá, minha bela! — recebeu-a Émile, responsável pela barraca onde ela comprava boa parte da produção.

Com seu chapéu de palha, seu podador, seu macacão e seu bigode em forma de guidom de bicicleta, Émile Fauchelevent era uma instituição. No mercado de Rungis desde a inauguração, em 1969, conhecia todos os seus segredos e engrenagens.

— Aceita um "puro sem açúcar"? — perguntou, inserindo algumas moedas na máquina de café.

Madeline agradeceu com a cabeça.

— E um chá para Katsushi? — ele acrescentou, desafiando com o olhar o protegido da florista.

— Meu nome é Takumi — respondeu com frieza o asiático —, e vou tomar um cappuccino.

Émile não se desconcertou.

— E um cappuccino para Tsashimi!

O rapaz pegou o copinho sem falar nada e abaixou a cabeça, chateado por não ser respeitado pelo atacadista.

— Um dia, vai ter que dar uns tapas nele — sussurrou-lhe Madeline, enquanto Émile se dirigia a um freguês que acabava de chegar. — Isso eu não posso fazer por você.

— Mas... ele é velho.

— É três cabeças mais alto que você, e tem duas vezes o seu peso! Se isso te tranquiliza, minha birra com ele durou seis meses. Sempre que me via, ele me chamava de Rosbife ou English.

— E como deu um fim nisso?

— Atirando café fervendo na cara dele. Desde então ele me trata como uma princesa.

Takumi se sentia desamparado. No país onde nascera, buscava-se a todo custo evitar o conflito, o confronto ou as atitudes agressivas.

— Mas... por que as coisas aqui são assim?

— São assim em tudo que é lugar — ela respondeu, amassando o copinho antes de jogá-lo no lixo. — E, se quer saber minha opinião, você precisa encarar esse tipo de situação para virar homem.

— Mas eu já sou um homem, Madeline!

— Sim, mas não o que você gostaria de ser!

Ela o deixou com aquela reflexão e foi ao encontro de Bérangère, uma das

vendedoras de Fauchelevent, com quem percorreu os diferentes estandes. Comprou dois fardos de folhagem, negociou asperamente o preço das tulipas, margaridas e camélias, mas cedeu quanto a três magníficos maços de rosas do Equador. Sentia-se à vontade "barganhando", fazendo questão de pagar o preço justo pelas flores. Takumi se incumbiu de transportar aquela primeira carga e encontrou a patroa no recinto reservado às plantas.

Com olhos de conhecedora, Madeline escolheu begônias e miosótis já envasados, enquanto o estagiário pegava as indiscutíveis "estrelas" do Natal: o azevinho, o visco, os bicos-de-papagaio e os heléboros.

Encarregou-o também de comprar as plantas despoluentes — que faziam sucesso cada vez maior nas empresas, mas que ela, pessoalmente, considerava o fim da picada —, para ter mais tempo de escolher as orquídeas brancas e em tons pastel, sobre as quais construíra a reputação de sua loja.

Em seguida, fez uma rápida parada na estufa onde estavam armazenados os bricabraques que permitiam a seus clientes oferecerem presentes divertidos e baratos: velas aromatizadas, plantas "carnívoras", pequenos cactos em forma de coração, folhas de café plantadas em xícaras de expresso...

Nas prateleiras das decorações, gamou num anjo de ferro que arrasaria em sua vitrine. Takumi a seguia, sorvendo cada uma de suas palavras. Apesar da compleição franzina, considerava uma questão de honra assumir as tarefas mais árduas, empurrando o carrinho que ficava mais pesado a cada parada, erguendo com um braço um saco de terra de dez quilos ou um enorme vaso de cerâmica.

O vento fazia as estufas tremerem. Através dos vidros, era possível distinguir flocos luminosos esvoaçando no céu antes de cobrir o asfalto com sua espuma branca e gelada.

Para adiar o momento de enfrentar a friagem, Madeline se demorou naquele casulo reconfortante. A compra de bulbos da primavera — jacintos, narcisos, amarílis — arrancou-a da melancolia. Para ela, que detestava o período das festas, o início do inverno era o momento mais triste do ano, mas era também aquele em que sentia mais necessidade de ver a vida renascer. Para ela, essa era a verdadeira promessa do Natal...

* * *

SEIS E MEIA DA MANHÃ

Takumi fechou o porta-malas com cuidado. A caminhonete estava abarrotada.

— Vamos, te pago um café da manhã! — ofereceu Madeline.

— Finalmente uma cortesia!

Empurraram a porta do Cordeliers, bistrô instalado no centro do setor

hortigranjeiro. Em torno do balcão, vários fregueses jogavam conversa fora, falando sobre como o mundo poderia ser melhor, diante de uma taça de vinho ou de um cafezinho. Alguns estavam absortos na leitura do *Parisien*, outros preenchiam formulários da loteria ou de corridas de cavalo. Muitas conversas giravam em torno das próximas eleições presidenciais: Sarkozy seria reeleito? A esquerda escolhera o melhor candidato?

Sentaram-se a uma mesa, num lugar um pouco menos barulhento. Madeline pediu um expresso duplo e Takumi se deixou seduzir por um gorduroso *kebab*.

— Nossa, você deve ter um estômago de aço! Quer me passar sermão sobre o cigarro, mas tem mais é que vigiar seu colesterol.

— Estou aberto a todas as culturas — justificou-se o asiático, dando uma enorme dentada no sanduíche.

Madeline tirou as luvas e desabotoou a capa, depois de pegar o celular de Jonathan.

— Ainda não devolveu — constatou o japonês.

— Você é um bom observador.

— No fundo, isso não me espanta.

— E isso é um problema para você? — ela retorquiu, na defensiva.

— Não, eu tinha certeza de que a história de Lempereur ia lhe interessar...

Ela amansou e pareceu hesitar, antes de lhe estender uma folha de papel que imprimira durante a noite.

— Você, que morou nos Estados Unidos, já ouviu falar nisso?

Intrigado, Takumi desdobrou o artigo e leu a manchete:

JONATHAN LEMPEREUR TRAÍDO PELO MELHOR AMIGO

> Em poucos dias, o mais célebre dos chefs perdeu a mulher, o restaurante e o melhor amigo. Recapitulando uma dupla traição.
>
> (PEOPLE MAG — 3 DE JANEIRO DE 2010)

— Eu não sabia que você lia esse tipo de revista — ele comentou, colocando os óculos.

— Me poupe de provocações, pode ser?

As quatro fotografias que ilustravam a matéria não deixavam margem à dúvida. Haviam sido tiradas em 28 de dezembro de 2009 em Nassau, nas Bahamas. Via-se Francesca na companhia de um certo George LaTulip. O casal fora flagrado por um paparazzo num cantinho de paraíso chamado Cable Beach. Embora “roubadas”, as fotos tinham um lado estético. Num conjunto de algodão claro, a ex-modelo caminhava de mãos dadas com o amante ao longo de uma praia de areia branca e águas turquesa e cintilantes. Sua atitude traía seus sentimentos: em total cumplicidade, sorriam e flertavam, com se estivessem sozinhos no mundo. Na última

imagem, os dois pombinhos se beijavam amorosamente no terraço de um café de arquitetura colonial.

Aquela série de poses tinha um lado glamouroso e vintage que lembrava os anúncios da Calvin Klein dos anos 90.

Em geral mais inclinada a revelar as escapadas masculinas, a imprensa sensacionalista não deixou barato os "arroubos de Francesca". Convém dizer que, nesse mundo hipócrita e maniqueísta, todos os ingredientes estavam reunidos para dar ares de tragédia antiga àquela traição. De um lado, a mulher adúltera de beleza fatal que partia para o fim do mundo para enganar o esposo com o melhor amigo dele. Do outro, o marido fiel que permanecera em Nova York para cuidar do filho e tentar salvar seu restaurante ameaçado. *Last but not least*, o papel do amante era representado com galhardia por aquele George LaTulip. O homem era alto, moreno, misterioso, sedutor. Um "bonitão", que, apesar do nome ridículo, apresentava uma semelhança impressionante com o Richard Gere dos bons tempos.

Quando se lia o artigo com um pouco mais de atenção, compreendia-se que George LaTulip trabalhava como auxiliar de Jonathan no L'Imperator — era seu colaborador mais próximo, e também seu amigo. Antes de conhecer Jonathan, George corria as escalações de elenco vendendo cachorro-quente numa dessas carrocinhas ambulantes que pululam em Manhattan. Jonathan tinha uma espécie de dom para detectar o potencial das pessoas. Formara George até transformá-lo em seu auxiliar, dando-lhe estabilidade, conforto material e um currículo que lhe dava certeza de encontrar trabalho até o fim de seus dias. E, para agradecer, o outro lhe roubara a mulher...

— O que acha disso?

— Acho que às vezes as mulheres são putas — respondeu Takumi.

— Se isso te faz dizer tamanha besteira — resmungou Madeline —, acho que vou parar de trazer você aos bistrôs e...

O jovem japonês não permitiu que ela terminasse a frase.

— Espere! Esse nome, George LaTulip, já ouvi em algum lugar! Já não lhe entregamos flores, por acaso?

— Não, não creio. Com um nome desses, eu teria me lembrado com certeza! E depois, me admiraria que morasse em Paris...

Mas Takumi se agarrava à sua ideia.

— Está com seu laptop aí?

Madeline suspirou e tirou da bolsa o computador no qual baixara seu "banco de clientes".

Takumi colocou a tela diante de si e digitou "LaTulip". Não precisou de muito tempo para que aparecesse:

— Eu lhe entreguei um buquê de dálias púrpura, uns oito meses atrás. A encomenda nos foi passada pelo seu colega do 16º, Isidore Brocus. Fiz a nota fiscal em nome do restaurante, daí o nome dele não lhe dizer nada.

— E você? Lembra dele?

— Não, deixei as flores com um empregado.

Madeline não acreditava no que via. Não apenas George LaTulip assumira um restaurante, como residia em Paris. Decididamente, o mundo era uma aldeia...

— Vamos zarpar — ela ordenou. — Termine o seu *kebab* no carro, mas ai de você se eu encontrar um pingo de gordura no banco!

— Vamos voltar para a loja?

— Você vai voltar para a loja; já eu, acho que vou fazer uma visitinha ao “Fanfan Tulipa”...

— Mas com que pretexto?

— Se acha que preciso de um pretexto para dirigir a palavra a um homem...

11
A investigaçao

No essencial, o homem é o que ele esconde: um miserável montinho de segredos.
— André Malraux

San Francisco

Hipnotizado diante da tela do computador, Jonathan relia pela terceira vez a reportagem.

MADELINE GREENE, A INVESTIGADORA DO CASO DIXON, TENTA SE SUICIDAR

GUARDIAN.CO.UK — 8 DE JULHO DE 2009

Cheatam Bridge — Um mês depois da macabra descoberta que reduziu a pó qualquer possibilidade de encontrar viva a jovem Alice Dixon, a tenente de polícia encarregada da investigação, Madeline Greene, 31 anos, tentou esta noite pôr fim a sua vida se enforcando numa viga de seu apartamento.
Por sorte, a jovem detetive arrastou na queda um armário de vidro que se quebrou no chão, chamando a atenção de sua vizinha de andar, Juliane Wood, que correu para intervir. Após ter recebido os primeiros socorros, a srta. Greene foi transferida para o hospital de Newton Heath.
Segundo os médicos, seu estado é delicado, mas ela não corre risco de morte.

Sequelas de uma investigação extenuante
Como explicar esse gesto impensado? Sentimento de culpa? Excesso de trabalho? Incapacidade de virar a página após uma investigação extenuante? São possíveis explicações. Henry Polster, superintendente da polícia de Manchester, acaba de revelar que Madeline Greene estava de licença desde que soubera da morte de Alice Dixon, 14 anos, última vítima de Harald Bishop, o famigerado serial killer preso dias atrás pela polícia de Merseyside. Entre os colegas da srta. Greene, a surpresa se mistura à emoção. “Mesmo na cadeia, o Carniceiro de Liverpool quase fez uma nova vítima”, lamentou o parceiro dela, o detetive Jim Flaherty.

Jonathan esfregou a cabeça — aquelas notícias policiais haviam aparentemente

galvanizado a atenção da Grã-Bretanha durante meses, mas não haviam atravessado o Atlântico.

— Já ouviu falar do “caso Alice Dixon” ou do “Carniceiro de Liverpool”? — perguntou casualmente ao amigo.

— Nunca — asseverou o canadense.

Claro. Não valia a pena sonhar; pessoas como Marcus viviam num universo flutuante, isolado da realidade. Um mundo em que Bill Clinton continuava presidente, o Muro de Berlim estava de pé e ainda se jogava fliperama ou *Pacman* nos bares...

A ideia se impôs como uma evidência. Jonathan ligou o celular de Madeline e entrou no programa protegido por senha.

ENTER PASSWORD

Digitou “ALICE” e o aplicativo desbloqueou...

* * *

O celular continha centenas de documentos relativos ao “caso Dixon”: anotações, reportagens, fotografias, vídeos. À medida que os exibia na tela, Jonathan os transferia para o computador a fim de consultá-los mais tarde. No início, pensou que aqueles arquivos constituíam uma espécie de volumoso clipping de imprensa relativo ao sequestro e ao assassinato da adolescente, mas, quanto mais avançava em sua descoberta, mais compreendia por que Madeline fizera de tudo para proteger aqueles dados. A jovem policial escaneara, copiara, duplicara todos os elementos do dossiê de seu último caso! Ali se encontravam misturados suas próprias anotações, registros de impressões digitais, gravações de suspeitos filmados em interrogatórios, dezenas de páginas de investigações *in loco*. Inúmeros documentos confidenciais timbrados com o emblema da Greater Manchester Police, que nunca deveriam ter saído das dependências de uma delegacia ou de um tribunal...

— O que é isso, papai? — perguntou Charly, preocupado ao ver um monte de fotografias sangrentas desfilarem no computador do pai.

— Não olhe, querido, não é para criança — respondeu Jonathan, virando o notebook.

Verificou a velocidade do carregamento. Apesar do wi-fi, o ritmo não era muito rápido, sendo necessárias ainda cerca de duas horas.

— Vem! Vamos jogar basquete com o tio Marcus — o garoto sugeriu com a voz animada.

Desceram para um dos terrenos gradeados que margeavam o Levi’s Plaza. A partida foi disputada. Charly se saiu bem e, após ter feito umas vinte cestas, voltou esgotado para casa. Tomou uma ducha, mastigou um pedaço do seu peixe e dormiu

assistindo a um episódio de *Two and a Half Man*.

Jonathan o carregou para o quarto. Do lado de fora, anoitecera. Marcus acendera seu baseado, que degustava no terraço como se fosse um havana, conversando com Bóris. Jonathan vasculhou no congelador e pegou uma garrafa de vodca de cereja, presente de uma cliente russa. Enquanto ativava a tela do computador, serviu-se de um copo daquela aguardente que, segundo o rótulo, fora destilada sobre carvão de carvalho antes de ser filtrada num leito de diamantes.

Só isso...

Certificou-se de que o conjunto dos dados fora efetivamente carregado no disco rígido. Não eram dezenas, mas centenas de documentos que Madeline levava consigo. No total, cerca de mil peças formavam um quebra-cabeça macabro e trágico. Visivelmente, ela se dedicara àquele caso por seis meses, trabalhando dia e noite até perder a saúde e a razão. Uma história suja que quase lhe ceifara a vida...

Jonathan abriu as últimas fotos baixadas; eram insuportáveis. Titubeava em seguir adiante. Tinha realmente vontade e coragem de chafurdar numa história de desaparecimento e assassinato infantil?

A resposta era não.

* * *

Ainda assim, tomou de um gole o copo de vodca, serviu-se de outro e mergulhou no inferno.

SEGUNDA PARTE

O caso Alice Dixon

12
Alice

Aconteceu durante aquele verão verde e louco. Frankie tinha doze anos. Ela não fazia parte de nenhum clube nem de qualquer coisa no mundo. Transformara-se numa criatura sem laços, que se arrastava pelas portas com medo.

— Carson McCullers

Três anos antes
8 de dezembro de 2008
Delegacia de polícia de Cheatam,
nordeste de Manchester

Madeline levantou a voz:

— Vai ter que me explicar a coisa com mais clareza, porque continuo sem entender. Por que você esperou oito dias para registrar o desaparecimento da sua filha?

Sentada diante dela, a tez pálida e os cabelos emplastrados, Erin Dixon se contorcia na cadeira. Incomodada, trêmula, piscava as pálpebras e triturava o copinho de café de plástico.

— Sabe como são os adolescentes, porra! Eles vão e vêm. E depois, eu já disse: a Alice sempre foi independente, ela se vira sozinha, ela...

— Mas ela só tem catorze anos! — cortou-a friamente Madeline.

Erin balançou a cabeça e pediu autorização para sair e fumar um cigarro.

— Nem pensar! — decretou a policial.

Ela franziu os olhos e fez uma pausa. A mulher a quem interrogava tinha trinta anos (a mesma idade dela), mas lhe faltavam vários dentes. O rosto, cruamente iluminado pela luz fria do teto, estava devastado pela fadiga e pelos hematomas.

Fazia uma hora que estava nas dependências da delegacia. Erin passara por todas as fases: primeiro as lágrimas, ao denunciar o desaparecimento da filha, depois a agressividade e a raiva, à medida que o interrogatório se prolongava e ela se revelava incapaz de alinhar duas frases coerentes para explicar *por que* levara uma semana para registrar queixa.

— E o pai dela, o que pensa disso?

Erin deu de ombros.

— Faz muito tempo que ele desapareceu... Para dizer a verdade, nem sei direito

quem é. Na época, eu trepava com todo mundo sem tomar precauções...

Bruscamente, Madeline se irritou. Trabalhara cinco anos no setor de entorpecentes e conhecia aquele comportamento de cor: aquela exaltação e aquele olhar fugidio eram sinais gritantes de abstinência de drogas. As marcas em torno dos lábios de Erin eram queimaduras deixadas por um cachimbo. A sra. Dixon era viciada em crack. Ponto-final.

— Bom, vamos até lá, Jim! — decidiu Madeline, pegando a jaqueta e a arma de serviço.

Enquanto dava uma passada no escritório do chefe, o parceiro escoltou Erin até o estacionamento e acendeu um cigarro para ela.

Já eram dez horas da manhã, mas o céu carregado de nuvens pretas dava a impressão de que o dia ainda não nascera de verdade.

* * *

— Recebemos a resposta do sistema central de emergências — anunciou Jim, desligando o celular. — Os hospitais não registraram nenhum prontuário com o nome de Alice Dixon.

— Eu podia ter apostado — respondeu Madeline, passando a marcha.

O Ford Focus deu uma brusca derrapada na estrada molhada. Giroflex aceso e sirene ligada, o carro investia em direção aos bairros da zona norte. Com a mão esquerda no volante e a direita apertando um aparelho de rádio, a investigadora tomava as primeiras providências: divulgação da fotografia de Alice para todas as delegacias do país, comunicação de seu desaparecimento à imprensa e à redação dos jornais televisivos, pedido urgente para mobilizar uma equipe da polícia científica...

— Mais devagar, vai nos matar desse jeito! — queixou-se Jim, enquanto Madeline mordia perigosamente o meio-fio.

— Não acha que já perdemos muito tempo?

— Justamente, estamos a apenas dez minutos...

— Você é realmente muito burro!

Os dois tiras chegaram ao cruzamento de um bairro popular. Com suas fileiras de casas de tijolos vermelhos se estendendo a perder de vista, Cheatam Bridge era o protótipo do antigo subúrbio industrial deteriorado. Naqueles últimos anos, os Trabalhistas haviam injetado muito dinheiro para revitalizar os bairros do noroeste, mas Cheatam Bridge não usufruíra muito dessa iniciativa. Vários apartamentos estavam vazios, quase todos os jardins abandonados, e a crise que sufocava a economia inglesa não melhorava as coisas.

Se o setor não ocupava um lugar privilegiado nos guias turísticos, o que dizer de Farm Hill Road, o cortiço onde morava a mãe de Alice? Era um verdadeiro enclave de miséria, corroído pela criminalidade. Madeline e Jim seguiram Erin Dixon através

de um conglomerado de barracos entregues aos mendigos, às putas e aos traficantes de crack.

Entrando no barraco, Madeline sentiu náuseas. A sala era esverdeada e repugnante: colchões no chão, janelas vedadas com papelão e pedaços de zinco, comida estragada em todos os cantos... Visivelmente, Erin adaptara seu apartamento para ser uma "cracolândia", a fim de extorquir um pouco de dinheiro dos *junkies* que usavam o local. Mas, embora devesse ter desconfiado que a polícia revistaria sua casa, não se dera ao trabalho de maquiar suas atividades: um cachimbo artesanal fabricado com uma latinha ainda estava jogado no parapeito da janela, ao lado de garrafas de cerveja vazias e um cinzeiro onde jazia um baseado quase todo consumido.

Madeline e Jim trocaram um olhar inquieto; considerando o número de viciados que deviam frequentar o lugar, a investigação não seria simples. Subiram até o primeiro andar, empurraram a porta do quarto de Alice e...

* * *

O lugar destoava do resto da casa. O aposento era sóbrio e bem arrumado, com uma escrivaninha, estantes e livros. Graças a um aromatizador de ambiente, um cheiro agradável de íris e baunilha pairava no ar.

Um outro mundo...

Madeline ergueu os olhos e observou atentamente as paredes do quartinho decoradas com ingressos e programas dos espetáculos a que Alice assistira: óperas — *Carmen* e *Don Giovanni,* no Lowry Theatre —, uma peça — *Algemas de cristal*, no Playhouse —, um balé — *Romeu e Julieta*, na sede da BBC Philharmonic Orchestra.

— Essa garota por acaso é uma extraterrestre? — perguntou Jim.

— É — resmungou Erin. — Ela... Ela sempre foi assim: sempre mergulhada nos livros, na pintura, na música... Me pergunto a quem puxou.

Não a você, com certeza, pensou Madeline.

A policial estava hipnotizada diante do que descobria. De ambos os lados da escrivaninha, duas reproduções de quadro se defrontavam: um *Autorretrato* de Picasso datando da fase azul e o famoso *Verrou*, de Jean-Honoré Fragonard.

Jim olhava os títulos dos livros nas estantes: romances clássicos, peças de teatro.

— Conhece muitas adolescentes de Cheatam Bridge que leem *Os irmãos Karamazov* e *As ligações perigosas*? — ele perguntou, folheando os dois livros.

— Só conheci uma — respondeu Madeline, com expressão ausente.

— Quem?

— Eu...

Ela expulsou a lembrança da mente. As mágoas da infância continuavam vivas e aquele não era realmente o dia para se apiedar de sua sorte.

Vestiu um par de luvas de látex e abriu todas as gavetas, vasculhando o aposento de ponta a ponta.

Nos armários, Madeline encontrou uma dezena de pacotes de biscoito de chocolate recheados de baunilha — Oreo —, bem como garrafinhas de plástico de leite sabor morango Nesquik.

— Ela praticamente só come biscoito molhado no leite — explicou a mãe.

Alice "partira" sem levar nada: o violino estava pousado na cama e o computador — um velho e obsoleto Mac bolha— reinava na escrivaninha. Quanto ao seu diário íntimo, jazia ao pé da cama. Madeline o abriu com curiosidade e descobriu na aba uma nota de cinquenta libras esterlinas dobrada em quatro.

Um fulgor doentio brilhou no olhar de Erin. Visivelmente, recriminava-se por não ter tido a presença de espírito de revistar o quarto antes dos policiais.

Mau presságio, pensou Madeline. *Se a garota tivesse fugido, não teria deixado uma soma dessas para trás*.

A equipe que ela pedira acabava de chegar, e ela requisitou à polícia científica que passasse um pente-fino na casa. Com suas pinças, bisturis e perfuradoras, os técnicos colheram diversas amostras, que iam colocando em tubos herméticos. Enquanto seus homens levavam as principais provas materiais, Madeline abriu um arquivo de gavetas no qual a adolescente guardava alguns deveres escolares — as notas eram excelentes, e os comentários dos professores, elogiosos.

Alice construíra só para ela uma cidadela de cultura a fim de escapar de seu cotidiano sórdido. A educação e o conhecimento como escudos para se proteger da violência, do medo e da mediocridade...

* * *

Cinco viaturas policiais estavam agora estacionadas em Farm Hill Road. Madeline trocou algumas palavras com o responsável pela unidade científica, que lhe assegurou ter encontrado fios de cabelo suficientes na escova de Alice para dispor de amostras de DNA de boa qualidade.

Em seguida, a policial se recostou no capô do carro e acendeu um cigarro, olhando fixamente para a fotografia de Alice. Era uma garota bonita, alta e magra, aparentando ser mais velha do que realmente era. O rosto diáfano, sublinhado por discretas sardas, traía origens irlandesas. Tinha olhos amendoados verde-claros que lembravam os retratos de Modigliani e nos quais era possível ler uma grande lassidão, bem como uma vontade manifesta de esconder a beleza, consciente de que, no ambiente onde vivia, ela lhe traria mais aborrecimentos que gratificações.

O que esperar do futuro quando as condições para dar a largada na vida são tão difíceis? Como era possível crescer naquele pardieiro, em meio a drogados e tresloucados, sem acabar ficando um pouco louco?

Será que você acabou fugindo?, Madeline perguntou mentalmente a Alice. *Será que deixou esse bairro podre por onde só circulam arruinados? Será que quis fugir dessa mãe retardada que nem é capaz de dizer quem é o seu pai?*

Mas Madeline não acreditava naquela história. Alice parecia ser uma garota inteligente e organizada. Fugir daquele antro? Tudo bem. Mas para onde? Com quem? E para fazer o quê?

* * *

Usou a guimba para acender outro cigarro.

O quarto de Alice reavivara as lembranças de sua própria história. Como noventa e nove por cento dos moleques criados no bairro, Madeline tivera uma infância caótica, entre uma mãe depressiva e um pai beberrão. Adolescente, jurara fugir daquele desastre humano, tentar a sorte em outro lugar. Seu grande sonho era um dia morar em Paris! Era boa aluna e passara na faculdade de direito, depois a realidade do bairro a alcançara novamente e ela entrara na polícia, subindo rapidamente na hierarquia, mas permanecendo enraizada no marasmo e na tristeza de Cheatam Bridge.

Não se queixava da sorte, ao contrário. Seu trabalho lhe agradava porque tinha um sentido: tirar de circulação os criminosos, permitir que familiares passassem decentemente pelo luto encontrando os assassinos de seus parentes, salvar vidas às vezes. Claro, não era fácil todos os dias. Ali, como em toda parte, reinava um profundo mal-estar entre os tiras. Não apenas não se sentiam respeitados, como seu status atraía insultos e ameaças. Era uma realidade generalizada, mas sentida com maior intensidade num subúrbio como Cheatam Bridge. Os colegas lotados no pedaço escondiam sua profissão dos vizinhos e pediam aos filhos que fizessem a mesma coisa na escola. As pessoas gostavam muito dos tiras nas séries de tevê, mas cuspiam nos que trabalhavam em sua comunidade... Era preciso então administrar um estresse diário, resistir à hostilidade da população, ao desinteresse dos superiores. Aceitar ver seu carro apedrejado e se virar com peças de outra era: vários camburões não tinham nem rádio, alguns computadores ainda rodavam com Pentium II...

Havia momentos em que era difícil. Você começava a sentir intimamente, pessoalmente, o absurdo das ocorrências mortais, o sofrimento das mulheres espancadas, o horror das crianças violentadas, a dor das famílias das vítimas.

De tanto viver deprimidos e sob pressão, alguns terminavam explodindo. No ano anterior, um policial de sua unidade perdera o controle e matara, sem razão aparente, um pequeno delinquente durante a abordagem; seis meses antes, uma jovem estagiária se suicidara na delegacia com a arma de serviço.

Ao contrário de muitos de seus colegas, Madeline não era nem desencantada nem

depressiva. Permanecera voluntariamente naquele bairro “difícil” para ser promovida com maior rapidez. Nem os velhos dinossauros nem os jovens recrutas ficavam ali. O que lhe abria perspectivas de carreira... Com o passar dos anos, conquistara então certa autonomia, que lhe permitia investigar os casos mais “interessantes”, que eram também os mais tristes e sangrentos.

— Ela não fugiu de casa, não é? — perguntou Jim, juntando-se a ela.

— Não. Se fosse uma fuga, já teríamos localizado a garota, e ela não teria deixado suas cinquenta libras para trás.

— Com o que Erin deve ter na conta bancária, penso que também podemos eliminar sequestro.

— Com certeza — ela aprovou —, mas, em todo caso, vamos investigar o bando de drogados que a cerca. Com esses caras, pode se tratar de uma vingança ou de um rapto.

— Vamos encontrar a menina — afirmou Jim, como para persuadir a si mesmo.

Não estavam nos Estados Unidos nem num romance policial — na Inglaterra atual, eram raros os casos de desaparecimento de menor não elucidados.

Dois anos antes, Madeline e Jim haviam supervisionado as investigações sobre o desaparecimento de um menino sequestrado quando brincava no quintal da casa dos pais. O alerta fora imediato; num tempo curtíssimo, conseguiram acionar recursos consideráveis. O sequestrador fora preso poucas horas depois, graças à identificação de seu carro e, em seguida, confessara. Antes do anoitecer, haviam descoberto o garotinho, algemado numa cabana, mas vivo e saudável.

Relembrando esse episódio, que mostrava a importância da capacidade de reação, Madeline explodiu de raiva:

— Porra, que imbecil! — vociferou, dando um soco no capô do Focus. — Esperar uma semana para registrar o desaparecimento da filha! Vou colocar essa mulher atrás das grades!

Em qualquer caso de desaparecimento, as primeiras quarenta e oito horas eram determinantes. Se, transposto esse limite, ninguém fosse encontrado, havia fortes chances de nunca mais vir a sê-lo.

— Calma! — pediu Jim, afastando-se. — Aqui está o número do celular da garota. Vamos ver se conseguimos rastrear as ligações dela.

Madeline olhou a fotografia mais uma vez e sentiu um nó na garganta. Via em Alice uma irmãzinha, uma filha até... Como Erin, ela poderia ter engravidado de um canalha do bairro aos dezessete anos, ao voltar de uma boate no sábado à noite, no banco traseiro de um Rover 200.

Onde você está?, murmurou.

Coisa que raramente lhe acontecia, sentiu-se invadida por uma certeza inabalável: Alice estava viva. Contudo, mesmo nesse caso, Madeline não alimentava nenhuma

ilusão. A adolescente não estava num lugar confortável. Devia estar no porão escuro e úmido de um depravado ou nas garras de uma máfia especializada em tráfico de adolescentes e prostituição.

Em todo caso, uma coisa era certa.

Ela devia estar com medo.

Um medo horrível.

13
Sem pistas

Everybody counts or nobody counts.
— Michael Connelly

A última "pessoa" a ver Alice Dixon viva fora… uma câmera de vigilância. No vídeo, recolhido no cruzamento da Pickle Cross, distinguia-se a silhueta franzina da adolescente descendo do ônibus, com a mochila nas costas. Era possível vê-la claramente virando a esquina para entrar na travessa que levava ao colégio. Um itinerário de menos de oitocentos metros. E depois... mais nada. Dias de silêncio, indiferença e mistério. Ninguém vira nem ouvira nada. Como se Alice tivesse evaporado.

* * *

Como todas as grandes cidades da Inglaterra, Manchester estava protegida por milhares de câmeras. Havia dez anos, uma política de videovigilância de grande amplitude fora instaurada em cada canto da cidade. Dessa forma, um cidadão podia ser filmado até trezentas vezes por dia. Um recurso inigualável na luta contra a delinquência. Pelo menos no discurso dos políticos, pois a realidade era outra: por falta de verba, o material apresentava frequentes defeitos. No dia do desaparecimento de Alice, todos os aparelhos que cobriam o setor do colégio estavam enguiçados ou desajustados, com as imagens confusas ou inutilizáveis...

* * *

Nos dias seguintes, Madeline mobilizou cento e cinquenta policiais para vasculhar apartamentos, porões e quintais num raio de três quilômetros em torno da escola. Foram colhidos depoimentos de centenas de pessoas, pedófilos conhecidos foram interrogados e seguiram a pista de uma van branca suspeita, que vários alunos haviam notado.

* * *

Convencida de que Erin Dixon carregava uma pesada responsabilidade na elucidação do desaparecimento de Alice, Madeline a colocou sob custódia, interrogando-a durante mais de vinte horas. Para a policial, Erin era uma vampira,

escrava do crack, capaz de tudo por uma dose, até vender a filha a uma rede de prostituição. Mas seu depoimento não trouxe muita coisa. A conselho de seu advogado, Erin exigiu passar pelo detector de mentiras — uma grande enganação — e foi bem-sucedida no teste. Saiu livre do interrogatório e se deu ao luxo, diante das câmeras, de lançar com a voz trêmula um apelo a eventuais sequestradores.

* * *

O serviço de informática da delegacia hackeou com facilidade a senha do computador de Alice: HEATHCLIFF, como o herói de *O morro dos ventos uivantes*, seu romance preferido. Infelizmente, nem a análise do disco rígido nem a da caixa de e-mail resultaram em alguma pista séria.

* * *

Percorrendo o diário íntimo de Alice, Madeline descobriu que a adolescente tinha o costume de emendar vários biscates, mentindo sobre sua idade. Era assim que arranjava dinheiro para pagar seus livros e seus programas culturais. Nos últimos meses, trabalhara no Soul Café, um bar da Oxford Road, no bairro universitário. Autuado por ter contratado uma menor, o dono foi descartado no que se referia ao sequestro.

* * *

Em 15 de dezembro, mergulhadores vasculharam mais de dois quilômetros da margem oeste do rio Irk. Outros, o lago de Rockwell, situado a quatrocentos metros da escola. Retiraram das águas várias carcaças de carros, carrinhos de supermercado, uma mobilete, duas geladeiras e grades de segurança. Mas nenhum corpo.

* * *

Jim dissecou todas as ligações recebidas e transmitidas do celular da menina. Todos os contatos dela foram interrogados. Seus depoimentos não deram em nada.

* * *

O Natal passou sem que a investigação progredisse um milímetro.

Madeline abdicou das férias. Começou a tomar remédios para conseguir dormir algumas horas.

Não era, contudo, uma iniciante. Fazia anos que trabalhava naquele bairro sinistro. Anos em que a violência e o horror faziam parte de seu cotidiano. Anos em que ela

se via às voltas com cenas de crime, autópsias e interrogatórios de indivíduos da pior espécie. Perseguira homicidas, prendera estupradores e traficantes, flagrara pedófilos, desmantelara redes de narcotráfico. Se fosse contar, trabalhara em dezenas e dezenas de homicídios. Três anos antes, ela quase morrera durante um tiroteio entre duas gangues: uma bala de .357 Magnum resvalara nela, rasgando um pouco a pele do crânio e lhe deixando uma cicatriz que ela pelejava para disfarçar com o cabelo.

Sua vida era a investigação.

Ainda que isso significasse obsessão, solidão e perigo permanente.

Ainda que a transformasse em fantasma para os amigos, a família e os colegas.

Mas, no presente caso, não era justamente este o preço a pagar: virar um fantasma para encontrar outro fantasma...?

* * *

Em janeiro, Jim e sua equipe verificaram as chamadas telefônicas feitas da cabine mais próxima da escola nas horas que haviam precedido e seguido o desaparecimento de Alice. O nome de seus autores foi cruzado com os arquivos da polícia. Mais de duzentos eram manjados, quase sempre por delitos menores. Todos foram ouvidos, seus álibis verificados, seus domicílios revistados. Entre eles, havia um homem de cinquenta anos, Fletcher Walsh, condenado por estupro vinte anos antes e dono de uma van branca...

* * *

Aparentemente, o álibi de Fletcher Walsh era sólido, mas, farejando sua garagem, a brigada de cães encontrou vestígios de sangue na traseira de seu veículo. As amostras foram enviadas para o serviço médico-legal de Birmingham e a polícia vigiou Walsh vinte e quatro horas por dia à espera dos resultados.

* * *

Em 13 de fevereiro, o porta-voz da Manchester Greater Police comunicou que as análises dos vestígios de sangue encontrados na van de Fletcher Walsh não permitiam afirmar com certeza que pertenciam a Alice Dixon.

* * *

A mídia começou então a se desinteressar pelo caso. Os efetivos policiais empregados na investigação foram distribuídos em outros locais. A investigação estagnou.

* * *

Todas as noites, Madeline continuava a sonhar com Alice, assombrada por seu olhar. Todas as manhãs, levantava-se esperando descobrir um novo indício ou pista que teriam sido desprezados.

Seus colegas e superiores sempre a consideraram uma policial durona, mas dessa vez ela hesitava. Forjara-se sobre bases instáveis, feitas de uma blindagem protetora que não excluía a real compaixão. Seu desempenho até melhorava quando o sofrimento das vítimas se tornava o seu também. Uma proximidade perigosa, mas que lhe dava eficiência.

Foi o que aconteceu com Alice. Desde o primeiro dia, o desaparecimento da garota a devastara. Ela lhe trazia recordações da adolescente que fora. Uma identificação perturbadora, um elo confuso, um laço visceral. Um sentimento que ela sabia ser devastador, mas contra o qual nem sequer tentou lutar.

Não era apenas um assunto pessoal, era mais do que isso. A certeza de que no fundo ela era a única pessoa a se preocupar *de verdade* com o destino da menina. A sensação de ter substituído sua mãe, de carregar nos ombros a responsabilidade pelo seu desaparecimento.

Naquela noite, fez uma promessa: se não fosse capaz de encontrar Alice viva, nunca teria um filho...

* * *

A impotência a derrubava. Às vezes, era pior do que se houvessem anunciado a morte da menina, pois não parava de imaginar o que Alice devia estar sentindo. Imagens lúgubres e opressoras lhe invadiam o espírito.

Para se agarrar a alguma coisa, chegou a consultar um médium. Apalpando uma roupa pertencente a Alice, o charlatão asseverou que a adolescente estava morta e deu o endereço do canteiro de obras onde repousava o corpo. Madeline mobilizou uma equipe para vasculhá-lo de ponta a ponta. Pura perda de tempo.

* * *

Sabendo daquele deslize, seu chefe a aconselhou a tirar alguns dias de folga. “Precisamos encarar a realidade: Alice Dixon desapareceu há três meses. Isso é trágico, mas nesse estágio você sabe muito bem que as chances de encontrá-la são praticamente inexistentes. Há outras investigações e outros casos nos quais precisamos de você...”

* * *

Mas Madeline se sentia incapaz de trabalhar em “outras investigações e outros casos”. Estava disposta a tudo para conservar a frágil esperança de encontrar Alice.

* * *

Resolveu então visitar o diabo em pessoa.

14
Inimigo íntimo

Sempre temos escolha. Somos inclusive a soma de nossas escolhas.
— Joseph O'Connor

Madeline estacionou seu carro com placa fria em frente ao Black Swan, pub irlandês pertencente à família Doyle há várias gerações.

Cheatam Bridge era um pequeno enclave de menos de dez mil habitantes três quilômetros a noroeste do centro de Manchester. De maioria irlandesa em priscas eras, o ex-bairro industrial vivera sucessivas migrações de indianos, caribenhos, paquistaneses, africanos e, mais recentemente, de europeus do Leste. Essa mistura étnica gerava um espantoso leque de culturas, mas também estava na base de uma guerra de gangues homicida e incansável. A ação da polícia era difícil ali, e os índices de criminalidade, assustadores.

Tão logo entrou no pub, Madeline foi interpelada por uma voz irônica:

— Olá, Maddie! Sabia que você continua com a bundinha mais linda de toda a polícia de Manchester?

Ela se voltou para, no fundo do estabelecimento, perceber Danny Doyle com os cotovelos no balcão, em frente a uma caneca de cerveja escura que ele ergueu em sua direção. Estava cercado por seguranças, que riam aduladoramente de sua piada.

— Bom dia, Daniel — ela disse, avançando. — Há quanto tempo.

Danny "Dub"* Doyle era o líder de um dos clãs mais poderosos da bandidagem de Manchester. O *capo* de uma dinastia familiar criminosa que reinava havia cinquenta anos no reino podre de Cheatam Bridge. Aos trinta e sete anos, passara diversas temporadas na prisão, e sua ficha criminal era interminável: tortura, tráfico de drogas, assaltos, lavagem de dinheiro, favorecimento à prostituição, agressões a policiais...

Danny era sobretudo um homem violento, capaz de crucificar numa mesa de bilhar o chefe de uma gangue rival. Com seu irmão e seu bando, "Dub" matara umas vinte pessoas, em geral durante sessões de tortura de extrema crueldade.

— Posso lhe pagar uma cerveja? — ele sugeriu.

— Prefiro uma taça de Bordeaux — respondeu Madeline. — Sua Guinness nojenta me dá ânsia de vômito.

Um murmúrio de surpresa percorreu os guarda-costas de Doyle. Ninguém se atrevia a falar com Danny naquele tom, muito menos uma mulher. Madeline encarou

com desprezo o areópago de valentões. Era uma mistura de gorilas e moleques que tinham visto demais *Scarface* e *O poderoso chefão*. Procuravam imitar as poses e as falas dos filmes, mas, com sua cara de touro e seu sotaque de meia-tigela, jamais teriam metade da classe dos Corleone.

Sem erguer a voz, Danny Doyle perguntou ao barman se tinha Bordeaux na adega.

— Bordeaux? Não. A menos que... Talvez nos caixotes que Liam roubou dos russos...

— Vá verificar — ordenou Doyle.

Madeline o fitou nos olhos.

— Está escuro aqui. Vamos ao terraço aproveitar o milagre do dia bonito.

— Vá na frente.

Doyle era uma criatura complexa e torturada. Dividia a liderança do clã com o irmão gêmeo, Jonny, saído do ventre da mãe cinco minutos depois dele, mas que nunca aceitara o status de caçula. Sujeito a crises de violência imprevisíveis, Jonny sofria de esquizofrenia paranoide e havia sido internado diversas vezes. Seu caso era mais para hospício do que para prisão. Dos dois, Jonny era o bruto sanguinário, e Madeline sempre pensara que era em parte para manter a dominação sobre o irmão que Danny se deixara arrastar naquela espiral de violência.

Quando chegaram ao pátio, um ruivo avançou com a intenção de revistar a policial, mas Madeline o dissuadiu:

— Se me tocar, te parto ao meio.

Danny deu um leve sorriso e levantou a mão para acalmar seu pessoal e despachá-lo. Ele mesmo pediu a Madeline que lhe entregasse a arma e se certificou de que ela não escondia outra nas costas ou no tornozelo.

— Não aproveite para me bolinar!

— Eu sempre digo para os meus seguranças: todo mundo sabe que, se os tiras decidirem me matar um dia, vão pedir para você fazer o trabalho sujo...

Sob um caramanchão de trepadeiras encantadoramente bucólico, sentaram-se de frente um para o outro numa mesa de ferro esmaltado.

— Parece que estamos na Provença ou na Itália — disse Doyle, para desfazer a incongruência da situação.

Madeline teve um arrepio. Não é fácil estar sentada diante do diabo.

Só que, antes de ser o diabo, Danny Doyle tinha sido seu colega no primário e, mais tarde, no liceu, o primeiro menino que ela permitiu que a beijasse...

— Estou ouvindo — disse Danny, cruzando as mãos.

De estatura mediana, cabelos castanhos, rosto liso e quadrado, Doyle fazia de tudo para parecer “mais um na multidão”. Madeline sabia que ele admirava o lado camaleão do personagem de Kevin Spacey em *Os suspeitos*. De preto dos pés à cabeça, usava sem ostentação um terno Ermenegildo Zegna, que devia ter custado

mais de mil libras. Ao contrário de seus cupinchas, Doyle escapava à caricatura. Tinha até o charme dos homens que desistiram de seduzir.

— Vim falar sobre Alice Dixon, Daniel.

— A garota que sumiu?

— Exatamente. Sou eu que estou no comando da investigação, há três meses. Tem alguma informação?

Danny balançou a cabeça.

— Não, por quê?

— Jura que não é você que está por trás disso?

— Por que eu iria sequestrar essa garota?

— Para colocá-la para trabalhar, para explorá-la...

— Ela tem catorze anos!

Madeline pegou a fotografia de Alice na carteira.

— Parece pelo menos dezesseis. E depois, é bonitinha, não acha? — disse ela, aproximando a foto do nariz dele. — Não me diga que não a pegaria...

Doyle não aguentou a provocação. Com um gesto rápido, agarrou Madeline pelos cabelos, aproximou o rosto dela a poucos centímetros do seu e a olhou direto nos olhos.

— Qual é o seu jogo, Maddie? Tenho todos os defeitos do mundo, tenho as mãos cheias de sangue e meu lugar já está reservado no inferno, mas NUNCA toquei numa criança.

— Então me ajude! — ela gritou, desvencilhando-se.

Doyle deixou a tensão baixar antes de perguntar, irritado:

— O que quer que eu faça?

— Você conhece todo mundo no pedaço e metade das pessoas lhe deve alguma coisa. Você resolve os problemas da vizinhança, protege os comerciantes, organiza até a distribuição de presentes de Natal para as famílias mais pobres...

— É o meu lado Robin Hood — ironizou Doyle.

— O que você quer na realidade é que um monte de gente fique lhe devendo algo.

— É a base dos negócios...

— Pois bem, quero que você utilize sua rede para me conseguir informações sobre o sequestro da Alice.

— Que tipo de informações?

— Depoimentos que as pessoas tenham se negado a dar à polícia.

Doyle suspirou e refletiu por alguns segundos.

— Maddie... Faz mais de três meses que essa guria desapareceu. Você tem plena consciência de que não vamos encontr...

— Não vim aqui para ouvir essas idiotices — ela o interrompeu antes de continuar com as exigências. — Entre os seus conhecidos, estão alguns políticos e

homens de negócios. Sujeitos que também são seus devedores, por você não ter mandado, para a mulher deles ou para a imprensa, fotos comprometedoras em que eles são vistos em orgias com garotas de programa. Enfim, você conhece melhor do que eu os detalhes, uma vez que era você quem pagava essas garotas...

Uma contração nervosa crispou os lábios de Doyle.

— Como ficou sabendo?

— Sou uma policial, Daniel. Sabe muito bem que seu celular está grampeado há meses.

— Celulares eu tenho uma dúzia — ele se defendeu, dando de ombros.

— Pouco importa. Quero que use esses "colarinhos-brancos" para mobilizar a opinião pública.

O barman lhes trouxe a garrafa de Bordeaux que conseguiu desencavar.

— Será que isso satisfaz a senhorita? — perguntou.

— Um Haut Brion 1989! — ela exclamou, observando o rótulo. — Não vamos abrir isso. É uma safra única!

Com um sinal de cabeça, Doyle ordenou ao barman, ao contrário, que lhes servisse duas taças.

— Pertencia a um filho da puta, um tal de Ruskoff, que jaz a sete palmos do chão! Então é um imenso prazer beber à saúde dele!

Para não contrariá-lo, Madeline molhou os lábios no néctar, enquanto aguardava a resposta de Doyle.

— Se eu te ajudar a encontrar essa garota, o que ganho em troca?

— Satisfação pessoal, a indulgência de Deus por alguns de seus atos, uma espécie de redenção...

Ele riu baixinho.

— E a sério?

Para ganhar coragem, Madeline tomou um demorado gole de vinho. Estava preparada para aquela barganha. Doyle não dava nada de graça, e era por isso que só viera visitá-lo como último recurso.

— Na GMP, um alcaguete nos informa sobre seus planos há várias semanas... — ela começou.

Doyle balançou a cabeça.

— Está afirmando que tem um dedo-duro na minha equipe? Você está blefando.

— Ele nos avisou sobre o assalto ao carro-forte do Butterfly Bank que você organizou, o da próxima sexta...

Doyle permaneceu impassível.

— Se eu te ajudar, você me passa o nome ele?

Madeline afundou ainda mais na cadeira.

— Nem pensar, já falei demais. Se vire para identificar sua ovelha negra.

— Você aceita comprometer sua reputação vindo me pedir ajuda, mas não está disposta a sujar as mãos até o fim, é isso?

— Daniel, por favor... Se eu lhe der o nome desse cara, ele estará morto antes do anoitecer.

— Quanto a isso, não resta dúvida — ele respondeu, fitando-a com um misto de afeição e severidade.

Eram unidos por um estranho laço. Afora ela, ninguém nunca o chamara de "Daniel", e ele tinha quase certeza de que ela também não permitia que muita gente a chamasse de "Maddie".

— Nessa história não existem meias medidas, Maddie. Ou você mergulha de cabeça para ajudar sua guria ou se recusa a se molhar. Você decide.

— Você não me deixa escolha.

— "Sempre temos escolha. Somos inclusive a soma de nossas escolhas." Isso está em que livro? Num dos romances que você me enviou durante minha primeira passagem pela prisão.

Diante de seus homens, Daniel bancava o ignorante, mas estava longe de ser o caso. Ao contrário do irmão, interessava-se por arte e, antes de ser preso, estudara economia e administração, primeiro em Londres, depois na Universidade da Califórnia.

Madeline puxou um papel dobrado em quatro do bolso do jeans e o estendeu para Doyle.

— Ok, aqui está o nome do delator — ela disse.

E se levantou para deixar o pub.

— Fique mais cinco minutos — ele pediu, segurando-a pela mão.

Mas ela se livrou da pressão. Então, para retê-la por mais alguns instantes, ele tirou um isqueiro do bolso e queimou o papel sem ler o conteúdo.

— Está bem, você ganhou.

Ela voltou a se sentar e ele lhe serviu outra taça de vinho.

— Por que não abandonou essa *fucking* Manchester? — ele perguntou, acendendo um cigarro. — Você repetia o tempo todo que queria morar em Paris...

— E você, por que não mora nos Estados Unidos? Essas imobiliárias e restaurantes que você compra em Los Angeles servem para quê? Para lavar dinheiro?

Ele driblou a pergunta, lembrando-se:

— Você queria abrir uma floricultura...

— E você dizia que queria escrever peças de teatro!

Doyle sorriu ante aquela lembrança. O clube de teatro do colégio. Ele tinha catorze anos.

— Pois o livro da minha vida já estava escrito antes do meu nascimento! Quando

se nasce em Cheatam Bridge e se chama Danny Doyle, você não escapa ao seu destino.

— Pensei que sempre tínhamos escolha — ela respondeu maliciosamente.

Uma luz se acendeu no olhar de Doyle, seguida por um sorriso franco que transformou instantaneamente seu semblante, dando-lhe uma expressão mais cativante. Difícil imaginar que era o mesmo homem que, um mês antes, decepara com um machado os pés e as mãos de um ucraniano que tentara passá-lo para trás. Ela sabia que o bem e o mal conviviam em todo indivíduo. Que alguns, voluntária ou involuntariamente, exploravam o que havia de pior neles. Nesse instante, ela se perguntou que tipo de homem Daniel seria se tivesse apostado na face luminosa de sua personalidade, em vez de enveredar pelo caminho tortuoso de uma fuga eterna com desfecho necessariamente funesto.

Houve então dois ou três segundos durante os quais o tempo se congelou. Aqueles dois ou três segundos de graça de quando ambos tinham quinze anos. Quando se sorriam. Quando Daniel ainda não matara ninguém. Quando ela não era policial. Quando Alice ainda não desaparecera. Dois ou três segundos durante os quais a vida ainda era cheia de promessas.

* * *

Dois ou três segundos...

* * *

Então, um cara apareceu no terraço e o feitiço doentio se rompeu.

— Precisamos ir, chefe, senão vamos perder o jamaicano.

— Te encontro no carro.

Daniel terminou sua taça de vinho e se levantou.

— Pode contar comigo para te ajudar, Maddie, mas esta pode ser a última vez que nos vemos.

— Por quê?

— Porque não vou demorar a morrer.

Ela deu de ombros.

— Você diz isso há anos.

Doyle esfregou as pálpebras com lassidão.

— Dessa vez todo mundo quer a minha pele: os russos, os albaneses, os tiras, o OFAC,** a nova geração do bairro, que não respeita mais nada...

— Você sempre soube que terminaria assim, não?

— Cedo ou tarde — ele respondeu, devolvendo-lhe a arma.

Olhou-a então pela última vez, e palavras que ele não preparara saíram

involuntariamente de sua boca:

— Nosso beijo... Sempre me lembro.

Ela abaixou os olhos.

— Foi há mais de vinte anos, Daniel.

— É verdade, mas eu queria que você soubesse que essa lembrança me acompanha até hoje e que não me arrependo.

Foi a vez de ela fitá-lo. Era duro de entender, era duro de admitir. Tinha alguma coisa de angustiante também, mas o mundo não era branco e preto, e a honestidade a levou a reconhecer:

— Eu também, Daniel, eu também não me arrependo.

Notas

* Dub: variante de Dubh, prenome irlandês que significa “ escuro”.

** Office ofForeign Assets Control: braço do Departamento do Tesouro americano que luta especialmente contra a lavagem de dinheiro.

15

The girl who wasn't there

Ela não sabia que o Inferno é a ausência.
— Paul Verlaine

Na semana seguinte ao encontro entre Madeline e Danny, novas testemunhas se apresentaram "espontaneamente" na delegacia, permitindo que a pista da van branca fosse reativada. Pelo menos três pessoas declararam ter percebido uma adolescente loura de uns quinze anos num veículo utilitário parecido com o utilizado por encanadores ou eletricistas.

Seus depoimentos permitiram compor o retrato falado de um homem de "tipo albanês", entre trinta e quarenta anos, que o promotor do Crown Prosecution Service aceitou divulgar amplamente.

* * *

Secretamente, Doyle criou um site na internet, www.alice-dixon.com, a fim de coletar doações para financiar centenas de cartazes que foram afixados nas estações, pontos de ônibus e galerias comerciais por toda a Inglaterra.

* * *

Em 21 de março, em Twickenham, por ocasião do Torneio das Seis Nações, foram distribuídos oitenta e dois mil folhetos para alertar os espectadores da partida de rúgbi entre Inglaterra e Escócia.

Fez-se a mesma coisa em 7 de abril, durante as quartas de final da Liga dos Campeões, entre o Manchester United e o FC Porto: o retrato de Alice foi projetado durante um minuto nas telas gigantes do Old Trafford, diante de setenta mil pessoas e várias centenas de milhões de telespectadores.

* * *

Daí em diante, os depoimentos se tornaram mais consistentes.

A delegacia recebeu uma penca de telefonemas de desmiolados e alucinados, mas as novas pistas se multiplicaram: um médico afirmou ter visto Alice, no dia de seu desparecimento, no Eurostar para Bruxelas. Uma prostituta declarou ter "trabalhado" com ela no bairro De Wallen, no Distrito da Luz Vermelha de Amsterdã, célebre por

suas sex shops, seus *peep shows* e suas garotas “de vitrine”. Uma *junkie* jurou ter dividido um baseado com ela no Soho. Um mochileiro afirmou com certeza que a vira num Mercedes preto num posto de gasolina de beira de estrada, na Polônia. Uma turista enviou à polícia uma fotografia batida perto da piscina de um hotel de luxo na Tailândia, onde se via uma adolescente parecidíssima com Alice. Estava acompanhada de um homem idoso. A foto foi divulgada na internet e estudada por especialistas, mas a pista foi categoricamente refutada.

* * *

Numa carta anônima, um desajustado reivindicou o sequestro, o estupro e o assassinato da garota, mas deixou várias impressões digitais que permitiram identificá-lo no mesmo dia. Descobriu-se sem demora que ele estava encarcerado no momento do desaparecimento de Alice.

* * *

Em 12 de abril, no terceiro subsolo de um estacionamento de Moss Side, foi encontrado o cadáver de Liam Kilroy, espancado até a morte com um bastão de beisebol. Ele era conhecido por ser um dos homens de confiança de Danny “Dub” Doyle. Aquela morte não interessou muito à polícia, pois Liam era também seu espião e sua principal cartada para tentar derrubar rapidamente o *capo* de Manchester.

* * *

Madeline não pregou o olho aquela noite.

16
A caixa

Quem banha as mãos no sangue
as lavará nas lágrimas.
— Provérbio alemão

Em 15 de junho, um estranho pacote chegou à delegacia de Cheatam Bridge.

Era dirigido à "Tenente Madeline Greene, responsável pelo caso Alice Dixon".

Era um recipiente hermético de plástico parecido com aqueles isopores usados em piqueniques. Madeline abriu a caixa: transbordava de cubos de gelo. Com as mãos, afastou os pequenos cubos translúcidos. A primeira camada era esbranquiçada, e, quanto mais ela escavava, mais um líquido avermelhado contaminava o gelo. Quando percebeu as manchas de sangue, seu ritmo cardíaco acelerou. Tentou não entrar em pânico e deu um tempo antes de voltar à exploração. No fundo havia... um pedaço de carne semicongelado que ela olhou com nojo. Depois compreendeu que se tratava de um órgão.

Um coração grosseiramente arrancado.

Um coração humano.

O coração de Alice.

* * *

Daquela vez, o laboratório de Birmingham dispunha de material suficiente e só precisou de poucas horas para confirmar que as amostras biológicas colhidas no coração congelado correspondiam ao DNA presente nos cabelos de Alice.

Agora, não restava mais sombra de dúvida.

Alice estava morta.

* * *

Naquele dia, alguma coisa quebrou dentro de Madeline. Ela voltou para casa como uma sonâmbula, engoliu vários copos de uísque e dois soníferos. No dia seguinte, faltou ao trabalho, bem como nos subsequentes. Durante três semanas, permaneceu prostrada na cama, numa espécie de letargia perdida entre o álcool e os remédios. A realidade se tornara intolerável para ela. Nada mais tinha importância. Nem mesmo prender o desequilibrado que se escondia por trás daquele crime. Ela

ficou sem chão, sem perspectivas, disposta a apertar o botão “off” da vida.

* * *

Em 19 de junho, o *Sun* anunciou que Erin Dixon fora abordada por uma empresa de produção e recebera um adiantamento de cinquenta mil libras esterlinas para que fosse levada à tela uma história sobre o desaparecimento e o assassinato da filha.

* * *

Em 26 de junho, durante uma blitz corriqueira, a polícia de Merseyside parou um tal de Harald Bishop. Em estado de embriaguez, o homem transportava na traseira de sua van instrumentos cortantes manchados de sangue. Afirmou no início ter destrinchado um javali que acidentalmente atropelara na floresta de Bowland. Mas suas declarações eram confusas e suspeitas. O homem foi conduzido à pequena delegacia de Prescot, onde aguardaram que se curasse da bebedeira. Quando o interrogatório começou, os policias em serviço não desconfiaram que tinham diante de si aquele que a imprensa apelidara anos atrás de “Carniceiro de Liverpool”.

No interrogatório, Bishop confessou mais de vinte assassinatos de jovens mulheres ou adolescentes e outros tantos estupros cometidos no período de 2001 a 2009.

A surpresa foi completa. Um simples controle de motoristas alcoolizados acabava de levar à prisão de um dos mais terríveis serial killers que a Inglaterra conhecera. Dezenas de homicídios ou sequestros não elucidados de até dez anos atrás encontravam finalmente solução.

A confissão de Harald Bishop durou a noite inteira. De madrugada, o último assassinato que ele confessou foi o de Alice Dixon. Explicou que jogara o corpo da garota no rio Mersey, após ter enviado seu coração à polícia de Manchester.

* * *

O caso foi manchete nos jornais durante semanas. Bishop foi ouvido dezenas de vezes, mas tinha a memória claudicante, quase sempre confundindo datas e permanecendo vago quanto ao desdobramento de alguns de seus crimes. Ao fazerem uma busca em sua residência, os investigadores encontraram tantos restos provenientes de cadáveres que não foi possível identificar todos eles com certeza.

* * *

Em 7 de julho, no meio da noite, Madeline Greene amarrou uma corda de varal na viga que atravessava o mezanino.

Aquilo tinha que acabar.

Com um resto de uísque, engoliu todos os remédios de que dispunha, essencialmente soníferos e ansiolíticos. Em seguida, subiu numa cadeira, agarrou a corda do varal e deu um laço. Enfiou nele a cabeça e o apertou.

Aquilo tinha que acabar.

No último mês, imagens de horror lhe invadiam a cabeça. Imagens insuportáveis que não lhe davam trégua. Imagens que a faziam sentir as abominações que Alice devia ter sofrido.

Aquilo tinha que acabar.

Aquilo tinha que acabar.

* * *

Então ela saltou.

17

A orquídea negra

Sozinha [...]. Estou sempre sozinha, aconteça o que acontecer.
— Marilyn Monroe

San Francisco
Manhã de segunda-feira

O dia nascia em Telegraph Hill. Os primeiros raios de sol refletiam nos cromados da geladeira, fazendo a cozinha passar brutalmente da penumbra à luz. Ofuscado por aquele reflexo, Jonathan levou a mão ao rosto.

Já é de manhã...

Esgotado pela noite insone que passara diante da tela do computador, massageou as pálpebras. Seus olhos queimavam, seus ouvidos zumbiam, seu cérebro estava saturado de horrores.

Levantou-se com dificuldade, ligou a cafeteira, mas, como um pugilista grogue após uma saraivada de socos, permaneceu um bom minuto sem reação, o olhar no vazio, sob o choque daquele mergulho nas trevas. Sentiu um calafrio; o fantasma de Alice, escoltado pela sombra de Madeline, ainda pairava no ar. Em sua mente, tudo se embaralhou: a demência assassina do Carrasco de Liverpool, a miséria de Cheatam Bridge, as devastações do crack, a ambiguidade de Danny Doyle, o sangue, as lágrimas, a morte... Apesar dessa lama, sua única vontade era voltar ao computador e continuar a explorar os poucos documentos do dossiê que ainda não abrira. Mas Charly não demoraria a se levantar e, antes de preparar o café da manhã do filho, precisava tomar uma chuveirada para se lavar daquela sandice. Deixou-se ficar um tempo sob a água escaldante, ensaboando-se até esfolar a pele para se desvencilhar das imagens de pesadelo que se agarravam ao seu cérebro. Perguntas lancinantes o dilaceravam e voltavam à carga. Que atrocidades Bishop impusera àquela pobre garota antes de matá-la? Fizera outras revelações sobre Alice? Madeline voltara a atravessar o caminho de Danny e, sobretudo, como a policial obstinada de Manchester se transformara na gentil florista parisiense?

* * *

Paris, 16º *arrondissement*
Dez horas da manhã

Madeline estacionou sua Triumph nas vagas reservadas aos veículos de duas rodas, no início da Avenue Victor-Hugo. Tirou o capacete, sacudiu os cabelos e empurrou a porta do L'Aiglon, um pequeno bistrô tradicional de aparência popular que destoava naquele bairro mais para chique. Sentou-se na primeira mesa perto da janela. De lá, tinha uma vista privilegiada do Café Fanfan, o restaurante de George LaTulip, cuja placa prestigiosa reinava do outro lado da rua. Pediu um chá, um croissant, tirou o laptop da mochila e...

O que eu vim fuçar aqui?

Feita pela outra metade do cérebro, a pergunta a desconcertou. Por que saía subitamente dos trilhos confortáveis de sua vida? Seu lugar era na loja, com Takumi e seus clientes. Não de tocaia, em frente ao restaurante de um sujeito que ela não conhecia nem de vista.

Você não está mais na polícia, minha cara! Você não está mais na polícia!, ela repetiu para si mesma para se convencer. Mas será que se abandona realmente uma profissão como aquela?

Resolveu deixar por alguns minutos entre parênteses o lado racional de sua personalidade. Pegou no bolso a matéria do tabloide que comentava o caso entre George e Francesca.

Ponha o cérebro para funcionar!, ordenou a si mesma, desdobrando o jornal sobre a mesa.

Mais uma vez, esmiuçou as fotos, provas irrefutáveis do adultério de Francesca. Alguma coisa não se encaixava naquelas fotos. Tinham um lado exageradamente artístico. Como ex-modelo, Francesca possuía um sexto sentido para fazer poses e jogar com a luz. Embora supostamente aquela série de fotos tivesse sido feita por um paparazzo, Madeline tinha convicção de que, longe de serem "roubadas", elas participavam de uma encenação minuciosamente estudada.

Mas por quem? E com que objetivo?

Deu uma mordida no croissant enquanto conectava o laptop à internet. No site do Café Fanfan, descobriu com facilidade o número de telefone do restaurante. Ligou e pediu para falar com George, mas lhe responderam que o sr. LaTulip não chegaria antes das onze. Ela aproveitou o tempo disponível para aprofundar um pouco suas buscas. O site era a cara do restaurante: moderno e luxuoso. Observando os créditos, constatava-se que o estabelecimento pertencia na verdade ao complexo hoteleiro de luxo Win Entertainment.

O grupo que comprou todos os negócios de Lempereur...

No cardápio — cujos preços eram estratosféricos —, reconheceu algumas receitas que haviam concorrido para a fama de Jonathan. George lhe roubara não só a mulher, como também suas receitas mais famosas!

Que injustiça...

Madeline fez uma nova busca com "George LaTulip" e caiu num blog... de mergulho. Aparentemente, LaTulip era apaixonado por fotografia submarina. Assiduamente atualizado, o site era uma vitrine de suas diferentes viagens e apresentava centenas de fotos sublimes de peixes multicoloridos, tartarugas imensas e corais de cores exuberantes. LaTulip explorava o mundo havia anos. Mergulhara em Belize, no Havaí, em Zanzibar, nas Maldivas, no Brasil, no México... Tudo era classificado, arquivado, comentado. Percorrendo as páginas do site, Madeline se deteve na foto de um magnífico tubarão-zebra. Segundo a legenda, o seláquio havia sido fotografado nas Maldivas, em 26 de dezembro de 2009. A data chamou a atenção da ex-policial. De acordo com o tabloide, as fotos com Francesca datavam de 28 de dezembro de 2009. Haviam sido tiradas numa praia em Nassau, nas Bahamas. Só que as Maldivas e as Bahamas ficavam a pelo menos quinze mil quilômetros de distância, em dois pontos totalmente opostos do globo terrestre... Ir de um ponto a outro de avião em menos de dois dias era certamente possível, mas difícil, considerando as diversas conexões. Ficou com a pulga atrás da orelha. Procurou aprofundar sua intuição. Clicando de página em página, observou que nenhuma das viagens de LaTulip durava menos de uma semana. O que é natural para alguém que vai ao fim do mundo para mergulhar... Ora, sua viagem às Maldivas durara apenas dois dias. Tudo, portanto, sugeria que George interrompera bruscamente suas férias para ir ao encontro de Francesca.

Madeline sentiu uma fisgada no estômago. Uma queimadura angustiante e deliciosa, um arrepio intenso, que sempre a acometia quando descobria a primeira pista de uma investigação. *Você não é* MAIS *tira*, repetiu sua voz interior.

Mas ela preferiu não escutá-la e, satisfeita com sua descoberta, saiu por alguns minutos até a calçada para fumar um cigarro.

* * *

San Francisco

— Bom dia, papai.

— Bom dia, filhote — disse Jonathan, erguendo Charly nos braços para beijá-lo antes de pousá-lo num dos banquinhos altos da cozinha.

A criança esfregou os olhos e mergulhou a cabeça na caneca de chocolate quente. Jonathan besuntou uma torrada com manteiga e mel e lhe passou. Charly agradeceu e perguntou se podia ver desenho no pequeno televisor. Naquela manhã, Jonathan tinha uma boa razão para lhe poupar seu sermão anticatódico.

— Claro, querido — respondeu, ligando o aparelho com o controle remoto.

Charly se aproximou da tevê. Jonathan aproveitou que o filho estava absorto no *Bob Esponja* para se instalar diante da tela do computador e voltar à exploração do

“dossiê Dixon”.

Entre os documentos que lhe restava percorrer, estava um arquivo de vídeo zipado que ele abriu após colocar os fones de ouvido. A qualidade da imagem não era essas coisas. Sem dúvida o filme fora feito com um celular ou uma câmera digital em meados dos anos 2000. O som, contudo, era audível.

Em primeiro plano, distinguia-se Madeline, de olhos fechados. Deitada num leito de hospital, parecia ainda em coma ou pelo menos profundamente dopada. Em seguida, o homem que segurava a câmera a pousava sobre a mesa de cabeceira e filmava a si próprio. Era um sujeito moreno, viril, de rosto quadrado, olhar triste e cansado.

— Você vai sair dessa, Maddie... — começou, com uma voz neutra.

Jonathan compreendeu imediatamente se tratar de Danny Doyle...

* * *

PARIS

O Porsche Panamera parou em frente ao restaurante às onze e meia da manhã. George LaTulip saiu do carro e entregou as chaves ao manobrista.

Sentada atrás do vidro do café, Madeline franziu os olhos para vê-lo melhor. Envelhecera um pouco se comparado às fotos, mas continuava em forma: aparência cuidada, silhueta atlética. As têmporas estavam ligeiramente prateadas, decerto, mas não o suficiente para ser catalogado como “velho bonitão”.

Decidiu dar um tempo e observá-lo. Considerando a hora em que chegara ao restaurante, George provavelmente se dedicava mais às relações públicas do que aos fogões. Portanto, ela estava convencida de que ele não se demoraria além do necessário, uma vez terminado o serviço.

Quanto mais se aproximava da hora do almoço, mais apinhado ficava o L’Aiglon — o pequeno café no qual ela encontrara refúgio. A dona perguntou se ela queria comer alguma coisa, o que ela aceitou para não perder seu posto de observação. Pediu o prato do dia. O cardápio não era o mesmo do outro lado da rua, mas ela estava com tanta fome que devorou rapidamente a “salsicha de Toulouse com tomilho e cebolas caramelizadas”.

Pronto, de volta ao trabalho de campo: os esconderijos, as perseguições, as conjecturas, as refeições na birosca... Embora convencida de haver riscado tudo isso de sua vida, os antigos reflexos voltavam a galope. O que pretendia provar a si mesma? Que não perdera o faro? Que ainda era capaz de desemaranhar os fios de um mistério?

Aquilo a excitava tanto que a assustava. Nos últimos dois anos, fizera de tudo para apagar seu passado e agora temia que ele ressurgisse bruscamente, como um

palhaço que pula da caixa. Sentia-se como uma *junkie* ou uma alcoólatra: nunca totalmente curada, suscetível de ter uma recaída ante a menor tentação.

Aquela evocação do passado a emocionou. Manter o sofrimento longe. Sobretudo não pensar mais em Alice. Sua última investigação a levara ao fundo do poço. Ela despertara no hospital após dois dias em coma, em consequência do suicídio fracassado. Quando abrira os olhos, estava com o celular na mão. Ainda um pouco zonza, olhara para ele sem compreender. Na mesa de cabeceira, ao lado de um buquê de violetas simples, repousava um envelope, de onde ela puxara um cartão:

"Sempre temos escolha."
Se cuide,
Daniel

Verificou o celular e constatou que alguém usara o aparelho para filmar alguma coisa. Quando abriu a gravação, o rosto de Danny apareceu na tela. Nunca o vira tão cansado, tão "humano".

— Você vai sair dessa, Maddie... — ele começou, com uma voz neutra.

* * *

— Você vai sair dessa, Maddie, mas não vai ser sempre assim. Conheço os tiras; eles não diferem muito de gente como eu. Sei que no fim das contas a maioria termina percorrendo o mesmo malfadado caminho: o caminho das trevas, da violência, do sofrimento, das obsessões, da morte...

Sei que você dorme com sua arma. Sei que morre de medo. Sei que suas noites são agitadas, povoadas de fantasmas, cadáveres e demônios. Conheço sua determinação, mas também seu lado obscuro. Você já o possuía quando adolescente, e seu trabalho só fez intensificá-lo. Mas você também se transformou numa morta-viva. Perdeu a pureza, o frescor e a luz. Agora, o único fulgor que se acende em você é o do pavor. No fundo, você não é muito diferente da mãe viciada em crack dessa garota. Você virou um abutre, uma viciada que precisa de sua cota de caça e de prisões para obter sua dose de adrenalina. É sua seringa, seu baseado, seu pó. É com isso que você se pica e é disso que vai morrer...

Danny se interrompeu, dando a impressão de procurar as palavras, enquanto acendia um cigarro. Estava num hospital, onde fumar era naturalmente proibido, mas aquele tipo de lei, embora valesse para os simples mortais, não dizia respeito a alguém como Doyle.

— Você tem sede de verdade — ele continuou *—, mas essa busca pelo absoluto te corrói e não vai terminar nunca. Depois de Alice, haverá outras mortes, outras*

investigações, outros criminosos para prender... E a cada vez você vai se sentir mais melancólica, solitária e perdida. Você quer perseguir o Mal, mas o Mal está se lixando para você. Ele vai te destruir e te deixar sozinha, e isso é tudo. O Mal sempre ganha no final, acredite...

Você vive à margem da vida, Maddie. Precisa sair dessa espiral antes de cair num precipício sem volta.

Não quero que você tenha essa vida. Não quero que seja esmagada.

Fuja desse bairro, Maddie. Fuja dessa porra de cidade. Viva seus sonhos. Vá para Paris. Abra a floricultura que você deseja há tanto tempo! Não deixe que seja só um sonho. Você já tinha até arranjado um nome para ela, eu me lembro... Como era mesmo? O nome de uma antiga canção francesa, acho que era Le Jardin Extraordinaire...

A frase permaneceu em suspenso. Danny abriu um botão da camisa e deu algumas tragadas nervosas no cigarro, desviando o olhar da lente. Esfregou os olhos, suspirou, procurou alguma coisa para acrescentar, aproximou a mão do aparelho para desligá-lo, depois voltou atrás. Tinha o aspecto de um homem desesperado. Uma lágrima de cansaço o pegou de surpresa e rolou pela face. Ele a enxugou com um gesto desajeitado, quase infantil. Danny não devia ter chorado muito na vida. No fim, murmurou simplesmente:

— *Eu te amo.*

Depois a imagem pulou, antes de se embaralhar.

E Madeline compreendeu instintivamente que Danny havia morrido.

Do leito de hospital, olhou o buquê de violetas, depois novamente o cartão. Virou-o e descobriu uma série de algarismos. Um número de telefone, que ela discou atabalhoadamente. Era o de um banco na Suíça. Ela forneceu seus dados, e eles lhe comunicaram que uma conta fora aberta em seu nome e que nela se achava creditada a soma de trezentos mil euros.

* * *

San Francisco

A imagem pulou antes de se embaralhar.

Durante alguns segundos, Jonathan ficou pasmo diante da tela, sentindo, mesmo sem querer, uma espécie de admiração pelo meliante.

Esse Danny Doyle... Que cara esquisito...

O que acontecera com ele naqueles dois anos e meio?

Nessa época louca em que vivemos, a maioria das perguntas não resiste muito tempo à internet e, daquela vez também, o Google lhe deu uma resposta quase instantânea.

MACABRA DESCOBERTA NA PERIFERIA DE MANCHESTER

A reportagem datava de 10 de julho de 2009. Um ou dois dias depois da gravação do filme. Danny não estava blefando; sabia que sua vida corria perigo. O jornalista explicava que o cadáver do chefão da máfia Danny "Dub" Doyle fora encontrado com as mãos e os pés decepados e todos os dentes arrancados com alicate. A gangue dos ucranianos se vingara cruelmente...

Sentindo um calafrio na espinha após aquela descoberta, Jonathan voltou ao desktop do computador. Só lhe restava um último documento a abrir. Um arquivo jpg: uma fotografia. Deslizou o cursor sobre a tela, clicou na imagem e seu sangue congelou.

* * *

PARIS
AVENUE VICTOR-HUGO

George LaTulip deixou o restaurante pouco depois das duas horas da tarde. Imediatamente, Madeline montou na moto e grudou na traseira do carro para não perdê-lo de vista. Seguiu-o até a Rue Clément-Marot, no coração do Triângulo de Ouro. O Porsche estacionou por alguns segundos em frente a uma imobiliária de luxo. A moça que foi ao seu encontro no carro o beijou avidamente. Sem dúvida, uma corretora de imóveis. Alta, loura, jovem, saia curta e charme eslavo. Chamativa, mas suficientemente distinta para vender apartamentos de três ou quatro milhões de euros para uma clientela abastada. O carro deixou o oitavo *arrondissement* e alcançou a Rive Gauche e o estacionamento da Escola de Medicina. De mãos dadas, o casal percorreu a Rue Saint-Sulpice, virou na Bonaparte e se engolfou sob o pórtico de entrada de um prédio da Rue de l'Abbaye.

Madeline aguardou cerca de vinte minutos antes que uma senhora entrasse. Esgueirou-se atrás dela a fim de verificar as caixas de correio. Uma delas estampava o nome de LaTulip. Decididamente, George levava uma vida de príncipe: carrão, jovem amante, apartamento em Saint-Germain-des-Prés. Nada mal para um ex-vendedor de cachorro-quente.

A recreação erótica durou pouco: quinze minutos depois, os dois amantes já estavam na rua. Com passadas céleres, dirigiram-se ao estacionamento, depois George deixou a parceira no trabalho. Sem notar que estava sendo seguido, foi até o bairro de Ternes pela Avenue Wagram, virou na Rue de la Néva e entrou pelo imponente portão de um belo palacete creme.

Subindo na calçada, a moto de Madeline estacou diante da placa dourada do casarão, na qual estava gravado em letras modernas: Fundação DeLillo.

A “policial” estacionou a máquina perto da Sala Pleyel e voltou por onde passara. A neve da manhã dera lugar ao sol, mas o frio cortava como navalha e fazia sair vapor da boca da jovem inglesa.

Aquele era um dos bairros chiques, onde não faltavam restaurantes de primeira linha: Maison du Chocolat, Mariage Frères... Atenta para não perder de vista a entrada do prédio, mas querendo se aquecer, Madeline se instalou a uma mesa da mais famosa casa de chá de Paris.

Atrás do balcão, havia uma parede de armários de carvalho maciço decorados com dezenas de caixas metálicas encerrando os mais preciosos vinhos. O lugar cheirava a incenso e jasmim. O cardápio de chás era interminável. Um pouco ao acaso, Madeline se deixou guiar pela poesia dos nomes e optou por uma xícara de “brumas do Himalaia” servida com amanteigados.

Como por reflexo, pegou o laptop, que conectou na rede wi-fi para acessar a internet.

Fez uma busca sobre a Fundação DeLillo e ficou sabendo que Frank DeLillo, pai de Francesca, criara aquela instituição poucos anos antes de morrer. A intenção era ajudar alunos brilhantes e desfavorecidos a continuar seus estudos, concedendo-lhes bolsas. A associação — uma das mais pródigas do mundo — tinha sede em Nova York, mas contava com uma sucursal parisiense cujo administrador era... George LaTulip.

Pensativa, Madeline bebeu um gole da infusão com sabor de avelã e almíscar. O cerco se fechava em torno de LaTulip, para quem convergiam todas as pistas. Que milagre fizera com que aquele homem saído do nada conseguisse cair nas graças tanto do grupo que “demitira” Jonathan quanto de Francesca?

A excitação aumentava ao ritmo das descobertas. A investigação a magnetizava. Agora, não pensava mais nos buquês, nos arranjos ou na loja. Só pensava em descobrir o segredo de George LaTulip, o qual, ela tinha certeza, era também o segredo da separação de Francesca e Jonathan.

* * *

DUAS HORAS E MEIA MAIS TARDE

Já era noite quando George saiu do prédio da Fundação DeLillo. Nesse ínterim, Madeline tivera tempo de provar vários chás diferentes. Pagou às pressas uma conta salgada e chegou à moto no momento em que o Porsche arrancava a toda velocidade pelo Boulevard de Courcelles.

Merda!

Montou na Triumph e saiu feito uma louca, mas, quando chegava à Place des Ternes, perdeu de vista o Panamera.

Não entre em pânico.

Logicamente, George retornaria ao restaurante para o turno da noite.

Na mosca! Encontrou o sedã na altura da rotatória da Étoile. Mais uma vez, sentiu aquele pequeno arrepio de excitação. Cada vez mais, entrava no âmago de sua "investigação". PRECISAVA desvendar o segredo de George, revistar seu apartamento, interrogá-lo e forçá-lo a abrir o jogo...

STOP! *Você não é mais tira!*, gritou uma voz em sua cabeça.

Era verdade: empreender uma investigação era muito mais difícil sem a carteira de policial. Impossível convocá-lo à delegacia ou fazer uma busca em seus aposentos. Porém, se não tinha a autoridade, podia utilizar a astúcia e descobrir um jeito de abordá-lo e ganhar sua confiança.

Mas qual?

Com o rosto varrido pelo vento, Madeline seguiu o carro pela Avenue Victor-Hugo e parou ao seu lado no sinal vermelho. O Café Fanfan estava a apenas vinte metros.

Invente alguma coisa. Agora.

Quando o sinal abriu, ela acelerou para alcançar o Panamera.

Pelo amor de Deus, não vá quebrar um osso!

Contudo, uma força a impeliu a continuar.

E vê se não destrói a moto!

Quando o Porsche reduziu a velocidade, Madeline lhe cortou a trajetória, freando bruscamente para bloquear a roda traseira. O para-choque atingiu a moto no momento em que esta caía. Madeline foi ejetada da Triumph, que derrapou no asfalto e terminou se espatifando contra um poste. A moça rolou na rua. A cabeça bateu no chão, mas, como estava bem protegida pelo capacete, o impacto foi atenuado no momento do choque.

Os pneus do Panamera cantaram, largando um pouco de borracha no asfalto, e pararam subitamente. Atarantado, George saiu de seu monstro de aço e se precipitou para Madeline.

— Eu... eu sinto muito! Você me deu uma fechada!

Madeline constatou a extensão dos prejuízos: a jaqueta estava rota, o jeans rasgado, as mãos e os antebraços ralados. Mas nada além disso.

— Vou chamar uma ambulância — disse George, ligando o celular.

— Acho que não é necessário — ela garantiu, tirando o capacete.

Sacudiu os cabelos e lhe ofereceu seu mais belo sorriso.

Um fulgor de desejo se acendeu no olhar de George, a chama do caçador.

Aceitando a mão que ele lhe estendia para ajudá-la a se levantar, Madeline compreendeu que já estava com um pé na porta.

Havia cumprido a etapa número um: se infiltrar no lado inimigo.

* * *

San Francisco

Jonathan clicou no último arquivo. A foto se abriu na tela cheia. Era a cópia do cartaz afixado aos milhares nos quatro cantos do Reino Unido para divulgar o desaparecimento de Alice Dixon. No centro da página, a fotografia de uma garota de aproximadamente quinze anos, cabelos louros e escorridos, sorriso cansado e rosto pálido e sardento. Haviam escolhido aquela foto porque nela a adolescente usava a blusa que vestia no dia do sequestro: um suéter acolchoado com capuz, rosa e cinza, da grife Abercrombie & Fitch. Um suéter largo que ela customizara costurando um escudo da equipe de futebol do Manchester United.

Dentre os diferentes documentos do "dossiê Dixon", Jonathan se concentrara sobretudo nas anotações pessoais de Madeline e nas provas oficiais do inquérito. Era o primeiro retrato de Alice em que ele se detinha de verdade.

Assim que a foto apareceu na tela, o coração ricocheteou no peito. Invadido por uma onda de mal-estar, seu olhar encontrou o de Alice e ele sentiu o estômago embrulhar.

Ele conhecia aquela garota.

Já esbarrara com ela.

Já conversara com ela.

Aterrado pela angústia, fechou precipitadamente o computador. O ritmo cardíaco ficou descompassado, as mãos tremiam. Respirou profundamente para recuperar a calma. Em vão.

A recordação de um encontro que o marcara como uma cicatriz indelével subiu à tona com força. Ele tentou repeli-la, mas seu corpo foi percorrido por um calafrio glacial, como se congelasse sob o efeito do medo.

Precisava tirar tudo aquilo a limpo.

18
Hipnótico

De todos os males, os mais dolorosos são aqueles que infligimos a nós mesmos.
— Sófocles

San Francisco
Segunda-feira, 19 de dezembro
Deze meia da noite

Jonathan desceu do *cable car* a duas quadras da Grace Cathedral. A cidade estava mergulhada numa alvura opaca que abafava os sons e envolvia as ruas num véu de mistério. Deixou a Powell Street a pé e percorreu uma centena de metros até o Hospital Lenox.

— A dra. Morales está me aguardando — anunciou-se na recepção.

Como lhe pediram para aguardar no saguão, sentou no sofá da sala de espera e tirou do bolso a folha de papel na qual imprimira o retrato de Alice.

O rosto da garota não o abandonara o dia inteiro. Tentara driblar a memória, dizer a si mesmo que se enganara de pessoa, mas nada adiantava. Quando conhecera Alice Dixon, ela era morena e dizia se chamar Alice Kowalski, mas usava o mesmo suéter cor-de-rosa e exprimia o mesmo sofrimento no olhar.

— Boa noite, Jonathan.

— Boa noite, Ana Lucia — ele respondeu, erguendo os olhos para uma bonita jovem de pele fosca e cabelos de azeviche.

A dra. Morales irradiava elegância e sobriedade. De baixa estatura, usava o jaleco de médica aberto sobre a blusa, como um casaco cintado que valorizasse discretamente sua silhueta.

— Vamos ao meu consultório?

Ele a seguiu no elevador com passos decididos.

— Faz muito tempo — ela observou, apertando o botão do sexto andar.

— Pouco mais de um ano — admitiu Jonathan.

A cabine subiu em silêncio. Conhecera Ana Lucia Morales durante seus primeiros meses em San Francisco. Um período difícil de sua vida. A psiquiatra lhe fora recomendada por Elliott Cooper, cirurgião do hospital, cliente regular de seu restaurante e que terminara seu amigo. “Ela é incapaz de resolver a porra da própria

vida, mas sabe ajudar os outros, embora seja um pouco bonita demais para uma psicanalista", advertira-o o velho médico.

Jonathan fizera algumas sessões de terapia durante as quais se soltara um pouco, depois só aparecia para obter ansiolíticos, depois simplesmente deixara de ir. A psicanálise não era para ele, em todo caso ele ainda não estava pronto.

Uma noite, algumas semanas após a última consulta, ele encontrou por acaso Ana Lucia num bar de North Beach. O lugar estava mais para um ponto de encontro de motoqueiros do que para o Café Costes. No palco, um guitarrista solitário tocava um velho Led Zeppelin, com um pé sobre um cajon e o outro operando um sampler. Jonathan acabara de se separar de Francesca; Ana Lucia acabava de ser abandonada pelo namorado, um *trader* possessivo e egoísta que morava na outra extremidade do país, mas pelo qual ela era louca. Beberam algumas cervejas, flertaram um pouco e se viram dispostos a fazer uma besteira. Todos nós temos esses momentos de fraqueza...

— Você não parece muito bem — disse ela, para romper o silêncio.

— Já tive dias melhores — ele admitiu. — Na verdade, preciso lhe pedir um favor.

As portas do elevador se abriram para um longo corredor que dava acesso ao consultório de Ana Lucia, uma sala pequena com luz suave, que dava para a Hyde Street.

— Estou ouvindo.

— Se bem me lembro, quando eu vinha para a análise, você gravava nossas sessões, certo?

— Certo, mas elas foram raríssimas — ela observou, digitando o nome de Jonathan no teclado.

Acessando seu dossiê, foi mais precisa:

— Tenho três gravações.

— Pode me mandar os arquivos?

— Claro, envio agora mesmo por e-mail. Isso faz parte da sua terapia. Precisa de mais alguma coisa?

— Obrigado, isso basta — ele respondeu, levantando-se.

— Bom, não vou insistir.

Ela se pôs de pé também, tirou o jaleco e o pendurou num cabide.

— Encerrei o expediente, quer uma carona? — sugeriu, vestindo um impermeável de couro marrom que a deixava mais parecida com uma top model do que com uma médica.

— Com prazer.

Ele a seguiu rumo ao estacionamento subterrâneo até um Audi Spyder reluzente de novo.

— Quantas consultas você precisa fazer por semana para comprar uma máquina dessas?

— Não é minha — ela desconversou, dando partida.

— Entendi, seu *trader* voltou.

— E a sua mulher, não?

Julgando a pergunta absurda, Jonathan deu de ombros.

O conversível saiu na Bush Street e virou na Leavenworth. Ana Lucia gostava de viver perigosamente. Aproveitou-se da longa reta da California Street para acelerar abruptamente.

— Que brincadeira é essa?

— Desculpe — ela disse, reduzindo a velocidade.

Pensativa, adotou um ritmo mais lento, percorrendo em silêncio a Grant Avenue, depois a Lombard. Passado um instante, arriscou-se a uma constatação:

— Você é igual a muita gente, Jonathan: perdido em suas zonas de sombra. Só vai melhorar de verdade quando se livrar do peso de seus fantasmas.

— Fantasmas não devem pesar muito — ele brincou.

— Mas as correntes que eles arrastam pesam toneladas — ela replicou.

Ele meditou sobre aquela réplica o resto do percurso e ela o deixou no topo de Telegraph Hill.

— E você, melhorou? — ele perguntou, abrindo a porta do Spyder.

— Não — ela reconheceu —, mas isso é outro problema.

— Bom, não vou insistir.

Ela esboçou um sorriso e arrancou a toda em direção às luzes da cidade.

Aliviado por estar de volta ao lar, Jonathan empurrou a porta de casa. Marcus dormira no sofá vendo um episódio antigo de *Jornada nas estrelas*. Desligou a tevê antes de enfiar a cabeça no quarto do filho para verificar se ele estava bem. Charly dormia a sono solto. Desabara sobre o videogame ajudando os angry birds em sua luta contra os porcos verdes.

Com certa raiva, Jonathan desativou o equipamento eletrônico. Quando tinha aquela idade, dormia sobre um livro, não em frente a uma tela! Voltou a pensar naqueles momentos distantes, quando mergulhava em *Tintim*, *Os três mosqueteiros*, Marcel Pagnol, Júlio Verne, mais tarde em Stephen King e John Irving. Todas essas coisas pareciam um passado remoto. Hoje, entre tevê, consoles, computadores e celulares, as telas e redes invadiam nossa vida desde a mais tenra idade. Mais para o mal do que para o bem.

Virei um velho babaca?, interrogou-se, antes de sucumbir à sedução do computador, instalando-se em frente ao laptop para verificar se os e-mails de Ana Lucia haviam chegado.

Havia de fato três arquivos mp3 correspondentes às três sessões que ele fizera

com ela. Sabia exatamente o que procurava. A passagem que ele queria escutar novamente se encontrava no início da segunda sessão.

Conectou o fone de ouvido, apagou as luzes e sentou no sofá para escutar a gravação.

Nos primeiros minutos, ouvia-se principalmente a voz de Ana Lucia, incrivelmente tranquilizadora, tentando mergulhar o paciente naquele estado de relaxamento completo, análogo a um leve sono hipnótico.

Então ela entrou no cerne da questão:

> *Na última sessão você me contou a pior semana da sua vida: os poucos dias em que perdeu ao mesmo tempo sua mulher e seu emprego. Uma semana na qual você também soube da morte do seu pai, com quem não falava fazia mais de quinze anos. Você me disse que hesitou muito em ir ao enterro dele. Depois, finalmente, pegou o avião para Paris, certo?*

Após um silêncio, Jonathan começou sua confissão. Na época de sua fama midiática, estava acostumado com os estúdios de televisão e se saía bem em suas entrevistas. Mas fazia dois anos que não se "escutava falar", e lhe pareceu bizarro constatar como na época sua dicção e sua pronúncia eram carregadas de emoção e sofrimento:

> *Eu cheguei em Paris no dia 31 de dezembro, no fim da tarde. Naquele ano, fazia um inverno glacial em toda a França. Tinha nevado uma semana antes e, em alguns lugares, a capital continuava com um aspecto de estação de esqui...*

19*

Atravessando o caminho

O sucesso nem sempre é prova de perfeição; muitas vezes é o benefício secundário de um sofrimento oculto.

— Boris Cyrulnik

Eu cheguei em Paris no dia 31 de dezembro, no fim da tarde. Naquele ano, fazia um inverno glacial em toda a França. Tinha nevado uma semana antes e, em alguns lugares, a capital continuava com um aspecto de estação de esqui...

Paris

Dois anos antes

31 de dezembro de 2009

Eu havia alugado um carro no aeroporto, um sedã alemão confortável e seguro para rodar em boas condições. Eu poderia ter pego um voo até Toulouse, mas, por causa das festas, o enterro do meu pai fora adiado para 2 de janeiro, e a ideia de passar um Réveillon fúnebre com minha irmã e meu cunhado me dava náuseas.

Decidi então ir para Auch de carro, partindo apenas na noite seguinte. Isso significava que eu tinha vinte e quatro horas livres. Eu não pregara o olho fazia três dias e pretendia afogar minha insônia numa noite sem fim. Sonhava com uma coleção de comprimidos capazes de derrubar um regimento, mas não trouxera remédios, e encontrar um médico àquela hora não seria fácil. Em primeiro lugar, tinha que encontrar um hotel, pois aquele em que eu me hospedava geralmente, no sexto *arrondissement*, não tinha mais quartos disponíveis.

— Estamos lotados — me comunicara secamente o recepcionista.

Normalmente, mesmo quando eu chegava sem avisar, os responsáveis do hotel se viravam para me receber com pompa, porque eu era Jonathan Lempereur, porque para eles era uma honra que eu escolhesse seu estabelecimento, porque eles tinham minha fotografia autografada exposta no saguão, ao lado da de outros vips que se haviam hospedado ali. Mas as notícias correm depressa, e os empregados deviam ter sido avisados da minha “desgraça”, pois ninguém fez o menor esforço para me ajudar. Eu conhecia bem alguns colegas na hotelaria e na gastronomia de luxo, mas meu masoquismo tinha limites e eu estava resolvido a não lhes oferecer meus

despojos de bandeja. Após alguns telefonemas, encontrei finalmente um quarto num hotel modesto, na Place du Château-Rouge, na esquina do Boulevard Barbès com a Rue Poulet. Meu quarto era realmente "modesto", até mesmo espartano. O pior era o frio que fazia. Tentei aumentar a calefação, mas não mudou muita coisa. Eram cinco horas da tarde e já era noite. Sentei-me na cama e segurei a cabeça entre as mãos. Eu sentia saudades do meu filho, da minha mulher, da minha vida. Em uma semana, perdera tudo. Alguns dias antes, eu vivia com a minha família num loft em TriBeCa, dirigia um império, tinha um cartão de crédito ilimitado e trinta pedidos de entrevista por semana... Aquela noite, minha vontade era chorar, e eu me preparava para passar o Ano-Novo na solidão de um quarto sórdido.

You'll never walk alone...

Subitamente, uma sinistra evidência se impôs a mim. Saí do quarto para pegar o carro. Enquanto dirigia, entrei com um endereço no GPS, Rue Maxime-Gorki, em Aulnay-sous-Bois, e me deixei guiar pela voz feminina do navegador. No assento ao meu lado se amontoavam jornais franceses e americanos comprados no aeroporto. A imprensa francesa, que frequentemente me ignorara nos últimos anos, dessa vez se esbaldava: "Lempereur destronado", "Lempereur abdica", "A queda de Lempereur"...

Era o jogo da mídia, e eu estava preparado para ele. De qualquer jeito, naquele dia as manchetes eram devastadoras e eu as recebia como socos. Não conseguia sequer acreditar numa volta por cima. Afora criar receitas culinárias, o que eu sabia fazer? Nada, ou quase isso... Perdendo Francesca, eu perdera a chama que me impelia a ir adiante, o clique que me fizera passar de chef estrelado "comum" a dono do melhor restaurante do mundo. Havia vinte e cinco restaurantes três estrelas na França e cerca de oitenta no mundo, mas apenas uma lista de espera de mais de um ano. Era a minha casa, e eu sabia que devia isso a Francesca, pois eu só me nutria disso: do amor exclusivo, da paixão, da necessidade incessante de seduzi-la. Eu conhecera Francesca aos trinta e um anos, mas corria atrás dela desde o pátio do colégio. Quinze anos esperando que uma mulher como ela existisse em algum canto do planeta. Uma mulher bela como Catherine Zeta-Jones, em quem houvessem enxertado o cérebro da Simone de Beauvoir. Uma mulher que tivesse dez pares de sapatos de salto no closet, mas que fosse capaz de discutir a influência da música de Haydn sobre a obra de Beethoven ou o efeito do acaso na pintura de Pierre Soulages.

Quando Francesca entrava num lugar, vampirizava todos os olhares. As mulheres queriam que ela se tornasse sua melhor amiga, os homens a desejavam, as crianças gostavam do seu jeito. Vivêramos nossos anos de amor nessa incandescência e nessa extravagante divisão de tarefas: eu detinha a notoriedade, e ela, o glamour e o magnetismo. Nosso amor resistira dez anos equilibrado nesse fio.

* * *

Cheguei a Aulnay em vinte minutos pela autoestrada. Encontrei uma vaga na Rue Gorki, perto do prédio onde morava Christophe Salveyre.

— É Jonathan — anunciei, apertando a campainha.

— Que Jonathan?

— Jonathan Lempereur, seu primo.

Salveyre era filho da irmã de minha mãe. Nunca havíamos nos visto até que recebi uma ligação dele em Nova York, três anos antes. De férias na Big Apple, ele fora detido pela polícia após uma briga num bar. Não conhecia ninguém em Manhattan e estava sem um tostão furado. Por compaixão familiar, paguei sua fiança e o hospedei durante quinze dias numa das dependências do restaurante, esperando que seu caso fosse arquivado. O sujeito abrira o jogo comigo e não me escondera a natureza de suas atividades na França: traficava cocaína. Aquilo me dera um calafrio nos ossos, mas ele me garantiu que estava "limpo" em território americano.

— O que faz por aqui? — ele me perguntou, abrindo a porta.

— Preciso de um favor seu — respondi, entrando no apartamento.

— Chegou na hora errada, porra. Eu tinha voltado para "abastecer", mas já estava de saída.

— É importante.

— O que você quer?

— Preciso de uma arma.

— Uma arma?

— Um revólver.

— Você viu escrito "loja de armas" na porta? Onde quer que eu lhe arranje um revólver?

— Faça uma forcinha!

Salveyre suspirou.

— É fim de ano, porra! As pessoas estão comemorando e tenho uma quantidade monstruosa de pó para distribuir. Volte amanhã.

— Não, preciso dele para hoje à noite!

— Para hoje é impossível. Tenho que entregar muito pó em pouco tempo.

— Lembre que te ajudei quando você estava na merda...

— E quem vai pagar o que vou deixar de ganhar?

— Fale de quanto precisa.

— Eu te ajudo se me comprar o equivalente a quatro mil euros de pó. E acrescente três mil para o revólver.

— Tudo bem — respondi imprudentemente. — Espero que não tenha nada contra dólares...

Ao partir de Nova York, eu esvaziara minha poupança e tinha nos bolsos mais de

dez mil dólares em dinheiro vivo.

— Preciso de uma hora — ele me avisou. — Pode me esperar aqui. Descanse, você está com uma cara horrível.

Segui seu conselho e desabei no sofá. Sobre a mesa, havia uma garrafa de conhaque começada. Tomei uma boa dose, depois outra antes de apagar.

Salveyre voltou pouco depois das oito horas da noite.

— Peguei o que encontrei — ele me disse, estendendo-me um revólver cromado de coronha preta.

A arma era compacta, mas pesada. Com cinco balas, o tambor estava cheio.

— É um Smith & Wesson, modelo 60, calibre 38 Special.

A informação entrou por um ouvido e saiu pelo outro.

Dei-lhe o dinheiro, e ele me estendeu um saquinho plástico fechado com zip, que continha umas vinte doses de cocaína. Pensei em deixá-las com ele, mas acabei resolvendo carregá-las comigo, cogitando destruí-las mais tarde.

Assim ninguém vai consumir, justifiquei-me.

Sei disso, às vezes sou ingênuo...

* * *

OITO HORAS DA NOITE

Coloquei o revólver e a droga no porta-luvas e tomei a direção do hotel. Não valia a pena ligar o GPS para fazer o caminho de volta: A1, saída da Porte de la Chapelle...

Merda.

Eu acabava de perder estupidamente uma saída. O conhaque me derrubara. De repente não tinha mais certeza do nome da rua. Entre a Porte de Clignancourt e a Porte de Clichy, continuei avançando pelos Boulevards des Maréchaux por uns quinhentos metros.

O lugar era decadente. Sob a luz lívida dos cartazes publicitários, um grupo de prostitutas aliciava clientes. Alguns carros paravam depressa: os vidros eram baixados, os caras discutiam o preço da trepada ou do boquete, depois, dependendo da resposta, seguiam com a garota. Ou não. O sinal à minha frente acabava de fechar. Sem querer, eu ficara parado num ponto de ônibus. Uma garota do Leste, de saia curta e botas de couro, deu uma batidinha no meu vidro, oferecendo-me seus encantos. No início, fingi ignorá-la, mas ela executou uma espécie de minicoreografia ao estilo Moulin Rouge. Seus olhos eram tristes e vazios. Fiquei com pena e decidi abrir o vidro para pelo menos elogiar a dança.

Sei disso, sou ingênuo...

* * *

As duas viaturas policiais chegaram num piscar de olhos, vinte metros atrás de mim. Em menos de três segundos, a rua vibrou no ritmo das sirenes azuladas. Os tiras ostentavam seus distintivos, decididos a ser durões numa noite de festa, embarcando as garotas, verificando a identidade dos clientes.

Enquanto eu subia o vidro, uma silhueta feminina abriu bruscamente minha porta e se instalou no assento do passageiro.

— Arranque ou vamos ser presos! — ela gritou na confusão.

Era uma menina. Uma adolescente de uns quinze anos.

Uma prostituta? Com aquela idade?

— Arranque, porra! — ela gritou.

Em que vespeiro eu me metera? Eu devia estar com dois gramas de álcool no sangue, carregava um revólver, um saquinho cheio de pó no porta-luvas e uma menor estava dentro do meu carro.

Iria para a prisão e mofaria lá por um bom tempo.

Nem esperei o sinal abrir e virei no primeiro cruzamento.

19**

A toda velocidade, subi a Avenue de la Porte-de-Saint-Ouen e me misturei ao tráfego da marginal.

— Qual é a sua? — perguntei à minha passageira.

— *'just wanna escape these fucking cops** — ela respondeu, num inglês com sotaque indeterminado.

Acendi a luz do teto e aproveitei a lentidão do tráfego para examiná-la mais detidamente. Era uma garota de uns quinze anos, com a silhueta frágil e esquiva. Os cabelos eram tingidos de preto, à exceção de algumas mechas carmim. Uma franja comprida lhe caía incessantemente sobre os olhos. Usava jeans slim, tênis Converse de couro e uma camiseta listrada parcialmente coberta por um suéter rosa e cinza com capuz no qual estava costurado o escudo do Manchester United. Um diamante minúsculo brilhava sobre a narina esquerda, enquanto do pescoço pendia um colar medieval de prata e cristal grená. A maquiagem gótica — lápis e delineador preto contra um fundo pálido — dava-lhe um ar cadavérico, mas obedecia a um estilo conscienciosamente estudado.

Observei os tênis: eram quase novos. Aquela garota tinha roupas de grife e joias. Não era uma menina de rua, mas filha de gente rica.

Eu não sabia o que fazer. Não podia abandoná-la no meio da marginal. Precisava saber mais, mas ela não parecia muito loquaz. Peguei a primeira rampa para alcançar o posto de gasolina da Porte de Montreuil e parei no estacionamento.

— Como se chama? — perguntei em inglês.

— Não interessa.

— Escute, foi VOCÊ quem entrou no meu carro sem mais nem menos, então é melhor abaixar o tom, ok?

Ela deu de ombros e desviou a cabeça.

— Como se chama? — repeti com firmeza.

— Alice — ela suspirou —, Alice Kowalski.

— Onde mora?

— Não vejo em que isso pode te interessar.

— Por que teve medo da polícia agora há pouco?

— E você? — ela rebateu.

Pego desprevenido, me defendi:

— Bebi além da conta, só isso.

Nesse instante, a tampa do porta-luvas, que eu não fechara direito, se escancarou.

A visão da arma de fogo e da droga fez a garota entrar em pânico. Ela abriu a porta para fugir, convencida de ter caído nas garras de um bandido.

— Espere, não sou quem você está pensando! — eu disse, correndo atrás dela pelo estacionamento.

— Me deixe em paz! — ela retorquiu, refugiando-se na loja do posto de gasolina.

Acendi um cigarro e olhei para ela através do vidro. Estava sentada num banquinho perto das máquinas automáticas. Quem era aquela garota? Do que tentava escapar? Nesse momento, tive a fugaz tentação de voltar para o carro e zarpar dali sem insistir. Nada daquilo me dizia respeito. Afora aborrecimentos a mais, eu nada tinha a ganhar com aquela história.

Suspirei e, apesar de tudo, resolvi falar com ela. A loja estava enfeitada com uma decoração festiva: guirlandas elétricas tristonhas, um pinheiro seco, bolas de Natal de plástico. Um velho e batido sucesso dos anos 80 tocava no rádio.

— Me oferece um expresso?

— Estou sem grana — ela disse, balançando a cabeça.

Peguei a carteira para procurar um trocado.

— Quer alguma coisa? — perguntei, inserindo moedas na máquina.

— Que você me deixe em paz.

Tentei chamá-la à razão.

— Escute, começamos com o pé esquerdo.

— Cai fora, vou me virar sozinha.

— Com o quê? Você não tem dinheiro e não fala uma palavra de francês. Não vou te abandonar assim. É minha responsabilidade como adulto.

Ela ergueu os olhos para o alto, mas aceitou o dinheiro que eu lhe estendia. Na máquina, escolheu uma garrafinha de leite sabor morango e um pacote de biscoitos Oreo. Enquanto ela comia aqueles doces, apanhei um exemplar do *Metro* jogado numa mesa.

— Olhe, minha fotografia está no jornal. E, como pode ver, não é nas páginas policiais.

Ela deu uma espiada na matéria, depois ergueu os olhos.

— Já te vi na televisão! Num programa em que você acabava com os vegetarianos!

Ela aludia a um duelo épico que me opusera a ativistas poderosíssimos que lutavam para que o *foie gras* fosse proibido nos Estados Unidos.

— Se você é um astro, o que procura com putas de vinte euros, na noite de Réveillon, com o porta-luvas cheio de pó? — ela perguntou, me provocando.

— Bom, me siga — pedi-lhe.

Deus abençoe a televisão. Minha celebridade restaurara um pouco de sua confiança e, mantendo-se a uma boa distância, ela aceitou me acompanhar até o BMW.

— Em primeiro lugar, eu não era cliente das prostitutas e você sabe disso muito bem, senão não teria entrado no meu carro, mesmo para fugir da polícia...

Ela não respondeu, prova de que eu marcara um ponto.

— Depois, essa droga não é minha — expliquei, pegando o saquinho plástico e o jogando numa das lixeiras públicas do estacionamento. — É uma história complicada, mas fui obrigado a aceitar a coca para poder arranjar esse revólver.

— E para que essa arma?

— Só para me proteger.

Sem dúvida ela era americana, pois aceitou a explicação sem protestar.

— Bom, agora você. Me diga quem é e onde mora, senão chamo os tiras.

— Fiz uma besteira — ela começou. — Eu fugi, pronto. Moro em Nova York, mas estou de férias com meus pais. Temos uma casa na Côte d'Azur.

— Onde?

— Em Cap d'Antibes.

Eu conhecia bem o lugar. Fora lá que tivera meu primeiro restaurante "de verdade".

— Eu queria voltar para casa, mas roubaram minha bolsa no trem e fiquei sem o celular e sem a carteira.

Ela tinha um ar sincero, ainda que alguma coisa não encaixasse, sem que eu soubesse por quê.

— Ligue para o meu pai ou para a minha mãe se não acredita!

Ela me deu um número, que digitei no celular. No fim de um único toque, fui atendido por uma certa sra. Kowalski, que recebeu meu telefonema como uma libertação. Ela me confirmou toda a história: sua filha fugira de fato naquela manhã, depois de uma briga. Sua angústia era clara, ainda que tentasse não deixar transparecer preocupação.

Passei-a para Alice, a fim de que esta a tranquilizasse. Não querendo ser indiscreto, saí para fumar um cigarro, recostado no capô do carro, mas ouvi a maior parte da conversa. Ficaram longos minutos ao telefone, Alice se desculpou e chorou um pouco. Quando ela me passou de novo o celular para que eu falasse com sua mãe, propus à sra. Kowalski que eu mesmo levasse sua filha em casa. Eu ia "descer para o sul" de qualquer jeito, para o enterro do meu pai, e poderia estar em Antibes pela manhã.

Ela hesitou por um bom tempo, mas acabou aceitando.

* * *

Rodamos meia hora.

Sob a neblina e os flocos de neve, pegamos a Rota do Sol e passamos por Évry. Alice mergulhara nos jornais americanos que esmiuçavam meus reveses

profissionais e conjugais.

— Sua mulher é bonita — ela disse, espiando uma foto de Francesca.

— É, ouço essa frase pelo menos uma vez por dia faz dez anos...

— E está cheio?

— Você entendeu tudo.

— Por quê?

— Se ela não fosse tão bonita, talvez não tivesse me traído.

— Acho que isso não tem nada a ver — ela julgou, do alto de seus quinze anos.

— Claro que tem. Quanto mais bonita você é, mais requisitada, o que significa mais tentações. É matemático...

— Mas acontece a mesma coisa com você, não acha? Nos seus programas, você fazia o papel do chef sexy que...

— Não! — eu a cortei. — Não é igual. Eu não sou *assim*.

— Assim como?

— Você está me enchendo.

— Muito construtivo — ela observou.

Diante do meu silêncio, ela ligou o rádio e correu as estações. Achei que procurava uma estação de "música jovem", mas parou na France Musique. Imediatamente, Alice foi absorvida pela música: uma peça para piano suave e sofisticada.

— Que música bonita — eu disse.

— Schumann, as *Davidsbündlertänze*, opus 6.

Achei que ela estava gozando com a minha cara, até que a música terminou e a apresentadora anunciou: "Vocês escutaram Maurizio Pollini interpretando as *Davidsbündlertänze*, de Robert Schumann".

— Bravo!

Ela se fez de modesta:

— Essa era fácil.

— Não conheço Schumann direito. Em todo caso, nunca tinha escutado essa peça.

— É dedicada a Clara Wieck, a mulher pela qual ele estava apaixonado.

Fez um silêncio, antes de constatar:

— Às vezes o amor destrói, às vezes se cristaliza em obras de arte magníficas...

— Você toca piano?

Ela fez uma pausa antes de responder. Fez isso várias vezes ao longo daquela noite, como se temesse cometer uma gafe ou falar mais do que devia.

— Não, violino. A música é minha paixão.

— E na escola, tudo bem? Em que série você está?

Ela sorriu.

— Está tudo bem, não se julgue obrigado a conversar comigo.

— Essa fuga era para provar o quê?

— Agora é você que está me enchendo — ela disse, voltando a mergulhar na leitura dos jornais.

* * *

ONZE HORAS DA NOITE

Alice estava dormindo fazia duas horas, mas despertou na altura de Beaune, enquanto continuávamos na A6 em direção a Lyon.

— Quando é o enterro do seu pai? — ela perguntou, esfregando os olhos.

— Depois de amanhã.

— Ele morreu de quê?

— Não faço ideia.

Ela me olhou de uma maneira estranha.

— A gente não se falava fazia quinze anos — eu disse, evasivo.

Como não me sentia culpado de nada, falei mais um pouco:

— Meu pai tinha um restaurante, La Chevalière, um estabelecimento dos mais comuns, na Place de la Libération, em Auch. A vida inteira sonhou em conseguir uma estrela no *Guia Michelin*, mas nunca chegou lá.

Passei por uma fila de carros, antes de prosseguir:

— No verão dos meus catorze anos, trabalhei no restaurante como auxiliar. À noite, depois do serviço, eu ficava na cozinha para testar minhas ideias. Criei assim três pratos e duas sobremesas, que, pressionado pelo sous-chef, meu pai aceitou acrescentar no cardápio. Rapidamente, graças à propaganda boca a boca, as pessoas foram ao restaurante exclusivamente para provar esses pratos. *Meus* pratos. Meu pai não gostou de se sentir ofuscado. Na volta às aulas, para me afastar, me matriculou num internato em Sophia Antipolis, no sudeste da França.

— Deve ter sido duro...

— Foi. E nos meses seguintes o *Michelin* deu uma estrela ao restaurante dele, citando suas novas criações! Meu pai me detestou como nunca, um pouco como se eu tivesse estragado o melhor dia da vida dele.

— Que idiota!

— Foi a primeira etapa do nosso rompimento.

Ela pegou o exemplar da *Time Out New York* que estava a seus pés e me mostrou o trecho da matéria que marcara.

— E essa história aqui, é verdade ou lenda?

— Ler ou dirigir, temos que escolher...

— Eles dizem que você conquistou sua mulher graças a um *macaron*!

— É um resumo bem grosseiro — respondi, sorrindo.

— Me conte!

— Na época, a Francesca tinha acabado de se casar com um banqueiro. Estava em viagem de lua de mel pela Côte d'Azur, no hotel onde eu trabalhava. Me apaixonei por ela à primeira vista, como quem pega um vírus. Mais tarde, durante a noite, eu a vi perto da praia, sem o marido. Ela caminhava ao longo das ondas, fumando um cigarro. Perguntei qual era sua sobremesa predileta. Ela me disse que era o arroz-doce com baunilha que a avó dela fazia...

— E depois?

— Passei a noite telefonando para os Estados Unidos. Consegui contato com a avó dela para copiar a receita exata da sobremesa, e no dia seguinte trabalhei o dia inteiro para criar um *macaron* de arroz-doce. Fiz uns dez e ofereci a ela. A lenda fez o resto.

— Muita classe — admitiu a adolescente.

— Obrigado.

— No fundo, você é um pouco como Schumann — ela brincou. — Para agradar a amante, ele escreveu concertos. Já você criou *macarons*!

* * *

Charlon-sur-Saône, Tournus, Mâcon... Era meia-noite quando uma placa de sinalização indicou: "Lyon: 60 km".

— *Happy New Year* — Alice me cumprimentou.

— Feliz Ano-Novo — retribuí.

— Estou morrendo de fome...

— Eu também. Vamos dar uma parada num posto para comprar sanduíches.

— Sanduíches! — ela exclamou. — Passo o Ano-Novo com o maior cozinheiro do mundo e ele quer me empanturrar com sanduíches embrulhados em papel-celofane!

Pela primeira vez em uma semana, caí na gargalhada. Aquela garota tinha senso de humor.

— O que quer que eu faça? Não posso cozinhar dentro de um carro.

— E se a gente parasse em algum lugar?

Depois de quatrocentos e cinquenta quilômetros sem parar, estávamos ambos cansados.

— Tem razão, merecemos descansar um pouco.

Vinte minutos mais tarde, peguei a saída "Estação de Perrache", depois continuei em direção ao centro da cidade, onde estacionei numa vaga reservada à descarga de mercadorias.

— Venha.

Apesar do frio, a cidade estava animada: música, baseados, grupos de boêmios,

bebuns entoando canções obscenas...

— Nunca gostei de 31 de dezembro — disse Alice, subindo o zíper até o pescoço.

— Eu também não.

Não punha os pés em Lyon fazia uma eternidade. Aos dezessete anos, tinha sido auxiliar de cozinha durante três meses num restaurante próximo ao Opéra, na esquina da Rue Longue com a Pleney.

— Está fechado — constatou Alice, ao chegar defronte do La Fourchette à Gauche.

— Para falar a verdade, eu já esperava por isso. Na época em que eu trabalhava aqui, o dono fechava no Natal e no Ano-Novo.

No início da rua, um pequeno beco se esgueirava na diagonal e se juntava à Rue du Plâtre. No meio da ruazinha de paralelepípedo, eu sabia que um portãozinho permitia alcançar o pequeno pátio que dava para a cozinha. Naturalmente, estava com cadeado, mas aquela noite eu já infringira bastante a lei para me importar com esse detalhe.

* * *

A cozinha do restaurante era moderna, imaculadamente limpa e arrumada.

— Tem certeza de que não tem alarme? — perguntou Alice, observando com preocupação o vidro da janela que eu acabava de quebrar.

— Ouça, não tenho certeza de nada, mas se está com medo pode voltar para o carro. Tem todo o direito de ser medrosa.

— Não estou com medo! — defendeu-se.

— Porque foi você quem me encheu os ouvidos para que eu cozinhasse alguma coisa para você...

Ela me fitou desafiadoramente.

— Ok, eu cuido do espaguete e você prepara os *macarons*, está satisfeito?

— *Macarons*? Impossível. Eu precisaria de pelo menos vinte e quatro horas para fazer alguns dignos desse nome. Se não descansarem na geladeira, eles...

— Tudo bem, entendi. Perdeu a manha.

Sua observação me irritou.

— Como preferir. Aliás, como pretende preparar seu espaguete?

— Com molho ao pesto — ela respondeu, abrindo um pequeno isopor. — Tem manjericão fresco no congelador.

Ela começou a juntar os ingredientes e fiz o mesmo, preaquecendo o forno.

— Me passe o tigelão! — pedi, apontando para uma saladeira de inox.

A expressão fez com que ela risse. Seu sorriso era tão raro quanto bonito.

No recipiente, peneirei o açúcar, a farinha de amêndoas e o cacau. Ela mergulhou

o manjericão na água morna, depois cortou os caules para ficar só com as folhas, que secou num pano de prato.

— *Grana padano* ou *parmigiano reggiano*? — hesitou.

— *Parmigiano*! Por que você fugiu? — perguntei bruscamente, observando-a ralar o parmesão.

— Eu tenho... tenho um namorado parisiense, que conheci durante uma excursão da escola para a França. Queria encontrar com ele, mas meus pais não deixaram.

Constrangida, ela respondera com um tempo de atraso, procurando as palavras, esfregando o nariz e o queixo, evitando me fitar. Vários sinais que me sugeriam que estava mentindo.

— Nós dois sabemos que isso não é verdade, certo?

Seus olhos se cravaram nos meus, suplicando-me que não procurasse saber mais.

Voltei à minha receita, despejando a mistura achocolatada sobre as claras em neve, enquanto ela juntava no recipiente do liquidificador queijo, manjericão, pinholes, alho e azeite de oliva.

Quando a massa ficou homogênea, eu a escorri num saco de confeiteiro e modelei as rodelas.

Ela provou sua receita, colocou sal, pimenta-do-reino e acrescentou mais azeite, continuando a misturar para obter um molho ao mesmo tempo liso e consistente.

— Quem lhe ensinou a fazer isso?

— Aprendi sozinha — ela respondeu, como se aquilo fosse evidente.

Deixando a massa dos biscoitos descansar, ataquei a ganache, enquanto ela mergulhava o espaguete de trigo integral na água fervendo.

Nos armários, encontrei um chocolate amargo bastante razoável. Alice deu uma mordida enquanto eu raspava três tabletes para preparar o creme.

— Para ficar encorpado, ele teria de ficar várias horas na geladeira.

Olhei a hora. Eram quase duas da manhã. Coloquei os *macarons* no forno e baixei imediatamente a temperatura.

— Você não me contou por que acabou de fechar o seu restaurante e de mandar tudo para o espaço — ela observou, servindo-se de um copo de leite.

— É complicado, você não entenderia...

Nesse instante, pensei nos abutres da Win Entertainment a quem eu fora obrigado a vender todos os meus ativos para evitar a falência, e que haviam confiscado meu nome e meu trabalho. Dali em diante, todos os restaurantes do grupo tinham o direito de incluir os *meus* pratos em seus cardápios. Uma vida inteira de criação roubada por bandidos sem escrúpulos. O fracasso de uma aventura à qual eu me entregara de corpo e alma desde os dezesseis anos...

Uma longa faca Laguiole de marfim e ébano estava jogada sobre a mesa. Empunhei-a pelo cabo e a arremessei. A faca deu vários giros no ar e foi se cravar

no meio da porta, fazendo um barulho seco.

— Só existe um Lempereur. E sou eu.

Sem uma palavra, Alice se aproximou da porta e retirou o punhal no exato momento em que o toque do cronômetro me avisou que os *macarons* estavam assados.

* * *

Despejei um pouco de água sob o papel-manteiga e a emanação de vapor permitiu aos biscoitos se soltarem com facilidade.

— Engenhoso — comentou Alice.

Ela me ajudou a guarnecer generosamente de creme a metade das cúpulas antes de grudá-las duas a duas para formar os *macarons*.

— Para fazer direito, teríamos que deixar os *macarons* endurecerem por vinte e quatro horas na geladeira, mas vamos acelerar o processo deixando uma hora no congelador.

Nesse meio-tempo, Alice nos serviu dois pratos de massa, que comemos com apetite. Durante a refeição, ela me contou várias histórias: que aos catorze anos Mozart fora capaz de transcrever a partitura secreta do *Miserere* de Allegri a tendo escutado uma única vez, que o *Adágio* de Albinoni não era de Albinoni, que no fim da vida Picasso autografava na pele dos admiradores para evitar que sua assinatura fosse vendida, que na música "Hey Jude", dos Beatles, a bateria toca apenas na terceira estrofe porque Ringo Starr fora ao banheiro durante a gravação!

Quando estava relaxada e confiante, seu sotaque mudava quase imperceptivelmente. As entonações eram mais "mastigadas", o timbre se velava. Nesse aspecto, ela me fazia pensar nos irmãos Gallagher,** e eu poderia apostar que aquela garota vivera no norte da Inglaterra.

Embora tendo uma cultura enciclopédica, não era pedante, mas curiosa, e sentia prazer em compartilhar seu conhecimento. O tipo de filha com que sonham todos os pais...

Notas

* “ Só quero escapar desses tiras de merda.”

** Irmãos, um cantor e um guitarrista, do extinto grupo de rock Oasis, ambos originários de Manchester.

19***

Continuamos nossa descida rumo ao sul.

Em duas horas, eu engolira duzentos e setenta quilômetros, e Alice, uns trinta *macarons*.

— Estou com dor de barriga — ela se queixou.

— Eu avisei.

Paramos numa área de descanso da rodovia um pouco antes de Aix-en-Provence. Paguei a gasolina no caixa enquanto ela ia ao banheiro. Voltou alguns minutos mais tarde, com o semblante pálido e vários lenços de papel na mão.

— Quer um chá?

— Não, espero você no carro.

* * *

Côte d'Azur

Sete horas da manhã

O dia que despontava no horizonte coloria o céu com faixas cor-de-rosa. No meio do caminho entre Nice e Cannes, a quase ilha de Cap d'Antibes se diluía num pano de fundo de rochas e pinheiros marítimos.

— Você precisa me dizer o caminho — pedi a Alice, enquanto acompanhávamos o Mediterrâneo.

Passamos pelo famoso Eden Roc, depois Alice me guiou até o último portão do beco do Sans-Souci. Era naquela moldura prestigiosa e paradisíaca, em meio a hotéis de luxo e mansões de bilionários, que seus pais possuíam uma casa de veraneio.

O portão fora deixado aberto. Por mais de duzentos metros, uma aleia de cascalho atravessava um pinheiral antes de chegar a um casarão dos anos 30 voltado para o mar. Uma mulher longilínea e distinta nos esperava nos degraus da casa. Alice abriu o portão e elas caíram nos braços uma da outra.

— Sra. Kowalski — ela se apresentou, estendendo-me a mão.

Devia ter tido a filha bem jovem, pois não lhe dei mais de trinta e cinco anos. Os cabelos louros estavam presos num coque trançado e rebuscado. Ela tinha o olhar claro e intenso, e os traços do rosto eram incrivelmente finos e delicados, a despeito de uma cicatriz peculiar que partia do supercílio para lhe rasgar do alto da face até a comissura dos lábios. Um ultraje tão inesperado que dava vontade de conhecer as

circunstâncias do ferimento. Ela me agradeceu pela ajuda e me ofereceu um café, mas expliquei que estavam à minha espera.

Enquanto eu voltava para o carro, Alice se juntou a mim para pegar os dez *macarons* que ela não devorara.

— Para o meu lanche — ela me disse, dando uma piscadela antes de voltar para a mãe.

Ela já tinha percorrido alguns metros quando se voltou e me aconselhou com gravidade:

— Se cuide.

* * *

Parti na direção contrária e estacionei em frente à praia que marcava o início da trilha do litoral. Peguei o revólver no porta-luvas, tranquei o BMW e enveredei pelo atalho, com a cabeça cheia de lembranças.

Embora eu tivesse nascido em Auch, fora em Antibes que vivera alguns dos meus mais belos momentos. Aos catorze anos, meu pai me mandara para um internato perto dali, em Sophia Antipolis. Aos quinze anos, nas muralhas do Castelo Grimaldi, eu beijara Justine, meu amor de adolescência. E, mais tarde, foi no La Bastide de Saint-Paul-de-Vence, depois no Hôtel du Cap, que dirigira meus restaurantes franceses.

Essas lembranças que subiam à tona me davam calafrios.

Estranho o destino ter me reconduzido ao lugar de meus primeiros êxitos num dia de tamanho pesar...

A trilha era estreita, ladeada por ribanceiras vertiginosas. Saltei de uma pedra a outra a fim de ficar o mais próximo possível da costa escarpada que acompanhava as ondas, oferecendo uma vista única da cidade fortificada, dos picos nevados dos Alpes e das ilhas de Lérins.

Parei de frente para o sol alaranjado que triunfava no horizonte. O ar era puro, e o espetáculo, tão intenso quanto a solidão e a angústia que me impregnavam.

Um belo dia para morrer.

Saquei o revólver do bolso. As palavras de Christophe Salveyre me voltaram à mente: “um Smith & Wesson, modelo 60, calibre 38 Special”.

Todos nós temos uma opinião sobre o suicídio. Ato corajoso ou covarde? Nem um nem outro, provavelmente. Apenas uma decisão desesperada quando estamos num beco sem saída. O último recurso para sair da vida e escapar do insuportável.

Eu sempre desafiara, sempre fizera frente. Sempre lutara contra tudo, forçando meu destino e impondo minha sorte, mas naquele dia era diferente. Eu tinha um inimigo temível a enfrentar: eu mesmo. O último inimigo. O mais perigoso.

Meu gesto nada tinha de racional. Eu não planejara com meses de antecedência,

mas ele se impunha como a única resposta àquela brutal solidão que, nos últimos dias, me devorava e me fazia afundar no nada.

Pensei na amizade, mas eu nunca tivera amigos. Pensei na família, mas perdera a minha. Pensei no amor, mas ele havia virado fumaça.

A imagem de meu filho atravessou meus pensamentos e tentei me agarrar a ela, mas às vezes nem pensar nos filhos é suficiente para lutar contra a morte.

Encostei o metal frio do cano na têmpora. Destravei o percussor, olhei pela última vez o sol, inspirei e apertei o gatilho como uma libertação.

19****

Apertei o gatilho.

Uma vez.

Duas vezes.

Mas eu não estava morto.

Examinei o tambor: vazio.

Impossível.

Eu mesmo verificara as cinco balas ao deixar Aulnay-sous-Bois.

Voltei para o carro e abri o porta-luvas: nem sinal de munição. Só havia dois guardanapos de papel do posto de gasolina, nos quais Alice limpara as mãos. Entre as manchas de *macaron* de chocolate, ela me deixara um bilhete, rabiscado às pressas com hidrográfica azul:

> Caro sr. Lempereur, quer dizer, Jonathan.
> Tomei a liberdade de retirar as balas do seu revólver e jogá-las na lixeira do estacionamento enquanto você tomava seu café. Não sei por que resolveu comprar uma arma, mas tenho quase certeza de que não foi uma boa ideia.
> Também sei que esta noite, mesmo não estando bem, você fez de tudo para me fazer rir e tomar conta de mim. Sinto muito por seus problemas financeiros e por sua mulher. Talvez um dia as coisas se ajeitem entre vocês. Mas talvez também simplesmente ela não seja o amor da sua vida.
> Durante muito tempo não fui feliz. Quando eu estava muito triste, agarrava-me a uma frase, às vezes atribuída a Victor Hugo, que copiei na primeira página do meu diário. Ela dizia: “Os anos mais belos de uma vida são

os que ainda não vivemos”.
Cuide-se, Jonathan.
Alice

Lendo essas palavras, a vida prevaleceu e me desfiz em lágrimas, sozinho, como um idiota, dentro do carro.

20
Ferida aberta

Meu mal vem de mais longe.
— Flannery O'Connor

San Francisco
Segunda-feira à noite
Duas horas da manhã

Quando Jonathan tirou os fones de ouvido, se deu conta de que uma lágrima rolava em sua face. Aquele mergulho profundo nos meandros do período mais negro de sua existência fora difícil.

Aquela Alice Kowalski que atravessara seu caminho era realmente Alice Dixon, a vítima do Carniceiro de Liverpool?

Em vão, checou mais de uma vez as datas, mas alguma coisa não batia. Madeline recebera o coração arrancado de Alice em 15 de junho de 2009. Dispondo do perfil genético da vítima, o laboratório identificara categoricamente o órgão como da garota desaparecida. "Não restam dúvidas", chegava a mencionar o relatório.

Ora, Jonathan encontrara Alice Kowalski na noite de 31 de dezembro de 2009.

Mais de seis meses depois!

Abriu a tampa da garrafa de vodca e tomou um gole revigorante. Ainda sob o choque da descoberta, tentou não se animar, considerando metodicamente todas as suposições que lhe vinham à mente.

Primeira hipótese: as duas Alices não tinham nada a ver uma com a outra. Tudo aquilo era obra do acaso ou da coincidência — o mesmo suéter acolchoado, o mesmo emblema do time de futebol, a mesma paixão pela música, os mesmos traços físicos. Difícil imaginar, mas por que não?...

Segunda possibilidade: Alice tinha uma irmã gêmea secreta. Não. Era estúpido. Por que uma vivera com uma rica família americana, e a outra, num bairro pobre de Manchester?

Terceira opção: as duas Alices eram de fato a mesma pessoa. Nesse caso, ou o laboratório se enganara ao analisar o DNA do coração (pouco provável), ou Alice fizera um transplante cardíaco (tampouco crível, sem falar que o coração que chegou à polícia não fora retirado segundo métodos cirúrgicos, mas completamente retalhado).

Última hipótese: uma explicação sobrenatural, como reencarnação, mas quem acreditava de verdade nesse tipo de tolice?

Jonathan refletiu ainda alguns minutos antes de tomar consciência da hora avançada. Foi para o quarto, onde não conseguiu pregar o olho. Desde o primeiro dia, tivera aquela impressão louca de que a vida de Madeline e a sua estavam ligadas por um fio invisível. Aquela noite conseguira identificar o elo perdido: Alice.

Madeline, Alice...

Ele devia explicações à primeira.

E tinha uma dívida com a segunda.

21
The wild side

A vertigem é diferente do medo de cair.
É a voz do vazio abaixo de nós que nos atrai
e enfeitiça, o desejo de queda do qual nos defendemos em seguida com pavor.
— Milan Kundera

Paris, Montparnasse
Terça-feira, 20 de dezembro
Sete e vinte da noite

Diante do espelho de seu apartamento, Madeline retocava seu disfarce: maquiagem chique e discreta, salto alto para alongar a silhueta, vestidinho preto de tafetá. Tudo se decidia no comprimento da saia: nem muito comprida, nem muito curta, logo acima do joelho. Aquela noite, ela se considerava "em missão" e, a julgar pelas beldades que desfilavam na cama de George, era fundamental que se mostrasse desejável se quisesse ludibriá-lo.

Vestiu o casaco de gabardine que Raphaël lhe dera de presente e saiu do apartamento, sentindo-se suficientemente insinuante e fatal para iludir o inimigo.

Àquela hora, a cidade estava congestionada. Por isso, apesar do frio, preferiu o metrô ao táxi e entrou na Estação Raspail.

Montparnasse, Pasteur, Sèvres-Lecourbe...

A linha estava lotada. A maioria dos passageiros voltava do trabalho, outros saíam para jantar ou estavam a caminho de um espetáculo qualquer, outros ainda faziam compras de Natal. Madeline abriu a bolsa, que continha sua Glock 17 — sua antiga arma de serviço, que nunca devolvera — e um livro de bolso — *O cavaleiro sueco*, que a livreira lhe recomendara fazia tempo.

Cambronne, La Motte-Picquet, Dupleix, Bir-Hakeim...

De pé no vagão, olhou em volta. Parecia-lhe que cada vez menos gente lia nos transportes públicos. Como em toda parte, as pessoas examinavam a tela do celular, dialogando, jogando, escutando música. Tentou mergulhar no romance, mas não conseguiu se concentrar. Muita gente, muito tumulto e, sobretudo, o peso da culpa que carregava nos ombros. Desde sábado, mentia a Raphaël. E suas mentiras eram cada vez menos inocentes. Naquela noite, fizera-o acreditar que estava indo à despedida de solteira de uma colega. Felizmente, ele não era uma pessoa

desconfiada, caso contrário não teria demorado a desmascará-la.

Passy, Trocadéro, Boissière, Kléber...

Como ela esperava, George LaTulip entrou logo em contato com ela. Algumas horas após o "acidente", ele telefonara para a loja convidando-a para almoçar. Para provocá-lo, ela primeiro recusara, mas ele felizmente insistira e, daquela vez, Madeline aceitara jantar. Conhecia bem tipos como George. Nos artigos psicológicos das revistas femininas, eram chamados de "sedutores compulsivos". Na vida real, eram conhecidos como mulherengos. Questão de vocabulário...

Desceu na estação final da linha seis. Na saída do metrô, foi colhida pela explosão deslumbrante da iluminação. Ao longo de mais de dois quilômetros, da Place de la Concorde à Place de l'Étoile, as centenas de árvores da mais bela avenida do mundo estavam tomadas por lanternas de cristais azulados. Nem o parisiense mais blasé conseguia ficar indiferente à magia do espetáculo.

Ela apertou o casaco, entrou na Avenue Hoche e caminhou até o restaurante do Royal Monceau.

— Você está linda — recebeu-a George.

Ele não estava para brincadeira. A sala do palácio causava sensação com suas colunatas, suas poltronas de couro bege e suas combinações de materiais distintos: bancos de bar de metal, balcão transparente...

— Gostou da decoração? — perguntou, enquanto se instalavam a uma mesa, em um canto discreto.

Madeline balançou a cabeça.

— É assinada por Starck. Sabia que ele também "vestiu" meu restaurante?

Não, ela não sabia.

A partir daquele momento, ela quase não falou, limitando-se a ser bonita e a sorrir, fingindo admiração diante do exibicionismo amoroso de George, o chimpanzé. Seu discurso era um clichê só. Completamente à vontade, conversava por dois, falava de suas viagens, dos esportes radicais que praticava, de David Guetta e Armin van Buuren, que ele "conhecia pessoalmente", e da noite parisiense, que julgava "monótona, taciturna e quase morta".

— Isso é gravíssimo. Não existe mais uma verdadeira cultura underground na capital. Os melhores DJs e as gravadoras mais criativas estão se mudando para Berlim ou Londres. Quem quiser curtir de verdade, hoje, é obrigado a tomar um avião!

Madeline escutava com um ouvido distraído aquelas palavras formatadas que ele já devia ter pronunciado centenas de vezes. Quando lhe trouxeram o prato — ovos quentes com lagostins e champignons, filé de vitela ao molho com cenouras... —, ela se perguntou o que Jonathan teria pensado.

Após haver se deliciado com cada centímetro da sobremesa — um mil-folhas extraordinário de chocolate e limão —, ela aceitou tomar um "último drinque" na

casa de George.

Instalou-se no banco do passageiro do Porsche que o manobrista acabava de trazer. Antes de arrancar, LaTulip se inclinou sobre Madeline e a beijou na boca.

Decididamente, esse cara não desconfia de nada.

Sorriu, fingiu gostar e retribuiu o beijo.

* * *

Enquanto isso, em San Francisco...

Era meio-dia no relógio do aeroporto. Jonathan beijou o filho e o colocou no chão. Com uma passagem de avião na mão, cravou o olhar em Marcus.

— Bom, deixo o Charly aos seus cuidados por dois dias. A Alessandra vai ficar na cidade durante as férias, pode te dar um apoio. Quanto ao restaurante, cancelei todas as reservas até o fim de semana.

— Tem certeza de que quer pegar esse avião?

— Absoluta.

— Não entendo o que vai fuçar em Londres.

— Na realidade, vou a Manchester. Preciso encontrar uma pessoa, verificar dois ou três detalhes...

— E isso não pode esperar?

— Não.

— Não quer me explicar?

Jonathan permaneceu evasivo.

— Tenho uma dívida a pagar, fantasmas a exorcizar, algumas zonas de sombra a esclarecer...

— Tem alguma coisa a ver com essa mulher, Madeline Greene?

— Te conto tudo quando eu mesmo puder enxergar mais claro. Enquanto isso, tome conta do Charly.

— Claro.

— No seu caso, isso significa nenhuma gota de álcool, nenhuma fulaninha em casa, nenhum baseado, beque, bagana...

— Acho que captei.

— E para ele isso significa escovar os dentes de manhã, depois do almoço e à noite, nada de filmes ou desenhos violentos, nada de reality shows, nada de doces a cada cinco minutos, pelo menos cinco porções de frutas ou legumes por dia, pijama e cama às oito da noite.

— Captei.

— Fui claro?

— Como uma nuvem preta — respondeu Marcus, o que fez Charly rir.

Jonathan os abraçou pela última vez antes de passar à área de embarque.

O voo da British Airways com destino a Londres decolou de San Francisco pouco depois de uma hora da tarde. Olhando pela janelinha, Jonathan sentiu um aperto no coração.

Era uma boa ideia abandonar no meio das férias de Natal o filho que ele já via tão pouco?

Possivelmente, não. Mesmo assim, fez um esforço para fugir das dúvidas. Agora não podia voltar atrás. Precisava entender, ir até o fim daquele mistério, para além das lembranças e das aparências. Depois de Madeline, era sua vez de se confrontar com o fantasma de Alice Dixon.

* * *

PARIS

George recuou para que Madeline entrasse no minúsculo elevador. Fechou a porta, apertou o botão do quinto andar e grudou a língua na boca da moça. Uma das mãos agarrou seus seios, enquanto a outra procurava subir seu vestido.

Madeline sentiu engulhos, mas conseguiu esconder o nojo. Estava em missão.

Em MISSÃO.

O duplex de George ocupava os dois últimos andares do prédio. Organizado como um loft, era um apartamento moderno com decoração minimalista, pintado com tinta industrial. Uma escada futurista de aço ligava os dois andares.

George recolheu o casaco de sua convidada, depois roçou num interruptor de vidro, que disparou uma música instantaneamente.

— Gosta? É um *trance* progressivo mixado por um dinamarquês. Carl Karl, o rei da cena berlinense. Na minha opinião, é o novo Mozart.

E você é uma besta quadrada, pensou acidamente Madeline, oferecendo-lhe seu sorriso mais adorável.

Agora que estavam a sós, ela se sentia mal. O coração disparava no peito. Sentia um pouco de medo do que viria a acontecer. Uma parte dela gostaria de estar longe dali, com Raphaël, no doce conforto de seu apartamento. Mas outro lado de sua personalidade, outra entidade pessoal, sentia uma excitação febril sob o efeito do perigo.

— Aceita um pink pussy cat? — ela perguntou, passando para trás do bar.

Ao ouvir a palavra *pussy*, George emitiu um rugido de satisfação. Posicionou-se atrás de sua conquista, grudou as mãos em seus quadris, antes de subi-las até o peito.

— Espere, querido! Vou derrubar tudo! — ela exclamou, desvencilhando-se com delicadeza.

Apanhou dois copos altos, que encheu de cubos de gelo.

— Tenho um presente para você! — ele disse, tirando do bolso dois comprimidos cor-de-rosa enfeitados com uma estrela.

Ecstasy...

Ela pegou um dos comprimidos e lhe dirigiu uma piscadela cúmplice.

— Que tal abaixar a luz? — sugeriu, fingindo engolir a anfetamina.

Esse brutamontes vai estragar o meu plano.

Despejou rapidamente vodca nos copos de drinque, que completou com suco de toranja e grenadine. Aproveitou-se de um momento de desatenção de George para incrementar a bebida dele com uma boa dose de Rohypnol, poderoso hipnótico muito usado por estupradores.

— Beba de uma vez só! — ela disse, estendendo-lhe seu pink pussy cat.

Por Deus, George não se fez de rogado e tomou o drinque de uma talagada só, mas, mal largou o copo, derrubou Madeline num banco comprido forrado de tecido preto e cheio de almofadas listradas.

As duas mãos agarraram a cabeça da moça, guiando sua boca na direção da dele para um beijo que decerto ele imaginava sensual. Introduzindo a língua em sua boca, ele arregaçou seu vestido até a calcinha, desabotoou o sutiã, acariciou-lhe os seios, chupando e mordendo os mamilos.

Madeline sentiu o tórax se comprimir. Teve falta de ar. O corpo de George imprensado contra o seu era pesado, intrusivo, exalando um calor e um cheiro incômodos. A saliva quente e salgada lhe dava náuseas e ela tinha dificuldade para respirar. Excitado, George a dominava, mordendo-lhe o pescoço, imaginando-se na pele do leão antes de devorar a gazela. Ela sufocava e ao mesmo tempo aceitava. Ninguém a obrigara a vir. Ninguém a obrigava a ficar. Ela poderia interromper a brincadeira com uma única palavra ou grito, mas não o fez.

Para resistir, focou-se no que a cercava, concentrando-se no barulho de um de seus sapatos que caiu no chão, mirando o teto iluminado pelos faróis dos carros que passavam na rua.

O rosto do empresário gastronômico estava colado ao seu. O homem abandonou seus seios e começou a lhe mordiscar as orelhas.

— Gosta disso? — sussurrou.

Ela se limitou a um gemido, sentindo a ereção dele contra o quadril. Com um gesto autoritário, George lhe agarrou a mão e a colocou sobre seu sexo. Madeline fechou os olhos e sentiu como um gosto de sangue na boca.

Procurar. Saber. Compreender.

Investigar.

Essa era sua droga desde que ingressara na polícia. Era tira, e continuaria sendo tira. Era sua natureza verdadeira. Uma coisa incrustada nela que a contaminara como

uma doença.

Os dedos de George se dirigiam agora à sua barriga, apalpavam suas coxas, exploravam a raiz de seu púbis.

Madeline voltou a cabeça para o grande espelho do salão e viu seus olhos brilhando na noite. O gosto da vertigem, a ambiguidade da violência, a necessidade de transpor limites — esse lado radical que ela vinha recalcando há dois anos voltava à sua cabeça como um bumerangue. As lembranças e as antigas sensações vinham à tona. O vício e o perigo; a dependência que aquela profissão criava. Quando lidava com um crime de sangue, poucas coisas eram capazes de rivalizar com a adrenalina de seu trabalho. Nem as férias, nem os programas com as amigas, nem o sexo. A investigação a deixava obcecada, o mistério a devorava. Antigamente, quando mergulhava num caso importante, chegava a "morar" na delegacia, a dormir no carro ou mesmo nas celas do distrito. Aquela noite era diferente. Enfim, era o que parecia. Claro, não havia assassinato, mas seu faro lhe dizia para insistir. Francesca se tornara sua obsessão. O que pudera levar aquela mulher a sabotar voluntariamente seu casamento e a desfazer seu lar? Aquele tipo de comportamento com certeza escondia algo muito grave...

Os dedos de George se demoraram mais um momento nas curvas de seu corpo, contornando o tecido da calcinha antes de perderem progressivamente a agilidade. Quando sentiu o corpo do "amante" desabar de repente, Madeline se desvencilhou e abandonou o sofá, como uma mergulhadora com pressa de subir à superfície. LaTulip ficou no sofá, derrubado pelo remédio. Madeline se certificou de que o homem ainda respirava. Só esperava que a mistura de hipnótico e ecstasy não provocasse efeitos muito nefastos...

* * *

ONZE HORAS DA NOITE

Não perder tempo. Executar a tarefa. Já.

Madeline começou metodicamente. Aquele apartamento escondia um segredo, ela tinha certeza. Primeiro, desligou aquela música ensurdecedora, que ela odiava, acendeu todas as luzes e começou a busca.

O duplex era grande, mas estava relativamente vazio. Ou melhor, tudo estava no lugar. George era meticuloso e certamente tinha uma faxineira. Tinha um closet imenso, de alucinar qualquer sirigaita. Na biblioteca e nos armários, tudo minuciosamente organizado: material de esporte, aparelhos hi-fi de ponta, DVDs às centenas, alguns livros luxuosos... Madeline revirou todas as roupas, abriu tudo que podia ser aberto, inspecionou todos os cantos. Nunca se perdia esse tipo de "habilidade". Não sabia realmente o que procurava, mas sabia que havia alguma

coisa para encontrar. Quem sabe na papelada abundante que LaTulip guardava em seus arquivos e pastas sanfonadas?

Certificou-se de que George continuava inconsciente, sacou a Glock para o caso de ele ter um despertar brusco e se instalou à mesa para dissecar os documentos: extratos bancários, cobranças de impostos, contas de luz, títulos mobiliários e imobiliários. Aquela busca lhe tomou mais de uma hora, mas não resultou em nada que ela já não soubesse. O empresário tinha rendimentos substanciais como dono de restaurante, mas principalmente como administrador da Fundação DeLillo.

Madeline ficou louca da vida pelo trabalho perdido.

O tempo voava.

Faltava o laptop prateado instalado na mesinha de centro da sala. A investigadora abriu a fera com circunspecção. Quando era tira, mandava que um serviço especializado analisasse o conteúdo dos discos rígidos, uma vez que seus conhecimentos de informática eram limitados. Por sorte, o aparelho já estava desbloqueado, o que lhe poupou ter de adivinhar a senha para abrir os programas. Contentou-se com duas ou três manipulações básicas, inspecionando os dossiês do escritório, consultando a biblioteca de fotos — abarrotada de imagens de mergulho submarino —, examinando o histórico dos sites da internet. Percorreu rapidamente os e-mails da caixa de entrada, mas não descobriu nada interessante.

Investigar é insistir.

Sem desanimar, bisbilhotou o programa de correspondência. A conta de George estava configurada em protocolo IMAP. Madeline fizera a mesma coisa com seu próprio endereço, o que lhe permitia consultar seus e-mails ao mesmo tempo no celular e no computador. Não é preciso ser um perito em informática para saber que, nesse caso, todas as mensagens continuam arquivadas no servidor, mesmo aquelas que o usuário julga ter deletado.

Era então pelos arquivos da conta que Madeline daria uma volta. Havia milhares de mensagens, recebidas e enviadas durante anos. Entrou com diferentes palavras-chave até isolar a mensagem que procurava. A prova de que estava no caminho certo:

> **De:** Francesca DeLillo
> **Para:** George LaTulip
> **Data:** 4 de junho de 2010 19:47
> **Assunto:** Re:
>
> George,
>
> Eu te imploro, desista do plano de ir visitar o Jonathan em San Francisco. Tomamos a decisão certa. É tarde demais para ter remorsos, achei que você tinha entendido lendo os jornais...

Esqueça o Jonathan e tudo que aconteceu conosco. Permita que ele dê a volta por cima.

Se você confessar a verdade a ele, vai colocar nós três numa situação difícil e pôr tudo a perder: seu emprego, seu apartamento, seu pequeno conforto.

F.

A mensagem era desconexa, mas interessante. Sem dúvida havia coisas a descobrir nas entrelinhas. Ela imprimiu o e-mail e, para maior segurança, enviou uma cópia para seu próprio endereço.

* * *

UMA HORA DA MANHÃ

Água gelada na cara. Depois uns tapas. George abriu os olhos no momento preciso em que um novo tabefe o acertava em cheio.

— O que é que...

Estava sentado, amarrado com as próprias gravatas numa cadeira da sala. Tentou se libertar, mas as mãos estavam presas nas costas e cada um dos tornozelos solidamente amarrado no pé do assento. A dez centímetros de seu rosto, o cano de uma automática o ameaçava. Estava completamente à mercê daquela mulher que ele tivera a imprudência de trazer para casa e que acabava de lhe dar um "boa noite, Cinderela".

— Eu... posso lhe dar dinheiro. Tem um pequeno cofre no closet com pelo menos vinte mil euros.

— Eu sei, já encontrei a grana — respondeu Madeline, balançando os maços de cédulas na cara dele.

— E o que mais deseja?

— A verdade.

— A verdade sobre o quê?

— Sobre isso.

Ele abaixou a cabeça para ver o e-mail de Francesca.

— Quem... quem é você? Eu achava que você era florista e que...

— Sou a mulher que está com a arma, só isso.

— Não sei o que lhe interessa nesse caso, mas te aconselho a...

— Na sua posição, acho que não tem nada a me aconselhar. Vamos voltar a este e-mail: por que você queria visitar Jonathan Lempereur em San Francisco?

À beira de passar mal, George transpirava copiosamente. Para incitá-lo a falar, Madeline aumentou a pressão, apertando o cano da arma na testa do empresário.

— O Jonathan é o cara a quem eu devo tudo — ele articulou. — Ele me tirou da

merda e me levantou. Ele era jovem e cheio de energia. Na época, era realmente um cara excepcional: generoso, capaz de te arrancar dos seus demônios e extrair o seu melhor...

— E, para lhe agradecer, você roubou a mulher dele?

— De jeito nenhum! — ele se defendeu, enquanto seu coração saía pela boca. — A Francesca nunca se apaixonaria por um sujeito como eu! Ela era louca pelo marido!

Com um movimento da cabeça, George enxugou o suor que escorria pelo rosto.

— Eles formavam um casal estranho e exaltado — prosseguiu. — Um admirava o outro. Um queria deslumbrar o outro. Tinham dividido as tarefas, ele nos fogões e nos estúdios de tevê e ela nos bastidores, encarregada da expansão do grupo. A Francesca venerava o marido, queria divulgar a culinária dele para o mundo inteiro, mas...

— ... mas?

— Querendo crescer rápido demais, ela tomou decisões estratégicas erradas, que levaram o grupo à beira da falência...

Agora, George batia os dentes. Grandes olheiras haviam se incrustado sob seus olhos como um risco de fuligem. A mistura de ecstasy e sonífero não era de fato aconselhável.

— Aquelas fotos de você e Francesca nos tabloides, então, são armação?

— Claro! Um dia, há dois anos, ela me telefonou das Bahamas. Era durante as férias de Natal, justamente. Eu estava nas Maldivas com um colega para mergulhar. Completamente fora de si, ela me pediu para encontrar com ela em Nassau antes das três horas da tarde do dia seguinte. Dizia que era urgente. Bem que tentei saber mais, mas ela me garantiu que, quanto menos eu soubesse, melhor para mim.

— O que te levou a aceitar?

— A Francesca era minha patroa e realmente não me deixou escolha. Lembro que foi um caos: os aviões estavam lotados, e tive que ir por Londres para chegar na hora. Achava que teria mais informações quando chegasse, mas não foi o caso. Ela só armou aquelas fotos ridículas com um paparazzo local e voltamos no mesmo voo.

— E?

— Na chegada, o Jonathan estava nos esperando no aeroporto. Eu não sei quem contou para ele, mas a coisa ficou feia. Ele me pegou pelo colarinho e brigou violentamente com a mulher na frente de todo mundo. No dia seguinte, eles anunciaram o divórcio e a venda do grupo.

— Você nunca contou a verdade ao seu amigo?

— Não. Pensei nisso várias vezes. Eu sentia remorso, sabia que ele estava mal e que vegetava em San Francisco. Falei disso com a Francesca, mas ela sempre me dissuadiu, ainda mais que...

— ... ainda mais que a fundação dela lhe pagava generosamente para manter o silêncio.

— Escute, eu nunca fingi ser honesto — defendeu-se George. — Só o Jonathan acreditou nisso.

— E a Francesca?

— Continua morando em Nova York com o filho. Desde a morte do pai, cuida principalmente da fundação.

— Ela tem namorado?

— Não sei. Às vezes aparece acompanhada em eventos beneficentes ou vernissages, mas isso não quer dizer que saia com esses caras. Quer me soltar agora, porra!

— Abaixe o tom, por favor. A que ela se refere na mensagem quando escreve: "Achei que você tinha entendido lendo os jornais..."?

— Não faço a mínima ideia!

Madeline estava séria. Nesse ponto, tudo indicava que George mentia. Recuperando-se, ele se tornou ameaçador.

— Você tem consciência de que, assim que me soltar, vou correndo até a primeira delegacia que encontrar pela frente e...

— Acho que não.

— E por quê?

— Porque a polícia sou eu, babacão!

Ela precisava se acalmar. Estava numa situação perigosa. Qual era a próxima etapa? Enfiar-lhe o cano da Glock na boca? Despejar água goela abaixo para sufocá-lo? Cortar-lhe um pedaço do dedo?

Um cara como Danny teria feito George falar em menos de cinco minutos. Mas ela não tinha certeza se o próprio Danny teria desejado que ela passasse para o outro lado.

Pegou uma faca de cozinha, arrebentou o primeiro nó que prendia George e soltou sua mão direita.

— Você faz o resto sozinho — concluiu, saindo do apartamento.

22

O fantasma de Manchester

Um segredo que guardamos é como um pecado que não confessamos: ele germina, se corrompe dentro de nós e só consegue se alimentar de outros segredos.

— Juan Manuel de Prada

Quarta-feira, 21 de dezembro
Londres

O voo da British Airways pousou em Heathrow às sete horas da manhã, no meio da escuridão, da chuva e do nevoeiro. Esse tempo "inglês" não incomodou Jonathan, não estava ali de férias. Assim que desceu do avião, trocou alguns dólares e foi ao balcão da Hertz para pegar o carro que reservara na véspera pela internet.

De Londres, eram quatro horas de viagem até Manchester. Os primeiros quilômetros foram um pesadelo: Jonathan pensou que nunca se acostumaria a dirigir do lado esquerdo. Alguns sentimentos antibritânicos lhe ocorreram (criticava-se sempre a arrogância dos franceses, mas o que pensar de um povo que se digladiava para recusar o euro, que continuava dirigindo do lado esquerdo e agitava o dedo indicador *e* o médio para fazer um gesto obsceno?), mas repeliu aqueles clichês etnocêntricos. Respirou e ruminou que bastava permanecer zen, ir mais devagar e se concentrar.

Chegou então a uma rotatória, quase errou o caminho, quis ligar o pisca-pisca e, por causa da inversão dos comandos, ligou o limpador de para-brisa e quase bateu no carro da frente.

Na rodovia, dirigiu com prudência, tomando pé da situação à medida que avançava. Na periferia de Manchester, conectou o GPS e inseriu no navegador as coordenadas da delegacia de Cheatam Bridge. Deixou-se guiar até um prédio acinzentado, diante do qual sentiu certa emoção. O local era como imaginara. Fora ali que Madeline trabalhara, ali que, numa manhã lívida, Erin Dixon aparecera para comunicar o desaparecimento da filha...

No hall de entrada, informou-se para saber se o detetive Jim Flaherty ainda trabalhava ali. Diante da resposta afirmativa, perguntou se o policial podia recebê-lo.

— Tenho novos elementos a comunicar a ele sobre uma de suas investigações.

A recepcionista desligou o telefone e lhe pediu para segui-la. Atravessaram a grande sala, que ele se lembrava ter visto na véspera, na fotografia do aniversário de Madeline. A delegacia continuava tal e qual. Nada mudara aqueles anos todos, salvo que o pôster de Cantona desaparecera e fora substituído pelo de Wayne Rooney.

Pior a emenda que o soneto, camaradas...

A recepcionista o introduziu no escritório que Flaherty dividia com um jovem segundo-tenente.

— O detetive vai recebê-lo.

Jonathan cumprimentou o outro policial e entrou. Flaherty recuperara o velho pôster de "Canto" e o prendera com fita adesiva ao lado do cartaz de um show do The Clash.

Ponto para ele...

No quadro de cortiça, espetara várias fotografias — aniversários, colegas prestes a se aposentar, comemorações diversas... —, todas datando da época em que Madeline ainda estava ali. Por fim, no alto e à direita, também preso com fita adesiva, o cartaz amarelado e rasgado impresso na época do desaparecimento de Alice Dixon. Não apenas Flaherty não o retirara, como o colocara ao lado de um retrato de sua ex-parceira. A evidência saltava aos olhos: as duas mulheres tinham o mesmo olhar, triste e velado, a mesma beleza também, e davam a impressão de estar alhures, num mundo que só pertencia a elas, muito distante daquele que empunhava a câmera.

— Posso ajudar? — perguntou Flaherty, fechando a porta atrás de si.

Jonathan o cumprimentou. O tira tinha uma fisionomia afável, cabelos entre o louro e o ruivo, estatura e compleição imponentes. Nas fotos, parecia "bonitão", embora agora se percebesse certo desleixo. A barriga, principalmente, sobrava de todos os lados; algumas semanas de "Dukan" não teriam sido um luxo para lhe devolver uma silhueta mais sedutora.

— Temos uma conhecida em comum, tenente — começou Jonathan, sentando-se.

— Quem?

— Madeline Greene.

Uma pequena chama se acendeu nos olhos de Flaherty.

— Madeline... Não tenho notícias dela desde que pediu demissão. Como ela está?

— Bem, eu acho. É florista em Paris.

— Foi o que ouvi dizer.

— Na realidade — continuou Jonathan —, não estou aqui para falar de Madeline, mas de Alice Dixon.

Flaherty ficou perturbado e franziu o cenho de maneira ameaçadora. A tensão era visível nesse instante, e Jonathan não teve a menor vontade de lhe aconselhar a fazer um regime.

— O senhor é um jornalista xereta de merda, é isso?
— Longe disso, sou chef.
— Chefe de quê?
— Chef de cozinha.
O tira o examinou e amaciou um pouco.
— O senhor aparecia na televisão, não é?
— Sim, era eu.
— Então o que vem fuçar no meu gabinete?
— Tenho uma informação que pode lhe interessar.
O tira olhou de esguelha para seu colega, depois deu uma espiada no relógio de parede que acabava de dar uma hora da tarde.
— Já almoçou? — perguntou.
— Ainda não. Peguei o avião em San Francisco e aterrissei em Londres hoje de manhã.
— Só para falar comigo?
— Exatamente.
— Tem um bar frequentado pela polícia a duas ruas daqui. Uma porção de *fish & chips* é do seu agrado?
— Com prazer — respondeu Jonathan, levantando-se para segui-lo.
— Mas vou logo avisando, não é o Fat Duck...*

* * *

Nesse aspecto, o policial não mentira. O lugar era barulhento e cheirava a fritura, cerveja e suor.
Tão logo se sentou, Flaherty entrou no cerne da questão:
— Você parece simpático, mas vou logo avisando: o caso Alice Dixon está arquivado há dois anos, entendeu? Então, se veio me encher o saco com teorias escalafobéticas ou pseudorrevelações idiotas, explodo a sua cabeça no prato, está claro?
— Como o dia — respondeu Jonathan.
Talvez não seja a expressão mais apropriada, pensou, olhando através do vidro a chuva insistente que grossas nuvens carboníferas despejavam torrencialmente sobre o bar.
— Nesse caso, estou escutando — disse Jim, engolindo um pedaço enorme de peixe frito.
— O que aconteceu com Erin Dixon? — começou Jonathan.
— A mãe da guria? Morreu ano passado de overdose. Torrou em drogas a grana que os abutres da televisão lhe pagaram. Não conte comigo para ter pena dela...
— Por que o caso foi tão rapidamente arquivado?

— Rapidamente? Recebemos o coração da guria há dois anos e meio, no fim da primavera de 2009, dez dias antes da prisão de Harald Bishop, o Carniceiro de Liverpool. Temos prova de que a Alice morreu e um assassino atrás das grades, não é suficiente?

— Li que o Bishop foi acusado de alguns assassinatos que ele não cometeu...

— É, isso costuma acontecer com esse tipo de assassino serial. Não sabemos com certeza tudo que o Bishop fez. Ele fala muito, mas não necessariamente de casos sobre os quais queremos ouvir. Como muitos monstros de sua espécie, é um sujeito ao mesmo tempo insano e altamente calculista. Durante os interrogatórios, ele se diverte com os investigadores: confessa uma coisa, desmente, fala de outro crime... Analisamos todos os restos mortais encontrados no jardim dele. Não identificamos nenhum material genético da Alice, mas isso não significa que ele não matou a garota.

Jonathan provou um pouco de peixe frito e teve náusea. Sentia-se mal naquele lugar exíguo e quente como uma estufa. Abriu um botão da camisa e pediu uma Perrier.

— Continua apaixonado por Madeline Greene? — perguntou, abrindo a tampa da garrafa.

Flaherty olhou para ele, estático. Uma violência surda germinou dentro do policial.

— Vamos, admita, Jim! — continuou Jonathan. — É uma moça bonita, inteligente e determinada, com esse defeitinho que a deixa ainda mais atraente. Difícil não gostar dela, não acha?

Flaherty desceu o punho sobre a mesa.

— De onde está tirando essas...

— Basta olhar as fotografias do seu gabinete. Desde que a Madeline partiu, você ganhou quantos quilos? Quinze? Vinte? Virou um desleixado. Acho que a partida dela te deixou arrasado e que...

— Chega dessa babaquice! — disse o tira, agarrando-o pelo colarinho.

Mas isso não impediu Jonathan de continuar:

— Também acho que você não está nada convencido de que o Bishop matou a Alice. Você guardou o cartaz sobre o desaparecimento dela no seu gabinete, pois, para você, o caso ainda não foi elucidado. Tenho certeza de que você pensa na Alice todos os dias. Acho inclusive que continuou a investigar por conta própria e talvez tenha descoberto fatos novos. Não há provas que permitam reabrir o inquérito, mas elementos suficientemente perturbadores para estragar suas noites...

O olhar de Flaherty se turvou. Desconcertado, amansou um pouco. Jonathan vestiu o paletó, levantou-se e deixou uma nota de dez libras na mesa. Deu alguns passos debaixo da chuva, atravessou a rua e foi se proteger do temporal sob o

alpendre de uma escola.

— Espere! — gritou Flaherty, juntando-se a ele. — Você disse que tinha informações para me dar.

Os dois homens se sentaram num banco de madeira, longe do aguaceiro. Eram férias de Natal. A escola estava calma e deserta. O temporal caía com uma força incrível, despejando no bairro uma chuva pesada e torrencial que ameaçava inundar tudo.

— Não sou Papai Noel — avisou Jonathan. — Antes de lhe dizer o que descobri, quero saber exatamente em que pé estão suas investigações.

Jim suspirou, mas aceitou fazer um relatório sobre os progressos de suas buscas.

— Tem razão. Embora o inquérito esteja arquivado, continuei, durante meu tempo livre, a investigar algumas pistas abertas pela Madeline. Uma em particular, relativa ao diário da Alice, que sempre nos intrigou.

— Por quê?

— Porque só continha banalidades, nada de realmente íntimo...

— Mandou analisá-lo?

— Sim, primeiro por um grafólogo, que confirmou a autenticidade do diário, depois por um químico. Embora seja muito difícil datar documentos recentes, podemos extrair muitas coisas de algumas páginas rabiscadas. Por exemplo, sabia que alguns fabricantes introduzem em suas canetas "marcadores químicos" que fornecem o ano de fabricação da tinta?

Jonathan balançou a cabeça. Jim prosseguiu:

— A tinta começa a envelhecer assim que entra em contato com o papel. Seus componentes se degradam em outros produtos, que podem ser analisados por cromatografia e infravermelho. Enfim, vou pular os detalhes. O relatório grafológico foi categórico: as páginas foram de fato redigidas pela Alice, mas esse diário, que lista acontecimentos que se estendem ao longo de mais de um ano, foi na realidade escrito *de uma tacada só*!

Jonathan não estava certo de ter entendido tudo. Jim explicitou sua descoberta:

— Estou convencido de que se trata de uma cópia "passada a limpo", feita pela Alice para embaralhar as pistas.

— Concordo que é desconcertante, mas um pouco fraco, não acha?

— Tem outra coisa — acrescentou Flaherty. — O instrumento musical que encontramos no quarto dela.

— O violino?

— É. A Alice tinha aulas desde os seis anos com Sarah Harris, uma solista bastante conhecida que reparou nela ao dar um curso beneficente na escola. Como a menina era talentosa, Harris a presenteou com um violino artesanal de qualidade. Um instrumento que valia entre cinco mil e sete mil euros...

— Mas não foi esse que vocês encontraram no quarto da Alice, certo?

— Certo. Mandei fazer uma perícia no instrumento: é um violino medíocre de estudo, fabricado na China, e não vale um centavo....

Dessa vez, Jonathan foi obrigado a admitir que o fato era perturbador. Alice vendera seu violino antes de desaparecer? Em todo caso, ela não estava com ele nas imagens capturadas pela câmera de vigilância.

— Não adianta, já virei todos esses elementos de cabeça para baixo, mas não compreendo a lógica disso tudo — confessou Jim, desencantado.

— Explorou a pista do coração?

— Está me tomando por um iniciante! Em que pensou? Num transplante?

— Por exemplo...

— Claro que verifiquei! Não era muito complicado, aliás: ninguém faz esse tipo de cirurgia numa garagem, e o pequeno número de órgãos disponíveis obriga a uma transparência total. Fiz uma lista das adolescentes que receberam um coração novo nos meses seguintes ao rapto da Alice. Existem apenas algumas dezenas de casos. Todas essas pessoas foram identificadas e todas respeitaram os procedimentos.

Jonathan abriu o zíper da mochila para pegar um saquinho plástico contendo dois guardanapos de papel amarrotados e manchados de chocolate.

— O que é isso? — perguntou Jim, tentando ler através da embalagem.

Reconheceu a letra agora familiar. As primeiras linhas começavam assim:

> Caro sr. Lempereur, quer dizer, Jonathan.
> Tomei a liberdade de retirar as balas do seu revólver e jogá-las na lixeira do estacionamento enquanto você tomava seu café...

— Mande esses guardanapos para o seu laboratório. Tente coletar as impressões digitais.

— Fale um pouco mais sobre eles — pediu o policial.

— Veja o que está escrito no verso e compreenderá.

Jim franziu as sobrancelhas virando o saquinho plástico. Uma inscrição em letras douradas dançava no meio de cada guardanapo: “Os postos Total lhe desejam um feliz 2010”.

— Isso é impossível. Nessa data, a Alice estava morta fazia seis meses!

— Me ligue quando tiver os resultados — respondeu Jonathan, estendendo-lhe seu cartão.

— Espere! Vai voltar para San Francisco?

— Vou — mentiu Jonathan. — Tenho uma reserva no voo noturno e um

restaurante para tomar conta.

Levantou-se e voltou para o carro debaixo de chuva.

Deu partida, ligou o limpador de para-brisa e arrancou. Com a cabeça longe, ruminava os elementos que Flaherty acabava de lhe fornecer. Aquela história do diário, do violino... Absorto em pensamentos, não se deu conta de que, mecanicamente, mantinha o carro na pista da direita. Como um raio, um ônibus surgiu à sua frente. Jonathan soltou um grito, freou o carro com toda a força e corrigiu a rota. Perdeu um retrovisor na passagem, arranhou a lataria e tomou um belo de um susto.

Mas estava vivo.

* * *

Paris, QUATRO E MEIA DA TARDE

— Vai visitar a Juliane em Londres! — exclamou Raphaël. — Assim, de repente?

— Vai me fazer bem — respondeu Madeline.

Haviam marcado um encontro num pequeno café da Rue Pergolèse, embaixo do prédio onde Raphaël comandava seu escritório de arquitetura.

— Quando viaja?

— No início da noite, no Eurostar das 18h13.

— Mas estamos a três dias do Natal!

Ela tentou tranquilizá-lo:

— Não faça essa cara. Estarei de volta para a noite do dia 24.

— E a sua loja? Achei que estivesse cheia de trabalho...

— Escute — ela se irritou —, estou com vontade de visitar minha amiga na Inglaterra, ponto-final! Como não estamos mais em 1950, vou dispensar sua autorização.

Perdendo subitamente a paciência, ela se levantou e saiu do café. Atônito, Raphaël pagou a conta e foi ao seu encontro no ponto de táxi da Avenue de la Grande-Armée.

— Nunca te vi assim — ele se preocupou. — Está com algum problema?

— Não, querido, não se preocupe. Só preciso dessa pequena pausa, está bem?

— Está bem — ele concordou, ajudando-a a colocar a bagagem no porta-malas do táxi. — Me liga quando chegar?

— Claro — ela disse, beijando-o.

Ele se debruçou para o motorista e indicou:

— Gare du Nord, por favor.

O carro partiu. Madeline fez um sinal de adeus para Raphaël através do vidro. O arquiteto respondeu lhe soprando um beijo.

A moça esperou que o táxi chegasse à Place de l'Étoile para dizer ao motorista:
— Esqueça a Gare du Nord, vou para Roissy. Terminal 1.

* * *

Madeline apresentou o passaporte e a passagem à comissária da Air China. Naquele período de férias, todos os voos para San Francisco estavam lotados ou com preços exorbitantes. Por menos de mil euros, só encontrara na internet aquela ida simples na companhia chinesa. Um pulinho até a Califórnia que a obrigaria a uma breve escala em Pequim!

Entrou na passarela de vidro que levava ao avião. Jeans velho, suéter de gola rulê, jaqueta de couro — o jogo de espelhos dos vidros da plataforma lhe devolvia uma silhueta em que não restava mais muita coisa de feminino. Estava despenteada, sem maquiagem, quase desleixada. O lado "esfarrapado" de seu aspecto refletia o caos que reinava em sua mente.

Detestava-se por mentir a seu companheiro. Raphaël era um homem exemplar, responsável e atencioso. Conhecia seu passado e não a julgava. Ele lhe restituíra a serenidade e a confiança. Ela não tinha o direito de enganá-lo daquele jeito.

Contudo, não hesitara um segundo em comprar uma passagem de avião para o outro lado do mundo instantes depois de ter recebido o telefonema de Jim Flaherty.

Seu ex-parceiro descobrira o número de sua loja e entrara em contato com ela no início da tarde para avisá-la que um certo Jonathan Lempereur, um homem que dizia conhecê-la, viera interrogá-lo sobre o caso Dixon.

O caso Dixon...

Alice.

Aquela evocação desempenhara o papel de um eletrochoque que dava todo sentido a seu comportamento daqueles últimos dias. Era um sinal do destino! O destino brincara com ela desde o início, trocando seu celular pelo de Lempereur. Investigando sobre George, Francesca e Jonathan, ela voltara para Alice!

Em sua mente, tudo conservava a precisão de antes. A lembrança da adolescente continuava forte. Uma imagem nítida que ela tentara em vão reprimir para proteger sua sanidade mental. Uma chaga da alma ainda viva que nenhum fogo jamais poderia cauterizar.

Ninguém se liberta assim do passado. Ninguém escapa assim das areias movediças de suas obsessões.

Alice voltava para procurá-la.

Alice voltava para assombrá-la.

Da última vez, o horror do episódio do coração a fizera desistir de dar curso à investigação.

Agora, estava disposta a ir até o fim.

Qualquer que fosse o preço a pagar.

Nota

* Restaurante do chefHeston Blumenthal, umdos mais respeitados do Reino Unido.

23

O espelho de duas faces

Não sei aonde conduz o meu caminho, mas caminho melhor quando minha mão aperta a sua.

— Alfred de Musset

Quinta-feira, 22 de dezembro
Aeroporto Nice Côte d'Azur
11h55

Um sol exuberante de inverno ricocheteava no calçamento.

Jonathan trocara naquela mesma manhã a garoa inglesa pelo clima ameno do Mediterrâneo. Assim que desceu do avião, pegou um táxi para Antibes. Como o trânsito estava bom, o motorista dispensou a autoestrada, preferindo a departamental que acompanhava a beira-mar. Na Promenade des Anglais, parecia-se estar na Califórnia: os atletas faziam jogging, os mais velhos levavam os cães para passear e, na hora do almoço, vários trabalhadores comiam suas marmitas contemplando a baía dos Anjos sentados sob pérgolas.

Em vinte minutos, o carro chegou a Antibes. Atravessou o centro da cidade e alcançou o Boulevard de la Garoupe. Quanto mais se aproximava de seu destino, mais aumentava a excitação de Jonathan. Quem morava na "casa de Alice" naquele momento? Estavam em período de férias. Quem sabe a garota que ele deixara lá dois anos atrás ainda passava o Natal com os pais?

— Espere um pouquinho — pediu ao motorista, ao chegarem ao fim do beco do Sans-Souci.

Dessa vez, o portão estava fechado. Teve que tocar várias vezes e se identificar diante da câmera de vigilância antes que aceitassem abrir.

Percorreu a pé a aleia de cascalho que atravessava o terreno. O aroma de tomilho, alecrim e lavanda pairava no ar. Na escada da casa, uma mulher de uns cinquenta anos o aguardava. Usava lenço nos cabelos, tinha uma paleta na mão e manchas de pigmentos coloridos no rosto; visivelmente ele a importunara no meio de uma sessão de pintura.

— Em que posso ajudar? — ela perguntou, com um forte sotaque austríaco que acentuava sua semelhança com Romy Schneider.

Chamava-se Anna Askin e era dona da casa desde a primavera de 2001. Uma

propriedade que ela alugava boa parte do ano, em geral por semana, para uma rica clientela russa, inglesa e holandesa.

Jonathan não se mostrou admirado. Então, Alice mentira: seus "pais" não eram donos da casa. Sem dúvida, haviam-na simplesmente alugado para uma curta temporada de férias.

— Desculpe pelo incômodo, mas estou tentando encontrar uma família que alugou sua casa há exatamente dois anos. Sr. e sra. Kowalski, isso lhe diz alguma coisa?

Anna Askin balançou a cabeça. Em geral, não se encontrava pessoalmente com os locatários; louco por robótica, seu marido automatizara cada canto da casa. Tudo funcionava por meio de códigos e infravermelho, integrados numa rede controlada por um programa de computador.

— Já não sei, mas posso verificar.

Fez sinal a Jonathan para segui-la até o terraço. Ele a acompanhou até um mirante circular que dava para o mar e para os rochedos. Ao lado de um cavalete instalado sobre uma mesa de teca, um laptop de última geração tocava uma música relaxante. A austríaca abriu uma planilha de Excel com o histórico das locações.

— Sr. e sra. Kowalski, exato. Um casal de americanos que alugou a casa por quinze dias, entre 21 de dezembro de 2009 e 4 de janeiro de 2010. Estranho, partiram antes do previsto; a casa já estava vazia na noite do dia 1º.

Partiram apenas algumas horas depois da volta de Alice, pensou Jonathan.

— Tem o endereço deles?

— Não, pagaram tudo em dinheiro vivo: nove mil dólares, quantia entregue com várias semanas de antecedência no escritório do meu marido em Nova York. Isso não é de praxe, mas já aconteceu com os americanos. Eles têm essa "religião do *cash*" — disse, com certo desdém.

— E a caução?

— Nunca pediram o reembolso.

Merda...

— Mas a senhora guardou alguma coisa!

— Um endereço de e-mail. Foi assim que nos comunicamos.

Sem muita esperança, Jonathan anotou o endereço eletrônico: uma conta hotmail decerto criada exclusivamente para aquele uso e que se revelaria impossível de rastrear.

Agradeceu a Anna Askin pela cooperação e pediu ao motorista que o levasse de volta ao aeroporto.

* * *

DUAS HORAS DA TARDE

Jonathan se dirigiu ao balcão da Air France para comprar um bilhete no voo das três horas da tarde para Paris. Atravessou a área de embarque e aguardou, mordendo um *club sandwich* num dos restaurantes panorâmicos que davam para as pistas.

De modo geral, sentia-se mal em aeroportos, mas o de Nice era diferente. Privilegiando a transparência, o terminal tinha a forma de um imenso cone de vidro com ares de disco voador. A fachada envidraçada oferecia uma vista espetacular da Grande Bleue, da baía dos Anjos e dos picos nevados do Esterel. Futurista e reconfortante, o lugar fazia sonhar. A luz se espalhava por toda parte, como num loft de dimensões infinitas flutuando entre o céu e o mar...

Ele puxou o elástico para abrir a caderneta na qual anotara o resumo de sua conversa com Jim Flaherty. Registrou o que acabava de saber da boca de Anna Askin, embora tivesse consciência de que não avançara muito. A história de Alice Dixon também o obcecava agora, mas ele não se saíra melhor que os outros que se haviam debruçado sobre o caso antes; quanto mais ele investigava, mais se adensava o mistério e se multiplicavam as pistas, uma mais desorientadora que a outra.

Fez mais algumas anotações, tentando associar alguns elementos, deitando no papel todas as hipóteses que lhe passavam pela cabeça. Absorto em pensamentos, esperou que chamassem seu nome para se levantar e ir até o balcão de embarque.

Certo de que suas deduções se chocavam com um muro e de que não descobriria sozinho a chave do enigma, uma evidência se lhe impôs: precisava se encontrar com Madeline Greene.

* * *

Aeroporto de San Francisco

8h45

Com um orgulho não dissimulado, o piloto da Air China anunciou aos passageiros que a aeronave acabava de pousar no terminal, cinco minutos antes do horário previsto.

Mochila nos ombros, Madeline seguiu o fluxo de passageiros nas filas do setor de imigração. Completamente zonza por causa do fuso horário, levou um tempo para perceber que não passava de nove horas da manhã e, quando lhe pediram o passaporte, deu-se conta de que, na precipitação da partida, esquecera de preencher o formulário online esta que autorizava sua entrada nos Estados Unidos!

— A senhora esteve em Nova York dias atrás. O formulário é válido por dois anos — tranquilizou-a o funcionário.

Ela soltou um grande “ufa” e tentou se acalmar. Sem bagagem, foi diretamente para o setor dos táxis e deu ao motorista o único endereço que tinha de Jonathan: o de seu restaurante.

Fazia calor e o dia estava ensolarado. Difícil acreditar que, algumas horas antes, estava sob a garoa parisiense. Chegou a abrir o vidro para ter certeza do clima ameno.

Califórnia...

Sempre sonhara estar ali, mas imaginara que seria nas férias, na companhia de um namorado. Não daquele jeito, na correria, tendo mentido ao homem que acabava de pedi-la em casamento.

Porra... Por que eu estrago tudo?

Levara dois anos para reconstruir uma vida estável e serena, mas aquele belo equilíbrio fora pelos ares com o retorno insidioso dos fantasmas do passado. Em poucos dias, perdera todas as referências. Sentia-se perdida no meio de uma *no man's land* inquietante, dividida entre duas vidas que não eram mais suas.

O carro rodou uns vinte minutos, atravessando a cidade, depois os bairros da zona sul até North Beach.

Eram dez horas quando o táxi deixou Madeline em frente ao restaurante de Jonathan...

* * *

Enquanto isso, em Paris...

Seis da tarde. O avião saíra atrasado de Nice: uma greve-relâmpago dos controladores de voo imobilizara a aeronave no solo durante quase uma hora. Em seguida, já em Orly, Jonathan teve de esperar uns bons quinze minutos para que instalassem a passarela de acesso ao saguão. Anoitecera, fazia frio, ele estava exausto, a marginal estava bloqueada; educado até dizer chega, o motorista de táxi escutava o rádio a todo volume sem se preocupar com o passageiro.

Welcome to Paris!

Jonathan não tinha a alma parisiense. Ao contrário de Nova York, San Francisco ou das cidades do sudeste, a capital não era a *sua* cidade. Não se sentia em casa em Paris, não tinha boas lembranças de lá, nunca quisera educar o filho lá.

Transposta a Porte d'Orléans, o trânsito fluiu melhor. Estavam se aproximando de Montparnasse. Ele verificara os horários de abertura da loja de Madeline no "seu" celular. A florista só fechava as portas às oito horas da noite. Dentro de poucos minutos, iria então revê-la, falar com ela. Sentiu um misto de excitação e apreensão. Nunca tivera aquela impressão de conhecer tanto uma pessoa tendo convivido tão pouco com ela. Bastara aquela troca de celulares para que ele se sentisse ligado a Madeline de maneira muito forte.

O táxi passou pelo Leão de Belfort da Place Denfert-Rochereau, seguiu o Boulevard Raspail, depois virou na Rue Delambre. Pronto, só mais uns poucos

metros, e já avistava a fachada verde-amêndoa da loja que vira numa foto na internet. Estacionado em frente a um restaurante de sushi, um caminhão obstruía a rua. Com pressa de chegar, Jonathan pagou a corrida e percorreu a pé a pequena distância que o separava da loja...

* * *

San Francisco

Um pequeno quadro-negro pendurado na porta do French Touch avisava:

Prezados clientes,
O restaurante fechará as portas até 26 de dezembro, inclusive.
Agradecemos a compreensão.

Madeline não acreditou no que via: Jonathan tirara umas feriazinhas! Então ela acabava de percorrer doze mil quilômetros... para nada?

Merda!

Ela devia pelo menos ter sido menos impulsiva, se informado antes de empreender uma viagem daquelas, mas Jim Flaherty lhe garantira que o chef tomara o voo noturno no dia anterior.

Releu a última linha escrita com giz:

Agradecemos a compreensão.

— Compreensão! Quer saber onde enfiar a minha compreensão? — ela gritou, ante o olhar perplexo de uma velhinha que passeava com o cachorro.

* * *

Paris

Caros amigos,
Por ocasião das festas de fim de ano, o Jardin Extraordinaire estará fechado de quarta-feira, 21 de dezembro, a segunda-feira, 26 de dezembro.
Boas festas a todos!
Madeline Greene + Takumi

Incrédulo, Jonathan esfregou os olhos: uma florista que fechava a loja na semana anterior ao Natal! Aparentemente a jovem inglesa sucumbira à inclinação imoderada

dos franceses por férias! Sua decepção se transformou em irritação. Enquanto espumava de raiva, ouviu o celular tocar no bolso. Era Madeline...

Ela: Onde você está?
Ele: Ei! Nunca lhe ensinaram a dizer "bom dia"?
Ela: Bom dia. Onde você está?
Ele: E você?
Ela: Em frente ao seu restaurante, imagine só!
Ele: O quê?
Ela: Estou em San Francisco. Me diga onde mora e vou me encontrar com você.
Ele: Mas, justamente, não estou em casa!
Ela: Quer dizer que...
Ele: Estou em Paris, em frente à sua loja.
Ela: ...
Ele: ...
Ela: Não podia ter me avisado, porra?
Ele: Então a culpa é minha? Eu poderia lhe retribuir o cumprimento!
Ela: Foi VOCÊ que começou a fuçar o meu celular! VOCÊ que se meteu em coisas que não lhe dizem respeito! VOCÊ que desenterrou um dossiê que estragou a minha vida. VOCÊ que...
Ele: CHEGA! Escute, precisamos conversar, com calma. Cara a cara.
Ela: A dez mil quilômetros de distância, me parece meio difícil!
Ele: É por isso que cada um de nós vai dar um passo em direção ao outro.
Ela: ...?
Ele: Sugiro que a gente se encontre em Manhattan. É rápido e, com o fuso horário, podemos estar lá hoje à noite.
Ela: Você está maluco! Em primeiro lugar, os aviões estão lotados, meu cartão de crédito está no vermelho e vou logo avisando que...
Ele: Tem um voo da United Airlines às 14h30. Já viajei muito nele para pegar o Charly em Nova York. Tenho um monte de milhas e pago a sua passagem...
Ela: Sabe onde você pode enfiar a passagem?
Ele: Bom, não adianta ser grosseira e bancar a durona. Em vez disso, me dê o número do seu passaporte, data e local de emissão. Preciso disso para reservar a passagem.
Ela: Pare de me dar ordens e de falar comigo como se eu fosse uma débil mental! Você não é meu pai!
Ele: Graças a Deus...
Ela: E pare de se meter na minha vida particular e nas minhas investigações!
Ele: Suas investigações? Acho que você deixou de ser tira há um tempão.

Ela: Não entendo por que você está me perseguindo nem o que pretende ganhar com isso. Quer me chantagear, é isso?
Ele: Não seja ridícula, só quero te ajudar.
Ela: Devia primeiro ajudar a si mesmo.
Ele: O que quer dizer com isso?
Ela: Quero dizer que a sua vida é um completo caos e que a sua ex-mulher esconde coisas de você.
Ele: Por que diz isso?
Ela: Também fiz minhas pequenas buscas...
Ele: Mais uma razão para conversarmos, não acha?
Ela: Não tenho nada a lhe dizer.
Ele: Escute, tenho novas informações sobre Alice Dixon.
Ela: Você é louco...
Ele: Pelo menos me deixe explic...
Ela: Vá se foder!

Ela desligara. Ele tentou ligar de novo, mas ela desativara o aparelho. Santo Deus! Ela não facilitava em nada...

Uma série de relâmpagos rasgou as nuvens escuras, e raios riscaram o céu. Continuou a chover torrencialmente. Jonathan não tinha nem guarda-chuva nem capuz, e o casaco estava encharcado. Tentou chamar um táxi, mas ali não era Nova York. Desanimado, caminhou até o ponto da estação Montparnasse e entrou na fila. A silhueta escura e solitária da hedionda Torre Montparnasse desfigurava o céu parisiense. Sempre que ia àquele bairro, perguntava-se como haviam permitido a construção daquela carcaça triste, tão monstruosa quanto inestética.

Acabara de entrar no táxi quando um carrilhão leve e alegre anunciando a chegada de um SMS tocou no bolso úmido do impermeável.

Era um texto de Madeline. Continha uma série de algarismos e letras, bem como a frase: “Emitido em Manchester em 19 de junho de 2008”.

* * *

No Charles de Gaulle, Jonathan pegou o voo da Air France de 21h10. A viagem durou sete horas e cinquenta e cinco minutos, e o avião pousou no JFK, em Nova York, às 23h05.

* * *

Madeline deixou San Francisco às 14h30. Recebera por e-mail a passagem eletrônica prometida por Jonathan. O voo até Nova York durou cinco horas e vinte e cinco minutos. Eram 22h55 quando aterrissou no JFK.

* * *

Nova York

Assim que desembarcou, Jonathan consultou no monitor o histórico de chegadas. O avião de Madeline pousara dez minutos antes do seu. Sem saber onde ela o esperava, hesitou em ligar, mas avistou o restaurante La Porte du Ciel, o estabelecimento no qual entraram em rota de colisão.

Quem sabe se...

Aproximou-se da cafeteria e observou através do vidro. Madeline estava sentada a uma mesa diante de um café e um *bagel*. Levou um tempo para reconhecê-la. A *fashion victim* elegante cedera lugar a uma *girl next door* urbana. A maquiagem desaparecera. Um par de tênis Converse substituíra os escarpins, uma jaqueta de couro expulsara o casaco Prada, e uma bolsa azul-marinho informe, colocada sobre o banquinho, destronara as luxuosas bagagens de lona Monogram.

Presos num coque, os cabelos escapavam em mechas louras, escondendo parcialmente uma cicatriz e, contudo, dando um toque de feminilidade a seu novo visual. Jonathan deu duas batidinhas discretas no vidro, como se batesse a uma porta. Ela ergueu os olhos para olhar para ele, que compreendeu imediatamente que a pessoa à sua frente não tinha mais nada a ver com a moça bonita e vaidosa que ele encontrara no sábado anterior. A detetive de Manchester voltara a prevalecer sobre a florista parisiense.

— Boa noite — ele disse, aproximando-se da mesa.

Os olhos de Madeline estavam vermelhos pela falta de sono e brilhavam de cansaço.

— Bom dia, boa noite... Não sei mais nem a hora nem o dia em que estamos...

— Eu te trouxe uma coisa — ele disse, estendendo-lhe seu celular.

Por sua vez, ela vasculhou no bolso para pegar o aparelho de Jonathan, que jogou para cima e ele pegou no ar.

Agora não estavam mais sozinhos.

TERCEIRA PARTE

Um pelo outro

24

O que os mortos deixam para os vivos

O que os mortos deixam para os vivos [...] é decerto um sofrimento inconsolável, mas também uma intimação a viver, a realizar a porção de vida da qual os mortos supostamente se separaram, mas que permanece intacta.

— François Cheng

Manchester
Delegacia de Cheatam Bridge
Quatro horas da manhã

Na penumbra do gabinete, Jim Flaherty aumentou a potência da calefação, mas o aparelho, gratuitamente fornecido pela administração pública, acabava de entregar os pontos e agora só expelia ar frio. Paciência, teria de conservar o cachecol e o agasalho polar. Naquela véspera de Natal, a delegacia estava quase deserta. A noite fora calma — o frio que paralisava o noroeste da Inglaterra tinha pelo menos o mérito de refrear a delinquência.

Um tilintar agudo assinalou a chegada de um e-mail. Jim ergueu a cabeça para a tela e seus olhos se acenderam. Era a mensagem que ele esperava: o relatório do grafólogo para quem mandara a fotografia do guardanapo de papel entregue por Jonathan Lempereur. Na véspera, quando preenchera o formulário oficial, vira seu pedido rejeitado a pretexto de que o caso Dixon estava arquivado e de que a administração pública não tinha mais tempo nem dinheiro a lhe dedicar. Escolhera então um caminho oficioso e ligara para uma de suas instrutoras na escola de polícia: Mary Lodge, antiga responsável pela unidade de perícia "Comparação de caligrafias manuscritas" da Scotland Yard. Ela trabalhava como consultora com honorários proibitivos, mas aceitara lhe prestar aquele favor.

Transtornado, Jim leu e releu a mensagem. As conclusões do relatório eram ambíguas. As frases no guardanapo de papel podiam muito bem ser do punho de Alice, mas a letra muda e evolui quando crescemos: a nova caligrafia era mais "madura" que a das amostras do diário, tornando difícil uma identificação inquestionável.

Jim suspirou.

Esses peritos de merda nunca dão a cara a tapa...

Um barulho. Alguém empurrou a porta do gabinete sem se dar o trabalho de bater.

Flaherty ergueu a cabeça e vincou os olhos para reconhecer seu colega, Trevor Conrad.

— Está gelado aqui! — observou o jovem tira, subindo o zíper da jaqueta.

— Terminou? — perguntou Jim.

— Vou logo avisando, é a última vez que você me faz ralar a noite inteira em cima de um processo arquivado há anos. Coletar essas impressões digitais não foi sopa, pode acreditar... — ele disse, entregando-lhe o saquinho plástico contendo a prova material, o famoso guardanapo de papel manchado de chocolate.

— Descobriu alguma coisa promissora?

— Seja como for, trabalhei como um louco. Passei o guardanapo no DFO. Tem muitos vestígios, fragmentos, mas tudo muito parcial.

Estendeu-lhe um pen drive, advertindo-o:

— Copiei para você todos os resultados, mas está tudo misturado. Não espere encontrar um datilograma completo.

— Obrigado, Trevor.

— Bom, estou de saída. Com essas suas besteiras, a Connie vai acabar achando que tenho uma amante — resmungou o jovem inspetor, deixando o recinto.

A sós, Jim inseriu o pen drive na torre do computador. Trevor conseguira isolar uma dezena de fragmentos, dos quais dois ou três pareciam utilizáveis. Jim os arrastou para o desktop do PC. Ampliou as fotos e ficou um longo tempo contemplando, fascinado, aqueles emaranhados de curvas, anéis, cristas e sulcos que percorrem a pele de nossos dedos para dar a cada um de nós nossa singularidade.

Foi com apreensão que se conectou ao cadastro automatizado de impressões digitais. Sabia que era tudo ou nada, mas, na solidão e no frio da noite, ainda queria acreditar em sua estrela. Iniciou a comparação das três formas com as centenas de milhares contidas no banco de dados. O algoritmo começou a varredura numa velocidade alucinante. Naquele domínio, a lei inglesa era uma das mais rigorosas do mundo: impunha a presença simultânea de dezesseis pontos de convergência para autenticar duas impressões digitais como idênticas.

Subitamente, a tela se congelou no rosto triste de Alice Dixon.

Jim foi percorrido por um calafrio: as impressões digitais no guardanapo de papel eram de fato da adolescente.

Aquele Jonathan Lempereur não inventara sua história. Em dezembro de 2009, mais de seis meses depois que lhe haviam supostamente arrancado o coração, Alice Dixon ainda estava viva!

Sentiu as mãos tremerem e as prioridades se chocarem na cabeça. Ordenaria a reabertura do inquérito. Avisaria seu chefe, a mídia, Madeline. Dessa vez, eles iriam encontrá-la. Não havia um instante a perder, ele...

O barulho surdo e difuso de uma deflagração rompeu o silêncio da noite.

Disparada à queima-roupa, a bala matou Jim instantaneamente.

* * *

A *sombra* se esgueirara pela janela.

Vestindo uma malha preta da cabeça aos pés, o matador prosseguiu com a missão para a qual fora pago. Colocou a automática na mão de Jim para fazer crer num suicídio, depois, como lhe haviam pedido, recolheu o saco plástico contendo o guardanapo de papel, bem como o pen drive. Conectou em seguida um pequeno disco rígido no computador do policial morto e o usou para introduzir o vírus "Chernobyl 2012", um bug fulminante que, num tempo recorde, infectaria os programas da máquina, deletaria o conteúdo do disco rígido e impediria o programa de reiniciar.

A operação levou menos de trinta segundos. Agora, ele precisava dar no pé. Embora a delegacia estivesse quase vazia, alguém não demoraria a aparecer no gabinete. O silenciador que equipava a Beretta era de eficácia relativa. Moderava e abafava a intensidade da detonação, sem com isso reduzir o chiado breve que se ouvia nos filmes.

A sombra recolheu rapidamente o material do roubo. No momento em que se preparava para sair pela janela, ouviu o celular de Jim vibrar na mesa. Não pôde se impedir de dar uma espiada no smartphone — um nome se estampou na tela:

MADELINE

25

A cidade que nunca dorme

Os homens conversam com as mulheres para conseguir ir para a cama com elas;
as mulheres vão para a cama com os homens
para conseguir conversar com eles.
— Jay McInerney

Enquanto isso, em Nova York...

— Não há nada a fazer, o Jim não atende — constatou Madeline, desligando, enquanto o táxi estacionava em frente a um pequeno restaurante de Greenwich Village.

Jonathan abriu a porta do carro para ela.

— Não é de espantar, são cinco horas da manhã em Manchester! O seu Jim ainda está no berço, só isso...

A investigadora seguiu o francês até o interior da *brasserie*. Assim que chegaram, o dono reconheceu o ex-chef.

— Jonathan! É sempre uma honra, você sabe!

— Bom te ver, Alberto.

O dono os instalou a uma mesinha perto da janela.

— Vou trazer dois Special One — disse ele, afastando-se.

Madeline ligou novamente para o número de Flaherty, sem mais sucesso do que antes. Alguma coisa não batia...

— O Jim é escravo do trabalho. Conhecendo-o como conheço, com o que você lhe contou, ele deve ter feito de tudo para conseguir a intervenção da polícia científica. E, a essa hora, já deve estar com os primeiros resultados.

— Estamos a dois dias do Natal, todo mundo trabalha em câmera lenta. Ligue para ele amanhã de manhã.

— Hum... — aceitou Madeline. — Aliás, onde pretende me colocar para dormir? Porque vou logo avisando, estou exausta e...

— Não se preocupe, vamos para a casa de Claire.

— Claire Lisieux? Sua ex-sous-chef no L'Imperator?

— Exatamente. Ela tem um apartamento perto daqui. Liguei para ela para pedir abrigo. Deu tudo certo, ela não vai estar em Nova York no Natal.

— Onde ela trabalha agora?

— Em Hong Kong, num dos restaurantes de Joël Robuchon.

Madeline espirrou. Jonathan lhe estendeu um lenço de papel. *Alice talvez esteja viva...*, ela pensou, com os olhos brilhantes. Zonza com as revelações de Jonathan, procurava calar sua voz interior, obrigando-se a refrear a excitação, recusando-se ainda a exultar antes de receber provas concretas.

— Prato quente chegando! — gritou Alberto, trazendo a especialidade da casa: dois hambúrgueres sangrentos num pão crocante, adornados com cebolinhas, pepinos e batatas salteadas.

Situado ao norte de Greenwich Village, na esquina da University Place com a 14th Street, o Alberto's era um dos últimos *diners* autênticos de Manhattan. Aberto vinte e quatro horas por dia, o vagão-restaurante de metal atraía, numa atmosfera retrô, um fluxo contínuo de notívagos que iam até lá se regalar com omeletes, *french toasts*, cachorros-quentes, *waffles* e panquecas.

O ítalo-americano colocou um *milk-shake* diante de cada prato.

— Esta noite vocês são meus convidados. Não, Jonathan, não me contrarie, por favor! Aliás, pode ser a última vez...

— Por quê, pode me dizer?

— Também arrancaram a minha pele! — exclamou Alberto, apontando um cartaz afixado na parede.

O aviso anunciava aos clientes que, em razão de um aumento exorbitante do aluguel, o lugar vivia seus últimos dias e fecharia as portas na primavera.

— Sinto muito — apiedou-se Jonathan.

— Paciência! Abrirei alguma coisa em outro lugar — ele garantiu, recuperando o humor jovial antes de desaparecer na cozinha.

Assim que ele deixou a mesa, Madeline avançou no sanduíche.

— Estou morrendo de fome — confessou, dando uma mordida no Special One.

Igualmente faminto, Jonathan não se fez de rogado e a imitou. Degustaram a refeição se deixando conquistar pelo charme do restaurante. Era um lugar fora do tempo, que misturava alegremente elementos *art déco*, cromados rutilantes e móveis de fórmica. Na parede atrás do balcão, uma série de fotografias autografadas mostrava as celebridades — de Woody Allen ao prefeito de Nova York — que já haviam marcado presença no local para degustar um prato de massa ou de *arancini*. No fundo da sala, uma velha *jukebox* tocava "Famous Blue Raincoat", uma das mais belas canções de Leonard Cohen, apesar da melancolia e da letra obscura.

De rabo de olho, Jonathan observava a jovem inglesa devorar o hambúrguer.

— Estranho, a primeira vez que te vi, eu teria jurado que você era o tipo da garota vegetariana, que se contenta com duas folhas de alface por dia.

— As aparências... — ela sorriu.

Já passava de uma da manhã. Um diante do outro, sentados num banco de couro falso, eles desfrutavam daquele momento de trégua. Apesar do cansaço, ambos tinham a impressão de sair de uma longa hibernação. Nas últimas horas, uma nova adrenalina fazia o sangue correr mais rápido nas veias. Jonathan abandonara o torpor e a aspereza em que mergulhara nos últimos anos. Quanto a Madeline, deixara de acreditar que sua vidinha sem percalços a protegeria de seus demônios.

Aquele instante partilhado, um pouco irreal, era o "olho do ciclone", a grande bonança antes do retorno de uma tempestade que só poderia ser mais brutal e devastadora. Não se arrependiam da escolha, mas também sabiam que o desconhecido se abria diante deles: o vazio, as interrogações, o medo... O que aconteceria amanhã? Aonde os levaria aquela investigação? Estariam à altura dela ou sairiam daquela aventura ainda mais machucados?

Um celular vibrou na mesa. Eles abaixaram os olhos ao mesmo tempo. Mecanicamente, haviam posicionado os celulares lado a lado. Era o de Jonathan que estava chamando, mas foi o nome RAPHAËL que piscou na tela.

— Acho que é para você — ele disse, estendendo-lhe o aparelho. — Que atrevimento gravar o nome dele na minha agenda!

— Desculpe. Ele me pediu o seu número. Não sabe que recuperei o meu.

A vibração se prolongava.

— Não vai atender?

— Não, não tenho coragem.

— Escute, isso não é assunto meu e não sei exatamente o que você disse a ele ao partir, mas acho que não devia deixar seu namorado sem notícias...

— Tem razão, isso não é assunto seu.

O celular parou de vibrar. Jonathan olhou para a moça com um ar crítico.

— Ele sabe que você está aqui?

Ela deu de ombros.

— Ele pensa que estou em Londres.

— Na casa da sua amiga Juliane, não é?

Ela aquiesceu com a cabeça.

— Ele deve ter falado com ela — adivinhou Jonathan. — Sabe que você não está na casa dela.

— Vou ligar amanhã.

— Amanhã? Mas ele deve estar morrendo de preocupação! Vai ligar para aeroportos, delegacias, hospitais..

— Quer parar com esse teatro?

— Você não tem coração? Não sente pena desse pobre coitado que deve estar arrancando os cabelos?

— Pare de me encher! E o Raphaël não é um pobre coitado!

— Vocês são realmente todas iguais!

— Não é porque você tem um problema com as mulheres que eu devo pagar o pato!

— Você não está sendo honesta com ele! Diga a verdade.

— Que verdade?

— Que você não o ama mais. Que ele era apenas um estepe na sua vida, uma muleta que...

Ela ergueu a mão para esbofeteá-lo, mas ele lhe agarrou o braço, evitando o tabefe por um triz.

— É melhor você se acalmar.

Então se levantou, vestiu o casaco, pegou seu celular e saiu para fumar um cigarro na calçada.

* * *

O neon da fachada brilhava na noite. Fazia um frio dos diabos, acentuado por borrascas glaciais. Jonathan juntou as mãos para proteger do vento a chama do isqueiro, mas o temporal estava tão forte que foi obrigado a tentar duas vezes antes de conseguir acender o cigarro.

* * *

Furiosa, Madeline se levantou e abriu caminho até o balcão para pedir um uísque duplo, que misturou com suco de abacaxi. Na *jukebox*, a voz profunda e rouca de Leonard Cohen cedera lugar à guitarra rítmica e à bateria dos Beatles. "I Need You", cantava George Harrison. Era uma melodia totalmente "anos 60", leve e ingênua, que o "terceiro Beatle" escrevera para Pattie Boyd quando estavam apaixonados, bem antes de ela o trocar por Eric Clapton.

Com o drinque na mão, Madeline voltou e se sentou novamente à mesa. Olhou através do vidro aquele homem estranho que ela só conhecia havia uma semana, mas que, naqueles últimos dias, não lhe saíra da cabeça, a ponto de obcecá-la. Envolto em seu casaco, ele observava o céu. A luz branca do poste lhe dava um ar lunar, vagamente infantil e melancólico. Ele tinha alguma coisa de comovente e cativante. Um charme simples, um rosto que inspirava confiança. Transmitia alguma coisa de franco, saudável, benéfico. Por sua vez, ele olhou para ela e foi então que alguma coisa mudou. Percorrida por calafrios, ela sentiu um grande embrulho no estômago.

À medida que absorvia aquela emoção inesperada, o coração disparou, as pernas tremeram, borboletas lhe esvoaçaram na barriga.

Levou um susto. Completamente desorientada, perguntou-se de onde vinha aquela agitação que a deixara subitamente sem rumo. Não controlava mais nada.

Transtornada, incapaz de lutar, não conseguia mais desgrudar o olhar de Jonathan. Agora, seu rosto lhe parecia familiar, como se o conhecesse desde sempre.

* * *

Jonathan deu uma tragada e expeliu uma espiral de fumaça azul que, compactada pelo frio da noite, levou uma eternidade para se dissipar. Percebendo o olhar de Madeline do outro lado do vidro, voltou o rosto e, pela primeira vez, seus olhares se cruzaram de verdade.

Aquela mulher... Ele sabia que por trás da carapaça dura e fria se escondia uma pessoa sensível e complexa. Fora graças a ela que saíra de seu torpor. Novamente, sentiu aquele vínculo inédito que os unia. Naqueles últimos dias, haviam empreendido um aprendizado rápido um do outro. Haviam alimentado uma obsessão mútua, desvendando seus segredos mais íntimos, expondo suas falhas, sua fragilidade, sua tenacidade, descobrindo forças e fraquezas que pareciam ecoar.

* * *

Durante alguns segundos, mostraram-se unidos numa harmonia perfeita. Um fascínio, um flash, um instinto de vida. Avaliando o caminho e os riscos para chegarem até o outro, haviam sido de fato obrigados a admitir que eram *twin souls*, almas gêmeas que se haviam reconhecido e caminhado para alcançar a mesma destinação. Agora, havia entre eles como uma evidência, um impulso, uma química. Um sentimento primitivo que remontava aos medos e esperanças da infância. A certeza vertiginosa de estar finalmente diante da pessoa capaz de preencher o vazio, calar os medos e curar as feridas do passado.

* * *

Madeline capitulou e se rendeu a esse novo sentimento. Era inebriante como um salto no vazio, sem paraquedas nem elástico. Voltou a pensar em como se haviam conhecido. Nada teria acontecido sem aquele esbarrão no aeroporto. Nada teria acontecido se não tivessem trocado os celulares por descuido. Se ela tivesse entrado naquela cafeteria trinta segundos mais cedo ou mais tarde, nunca teriam sabido da existência um do outro. Estava escrito. Um estranho golpe do destino, que escolhera aproximá-los num momento decisivo. O chamado do anjo, como dizia sua avó...

* * *

Imóvel na noite, Jonathan se entregava ao devaneio, devorado por uma queimadura que consumia os laços do passado para desenhar o esboço de um

futuro.

A magia durou menos de um minuto. Subitamente, o encanto se rompeu. Seu celular tocou no bolso. Era Raphaël, tentando de novo. Daquela vez, Jonathan preferiu atender. Voltou ao restaurante, dirigiu-se à mesa e estendeu o aparelho para Madeline.

— É para você.

Duro retorno à realidade.

* * *

VINTE MINUTOS MAIS TARDE

— Não seja criança! Você vai morrer de frio com essa jaquetinha!

O frio estava cada vez mais cortante. Vestindo só um suéter e uma jaqueta, Madeline seguia Jonathan ao longo da 14th Street, mas, teimosamente, recusava-se a vestir o casaco que ele lhe oferecia.

— Vai abaixar a crista amanhã, com quarenta graus de febre...

Na esquina da 6th Avenue, ele parou numa loja de conveniência para comprar água e café, bem como um grande saco de aniagem cheio de gravetos e achas de lenha.

— Como sabe que tem lareira?

— Porque, imagine você, conheço essa casa. Ajudei a Claire a comprá-la, fui o fiador.

— Vocês dois eram muito amigos, né?

— Era uma ótima amiga, sim. Bom, vai colocar o casaco ou não?

— Não, obrigada. É realmente magnífico aqui — ela se extasiou, descobrindo o bairro.

Numa cidade em constante transformação, Greenwich Village representava uma espécie de ponto fixo protegido da modernização. Quando Madeline viera a Manhattan com Raphaël, haviam se hospedado em Midtown, visitaram a Times Square, os museus e as lojas em torno da 5th Avenue. Agora, descobria uma Nova York livre dos arranha-céus. Uma Nova York mais residencial, com suas elegantes *brownstones* de fachada de tijolos e escadaria de pedra que lembravam os bairros burgueses da velha Londres. O que mais a atraía era que, ao contrário das vias retilíneas que quadriculavam o resto da cidade, o Village pululava de ruelas sinuosas que obedeciam ao traçado das antigas estradas de pastoreio, vestígios da época em que Greenwich não passava de um lugarejo rural.

Apesar do frio e da hora tardia, os bares e pequenos restaurantes continuavam animados. Nas aleias flanqueadas de árvores, cruzaram com praticantes de jogging e seus cães, enquanto estudantes da NYU comemoravam o início das férias de Natal

cantando “Christmas Carols” debaixo dos postes.

— É realmente a cidade que nunca dorme! — ela constatou.

— É, nesse ponto a lenda não mente...

Quando chegavam a Washington Square, Jonathan entrou numa ruazinha de paralelepípedos cujo acesso era protegido por um portão.

— Antigamente a MacDougal Alley abrigava as estrebarias das mansões que margeavam o parque — ele explicou, digitando a senha para abrir a cancela. — Parece que foi a última rua de Manhattan a ser iluminada por postes a gás.

Percorreram uns cem metros do pequeno beco. Difícil acreditar que estavam em Nova York no início do século XXI — aquele lugar exalava algo de mágico e atemporal.

Pararam em frente a um pitoresco sobrado. Jonathan seguiu as instruções de Claire, erguendo o vaso de cerâmica encostado na fachada, sob o qual a porteira deixara um molho de chaves.

Ligou o disjuntor para restabelecer a luz e a calefação, depois foi acender a lareira. Madeline circulou por todos os cômodos. A casa fora restaurada com bom gosto. A mobília era moderna, mas haviam preservado alguns elementos originais, como as paredes de tijolos vermelhos, as vigas aparentes e um admirável poço de luz que dava um ar deslumbrante ao ambiente.

Curiosa, a jovem inglesa examinou as fotografias nas paredes. Claire Lisieux era uma moça bonita, alta e atlética. Sentiu ciúme na mesma hora.

— Não acha estranho você aparecer em mais da metade das fotos expostas nesta casa?

— Como assim? — perguntou Jonathan, riscando um fósforo para acender os gravetos.

— Você está em toda parte: Claire e Jonathan nos fogões, Claire e Jonathan no Fish Market, Claire e Jonathan no Dean & DeLuca, Claire e Jonathan na feira orgânica, Claire e Jonathan posando com celebridades...

— Ela é minha amiga. Normal ter guardado lembranças.

— Com exceção do pai dela, você é o único homem em todas essas fotos!

— Vai fazer uma cena?

— Quem é essa mulher? Sua amante?

— Não! Quantas vezes vai me fazer essa pergunta?

— De qualquer forma, ela estava apaixonada por você, isso é evidente.

— Não faço ideia.

— Pois estou lhe dizendo.

— O que isso muda?

— Depois da sua separação, você poderia ter se reaproximado dela. É jovem, bonita como uma estrela, visivelmente inteligente...

— Já chega.
— Não, me explique.
— Não há nada a explicar.
— Quer que eu te explique? — ela o desafiou, debruçando-se para frente.
— Não, por favor.
Jonathan tentou recuar, mas estava de costas para a lareira e o fogo começava a incomodá-lo.
— Vou explicar assim mesmo! Claire Lisieux é perfeita: é uma moça meiga, educada e séria. Seria a mãe ideal se você tivesse outros filhos. Você gosta dela e a respeita muito, mas... como dizer...? Seria muito fácil, muito harmonioso...
Madeline se aproximara mais ainda. Agora, seus lábios estavam a poucos centímetros dos de Jonathan. Continuou:
— Ora, não é isso que você procura no amor, certo? Para você, tem que ter paixão, luta, conquista. Resumindo, a Claire não é mulher para você...
Jonathan hesitou em responder. Sentia o hálito de Madeline se misturar ao seu. Ela levou a provocação ao auge:
— E eu? Sou mulher para você?
Ele colou o corpo ao dela e a beijou.

* * *

Jonathan não fazia amor desde o rompimento com Francesca. Foi então desajeitadamente que tirou a jaqueta da moça e a livrou do suéter. Ela desabotoou a camisa dele enquanto lhe mordia o pescoço. Ele se desvencilhou para acariciar melhor seu rosto e provar seus lábios. Ela tinha um cheiro fresco e vibrante de limão, menta e lavanda.
O corpo delicado e esguio de Madeline se enrolou em torno dele e os dois caíram no sofá. Seus quadris ondularam. Seus corpos se misturaram para formar uma escultura em movimento, cheia de curvas e cavidades, que deslizava no claro-escuro da lua.
Cabelos, cheiros, peles, lábios se misturaram. Com os olhos cravados no rosto do outro, deixaram-se invadir pelo prazer.
Do lado de fora, a vida seguia adiante, na cidade que nunca dorme.

26

A garota com olhos de Modigliani

Não sou mais o que eu era.
— Horácio

Enquanto isso, na Juilliard School,
a mais prestigiosa escola de artes de Nova York

— Acabei de receber uma mensagem do Luke! — exclamou Lorely, abrindo a porta do banheiro e agitando o celular para sua colega de quarto.

Com a cabeça debruçada na pia e a escova de dentes na mão, Alice perguntou:

— Ogueleguergombocê?

— Como?

A moça enxaguou a boca e articulou:

— O que ele quer com você?

— Está me convidando para jantar amanhã no Café Luxembourg!

— Que sortuda! Não acha que ele parece um pouco o Ryan Reynolds?

— Sei lá, mas que ele tem uma gracinha de traseiro, isso tem! — cacarejou Lorely, fechando a porta.

A sós, Alice se olhou no espelho e tirou a maquiagem com um lenço umedecido. O espelho lhe devolveu a imagem de uma bonita garota de dezessete anos, de rosto fino, emoldurado por cabelos louros. Tinha a testa larga, a boca rebelde e maçãs do rosto salientes. Os olhos azul-esverdeados muito escuros contrastavam com a pele de porcelana. Ali, na escola, por sua aparência e seu nome, todo mundo achava que ela era de origem polonesa. Chamava-se Alice Kowalski. Pelo menos era o que constava em sua carteira de identidade...

Terminou a toalete e brincou mais alguns segundos com sua imagem, divertindo-se em mudar rapidamente de expressão. Como durante os exercícios das aulas de arte dramática, fez cara de enfado, lançando alternadamente olhares tímidos e provocadores.

Juntou-se a Lorely no amplo quarto que dividiam. Toda animada com seu encontro, a jovem cantora afro-americana pusera Lady Gaga para tocar e experimentava diferentes roupas diante do espelho: vestido preto e jaqueta de tweed para bancar a Gossip Girl, vestido vintage meio cigano, jeans Chloé e blusa colorida à la Cameron Diaz...

— Estou exausta — confessou Alice, enrolando-se debaixo das cobertas.

— Normal. Essa noite você foi a rainha do baile!

A bela soprano fazia referência ao espetáculo de fim de ano apresentado pelos alunos do departamento delas: uma representação de *Amor, sublime amor*, na qual Alice fizera o papel de Maria.

— Sério, você achou que fui bem?

— Deslumbrante! Você tem talento tanto para o musical quanto para o violino.

Ruborizada, Alice agradeceu. Durante uns bons quinze minutos, as duas adolescentes papearam, resenhando a noite.

— Merda, esqueci a bolsa no camarim do auditório! — constatou bruscamente Alice.

— Ora, pegue amanhã.

— O problema é que meus remédios estão lá.

— Os troços que você toma para evitar a rejeição do enxerto?

— E os remédios para pressão alta — ela esclareceu, sentando-se com as pernas cruzadas sobre a cama.

Perplexa, refletiu por alguns segundos, depois decidiu, pulando no chão:

— Vou até lá!

Vestiu uma calça de moletom diretamente sobre o baby-doll e abriu o armário para pegar um suéter.

Por instinto, escolheu o último da pilha: um suéter acolchoado de algodão com capuz, cor-de-rosa e cinza, enfeitado com o emblema do Manchester United. O único vestígio de sua vida anterior.

Calçou um par de tênis de lona, sem se preocupar em amarrar os cadarços.

— Vou aproveitar e comprar alguma coisa para comer — resolveu. — Estou com vontade de comer Oreo com leite sabor morango.

— Compra um pacote de *waffles* para mim? — pediu sua *roommate*.

— Pode deixar. Tchau.

* * *

Alice saiu do quarto. No corredor, o ambiente estava calmo. Naquela véspera de férias escolares, uma atmosfera festiva reinava nos dormitórios. Os alojamentos universitários abrigavam mais de trezentos estudantes nos doze últimos andares do Lincoln Center: futuros dançarinos, atores e músicos de cinquenta nacionalidades diferentes! Embora faltasse pouco para duas da manhã, os alunos iam de quarto em quarto. Muitos faziam as malas para deixar a escola no dia seguinte e passar o Natal com a família.

No saguão, Alice chamou o elevador. Esperou, olhou pela janela as luzes dos edifícios se refletindo no rio. Ainda estava na euforia do espetáculo e fez um

pequeno passo de dança. Mais que nunca, naquele fim de ano, sentia uma espécie de gratidão pela vida. O que seria dela se tivesse permanecido em Manchester? Estaria viva agora? Provavelmente não. Ali, em Manhattan, desabrochara e, apesar das sequelas do transplante cardíaco, vivia nas nuvens. Naquela noite, a garotinha de Cheatam Bridge fizera o papel principal em um espetáculo na mais prestigiosa escola de arte de Nova York!

Foi subitamente percorrida por um calafrio e enfiou a mão nos bolsos do pulôver. O velho suéter cor-de-rosa reavivou suas lembranças, e imagens de sua vida pregressa lhe atravessaram a cabeça numa rajada: sua mãe, seu bairro, sua escola, a pobreza, os prédios sujos, a chuva, a solidão terrível e o medo que nunca a abandonava. Agora, embora continuasse com o sono agitado, não se arrependia de sua decisão. E nunca viria a se arrepender.

Ali, na Juilliard School, todo mundo era apaixonado por arte e cultura. As pessoas eram abertas às ideias, tolerantes, originais e estimulantes. A vida era fácil, e as instalações, propícias ao trabalho; se ela quisesse, podia ensaiar violino no meio da noite, nas salas acusticamente isoladas presentes em todos os andares. A escola possuía vários auditórios e salas de espetáculo, uma clínica de fisioterapia, uma academia de ginástica...

Quando o elevador finalmente chegou, Alice apertou o botão do décimo segundo andar, onde se viu no salão comunitário. O canto da sala estava animado: alguns alunos assistiam a um concerto numa tela gigante, outros jogavam sinuca, alguns, sentados em bancos ao longo do balcão da cozinha, comiam cupcakes da Magnolia Bakery.

— Que azar! — ela deixou escapar, decepcionada, constatando que as máquinas de alimentação estavam desativadas.

— Qual é o problema, senhorita? — perguntou um dos vigias.

— Meus biscoitos preferidos acabaram!

O lugar era vigiado vinte e quatro horas por dia por um dispositivo imponente. Na Juilliard, ninguém brincava com a segurança — a escola recebia filhos de diplomatas, de aristocratas e até a filha de um presidente em exercício.

Antes de voltar para os elevadores, Alice comprou sua bebida e os *waffles* de Lorely. Dirigiu-se então aos andares inferiores, onde ficavam as salas de concerto. No segundo andar, quando as portas se abriram, Alice descobriu uma imensa silhueta escura que a esperava. Um homem encapuzado apontava uma pistola em sua direção. Ela tentou dar um passo para trás e soltou um grito abafado, mas ele avançou e abriu fogo.

27
No cativeiro

Ninguém usa máscara por muito tempo.
— Sêneca

Os dois dardos do Taser atingiram Alice na barriga, liberando uma descarga elétrica que a fulminou. Paralisada, a adolescente desabou no lugar, sem respirar e com as pernas bambas e o sistema nervoso bloqueado.

Um segundo depois, o agressor já estava em cima dela. Ele a segurou pelo pescoço e lhe enfiou brutalmente um lenço na boca, antes de amordaçá-la com uma faixa de pano. As portas do elevador se fecharam. Ele apertou o botão para alcançar o subsolo e, durante a descida, colou Alice no chão. Antes que ela voltasse a si, ele a virou de bruços e imobilizou seus punhos e tornozelos com a ajuda de dois grossos cordões de náilon, que apertou o máximo que pôde.

Em poucos segundos, estavam no estacionamento. O homem, com o rosto coberto pela touca ninja, agarrou Alice como um saco e a içou no ombro. Ainda zonza, ela tentou se debater frouxamente, mas, quanto mais se mexia, mais o sujeito a apertava. Seus braços eram fortes como pesados maxilares capazes de moer ossos. Como conseguira driblar um sistema de segurança tão sofisticado? Como soubera que Alice tomaria o elevador *naquele momento preciso*?

Na penumbra, atravessaram o estacionamento até uma picape Dodge bordô. Com sua grade monstruosa, seus vidros fumês, seus cromados rutilantes e seus pneus enormes, a máquina tinha um aspecto assustador. O homem jogou Alice no banco de trás, separado do motorista por uma placa de acrílico, como nos táxis. Instalou-se ao volante e deixou o estacionamento sem ser incomodado, graças a um cartão magnético.

Assim que se viu do lado de fora, o desconhecido tirou o capuz, permitindo a Alice perceber seu rosto pelo retrovisor interno. Era um homem de cabelo curto, olhos vítreos e grandes faces murchas e bexiguentas. Ela nunca o vira antes. A caminhonete se diluiu no trânsito, alcançou a Broadway e virou na Columbus Avenue.

* * *

Com os joelhos trêmulos e o coração disparado, Alice mal começava a sair do estado catatônico no qual a haviam mergulhado os impulsos elétricos do Taser.

Mesmo em pânico, fez força para perceber pela janela o trajeto percorrido pelo raptor. Enquanto permanecessem nos bairros "turísticos", ela alimentava uma esperança. Tentou bater nos vidros com os pés, mas as cordas que prendiam os tornozelos não lhe davam nenhuma margem de movimento. Aterrorizada, sufocava naquela mordaça. Tentou libertar as mãos, mas as cordas de náilon penetraram dolorosamente em seus pulsos.

O carro desceu a 9th Avenue até a 42nd Street. Estavam agora ao lado de Hell's Kitchen — a cozinha do diabo. Alice tentou raciocinar.

Acalme-se! Respire pelo nariz! Mantenha o sangue-frio!

Não iria morrer. Pelo menos, não imediatamente. Se quisesse matá-la, o homem já o teria feito. Tampouco iria estuprá-la. Um maluco querendo saciar uma simples pulsão não teria corrido tantos riscos entrando num prédio tão vigiado quanto o da Juilliard.

Quem era aquele homem, então? Alguma coisa lhe chamara a atenção: ele tomara o cuidado de não atingi-la no tórax com a arma, preferindo mirar no abdome.

Ele sabe que recebi um transplante e que uma descarga elétrica muito perto do coração poderia ter me matado...

Sem conhecer ainda as motivações do raptor, Alice já compreendera que, aquela noite, seu passado a alcançava.

O homem dirigia com prudência, mantendo-se à direita, atento para não ultrapassar a velocidade permitida, a fim de evitar qualquer controle policial. Estava na extremidade oeste da cidade e descia para o sul, margeando o rio. Avançavam fazia menos de quinze minutos quando a picape entrou no Túnel Brooklyn Battery.

Mau sinal, estamos saindo de Manhattan...

Acabavam de passar pelo pedágio quando o celular do desconhecido tocou. Ele atendeu ao primeiro toque graças ao dispositivo de viva-voz, o que permitiu a Alice captar grande parte da conversa.

— E então, Yuri? — perguntou a voz.

— Estou a caminho. Tudo correu como planejado — ele avisou, com um sotaque russo de matar.

— Não machucou muito a menina?

— Segui as instruções.

— Tudo bem. Sabe o que tem que fazer agora?

— Sei — respondeu o russo.

— Não esqueça de revistá-la e se livre da picape.

— Entendido.

A voz ao telefone... É a voz de... Não, não é possível...

Agora tudo estava claro. O coração de Alice acelerou ainda mais, pois acabava de compreender que o perigo era maior do que ela imaginara.

Sob o impacto do pânico, a mordaça fez com que sufocasse de novo. Obrigou-se a respirar lentamente. Precisava tentar alguma coisa de qualquer maneira.

Meu celular!

Tentando não chamar atenção, Alice se contorceu para arrancar o celular do bolso de trás do moletom. Infelizmente, os pulsos amarrados tornavam qualquer movimento difícil, ainda mais sob a vigilância quase constante de "Yuri", que espiava toda hora pelo retrovisor. Contudo, sua paciência e obstinação a recompensaram e ela conseguiu agarrar o aparelho e destravá-lo. Às cegas, já havia teclado os dois primeiros algarismos do 911 quando o Dodge freou bruscamente. O celular escorregou das mãos de Alice e foi atirado debaixo do banco.

— гаНдоН! — xingou o russo, dirigindo-se ao motoqueiro que acabava de avançar o sinal.

Amarrada como uma salsicha, Alice não podia fazer mais nada; o aparelho estava definitivamente fora de alcance.

Avançaram ainda por uns bons quinze minutos, embrenhando-se na noite em direção ao sul. Para onde estavam indo? Ela estava convencida de que já haviam deixado o Brooklyn fazia um tempo quando percebeu a placa da Mermaid Avenue, uma das principais artérias de Coney Island.

Teve uma esperança fugaz quando passaram por uma viatura policial que patrulhava a Surf Avenue, mas os dois tiras pararam em frente a uma barraca do Nathan's Famous para se empanturrar de cachorro-quente. Não era deles que deveria esperar salvação.

O russo virou num beco escuro e apagou os faróis. Nenhum outro carro à vista. Avançou até um prédio carcomido e desligou o motor.

Após ter se certificado de que o lugar estava deserto, Yuri abriu uma das portas traseiras do Dodge para libertar a garota.

Com uma faca, cortou as cordas que prendiam seus tornozelos.

— Vamos!

Alice ouviu o barulho das ondas e sentiu a maresia varrer seu rosto. Estavam numa zona lúgubre e desolada, próxima do Atlântico. Reinava uma atmosfera fúnebre naquela espécie de ilha, longe dos arranha-céus de Manhattan e da agitação do alucinado Brooklyn. Contudo, no início do século XX, Coney Island abrigara um imenso parque de diversões. Suas atrações, famosas pela originalidade, atraíam milhões de turistas vindos dos quatro cantos dos Estados Unidos. Seus carrosséis vibravam ao ritmo dos estribilhos e da efervescência. A roda-gigante era a mais alta do país; a montanha-russa, a mais rápida; os trens-fantasmas, os mais aterradores; e o Freak Show exibia os monstros mais disformes. Pendurado num cabo, era possível até saltar de paraquedas de uma gigantesca torre.

Mas aquela época gloriosa ia longe. Naquela fria noite de dezembro, o lugar não

tinha mais nada do esplendor e da magia de outros tempos. Nos anos 60, entrara em decadência, incapaz de resistir à inauguração da Disneylândia e de outros parques temáticos mais modernos. O local agora não passava de um amontoado de terrenos baldios, estacionamentos cercados de grades, altas torres caindo aos pedaços. Apenas um punhado de carrosséis continuava a girar durante os meses de verão. No resto do ano, as atrações davam a impressão de apodrecer no lugar, carcomidas pela ferrugem e pela fuligem.

— Tente fugir e te sangro como um cordeiro — avisou Yuri, colocando a lâmina do punhal no pescoço de Alice.

* * *

Ele a arrastou para um terreno enlameado, protegido por cercas altas e pichadas, por onde corria uma matilha de cães furiosos. Dogues alemães de pelo amarelo, cujos olhos irradiavam fogo na noite. A magreza deles denotava clara privação alimentar, que compensavam com agressividade e latidos pavorosos. O próprio Yuri teve dificuldade para fazer os mastins se calarem. Empurrou Alice até um galpão desativado, cuja porta ele abriu, e obrigou sua presa a descer uma escada metálica que dava acesso a um túnel estreito. Uma corrente de ar glacial se engolfou com eles no espaço exíguo. A passagem era tão escura que o russo foi obrigado a acender uma lanterna. Tubos e encanamentos de todos os tamanhos percorriam o subsolo. Velhos motores e antigas caixas de luz estavam empilhados ao longo do trajeto. Numa parede, haviam encostado um painel de madeira com dezenas de monstros pintados e que prometia: THE SCARIEST SHOW IN TOWN – uma propaganda de um daqueles trens-fantasmas que pululavam no parque cinquenta anos atrás. Visivelmente, eles estavam na sala de máquinas de um velho carrossel.

A luz era débil. As sombras dançavam na parede. O fulgor da lanterna se refletia nas poças de água estagnada. Naquele profundo subterrâneo, assustaram um bando de ratazanas que, em pânico, se puseram a guinchar e a correr para todos os lados. Lágrimas escorriam pela face de Alice. Ela fez menção de recuar, mas Yuri a ameaçou novamente com a lâmina para forçá-la a atravessar uma rampa em caracol que levava às profundezas do entreposto. Ali, passaram por uma dezena de portas de ferro que se sucediam ao longo de um corredor sem saída. Atravessando as trevas, Alice se embrenhava no medo, sentindo um abismo se cavar no estômago.

No fim do corredor, chegaram diante do último retângulo metálico. Yuri puxou um molho de chaves do bolso e abriu a porta do inferno.

* * *

Lá dentro, fazia um frio polar. A escuridão era absoluta. Yuri aproximou a lanterna

para encontrar o interruptor. Uma lâmpada fria e empoeirada espalhou uma luz lívida e incipiente, revelando um pequeno recinto com as paredes descascadas. O lugar exalava cheiro de mofo e umidade. Sustentado por pilares metálicos enferrujados, o porão tinha o teto tão baixo que dava a qualquer um a sensação de claustrofobia. O ambiente era tão insalubre quanto espartano: à direita, uma latrina repugnante e uma pequena pia imunda; à esquerda, uma cama de armar de metal.

Sem cerimônia, o russo empurrou Alice para a sala exígua. Ela caiu no chão poroso, onde uma infiltração deixava a superfície esponjosa e repulsiva.

Apesar das mãos imobilizadas, ela conseguiu se levantar e desferir com toda força um pontapé raivoso na virilha de seu raptor.

— Сволочь![*]

Ele recuou, mas era preciso mais que isso para derrubá-lo. Antes que Alice conseguisse armar outro golpe, ele correu para cima dela e lhe enfiou o joelho nas costas para deitá-la no chão, quase destroncando seu ombro.

Alice sufocou. Depois de alguns segundos confusos, ouviu um clique e se viu algemada em um grosso cano que corria ao longo da parede.

Dando-se conta de que o lenço a sufocava, Yuri a desvencilhou do pedaço de pano. Em lágrimas, a garota teve um longo acesso de tosse antes de recuperar o fôlego, respirando com avidez o ar rarefeito.

Yuri recuperara a empáfia, deleitando-se com o sofrimento de sua vítima.

— Tente me bater mais uma vez! — zombou.

Alice gritou. O grito era sua última saída. Embora soubesse que, àquela profundidade e levando em conta o isolamento do lugar, ninguém poderia ouvi-la, gastou toda a energia de seu desespero rasgando o silêncio da noite.

O russo se divertiu durante um longo minuto. Tudo o excitava: o medo da garota, a exiguidade e a escuridão do lugar, a sensação de poder que sentia arrebatá-lo. Mas refreou seu desejo. Haviam lhe ordenado que não estuprasse a guria *durante os três primeiros dias*. Depois disso, poderia fazer dela o que bem entendesse...

* * *

Alice se esgoelou, mas logo seus gritos se transformaram em acesso de choro. Yuri julgou que a brincadeira havia durado o suficiente. Vasculhou o bolso e puxou um grosso rolo de fita isolante, que usou para amordaçar a adolescente. Por segurança, amarrou novamente seus tornozelos, antes de abandoná-la à própria sorte fechando a porta metálica atrás de si.

Fez o caminho inverso, percorreu a fileira de porões, o corrimão em espiral, o túnel gelado, a escada de ferro. Chegou finalmente à superfície e à matilha de cães, que ele deixava à míngua de propósito para afastar eventuais curiosos. Agora, para eliminar as pistas, precisava se livrar do Dodge. Tinha a possibilidade de queimá-lo

num terreno baldio, mas era arriscado, pois poderia ser notado por uma patrulha policial. Seria mais simples abandoná-lo em algum lugar no Queens. Com calotas de vinte polegadas e para-choques de tanque, a caminhonete representava o máximo do exibicionismo e do supérfluo. O tipo de caranga venenosa que desperta o interesse dos ladrões. Ainda mais se deixassem as chaves na ignição...

Satisfeito com a decisão tomada, chegou à ruela onde estacionara para constatar que...

... o carro não estava mais lá!

Olhou à sua volta. Tudo estava deserto. Prestou atenção. Ouvia-se apenas o barulho das ondas e do vento, que fazia os carrosséis rangerem.

Yuri permaneceu um longo momento imóvel, perplexo com a rapidez com que haviam roubado o veículo. Deveria se preocupar ou se alegrar com isso? E, o principal, deveria avisar o chefe? Decidiu não falar nada. Haviam lhe pedido para sumir com o carro e o carro sumira. Ponto-final.

O importante era ter a garota...

Nota

* Piranha!

28

Francesca

Quando se ama alguém, você o assume por inteiro, com todos os laços, todas as obrigações. Você assume a história, o passado e o presente da pessoa. Ou você assume tudo, ou absolutamente nada.

— R. J. Ellory

Greenwich Village
Cinco horas da manhã

Jonathan despertou sobressaltado, com a cabeça deitada no ombro de Madeline. Apesar da brutalidade com que saíra do sono, sentia-se espantosamente bem. A casa estava aquecida. Do lado de fora, o barulho do vento e as palpitações da cidade. Olhou a hora, mas durante um momento permaneceu deitado, encolhido contra o corpo macio e quente. Em seguida, violentou-se e deixou silenciosamente a bolha tépida do amor nascente.

Vestiu o suéter e o jeans, antes de fechar a porta do quarto e descer à sala. Do bolso do casaco, tirou a cópia que Madeline lhe dera na véspera: o e-mail roubado do computador de George.

De: Francesca DeLillo
Para: George LaTulip
Data: 4 de junho de 2010 19:47
Assunto: Re:

George,

Eu te imploro, desista do plano de ir visitar o Jonathan em San Francisco. Tomamos a decisão certa. É tarde demais para ter remorsos, achei que você tinha entendido lendo os jornais...

Esqueça o Jonathan e tudo que aconteceu conosco. Permita que ele dê a volta por cima.

Se você confessar a verdade a ele, vai colocar nós três numa situação difícil e pôr tudo a perder: seu emprego, seu apartamento, seu pequeno conforto.

F.

Jonathan se instalou na escrivaninha de carvalho sobre a qual reinava o computador. Claire tinha o costume de emprestar o apartamento aos amigos — um bilhete preso com durex na tela indicava a senha para o convidado iniciar o computador. Jonathan se conectou à internet e aproveitou para reler a mensagem. Quer dizer que Francesca não o teria traído com George... Difícil acreditar naquilo. Por que armara aquela história sórdida? Para proteger outro segredo?

Lendo o e-mail pela terceira vez, sublinhou a frase "achei que você tinha entendido lendo os jornais...". A que Francesca estava se referindo? O e-mail datava de junho. Madeline lhe contara que dissecara as matérias de jornal publicadas nos meses anteriores, cruzando os nomes de Francesca e George, sem descobrir nenhuma pista concreta.

Ele reprimiu um bocejo e se levantou para fazer um café, antes de começar a consultar, por sua vez, os arquivos dos jornais online. Uma hora depois, deparou com uma reportagem estranha do *Daily News*:

BAHAMAS: CORPO DE MEGAEMPRESÁRIO É ENCONTRADO NA BARRIGA DE UM TUBARÃO!

> Ao sair para pescar garoupas ao largo da ilha de Colúmbia, um iatista amador fez nesta quinta-feira uma descoberta macabra ao capturar um tubarão em sua rede. Enquanto o içava para a embarcação, o animal cuspiu um longo pedaço de osso que lembrava muito um úmero. Intrigado, o homem avisou a guarda costeira, que abriu o ventre do bicho para lá encontrar outros fragmentos de esqueleto humano, especialmente um pedaço de caixa torácica e um maxilar.
>
> Após a análise do DNA extraído dos ossos, a polícia das Bahamas pôde identificar o cadáver. Trata-se do *businessman* americano Lloyd Warner, vice-presidente do complexo hoteleiro de luxo Win Entertainment. Aos 45 anos, o sr. Warner não dava sinal de vida desde 28 de dezembro, quando foi visto numa loja no aeroporto de Nova York, justamente quando voltava das Bahamas.

Jonathan não acreditou no que lia. Lloyd Warner morrera dois anos atrás e ele só sabia disso agora! Lloyd Warner, o diretor financeiro da Win Entertainment... O homem que precipitara sua queda, recusando-se a renegociar a dívida do grupo Imperator. Num relâmpago, a lembrança das horas tristes voltou à tona: o círculo vicioso do endividamento, a falência de sua empresa, as dificuldades financeiras enfrentadas por Francesca para lutar contra a tomada de controle de Warner e de seus comparsas, seus ex-sócios que haviam se transformado em predadores.

Seria a essa matéria que a ex-mulher se referia no e-mail para George? Ela desempenhara algum papel na morte de Lloyd Warner? Mas com que objetivo, uma vez que aquele ato não impedira de forma alguma a falência de sua empresa?

Pasmo com a descoberta, Jonathan imprimiu às pressas a matéria e rabiscou no

mural algumas palavras para Madeline. Então vestiu o casaco e pegou as chaves do carro, penduradas perto da porta.

* * *

Assim que chegara, Jonathan reparara no Smart verde-amêndoa de Claire estacionado na ruazinha particular. O frio estava cada vez mais intenso. Ligou o minicarro e esquentou o motor, escutando numa estação de notícias o início do flash:

> *... continua hoje na Califórnia o julgamento da mexicana Jezebel Cortes, herdeira do chefe de um cartel de drogas. Apelidada de La Muñeca, é a filha do chefão...*

Mas ele não estava com cabeça para se infligir a ladainha de todos os sofrimentos do mundo. Desligou o rádio e percorreu a Grove Street. Àquela hora da manhã, o trânsito corria bem. Seventh Avenue, Varick, depois Canal Street... Redescobria a geografia nova-iorquina, percorrendo um trajeto que fizera centenas de vezes quando morava ali.

Em meio ao fluxo de táxis amarelos, observou a Ferrari preta pelo retrovisor. Mesmo quando tinha dinheiro, nunca fora um apaixonado por carros, mas aquele era diferente. Seu pai lhe dera uma miniatura quando era criança: um 250 GT California Spyder de chassi curto. Um dos carros mais raros e bonitos da história, produzido apenas em algumas dezenas de unidades no início dos anos 60. Mal teve tempo de girar a cabeça e o conversível já estava à sua direita, imprimindo uma aceleração fulminante antes de desaparecer enveredando pelo SoHo.

Que débil mental...

Não adiantava TriBeCa ser um dos bairros mais caros de Manhattan. Jonathan nunca se sentira realmente à vontade ali, achando o lugar sem charme nem harmonia.

Ocupou a primeira vaga que apareceu nos arredores do prédio onde morava sua ex-mulher. O Excelsior, um imponente apart-hotel de quinze andares, datava dos anos 20. Recentemente, os corretores haviam se apoderado daquele antigo hotel *art déco* para restaurá-lo e transformá-lo em lofts high-tech destinados a uma clientela multimilionária.

— Hello, Eddy! — saudou, entrando no prédio.

Vestindo um uniforme marrom com galões dourados, o porteiro levou vários segundos para reconhecê-lo.

— Sr. Lempereur! Ora, mas que surpresa... — deixou escapar, ajeitando o quepe.

— Eu gostaria de falar com a Francesca. Pode avisar que estou no hall?

— É que ainda é cedo...

— Por favor, Eddy, é realmente importante.

— Vou ligar para madame diretamente no celular.

De compleição imponente à la B.B. King, Eddy Brock era, em todas as acepções da palavra, o "homem-chave" do prédio, aquele que conhecia os segredos de todos os moradores: discussões, traições, maus-tratos, problemas com drogas... Dependendo de suas relações com ele, ou você tinha a vida imensamente facilitada ou ela virava um inferno.

— Tudo bem, senhor, ela o aguarda.

Jonathan agradeceu ao porteiro com um sinal de cabeça e chamou um dos elevadores alinhados no fundo do hall. Digitou a senha que permitia acessar diretamente o apartamento da ex-mulher, abrindo as portas para a antecâmara do duplex de vidro que coroava os dois últimos andares do edifício.

Jonathan avançou até o salão, um aposento imenso com piso de pedra de lava e mobília contemporânea de madeira clara e nogueira. Ali, tudo era exato e minimalista. Duas compridas lareiras high-tech embutidas numa saliência metálica cuspiam uma dezena de pequenas chamas, enquanto as enormes sacadas envidraçadas, abertas para o Hudson, aboliam a fronteira entre o interior e o terraço. Mesmo com o dia nascendo, a luminosidade era deslumbrante, misto de cor-de-rosa, púrpura e cinza-claro.

Embora houvesse morado ali durante dois anos, Jonathan agora se sentia um estranho no ninho. O jardim interno, o terraço de quatrocentos metros quadrados, a vista arrogante, o serviço de hotelaria a toda hora, os empregados da casa, a piscina aquecida de vinte metros de comprimento, a academia de ginástica, a sauna... Na época em que ele era o "Imperador", todo aquele luxo lhe parecia normal. Hoje tinha a impressão de haver sofrido de mania de grandeza e de agora não passar de um simples mortal em visita aos deuses no Olimpo.

Saindo do quarto no andar de cima, Francesca se precipitou.

— O que aconteceu com o Charly?

— O Charly está ótimo. Ficou em San Francisco com seu irmão.

Retomando a tranquilidade, ela desceu a escada de vidro, dando a impressão de flutuar no ar.

Considerando a hora, Francesca tinha certamente enfiado às pressas o jeans preto e o suéter com decote v de cashmere bege. Ainda assim, parecia impecável. Tinha o porte altivo e o andar característicos das pessoas pertencentes às famílias que viviam na riqueza havia várias gerações. Seu dinheiro era marcado com o selo "*given, not earned*".* Quem sabe não teria sido isso que os separara? Ele, ao contrário, ganhara o próprio dinheiro... antes de perdê-lo.

— Você o matou, não é? — ele perguntou, estendendo-lhe a folha de papel onde estava impressa a matéria que relatava a morte de Lloyd Warner.

Ela nem baixou os olhos para ler. Simplesmente ficou imóvel alguns instantes,

antes de se sentar no sofá e se enrolar num xale.

— Quem lhe disse isso? Aquele imbecil do George? Não... com certeza não...

— Como aconteceu?

Ela fechou os olhos, deixando as lembranças afluírem.

— Foi no fim de dezembro, há exatamente dois anos... — começou. — Você tinha me acompanhado pela manhã ao aeroporto e eu disse que ia a Londres visitar um dos nossos restaurantes. Era mentira. Na semana anterior, eu soube que Lloyd Warner iria às Bahamas, a Nassau, para negociar um contrato relativo a um dos cassinos dele. Decidi ir até lá também para convencê-lo a aceitar uma renegociação do nosso empréstimo. Ao chegar, deixei uma mensagem no hotel dele, pedindo que me encontrasse em Columbus. Na época, você não tinha noção do tamanho abissal da nossa dívida. Nossos restaurantes começavam a prosperar, mas a crise econômica e financeira pôs fim ao nosso crescimento. Eu queria que a Win Entertainment nos desse mais tempo para pagar, e não tinha como falar com ele em particular em Nova York.

— Ele foi te encontrar?

— Foi. Jantamos juntos. Tentei convencê-lo a nos dar mais tempo, mas ele não me escutou. Em vez disso, passou a noite dando em cima de mim descaradamente, de modo que fui embora antes da sobremesa.

Uma camareira entrou no salão, trazendo uma bandeja com um bule e duas xícaras. Francesca esperou que ela saísse para continuar:

— Embora eu pensasse que ele tivesse partido, Lloyd Warner veio me ver no quarto disposto a negociar. Ele concordava em fazer um esforço relativo à nossa dívida, mas com a condição...

— ... de que você trepasse com ele.

Ela concordou.

— Quando o mandei pastar, ele fechou a porta e se jogou em cima de mim. Ele tinha bebido além da conta, com certeza estava cheirado. Gritei, mas fazia muito barulho por causa de uma festa de casamento que estava tendo no hotel. Ao me debater, agarrei uma estátua na mesa de cabeceira, a imitação de um bronze de Giacometti. Dei um golpe na cabeça dele, bem forte. Ele desabou. Achei que tinha desmaiado, mas ele estava morto.

Aturdido, Jonathan resolveu sentar na poltrona mais próxima de Francesca. Embora pálida e encolhida no xale, ela parecia bastante calma. Jonathan, por sua vez, não conseguia saber se estava aliviado ou louco de raiva. Dois anos de mistério acabavam de se resolver em poucas frases. Dois anos sem poder confiar em ninguém porque não vira a iminência da traição da mulher... pela simples razão de que ela não o traíra.

— Por que você não chamou a polícia?

— Você acha realmente que eles teriam acreditado na minha história de legítima defesa? Com as dívidas que tínhamos? Com o bilhete que eu enviei para ele pedindo que viesse ao meu encontro?

— O que fez com o corpo?

— Em seguida, desci até aquela suíte que dava para o píer, onde nós dois nos hospedávamos. Tive a ideia de pegar emprestado o barco que o hotel deixava à disposição dos clientes. Era um pequeno Hacker Craft de mogno, lembra? Manobrei até o píer e arrastei o corpo para a cabine. Era uma noite fechada. Rezei para não cruzar com a guarda costeira e fui jogar fora o corpo daquele... filho da puta, a umas vinte milhas da praia. Antes, tive a presença de espírito de pegar a carteira e o celular dele.

— No hotel, ninguém percebeu que você saiu com o barco?

— Não, o casamento dominou a atenção dos funcionários. Acha que fui cruel?

Atônito, Jonathan desviou a cabeça para escapar do olhar de Francesca. Determinada a pôr o dedo na ferida, ela não deixou o silêncio se instalar.

— Entrei em pânico — continuou. — Se percebessem o desaparecimento do Warner nas Bahamas, chegariam a mim rapidamente. Dezenas de pessoas tinham nos visto jantando juntos no restaurante. Minha única chance era que não encontrassem o corpo logo. Para isso eu lastreei o corpo com uma barra de ferro que achei no barco e, o principal, fiz com que todo mundo acreditasse que o Warner tinha voltado para os Estados Unidos. Consultando os e-mails dele no celular, dei com uma mensagem pedindo que confirmasse o voo de volta. Entrei no site da companhia aérea e cumpri as formalidades. Embora exequível, eu precisava que alguém ocupasse *fisicamente* o lugar do Lloyd. Então pensei no George, por causa da vaga semelhança dele com o Warner.

— O George foi o seu álibi?

— Foi. Passando a ideia de que ele era meu amante, pude justificar minha presença nas Bahamas e declarar que era ele quem estava comigo no hotel. Daí as fotos para os paparazzi do pedaço. E o principal, ele viajou com os documentos de identidade do Lloyd no voo de volta. E, quando chegamos em Nova York, pedi a ele que efetuasse várias compras com o cartão de crédito que eu tinha pegado no casaco do Warner. Alguns dias mais tarde, quando notaram o desaparecimento dele, os tiras estavam convencidos de que ele tinha retornado de fato a Manhattan. Então ninguém procurou investigar para os lados das Bahamas, até que encontraram o corpo, seis meses depois.

— Em que pé está o inquérito?

Sem tocar o chá, Francesca pegou o maço de Dunhill na mesa de centro e acendeu um cigarro.

— Não sei. Acho que arquivaram o caso. De qualquer forma, ninguém nunca me

interrogou, porque, oficialmente, não foi com ele que jantei, mas com o George.

Contida por tanto tempo, a raiva de Jonathan explodiu:

— Por que não pediu ajuda para *mim*, seu marido? Confiava tão pouco em mim? Não me contar da viagem ainda passa, mas me esconder um assassinato!

— Para proteger você e o Charly! Justamente para não te tornar cúmplice de um assassinato! Para não irmos os dois para a prisão! Meu plano tinha nove chances em dez de fracassar. Quem teria criado nosso filho se fôssemos presos?

Jonathan considerou o argumento. Fazia sentido, e uma parte dele próprio admirava o sangue-frio, a lógica implacável e a inteligência superior graças aos quais Francesca conseguira se safar e proteger sua família. Teria ele sido capaz de levar a cabo aquela trama? Provavelmente não. Sem dúvida teria agido como culpado. Sem dúvida teria se deixado trair pelas emoções...

Subitamente, a sensação de absurdo e de caos na qual a separação o lançara acabava de desaparecer. O que lhes acontecera tinha um sentido. No mesmo instante, porém, Jonathan tomou consciência de que agora via Francesca como uma estranha. Não sentia por ela mais nenhum impulso, nenhum sentimento, como se uma barreira invisível os separasse definitivamente dali para frente.

Nota

* Dado, não conquistado.

29
Um anjo no inferno

Luto para não me afogar.
— Lema da província holandesa de Zeeland

Entreposto de Coney Island
Cinco horas da manhã

Gelado e úmido, o escuro subterrâneo cheirava a podre.

Com as mãos algemadas no cano, os pés amarrados pelo fio de náilon, Alice puxou com toda força as correntes na esperança de fazer o encanamento enferrujado ceder. Mas a canalização era sólida e a garota desmoronou no chão molhado.

Um soluço de desespero lhe rasgou a garganta, mas foi calado pela fita isolante.

Não chore!

O corpo tremia, percorrido por arrepios. O frio queimava todos os seus membros, pinicava a pele, penetrando até os ossos. Os braceletes de aço machucavam a carne dos pulsos, provocando uma dor atroz que se irradiava até a nuca.

Pense...

Mas o frio e o estresse tornavam difícil qualquer concentração. Um sentimento de angústia e impotência lhe trespassava o peito. Ouviu um grunhido atrás da pia encardida. Alice levantou a cabeça para perceber o focinho de um rato do tamanho de um gatinho. Tentou gritar novamente, sem sucesso. Tão assustado quanto ela, o animal se esgueirou ao longo da parede oposta e se escondeu embaixo da cama de armar.

Fique calma...

Ela engoliu as lágrimas e tentou abrir os maxilares, mas a fita isolante a asfixiava, vedando completamente a boca. Mesmo assim, conseguiu enfiar a língua por baixo de uma das beiradas da mordaça e, com os incisivos, roeu um pedaço da fita até conseguir libertar o lábio inferior. Inspirou profundamente várias lufadas de ar viciado. Respirava melhor, mas, apesar da baixa temperatura, sentia a pulsação cardíaca se acelerar!

Meus remédios!

De repente se lembrou de que não poderia seguir seu tratamento! Desde que fizera o transplante, sua bolsa era uma verdadeira farmácia. Levava uma vida quase normal, com a condição de ingerir religiosamente um coquetel de remédios

elaboradíssimo, comprimidos antirrejeição, naturalmente, mas sobretudo medicamentos para pressão alta e arritmia.

Seu médico a advertira várias vezes: se não tomasse os comprimidos, poderia comprometer seriamente os rins em poucos dias, até mesmo em poucas horas! O processo poderia começar de uma hora para outra, sobretudo em caso de desidratação.

Justamente, tinha a garganta seca e irritada. Precisava beber alguma coisa para evitar que a capacidade de filtragem dos rins diminuísse. De quatro, com as mãos imobilizadas, conseguiu se mover ao longo do cano até a pia, mas a torneira era alta demais. Arrebatada por um novo impulso, contraiu os músculos e, com uma força inesperada, tentou mais uma vez fazer o encanamento ceder. No entanto, teve de desistir muito rápido: a cada impulso, as mandíbulas afiadas das algemas lhe laceravam a carne. Desistindo da luta, deixou-se escorregar pela parede. Deitada no chão, teve a impressão de não passar de um animal acorrentado submetido ao capricho do dono. Desamparada, resolveu lamber a água estagnada que transpirava do assoalho.

No canto oposto, o rato a observava.

* * *

TRIBECA

OITO HORAS DA MANHÃ

O sol nascera num céu de cristal.

Sob o choque das revelações de Francesca, Jonathan saiu do Excelsior um pouco tonto. Percorreu a calçada até o Smart de Claire. Pôs-se ao volante e arrancou na direção do East Village, onde combinara de se encontrar com Madeline. Pensou em telefonar para saber se ela encontrara seu bilhete, mas achou que ela ainda podia estar dormindo.

Parando num sinal vermelho no início de Little Italy, olhou mecanicamente para o retrovisor e, para seu espanto, percebeu novamente as linhas fluidas e elegantes da Ferrari preta na pista da direita, atrás dele.

Que estranho...

Esfregou os olhos para ter certeza. Impossível se enganar: era de fato o mesmo carro, com o capô frisado, os faróis gradeados e o para-choque feroz, que lhe dava um aspecto reptiliano. Voltou-se. Daquela vez, o conversível permaneceu imóvel, mas o sol que se refletia no para-brisa o impedia de distinguir o rosto do motorista. Quis memorizar o número da placa do Spyder, mas, inacreditavelmente, percebeu que o carro não estava emplacado!

O sinal abriu. Uma buzinada o obrigou a arrancar e atravessar o cruzamento.

Quando pôde finalmente dar uma nova espiada no retrovisor, o misterioso bólido havia desaparecido...

* * *

Entreposto de Coney Island

Barulho de passos.

Alice abriu os olhos, emergindo em sobressalto do sono precário que terminara por vencê-la.

Que horas seriam? Quanto tempo permanecera inconsciente? Cinco minutos ou cinco horas?

O frio a fazia tiritar. Sentia dormência nas pernas, e as algemas lhe arranhavam os pulsos. Tentou ficar de pé, mas desistiu. Agora, sentia-se fraca demais para tentar se debater.

A porta se abriu com um rangido, e a imensa silhueta de Yuri apareceu no vão.

— Сучка![*] — ele se irritou, constatando que ela roera a mordaça.

Então a agarrou pelos cabelos, mas ela implorou:

— Preciso de água! Estou sem os meus remédios, posso...

— Cale a boca!

Ele a puxou violentamente para trás, arrancando-lhe um punhado de cabelos. Ela compreendeu que era melhor ficar quieta. O russo pareceu se acalmar. Aproximou o rosto do dela, respirando o perfume de seu pescoço, acariciando sua face com os dedos imundos. Alice sentiu o hálito dele perto de sua boca e não conseguiu deixar de expressar nojo. Virou a cabeça e foi então que percebeu a filmadora que ele tinha na mão.

A sombra escura e espessa de Yuri se destacou na luz fria e lívida.

— Você terá sua água — ele prometeu —, mas antes nós dois vamos fazer um filminho...

Nota

* Sua cadela!

30

A face oculta da lua

Cada um de nós é uma lua, com uma face oculta que ninguém vê.
— Mark Twain

Lower East Side
Oito e meia da manhã

Jonathan encaixou o Smart entre dois carros, próximo à calçada, e desceu a Bowery até a 2nd Street. Após ter sido por muito tempo um bairro mal-afamado, o Lower East Side era agora um dos lugares da moda, com seus pequenos cafés e restaurantes incrementados. Jonathan empurrou a porta do Peels, seu lugar preferido para tomar um brunch. O local tinha autenticidade e transmitia calor. Apinhado entre onze e treze horas, ficava mais calmo pela manhã.

Jonathan procurou Madeline no meio da sala irrigada de luz. Em volta de um comprido balcão de madeira clara, uma clientela boêmia e *trendy* devorava panquecas de banana e tomava cappuccinos.

Madeline não estava ali, o que o deixou imediatamente preocupado. Teria se arrependido da noite que passaram juntos? Teria ido embora intempestivamente? Teria...

Seu celular vibrou. “Estou no andar de cima”, anunciava a mensagem. Ele ergueu a cabeça e a viu debruçada na grade de proteção, fazendo-lhe sinal com a mão.

Aliviado, subiu a escada para se juntar a ela na mesa. Paredes brancas e assoalho claro, grandes sacadas envidraçadas, luminárias modernas; o aposento era agradável.

— Faz tempo que chegou?

Não ousou beijá-la, embora não lhe faltasse vontade de fazê-lo. Ela usava calça jeans e jaqueta de couro acinturada, que ele não conhecia e que sublinhavam sua magreza.

— Acabei de chegar. Simpático aqui. Onde você estava?

— Na casa da minha ex-mulher. Vou lhe contar tudo — ele disse, sentando-se de frente para ela.

Madeline fez cara de indiferença, no entanto ficou admirando-o tristemente, como se fosse o fim... Jonathan tentou pegar sua mão, mas ela não permitiu. Seus olhares se cruzaram, e o silêncio se prolongou. Madeline, delicadamente, terminou entrelaçando os dedos nos dele. Agora estava claro que sentiam mais que um

simples desejo mútuo, ainda que não estivessem prontos para qualificar de "amorosa" a relação que os unia.

Óculos de geek, camisa xadrez e bigode gaulês: um garçom de visual hipster se aproximou para pegar o pedido. Jonathan percorreu o cardápio e escolheu um expresso e um *monkey bread*. Madeline optou por um *blueberry cream cookie* e um copo de leite.

— Peguei emprestadas umas roupas da sua namorada. Estão um pouco apertadas, mas...

— Ficaram bem em você. E ela não é "minha namorada"... Notícias do Jim?

— Nenhuma — ela respondeu, entristecendo-se. — O celular dele continua na secretária. Vou ligar diretamente para a delegacia.

Enquanto ela digitava o número, Jonathan deu uma espiada no exemplar do *New York Post* que um cliente abandonara no banquinho. O jornal voltava a um caso de que ele ouvira falar no rádio:

TEM INÍCIO O JULGAMENTO DA HERDEIRA DE UM CARTEL DE DROGAS

> O julgamento de Jezebel Cortes teve início hoje perante uma corte especial da Califórnia. Apelidada de *La Muñeca*, ela é filha do finado Alfonso Cortes, famoso chefe de um poderoso cartel mexicano, extinto por uma quadrilha rival em março de 2001.
>
> Vivendo em Los Angeles sob identidade falsa, Jezebel Cortes foi presa há três anos quando fazia compras na Rodeo Drive. O teor das acusações incide, sobretudo, no controle de várias quadrilhas de exportação de cocaína para os Estados Unidos, bem como na implementação de um vasto sistema de lavagem de dinheiro. O julgamento foi adiado várias vezes, com os advogados de *La Muñeca* explorando todo tipo de brechas jurídicas.

Ele interrompeu a leitura assim que Madeline conseguiu falar com a delegacia de Manchester. Ligara para o ex-parceiro, mas foi o detetive Trevor Conrad quem atendeu:

— Madeline? Que prazer...

— Estou tentando falar com o Jim desde ontem à noite. Ele está por aí?

Do outro lado da linha, o policial fez um longo silêncio e revelou:

— O Jim está morto, Madeline.

— Como assim? Ele me ligou faz dois dias!

— Sinto muito. Encontramos o corpo dele hoje de manhã no gabinete. Ele se suicidou.

Madeline ergueu olhos incrédulos para Jonathan, articulando silenciosamente a palavra: "Morto!" Atônito, ele se aproximou dela para acompanhar a conversa. A

moça procurou saber mais:

— Espere, o Jim que eu conheço não é o tipo de cara que acaba com a própria vida. Ele estava passando por problemas pessoais?

— Não creio.

— Como aconteceu, Conrad?

O policial hesitou em responder.

— O inquérito está em curso. Não posso revelar detalhes.

— Não banque o idiota. O Jim foi meu parceiro durante seis anos!

Novo silêncio.

— Ligo de volta dentro de cinco minutos — ele anunciou, antes de desligar.

* * *

Em estado de choque, Madeline agarrou a cabeça nas mãos. A morte fulminante de Jim lhe provocou uma torrente de emoções e tristeza. Repeliu-as vivamente para não abrir a guarda. Atônito com a notícia, Jonathan se sentiu desamparado. Tentou um gesto carinhoso, mas Madeline se trancara.

— O Conrad certamente vai me ligar do celular dele ou de um orelhão. Todas as ligações da delegacia podem ser gravadas. Ele não quer correr riscos, imagino.

— Não acredita na tese de suicídio?

— Não sei — ela admitiu. — Afinal, você esteve com ele há menos tempo que eu.

Jonathan se lembrou de seu encontro com o policial e tentou transmitir suas impressões:

— Ele estava cansado e irritado, totalmente absorto na investigação sobre Alice Dixon e ansioso para fazer novas descobertas. Mas suicídio é um gesto misterioso, dificilmente previsível ou detectável.

E sei muito bem do que estou falando...

O celular tocou. Era Conrad.

— Bom, o que quer saber? — perguntou o tira.

— Como aconteceu?

— O Jim meteu uma bala na cabeça no gabinete, por volta das quatro e meia da manhã.

— Com a arma de serviço?

— Não, com uma arma não cadastrada.

— E você não acha isso estranho?

— Não comece, Madeline.

— Todos os tiras que se suicidam usam a arma de serviço!

— Nem todos — replicou Conrad. — Conheço uma que se enforcou na sala da casa dela.

O golpe foi inesperado, mas Madeline não desmontou.

— Fale mais sobre essa arma.

— Uma Beretta 92 equipada com silenciador.

— Isso não existe! Quando você decide meter uma bala na cabeça, está se lixando se vai acordar os vizinhos!

E sei muito bem do que estou falando!, ela quase acrescentou.

— Se formos nessa direção, tem outro detalhe perturbador — confidenciou o tira.

— Fale.

— O Jim estava com a arma na mão direita.

— Porra!

Flaherty era canhoto.

— É estranho, mas não prova nada — amenizou o tira.

— Está gozando com a minha cara?

— Quando você coloca o cano na cabeça, não é tiro de precisão. É difícil errar o alvo, dá para usar qualquer uma das mãos...

Madeline se recobrou.

— O que o Jim estava fazendo na hora?

Mas Conrad não estava disposto a contar tudo.

— Já falei demais. Preciso desligar.

— Espere! Poderia me encaminhar os últimos e-mails recebidos pelo Jim, nas horas que antecederam a morte dele?

— Está brincando? Você não é mais da casa, Madeline!

— O Jim era meu amigo!

— Não adianta insistir. E, mesmo que eu quisesse, não poderia.

— Por quê?

— Porque hoje de manhã um vírus contaminou o nosso servidor e atingiu todas as máquinas. Ninguém tem acesso aos computadores.

— Invente outra desculpa.

— É verdade. Se cuide, Madeline.

* * *

Ela repeliu o copo de leite que acabavam de depositar à sua frente e pediu no lugar uma caneca de café preto. Em seguida, tirou da mochila o notebook de Jonathan.

— Trouxe o seu computador. Quero verificar de novo o dossiê Dixon. Você não disse que baixou os documentos? Vai ser mais fácil consultar aqui do que no meu celular.

Jonathan ligou a máquina.

— Acredita que o Jim foi assassinado?

— Não sei.

— Pois eu acho que o mataram e que esse crime está ligado ao que ele tinha acabado de descobrir sobre a Alice.

— Não se anime. Há uma semana você nunca tinha ouvido falar desse caso.

— O que me permite ver as coisas de outra perspectiva.

— O que te leva a concluir que...

— Acho que a polícia ou o serviço secreto fizeram de tudo para abafar esse rapto.

— Está viajando!

— Quer fatos estranhos? As câmeras de vigilância! Li o dossiê: na época, uma dúzia de aparelhos filmava as ruas em torno do colégio da Alice. Doze! E, como que por acaso, estavam todas danificadas naquele dia. Isso não lhe pareceu estranho?

— É sua teoria da conspiração que é absurda.

— Eu *vi* a Alice seis meses depois que você recebeu o coração dela num isopor!

— Nunca saberemos se era mesmo ela.

— Era ela! E o Jim foi morto porque tinha a prova disso!

— Não basta afirmar as coisas. Tem que prová-las.

— A Alice não morreu, acredite em mim.

— Não é uma questão de acreditar ou não.

— A Alice não morreu — ele repetiu. — E, se ainda está viva, foi porque fez um transplante cardíaco. Uma operação que não aparece nos registros de nenhum hospital. Imagine a rede de cumplicidades e a organização necessárias para esquematizar tudo isso! Quem seria capaz de planejar uma operação desse tipo a não ser uma agência do governo?

— Você está vendo muita série de tevê. Escute, todo mundo se lixava para Alice Dixon quando eu investiguei o desaparecimento dela. A mãe foi a primeira, uma *junkie* que morava num pardieiro. Essa garota era uma coitada, e não vejo o que o governo pode ter a ver com o caso.

Madeline engoliu o café, depois mergulhou no dossiê de Alice pela centésima vez para refrescar a memória. Os autos do primeiro interrogatório de Bishop, o serial killer, estamparam-se na tela, bem como diversas fotografias: a casa miserável de Erin contrastando com o quarto todo arrumado de Alice, seus livros, seus cartazes de concerto, seus pacotes de Oreo e suas caixinhas de leite sabor morango.

Mas a imagem de Jim permanecia incrustada na mente de Madeline. O que ele fizera depois do encontro com Jonathan? O que *ela* teria feito? Sem dúvida, ele pedira uma análise grafológica e um levantamento das impressões digitais. Talvez uma análise de material genético também... Vasculhando no celular, encontrou o número de Tasha Medeiros, especialista em DNA, do laboratório da polícia científica de Birmingham. Bióloga brilhante, estava longe de ser inflexível quanto aos

procedimentos. No passado, Jim e Madeline a solicitaram várias vezes, porque ela aceitava fazer análises urgentes sem passar necessariamente pelos trâmites legais. Convém dizer que Tasha fazia um consumo "controlado" de cocaína, e que Jim, para manter boas relações com ela, lhe passava eventualmente algumas doses apreendidas durante prisões de pequenos traficantes.

— Moral esquisita — comentou Jonathan.

— A polícia não é o mundo da carochinha! — objetou Madeline, discando o número.

Tasha estava de folga naquele dia. Encontrava-se em casa com a filha, mas confirmou que Jim efetivamente lhe pedira para fazer uma análise. Ela estava de plantão na véspera e lhe enviara os resultados por e-mail durante a madrugada.

— Lembra do que se tratava?

— Uma comparação entre dois DNAs.

— Pode me encaminhar o e-mail, por favor?

— Hoje vai ser difícil.

— É muito importante, Tasha. O Jim acabou de morrer. Estou tentando entender por quê.

— Merda...

— Estou lhe enviando meu endereço de e-mail.

— Ok, vou passar no laboratório com a Paola. Você terá os resultados em menos de uma hora.

* * *

No computador, Jonathan consultava as fotografias das chacinas de Bishop. Ele reivindicara o assassinato de Alice sem jamais apresentar provas. Em meio àquele dilúvio de sangue e violência, Jonathan teve a súbita consciência de que era graças àquelas atrocidades que Madeline e ele estavam juntos aquela manhã. Se não fosse pelo desaparecimento de Alice, eles nunca teriam se reencontrado...

Enquanto mexia no celular para se conectar à rede, Madeline começou a limpar o filtro de lixo eletrônico. Ele continha uns trinta spams variados, que a incentivavam a comprar relógios de luxo, pílulas para aumentar a energia sexual ou produtos milagrosos capazes de fazê-la perder dez quilos em dez dias.

— Veja isto!

Em meio aos e-mails não solicitados, um chamou sua atenção. Fora-lhe enviado vinte e quatro horas antes por... Jim Flaherty!

Seu coração disparou. Por que o e-mail de Jim fora filtrado pelo programa antispam? Seria em razão dos numerosos e pesados anexos? Madeline leu com ansiedade:

De: Jim Flaherty
Para: Madeline Greene
Data: 22 de dezembro de 2011 18:36
Assunto: Autópsia

Querida Madeline,

Você não vê nada de estranho em nenhuma dessas fotos?
Ligue para mim, se for o caso.

Seu amigo, Jim

Seguiam anexos um documento pdf e várias fotografias. Madeline salvou o e-mail no computador para exibir os documentos em modo tela cheia. Referiam-se todos à autópsia de Danny Doyle, o *capo* de Cheatam Bridge.

— O que esse sujeito tem a ver com isso tudo? — perguntou Jonathan bem alto.

E se debruçou para ler o relatório da autópsia com Madeline. Como ele já sabia, haviam encontrado o corpo de Danny no meio de um depósito industrial, abatido por uma bala na cabeça, com as mãos e os pés decepados e os dentes arrancados. Uma execução atribuída a uma gangue ucraniana, cujo chefe recebera as mesmas atenções meses antes. Os autos do médico-legista eram tradicionais: precisão da hora da morte após a rigidez cadavérica, evidência de vestígios de pólvora em torno do ferimento, análise dos órgãos, do sangue, do conteúdo gástrico, do DNA. Inúmeros elementos confirmavam a identidade de Danny Doyle, sem sombra de dúvida.

Como é frequente nas autópsias de crimes violentos, as fotos davam náuseas: o rosto violáceo e deformado pela tortura, o tórax esverdeado riscado até o abdome, dezenas de hematomas pelo corpo inteiro. Danny havia sido torturado e não partira em paz. Mas o que Jim conseguira ver de "estranho" naquelas fotos?

Madeline deu zoom para ampliar algumas partes.

— Chegaram a arrancar um pedaço da orelha dele — observou Jonathan.

Madeline franziu as sobrancelhas e examinou a área que ele apontava com o dedo. Era verdade: o cadáver tinha uma parte do lobo da orelha direita rasgada. Mas aquele ferimento parecia antigo. Ora, Danny nunca tivera uma orelha defeituosa, ao contrário de... Jonny, seu irmão gêmeo.

— Não é o Danny, é o irmão dele! — ela exclamou.

Ela contou a história a Jonathan: os dois bebês nascidos num intervalo de cinco minutos, a rivalidade entre eles, a violência e a crueldade de Jonny, que sofria de esquizofrenia, tendo sido internado várias vezes após se afundar no alcoolismo.

Voltou ao relatório da autópsia para ler o parágrafo sobre a análise dos órgãos. O fígado do cadáver estava acometido de uma "degenerescência dos tecidos possivelmente causada por absorção de álcool".

Uma cirrose.

— O Danny tomava umas de vez em quando, mas nunca foi alcoólatra.

— Como os policiais puderam confundir uma coisa dessas?

— Os gêmeos idênticos possuem a mesma carga genética, o que torna impossível distinguir com precisão seu DNA.

— Tem certeza?

— Já houve diversos casos dessa natureza. Lembro de um assaltante na Alemanha e um traficante na Malásia. Nos dois casos, o suspeito tinha um irmão gêmeo idêntico, e a justiça foi obrigada a soltá-lo, por não ser capaz de identificá-lo com certeza.

— Mas se esse cadáver é do Jonny...

— Isso significa que o Danny está vivo — confirmou Madeline, pensativa.

* * *

Eles pediram outra caneca de café. Durante vários minutos, perderam-se em conjecturas até Madeline receber o e-mail de Tasha Medeiros, a especialista em DNA do laboratório de Birmingham.

De: Tasha Medeiros
Para: Madeline Greene
Data: 23 de dezembro de 2011 14:48
Assunto:

Madeline,

Aqui está o resultado da análise que o Jim havia me pedido para fazer sem passar pelos trâmites oficiais.

Estou muito triste por ele.

Espero que isso possa ajudá-la.

Tasha

Intrigadíssima, ela clicou no anexo enquanto Jonathan se debruçava sobre seu ombro para espiar o documento, que tinha a forma de uma tabela complexa com cerca de quinze linhas e seis colunas. Cada espaço continha vários algarismos. Eles precisaram de alguns segundos para compreender que se tratava de um teste de paternidade. Pularam então para o último parágrafo, que mencionava o resultado, e o que descobriram os deixou sem voz:

Teste de paternidade realizado sem material genético da mãe
Baseado na análise do DNA.
Pai alegado: **Daniel Doyle**

```
Filho: Alice Dixon
Foram encontrados alelos similares nos 15 loci analisados.
Probabilidade de paternidade estimada em: 99,99%
```

Antes de morrer, Jim tivera uma intuição genial. Depois de três anos de inquérito, conseguira provar não apenas que Danny Doyle não estava morto, como também que era pai de Alice Dixon.

Uma descoberta que ele pagara com a própria vida.

31
Em território inimigo

Nas trevas, cada qual com seu destino.
— Gao Xingjian

Café Peels
Lower East Side
Dez horas da manhã

Zonza, Madeline se jogou para trás no banco, tomada por uma náusea repentina. Sua cabeça rodava. Nem Alice nem Danny estavam mortos. Mais surpreendente ainda: a adolescente era filha do *capo* da máfia. Mas Jim estava efetivamente morto; ela própria quase se suicidara. Dezenas de pessoas haviam trabalhado dia e noite naquele inquérito. Por quê? Para quem? Subitamente, ela desconfiou de tudo. Naquela história, quem eram as vítimas? Quem eram os culpados? Desde o início do caso, mal ela conseguia iluminar uma zona de sombra, outro mistério irrompia instantaneamente, arrastando-a para um território cada vez mais perigoso.

Ela ergueu os olhos e procurou apoio junto a Jonathan, mas este, com a cara colada no vidro, se preocupava com o que via do lado de fora.

— Acho que estamos sendo seguidos.

— Está brincando! — ela disse, aproximando-se da janela.

— Está vendo aquela Ferrari preta, estacionada ali na frente?

— Na frente da galeria do Morrison Hotel?

— É. Já cruzei com ela duas vezes hoje, primeiro em TriBeCa, depois em Little Italy. Não tem placa e não consigo identificar o motorista.

Madeline franziu os olhos. Àquela distância, era impossível distinguir qualquer silhueta lá dentro.

— Venha — ela ordenou, num tom decidido.

Uma hora antes, ela não teria imaginado nem por um segundo que alguém pudesse espioná-los, mas, depois da morte de Jim e do que acabavam de descobrir, desconfiava de tudo.

Pagaram o café, desceram a escada e saíram para pegar o carro.

— Me deixe dirigir — pediu Madeline.

Ela se instalou no comando do Smart e arrancou.

— Acha que ela vai nos seguir? Talvez a investigação esteja nos deixando

paranoicos...

— Julgue por você mesmo. Aposto que ela vai se mexer.

Efetivamente, a Ferrari saiu da vaga e começou a segui-los “discretamente”, vinte metros atrás.

— Não olhe para trás — ela ordenou. — E aperte o cinto.

O carrinho aumentou a velocidade, atravessando a Bowery em direção à Cooper Square. Subitamente, Madeline freou e virou o volante todo para a esquerda, fazendo o carro decolar sobre o canteiro central.

— Você enlouqueceu! — exclamou Jonathan, agarrando-se na alça lateral.

O carro aterrissou do outro lado da via, pegando a Ferrari ao contrário.

— Feche a boca e abra os olhos!

Agora os dois carros avançavam em direções opostas. Quando se cruzaram, Jonathan teve meio segundo para ver quem estava ao volante.

Era uma mulher loura, muito bonita, com uma cicatriz em forma de estrela que partia do supercílio para lhe rasgar do alto da face até a comissura dos lábios...

* * *

— E então?

— Eu conheço essa mulher! — ele exclamou. — Tenho certeza de que é a mulher para cuja casa levei a Alice há dois anos, em Cap d’Antibes!

— A que se fazia passar por mãe dela?

— Ela mesma!

Madeline olhou pelo retrovisor. A Ferrari cortava para oeste, pela Astor Place. Intuitivamente, o Smart entrou na Houston Street.

— Se ela passar novamente pela Broadway, podemos alcançá-la, certo?

— É possível.

Cruzaram os dedos, espreitando avidamente os carros. Alguns segundos mais tarde, a grade arrogante do GT Spyder apareceu no eixo que atravessava a cidade na diagonal.

O conversível entrou na Spring Street. Madeline seguiu seu rastro e sumiu no trânsito. A motorista possivelmente os viu, pois a Ferrari imprimiu uma aceleração que deixou o carrinho como se não tivesse saído do lugar.

— Merda, perdemos ela de vista!

Parecia inevitável: o que podia um Smart contra um motor V12 de duzentos e oitenta cavalos? Mas era preciso mais que isso para desanimar Madeline. Recusando-se a ser deixada para trás, ela avançou o sinal no cruzamento da Lafayette.

— Cuidado! — gritou Jonathan.

Um vendedor ambulante de cachorro-quente se preparava para atravessar com sua

carrocinha. Madeline acionou a buzina desviando para a esquerda. O vendedor levou um susto e deu um pulo para trás, enquanto o Smart batia na lateral da carrocinha de metal, que caiu no chão, espalhando salsichas, ketchup, mostarda, cebolas fritas e chucrute pela calçada.

O carro foi catapultado e mordeu o meio-fio, mas Madeline conseguiu controlá-lo e pisou fundo no acelerador para partir a toda para a Delancey Street.

* * *

Enquanto isso, em Coney Island...

Encolhida no chão como um animal acuado, Alice virou a cabeça à procura do rato, mas o roedor saíra com Yuri.

A febre queimava seu sangue. A transpiração inundava seu corpo, grudando os cabelos no rosto e fazendo com que calafrios percorressem suas articulações. Contrações dolorosas se irradiavam pela barriga. Pareceu-lhe também que os pés e os tornozelos haviam inchado.

Depois do "filme", o russo partira, deixando-a acorrentada àquele maldito cano. Apesar de suas súplicas, ele não lhe dera água suficiente, limitando-se a aspergir seu rosto com uma garrafa. Esgotada de cansaço, Alice fez um esforço para se contorcer e subiu o zíper do suéter com os dentes.

Ao menor movimento, era tomada por náuseas e vertigens. Sentiu engulhos e vomitou uma bile amarelada. Levantou-se colada à parede, incapaz de recobrar a respiração. Palpitações lhe agitavam o peito, o ritmo das batidas do coração era preocupante. Por quanto tempo resistiria? Agora não podia mais se enganar: as dores de cabeça que lhe verrumavam a nuca e a barra de ferro que lhe comprimia o abdome eram sinal de que a hipertensão provocara insuficiência renal.

Olhou para a latrina a dois metros de distância. Sentia vontade de ir ao banheiro há horas, mas não conseguia se levantar. Abandonou toda dignidade e se aliviou na calça de moletom. Era apenas uma humilhação a mais. Decerto chafurdava no vômito e na urina, mas pelo menos se desfizera de um peso.

Essa trégua durou algum tempo, depois um silvo surdo zumbiu em seus ouvidos. A vista se embaralhou, e ela teve a impressão de que pontos luminosos piscavam em todo o recinto. Sufocava, derivava, delirava. Lutou para não desmaiar, mas logo mergulhou num semicoma confuso.

* * *

Lower East Side

— Lá está ela! — exclamou Jonathan, apontando para a Ferrari, que entrava na

Williamsburg Bridge.

A ponte suspensa atravessava o rio East para ligar o Lower East Side ao Brooklyn. Cercada por grades e cabos de aço, estendia-se por dois quilômetros e drenava centenas de carros por suas quatro pistas.

— O trânsito está pesado. Ela vai ser obrigada a diminuir — pressentiu Madeline.

Efetivamente, o GT reduziu a marcha, preso no trânsito. Madeline recuperara a confiança. Brincando com fogo, arriscou-se a costurar a toda velocidade por entre os carros, passando de um fila a outra para diminuir a distância que a separava do Spyder.

— Freie! Vamos bater!

Assim que deixou a ponte, o bólido italiano saiu cantando pneu e enveredou pela primeira saída.

— Aonde estamos indo? — ela perguntou, pouco íntima da geografia nova-iorquina.

— Williamsburg.

Chegaram à Bedford Avenue, ponto nevrálgico do bairro. Velhos prédios de tijolos se alternavam com construções novas em folha. Em plena fase de revitalização, o lugar contrastava com o lado "asséptico" de Manhattan. Biroscas, pequenos cafés, lojas de vinis, quitandas orgânicas e sebos — tudo se pretendia ao mesmo tempo autêntico e vanguardista.

A progressão da Ferrari foi contida pela atmosfera de aldeia que reinava na rua. Os comerciantes haviam montado barracas na calçada, cantores amadores animavam o espaço público e um engolidor de fogo fazia seu número.

Agora, Madeline e Jonathan estavam a menos de dez metros do Spyder. Pressionado pelo Smart, o bólido entrou à esquerda antes de chegar ao McCarren Park. Aproximando-se da margem, atravessaram uma área de armazéns, galpões e terrenos abandonados. Cobertos de grafites, os muros lembravam a Nova York da época de Basquiat.

— Ela está encurralada! — exclamou Jonathan, enquanto se refugiavam numa ruela. — É um beco sem saída. Não tem nada, só o rio!

A Ferrari chegou diante de uma agência de carros usados. O prédio dava para o cais, oferecendo uma vista inesperada dos arranha-céus de Manhattan. O GT avançou em câmera lenta pelo píer, depois, com um golpe brusco de direção, entrou no galpão por uma grande porta de aço.

Madeline freou e parou o carro a vinte metros da entrada da garagem, que se chamava Macondo Motor Club.

— E agora?

— Fomos enganados — refletiu Jonathan. — Não éramos nós que a caçávamos, era ela que nos atraía. Acha que devemos...?

Não chegou a terminar a frase. Um barulho de pneus cantando fez com que se voltassem. A carroceria descomunal de um guincho foi de encontro a eles, fisgando o Smart e os empurrando para a boca escancarada da garagem. O impacto os projetou para frente. Madeline não apertara o cinto, mas o braço de Jonathan apareceu na hora agá para evitar que sua cabeça batesse no volante. O reboque arrastou o carrinho por dezenas de metros até fazê-lo entrar completamente no galpão, cujas portas se fecharam atrás deles.

A garagem se estendia por mais de duzentos metros quadrados. Uns cinquenta carros se achavam ali espremidos. Jonathan reconheceu um Peugeot 403, mas, aparentemente, a agência era especializada em *muscle cars*: Ford Gran Torino, Chevrolet Camaro, Plymouth Barracuda...

— Alguma coisa quebrada? — ele perguntou, olhando para Madeline.

Eles se ajudaram a sair do Smart, que agora mais parecia uma escultura de César que um carro em condições de rodar.

Ao lado da Ferrari, diante deles, a mulher da cicatriz lhes apontava uma arma.

— Agente Blythe Blake, do US Marshals Service! — ela gritou, enquanto eles se erguiam. — Mãos para cima!

US *Marshals Service? A polícia federal do Departamento de Justiça americano…*

Jonathan e Madeline se entreolharam, perplexos. Aquela mulher era tira!

Em seguida, voltaram-se para o guincho, de onde um homem pulou.

De calça camuflada e casaco militar, Danny Doyle avançou na direção deles.

— Olá, Maddie! Sabe, você continua com a bundinha mais linda de todas as floristas parisienses...

32

A verdade sobre Danny Doyle

Os espinhos que colhi vêm da árvore que plantei.
— Lord Byron

Cais do rio East

— Você não presta mesmo! Como pôde me fazer acreditar que a Alice estava morta?

— Maddie, calma...

— Nunca vou te perdoar, Daniel!

— Me deixe explicar.

Madeline e Danny caminhavam pelo cais de Williamsburg. Perto da água, a temperatura estava nitidamente mais fria, e Madeline se embrulhou na jaqueta. Dez metros à frente e atrás deles, dois "guarda-costas" faziam a segurança do lugar, conforme eles avançavam.

— Quem são esses palhaços?

— Agentes do FBI que trabalham para o Marshals Service.

Com os nervos em frangalhos, ainda sob o choque do acidente e das revelações da manhã, Madeline desafiou o ex-marginal:

— Me diga onde está a Alice, AGORA!

— Vou explicar tudo, mas pare de gritar, ok?

Danny tirou do bolso uma cigarrilha já começada, que reacendeu com o isqueiro.

— Tudo começou há três anos e meio — declarou, sentando-se num dos bancos que margeavam o rio. — Foi um mês antes da morte da minha mãe. Ela estava no fim da vida, no Christie's Hospital, devorada por um câncer terminal. Eu sabia que ela estava vivendo suas últimas semanas e ia visitá-la diariamente.

Danny deixou que as lembranças dolorosas viessem à tona. Ele emagrecera. Os cabelos estavam mais compridos e emolduravam o rosto moreno com traços puxados. Madeline consentiu em se acalmar e se sentou ao seu lado. Ele deu uma tragada antes de continuar:

— Todas as noites, eu saía do hospital um pouco mais acabado. Adquiri o hábito de ir afogar minha angústia no Soul Café, um pub na Oxford Road, a cem metros da clínica. Foi lá que vi a Alice pela primeira vez. Ela dava uma mãozinha no serviço, recolhia os copos e talheres. Na época, ela não tinha nem catorze anos, ainda que lhe

dessem quinze ou dezesseis. Era evidente que não tinha idade para trabalhar, mas ninguém se preocupava muito com isso.

— Você reparou nela desde o início?

— Sim, estava intrigado com o comportamento dela. Sempre que tinha um tempo livre, ela se instalava numa mesa para ler ou fazer os deveres. Além disso, me olhava de um jeito estranho, como se me conhecesse...

— Você falou com ela?

— No começo ela se limitou a me observar, então, uma noite, veio conversar comigo de um jeito desafiador. Disse que sabia quem eu era. Depois me perguntou se eu lembrava da mãe dela, Erin Dixon...

— Eu nunca soube que você tinha ficado com essa mulher.

— Eu mesmo tinha esquecido. Aliás, precisei de alguns segundos para associar o rosto ao nome. Realmente, eu tinha transado com a Erin duas ou três vezes, uns quinze anos antes. Era uma mulher da vida, que se entregava sem criar caso. Era bonita antes das drogas, ainda que nunca tivesse sido muito esperta...

— Foi o que você respondeu à filha dela?

— Não, claro que não. Eu estava constrangido, mas ela não fez rodeios. Me contou que tinha interrogado a mãe, feito uma investigação e que, na opinião dela... eu era seu pai.

— E você acreditou?

— Antes mesmo que ela me dissesse. Era evidente.

— Por quê? Acha que ela se parece com você?

— Não, acho que se parece com *você*.

Madeline perdeu a linha.

— Não brinque com isso, Daniel!

— Não negue! Você também era ligada a essa menina! Por que teria teimado nessa investigação se inconscientemente não tivesse se reconhecido nela?

— Porque era a minha profissão.

Mas Doyle persistiu:

— Essa guria era a filha que poderíamos ter tido juntos! Ela era inteligente, pensativa, culta, completamente diferente dos animais que me cercavam. Ela encarava tudo, enfrentava a vida com coragem. Para mim, foi um presente dos céus.

— Então vocês começaram a se encontrar?

— Sim, quase todos os dias, sem que ninguém soubesse. Era nosso segredo. Aprendi a conhecê-la melhor, e não menti para ela sobre as minhas atividades. Ela me deu uma razão para me levantar de manhã. Pela primeira vez, minha vida fazia sentido.

— Você lhe dava dinheiro?

— Eu a ajudei um pouco, mas não queria despertar suspeitas. Estava realmente

decidido a pagar os estudos dela numa boa universidade. Pensei até em assumi-la legalmente, mas, considerando o número de pessoas que queriam a minha pele, isso teria representado um perigo para ela. E depois, tinha um problema de saúde que me preocupava...

— O coração, não é? — adivinhou Madeline.

Com os olhos cravados nas águas escuras do rio East, Danny aquiesceu com tristeza.

— Ela ficava ofegante ao menor esforço. Não reclamava, mas volta e meia estava cansada e passou mal duas vezes na minha frente. Mandei-a para o Primary Care Trust. O médico identificou um sopro cardíaco, mas não de anomalia específica. Para ficar mais tranquilo, pedi ao cardiologista que acompanhava minha mãe que realizasse outros exames. Eles revelaram uma cardiomiopatia dilatada: o coração da Alice funcionava em câmera lenta. A doença já estava num estágio avançado e ela podia morrer a qualquer momento.

— O médico aceitou prescrever um tratamento sob um nome falso?

— Todo homem tem seu preço, Madeline.

— E funcionou?

— Nos primeiros meses, a Alice reagiu bem aos medicamentos.

O vento começou a soprar. Pouco a pouco, Madeline reconstituía a cronologia dos acontecimentos, mas muitas perguntas permaneciam sem resposta.

— A Alice sabia das suas falcatruas?

— Sabia. Nunca trapaceei com ela.

— E isso não era um problema para ela?

— Digamos que ela era suficientemente inteligente para não ter uma visão maniqueísta das coisas.

Madeline tomou a observação como uma crítica pessoal, mas preferiu relevar.

— Em nenhum momento você pensou em tomar jeito?

— Claro que sim! Mas o que você acha? Que era fácil? Que bastava estalar os dedos? Eu estava num beco sem saída: os tiras atrás de mim, as gangues rivais querendo minha pele, até meus próprios homens só esperavam a primeira oportunidade para me trair.

— A Alice tinha consciência disso?

— Mais do que eu imaginava. Foi ela quem me trouxe a solução.

— Como assim?

— Uma noite, ela chegou em casa com um enorme dossiê, com dezenas de artigos baixados da internet. Textos de direito da jurisprudência, estudos de caso, um autêntico trabalho de advogado. Ela dizia ter encontrado a fórmula mágica que nos permitiria começar uma vida nova.

— E que fórmula mágica era essa?

— O WITSEC, o programa americano de proteção a testemunhas.

33

As testemunhas

O procurador-geral dos Estados Unidos pode dispensar medidas de proteção a uma testemunha num processo relativo a uma atividade criminosa organizada, caso estime que a testemunha corre o risco de ser vítima de violência ou de medidas de intimidação.

— Artigo 3.521, Título 18 do Código dos Estados Unidos

Enregelados depois de tanto tempo sentados no banco, Madeline e Danny retomaram a caminhada ao longo do cais. Apesar do frio, as margens do rio East estavam longe de estar desertas. Equipado com puçás, baldes de plástico e caniços de pesca, um grupo de idosos se rejubilava por ter encontrado um recanto písceo bem em frente ao *skyline* de Manhattan, tirando da água robalos listrados, linguados e pequenos halibutes. Falavam polonês, russo, espanhol... O *melting pot* no que tinha de melhor.

— No início — explicou Danny —, respondi a Alice que a ideia do Programa de Proteção a Testemunhas era ingênuo e inviável. Eu não tinha nada a dar em troca, nenhuma carta na manga. Mas ela insistiu: "Tenho certeza de que você pode usar aqueles que te encurralam nessa vida". Essa reflexão frutificou. Nos Estados Unidos, faltavam poucos meses para as eleições presidenciais, e a luta contra as drogas era um dos temas de campanha. Todos os candidatos falavam do México, onde a guerra dos cartéis já havia feito dezenas de milhares de mortos. Os americanos se preocupavam com a escalada de insegurança na fronteira. A eleição do Obama representou uma guinada, quando ele reconheceu a responsabilidade do país no tráfico como principal país consumidor. Antes mesmo da posse, ele se reuniu com seu colega mexicano e os dois países reafirmaram a intenção de travar uma luta sem concessões contra os traficantes de drogas. Era uma plataforma ousada de presidência: tudo que Washington não queria era se ver com um narcoestado às suas portas.

— O que isso tem a ver com você? — perguntou Madeline. — Lavagem de dinheiro?

— Quinze anos atrás, quando estudei na Califórnia, conheci Jezebel Cortes nos bancos da UCLA.

— A filha do chefão do cartel? O nome dela está em todos os jornais por causa do julgamento.

— Nós permanecemos em contato. Tínhamos em comum um passado familiar

bastante pesado. Mas filhos de criminosos se entendem.

— Tão bem que vocês dois assumiram a bandeira de seus pais...

— A Jezebel não tem sangue nas mãos, não diretamente. Ela era a contadora da organização. Uma executiva discreta e inteligente, que durante anos lavou os milhões da droga reciclando-os em atividades legais.

— Você tem uma maneira bastante sedutora de apresentar as coisas...

— Ao longo dos anos, com a intensificação da luta contra o dinheiro sujo, ficou mais difícil para os traficantes lavarem seus dólares via bancos e paraísos fiscais. A Jezebel foi obrigada a se voltar para outras atividades e intermediários.

— Foi então que ela recorreu a você...

— Sim, durante cinco anos fiz investimentos no nome dela, em imóveis e hotelaria. Eu sabia que os agentes do fisco americano estavam tentando derrubá-la, mas éramos prudentes. Quando a Alice me falou do Programa de Proteção a Testemunhas, pedi ao meu advogado que entrasse em contato com o escritório de fiscalização do IRS.*

— Você propôs a eles um acordo?

— Imunidade e uma nova identidade para mim e para Alice, em troca do meu testemunho para derrubar Jezebel Cortes. Eles faziam questão absoluta de prendê-la nos Estados Unidos para poderem apreender os bens dela: contas bancárias, uma centena de apartamentos, complexos hoteleiros, casas de câmbio e agências imobiliárias por toda a Califórnia.

— Eles aceitaram com facilidade?

— Não, mas o Congresso se preparava para votar um polpudo auxílio de um bilhão de dólares destinado ao México. O FBI precisava de uma prisão simbólica para que a medida fosse aceita pela opinião pública. O caso chegou ao procurador-geral, que terminou por fazer um acordo com o MI6.

— O serviço secreto britânico?

— Foram eles que arranjaram a transferência da Alice, fazendo crer num sequestro. Estava combinado que eu a encontraria depois.

De repente, Madeline se sentiu completamente desamparada — durante meses, tentara resolver um caso que o Intelligence Service tomava o cuidado de abafar. Tudo se explicava: as câmeras de vigilância defeituosas, a ausência de indícios, os depoimentos furados e contraditórios. Poderia ter investigado durante dez anos e não avançaria um milímetro. Ou então terminaria como Jim, “suicidada” em seu gabinete...

Uma raiva impotente se apoderou dela. Tentou em vão calar sua fúria.

— Por que você fez isso comigo, Danny? Por que me fez acreditar que estava atrás dela, por que me enviou o coração dela?

— Assim que chegou em Manhattan, a Alice se tornou resistente aos

medicamentos. A insuficiência cardíaca piorou. Fiquei muito preocupado. Ela estava sozinha, cada vez mais cansada, com sucessivos episódios de gripe e bronquite. Apenas um transplante podia salvá-la. Pressionei o FBI: eu não testemunharia se a minha filha morresse. Eles se viraram para inscrevê-la na lista de receptores prioritários e a cirurgia se desenrolou com agilidade num hospital nova-iorquino. Não foi um período fácil para ela...

— Mas por que me enviar o coração dela? — insistiu Madeline.

— Não fui eu que fiz isso, mas quem nos protegia. Porque você estava se tornando um problema, Madeline — ele admitiu, com a voz roufenha estragada pelo tabaco. — Você estava revirando céus e terras para encontrar a Alice. Ia acabar estabelecendo o elo comigo. O MI6 entrou em pânico. Foram eles que tiveram a ideia do coração. Para encerrar o caso.

— Qual foi o papel do Bishop nisso tudo?

— O Bishop foi obra do acaso. O serviço secreto sabia perfeitamente que mais cedo ou mais tarde um maluco se apresentaria como assassino da Alice. Só aconteceu mais rápido que o previsto. Em seguida, como combinado, alguns meses após o "desaparecimento" da Alice, encenei minha própria morte e fui me encontrar com ela em Nova York.

— Você matou o seu irmão!

— Não, o Jonny se matou sozinho. Você conhecia o cara: era um zumbi carcomido pelas drogas, um doente mental e um assassino. Fiz minha escolha, e a Alice era a minha prioridade. Quem age sempre tem um preço a pagar.

— Me poupe do seu discurso, já o conheço! E o Jonathan? Como ele esbarrou com você?

— Durante as férias do Natal seguinte, a Alice e eu fomos passar uns dias na Côte d'Azur. Depois da cirurgia, ela não resistiu e digitou o próprio nome nos sites de busca para checar os rumos da investigação do "sequestro". Descobriu reportagens sobre você e sobre a sua tentativa de suicídio. Ela queria te colocar a par do segredo, mas Blythe Blake, a *marshal* encarregada da nossa segurança, não deixou, o que contrariou a Alice. Quando chegamos na França, ela fugiu para ir ao seu encontro em Paris, mas, uma vez na capital, desistiu para não nos colocar em perigo, e foi então que deu de cara com Jonathan Lempereur.

Madeline sentiu um aperto no coração. Não apenas Alice sabia de sua existência, como procurara entrar em contato com ela.

— Isso fez com que o FBI e a polícia alfandegária passassem a ter seus nomes cadastrados, e um alarme disparava automaticamente quando vocês se deslocavam em solo americano. Ontem à noite, Blythe Blake foi informada de que *vocês dois* estavam em Nova York. Impossível ser uma coincidência. Pedi a ela que usasse de um estratagema a fim de atrair vocês para cá.

— Para me fazer calar?
— Não, Madeline, para que me ajude.
— Te ajude a fazer o quê?
— A encontrar a Alice.

* * *

Reformado como um loft, o apartamento dava para a garagem e o cais. Com a testa colada no vidro da sacada, a agente Blythe Blake não desgrudava os olhos de Danny e Madeline. A *marshal* respondera sumariamente às perguntas de Jonathan e continuava totalmente concentrada em sua tarefa: vigiar e proteger a testemunha. O francês esmiuçava aquela mulher estranha, de beleza graciosa e aristocrática. Tinha a lourice e a elegância fria das heroínas hitchcockianas. Cintura de vespa, calça justa preta, botas de amarrar e jaqueta de couro aberta sobre uma blusa de gola rulê. Pequenos grampos prendiam seus cabelos num coque sofisticado. Quando vista do ângulo certo, era impossível não ficar seduzido pela nobreza de seus traços e do olhar delicadamente maquiado.

Até mesmo a cicatriz tinha algo de fascinante. Longe de desfigurá-la, a marca que lhe ultrajava o rosto lhe dava um lado "mulher fatal", que alguns homens decerto achavam excitante.

— Devem perguntar muito a você... — ele começou.

Enquanto apontava os binóculos para Danny, ela respondeu com uma voz monocórdica:

— Um estilhaço de granada no Iraque, no "triângulo da morte". Três milímetros para o lado e eu perdia o olho...

— Quando foi isso?

— Faz oito anos. Me alistei como voluntária. Se tivesse que fazer de novo, eu faria.

— Ficou muito tempo no exército?

— Sou uma agente do governo, meu histórico é confidencial.

Como ele insistiu, ela terminou deixando escapar:

— Abandonei os marines depois do ferimento. Permaneci dois anos em Quantico,** depois realizei missões *undercover* pela DEA, antes de ser destacada para o regimento dos *marshals*.

— Onde eram essas missões?

— Escute aqui, meu velho, sou eu quem faço as perguntas, ok?

— É isso que você diz quando um cara se interessa por você numa festa?

Ela se irritou.

— Não estamos numa festa e, para seu governo, você não faz o meu tipo.

— Qual é o seu tipo? Caras como o Danny?

— Por que diz isso? Está preocupado por causa da sua namorada?

— E você? Gosta de sair com assassinos?

— Mais do que com pais de família — ela o provocou. — Mas, se quer saber, minha função é vigiar o Doyle, não dormir com ele.

Com o fone enfiado no ouvido, ela ladrou algumas instruções, ordenando aos dois brutamontes que intensificassem a segurança.

— Acha que o Danny pode ser eliminado pelos mexicanos?

— Não é impossível, mas não acredito nisso.

— Por quê?

— Porque, de certa maneira, ele *já* testemunhou.

Jonathan se sentiu perdido.

— Há cinco minutos você me disse que o interrogatório dele está marcado para a próxima semana!

Blythe esclareceu:

— Como a lei permite nesse tipo de situação, o Danny gravou o depoimento antes mesmo do início do julgamento. Um depoimento filmado, na presença de um juiz e de um advogado, que acaba com Jezebel Cortes.

Jonathan começava a compreender.

— Então, mesmo que ele fosse morto hoje...

— ... essa fita seria suficiente para condenar a traficante — confirmou Blythe. — A única esperança do cartel seria que o Danny mudasse sua versão no dia do julgamento.

— E por que ele faria uma coisa dessas?

— Por causa disso — ela respondeu.

Com um controle remoto, ligou uma grande tevê de tela plana presa na parede e projetou um vídeo.

Notas

* Uma das agências do Departamento do Tesouro americano, encarregada de recolher impostos e implementar leis fiscais.

** Base americana, sede da academia de formação e treinamento do FBI.

34

The girl in the dark

A inteligência procura, mas é o coração que acha.
— George Sand

O filme durava menos de trinta segundos. Consistia num plano fechado sobre o rosto devastado da garota. Em pânico, visivelmente no fim de suas forças, cheia de olheiras, Alice olhava para a câmera com intensidade. A luz lívida que a rodeava sugeria que estava presa num subsolo ou numa masmorra. A dicção se mostrava intermitente, entrecortada por soluços. Balbuciando, ainda assim conseguiu se dirigir diretamente ao pai, para lhe comunicar as reivindicações dos sequestradores:

> *Save me, Dad! Change your testimony, please! And we'll be together again. Right, Dad?*[*]

Em seguida, a câmera se afastou, permitindo distinguir a franzina silhueta de Alice acorrentada ao encanamento.

— Esse filme chegou às nossas mãos esta manhã por intermédio de um mensageiro — explicou Blythe Blake, congelando a imagem.

Danny cerrou os punhos. Impotente e corroído pela culpa, estava profundamente pessimista.

— Vai fazer doze horas que ela foi sequestrada. Se não encontrarmos a Alice logo, eles vão matá-la, independentemente do que eu fizer. E, sem os remédios, ela corre o risco de ter uma insuficiência renal a qualquer momento.

Blythe se sentou a uma mesa de ferro fundido sobre a qual estavam instalados três laptops.

— Tentamos sem sucesso rastrear o celular da Alice — ela esclareceu, salvando o filme num dos discos rígidos.

Projetou várias vezes a gravação, isolando o canal de som e exibindo dezenas de tomadas, ampliando todo e qualquer detalhe.

Interessada naqueles aspectos técnicos, Madeline se aproximou dos computadores. Blythe detalhou seu procedimento:

— Temos a data e a hora precisas na parte de baixo do filme. Ampliando o canal de som, talvez seja possível detectar ruídos aparentemente inaudíveis: metrô, barulho do tráfego... que podem nos levar a uma pista.

— E a filmadora? — perguntou Jonathan.

— A imagem parece de boa qualidade, apesar da penumbra. É um modelo recente — analisou Blythe.

Com poucos passos, abriu um programa capaz de identificar a marca e o modelo.

— É uma Canon com memória flash, lançada no mercado há menos de um ano. Vou pedir ao FBI para elaborar uma lista com as últimas vendas em loja ou pela internet, mas isso vai levar tempo.

Isolou em seguida o detalhe de uma imagem, que abriu em close.

— O que me chamou atenção foi esse cano! — disse ela, apontando para a ampliação da tubulação à qual Alice estava acorrentada. — É antigo e maciço. À primeira vista, eu diria que esse encanamento tem pelo menos cem anos, mas vou entrar em contato com peritos capazes de datá-lo com precisão. Com um pouco de sorte, cruzando todos os nossos dados, poderemos localizar o esconderijo.

Voltou-se então para o agente que recebera o pen drive contendo o filme.

— Tem o depoimento do mensageiro, Chris?

Pelo celular, o *man in black* encaminhou um documento que apareceu na tela do computador.

— Ele trabalha para a Bike Messenger, uma agência de entregas perto de Wall Street, mas hoje estava fazendo um bico. Pegou a remessa no cruzamento da Dutch com a John Street, das mãos do próprio remetente: alto, caucasiano, atarracado, na casa dos quarenta... Ele pagou em dinheiro sem mencionar o nome.

— Temos seu retrato falado?

— Éhh... O Terence está interrogando o mensageiro.

— Muito bem, diga a ele que isso é prioridade! Quero poder divulgar as características dele dentro de dez minutos. A partir de agora, cada segundo é importante!

* * *

MEIA HORA MAIS TARDE

O Matchbox** sem dúvida devia seu nome à exiguidade do local. Deus sabe como, o dono do pub conseguira adaptar o lugar para oferecer vinte lugares numa pequena sala aconchegante aberta para um jardinzinho.

Sentado diante de um *bagel* com salmão, Jonathan acabara de contar a Madeline sua conversa com Francesca.

— O que acha disso?

Ele falara com sinceridade, descrevendo-lhe as circunstâncias precisas nas quais sua mulher matara Lloyd Warner e se livrara do corpo antes de arranjar um álibi com a cumplicidade de George. Uma proeza que lhe permitira não ser acusada de assassinato, mas que lhe custara o casamento.

— Acho que, depois da morte desse cara, o planeta ficou com um canalha a menos — respondeu Madeline.

Uma tirada à la Danny Doyle...

— Acho que a sua mulher tem um tremendo sangue-frio e uma inteligência que dá até medo — completou.

Ela engoliu o último pedaço da torta de queijo de cabra fresco e deu um gole no vinho.

— E acho que você devia voltar para ela.

Jonathan caiu das nuvens. Num segundo, Madeline mandara a relação deles para o espaço.

— E... nós dois?

Ela o fitou nos olhos.

— Não vamos mentir um para o outro. Nossa relação é frágil. Qual é o nosso futuro? Moramos a dez mil quilômetros um do outro, somos dois desgarrados. Sempre vai ter um momento em que você vai se arrepender de não ter voltado a morar com sua mulher e seu filho.

Jonathan tentou manter a calma.

— Ora, você não sabe do que está falando! E ninguém vai se separar por causa de uma hipótese estapafúrdia...

— Você não tem mais nada a fazer aqui. Alice Dixon não representa nada para você. Essa luta não é sua.

— Ela faz parte da minha vida tanto quanto da sua!

Ele levantara o tom de voz. O restaurante era tão pequeno que todos os olhares se voltaram para ele. Detestava aquele lugar, com as mesas grudadas umas nas outras, restringindo o movimento e a intimidade.

— Preste atenção, Jonathan, essa história começou com sangue e vai terminar com sangue. Não vai ter um final feliz, e você não está preparado para enfrentar esse tipo de violência. Eu sou tira, a Blythe trabalha para o FBI, o Danny é um assassino, mas você...

— Eu sou apenas um frágil chef de cozinha, é isso?

— Você tem família...

— Eu achei que você podia fazer parte dela — ele observou, levantando-se.

Deixou duas cédulas na mesa antes de sair da *brasserie*.

Era a primeira vez que Madeline se sentia realmente apaixonada por um homem. Apesar disso, não procurou detê-lo.

— Se cuide — murmurou apenas.

Mas ele já partira.

O cartel mexicano que encomendara o sequestro de Alice estava manifestamente disposto a tudo. Com o orgulho ferido, Jonathan não compreendera que era porque o

amava que Madeline se recusava a arrastá-lo com ela naquele rio de trevas.

* * *

A estação de metrô da Bedford Avenue ficava a um quarteirão dali. Jonathan pegou o trem e retornou a Greenwich.

Na casa de Claire, ficou vinte minutos imóvel debaixo do chuveiro, esgotado pelo fuso horário e pela falta de sono, sentindo um fluxo de emoções e sentimentos contraditórios.

Três da tarde. Ligou para San Francisco e falou demoradamente com o filho. Charly não compreendia por que o pai não estava com ele na véspera do Natal. Mas Marcus se mostrou à altura e o substituía como podia naquele papel de pai que Jonathan nunca soubera exatamente como desempenhar.

Aquele diálogo com o filho o mergulhou ainda mais na tristeza. Para escapar da solidão, vestiu roupas limpas e saiu para tomar um café no primeiro bar que encontrou na MacDougal Street. Esperava que a cafeína o ajudasse a clarear as ideias. Por um momento, imagens de uma família novamente reunida desfilaram em sua mente à maneira de uma apresentação de slides analgésica. Relembrou todos os momentos de plenitude que partilhara com a ex-mulher e com Charly. As confissões de Francesca o haviam libertado de um sofrimento que o aprisionava havia dois anos, afogando-o num nevoeiro que o fizera perder a autoconfiança e as referências.

Agora tinha a oportunidade de reencontrar sua "vida de antes". Não era afinal o que sempre desejara? Dentro de duas horas, poderia estar num avião para a Califórnia, pegar Charly e voltar a Nova York para passar o Natal com Francesca.

Essa perspectiva era reconfortante. Lembrava-se da frase de um de seus colegas: "Uma árvore sem raízes é apenas um pedaço de pau". Ele precisava de uma base para não perder o chão. No entanto, a imagem de Francesca se apagou pouco a pouco por trás da de Madeline. A moça sem dúvida tinha razão: a história deles fora construída sobre o vento. E contudo...

Contudo ele era incapaz de se curvar à voz da razão. Madeline flechara seu coração e nele instilara o veneno da saudade.

Mecanicamente, ele pegou uma caneta no bolso e, tomado por uma inspiração súbita, começou a rabiscar no guardanapo de papel. No fim de três minutos, deu-se conta de que concebera uma sobremesa inspirada na jovem inglesa: um mil-folhas de chantili de rosas e violetas, com uma fina massa folheada e caramelizada com laranja-lima da Tunísia. Foi o primeiro a se surpreender. Fazia dez anos que não tinha um lampejo de criatividade e não inventava nenhum prato. Naquele momento, as comportas se abriram e o amor o inspirou novamente.

Essa ideia o reconfortou um pouco e lhe infundiu confiança no futuro. Por que não abrir um restaurante em Nova York acoplado a uma pequena escola de culinária?

Finalmente, um projeto que fazia sentido.

Jonathan aprendera com os erros e não cometeria duas vezes as mesmas tolices. Fim da feira das vaidades, da corrida ao estrelato, da busca pela consagração da mídia. Tinha na cabeça um estabelecimento de personalidade, com uma cozinha original e ambiciosa, mas não num cenário luxuoso. Fim das taças de cristal e da louça de porcelana criadas por designers da moda. Nunca mais associaria seu nome a produtos derivados ou a pratos congelados nojentos, vendidos no supermercado. Agora exerceria sua profissão artesanalmente, com o único objetivo de ter e dar prazer.

Saiu do café levando consigo um fermento de esperança. Mas sabia que aquele futuro passava obrigatoriamente pela sobrevivência de Alice Dixon. Onde ele estaria hoje se não tivesse atravessado o caminho da garota? Enterrado a sete palmos do chão, sem dúvida alguma. Devia-lhe a vida; era a dívida mais forte que já contraíra. Uma dívida de sangue que ele estava determinado a honrar.

* * *

Seis da tarde. As imagens do cativeiro de Alice lhe invadiam a mente, embaralhadas. Tentou se lembrar de suas últimas palavras, mas não conseguiu. Dirigiu-se à 20th Street. Começava a anoitecer. Apesar do frio que lhe fustigava o rosto, continuou a perambular pelas ruas, pensando sempre no incrível destino de Alice. Em sua vida, que ela encarara como uma luta. Na força de caráter de que deu mostras ao se libertar das amarras e ser dona do próprio nariz. Desde a mais tenra idade, lutara sozinha, sem família nem amigos, escolhendo sempre o caminho mais árduo: o que consiste em não partilhar a mediocridade, evitar ser cooptada pelos brutos e pelos malvados. Uma linha de conduta já difícil de seguir quando se é adulto, imagine quando se tem treze anos...

Chegou à zona leste de Chelsea. Anoitecera e alguns flocos prateados, carregados pelo vento, esvoaçavam sob os postes de luz. O frio o incitou a empurrar a porta do Life & Death, um famoso bar de drinques. Uma música longínqua ecoava nos quatro cantos do recinto. Jonathan não apreciava necessariamente aquele tipo de lugar, mas o movimento e as conversas lhe davam a impressão de estar menos sozinho. Quanto à música, criava uma espécie de bolha que, paradoxalmente, o ajudava a refletir, a assentar as ideias, a amadurecer as reflexões. Alice... Tinha que se concentrar em Alice...

Sua intuição lhe dizia que a investigação de Blythe Blake e de Madeline fracassaria. Em contrapartida, ele não tinha nenhuma linha de investigação. Só contava com seus neurônios e sua psicologia. O álcool lhe queimou o estômago, mas aguçou sua sensibilidade. Pediu outro copo para manter acesa a emotividade. Como criador, sempre apostara numa forma de inteligência das emoções. Pouco a pouco, a

barreira da memória se abriu e o conteúdo do filme passou novamente em sua cabeça. O olhar brilhante e febril da adolescente, seu ar desamparado, a masmorra sórdida, as algemas que imobilizavam seus pulsos, sua voz convulsiva e suas palavras:

> *Save me, Dad! Change your testimony, please! And we'll be together again. Right, Dad?*

Tentou criar um vazio dentro de si, entrar em sintonia com Alice. O terror que se lia em seu rosto não era fingido, mas havia também uma grande intensidade nos olhos... Apesar do medo, sua inteligência e vivacidade continuavam presentes. Como se ela procurasse não apenas suscitar compaixão, mas também... passar uma mensagem.

Não, era impossível. Certamente haviam lhe entregado um texto para ler, ou pelo menos instruções precisas. Como improvisar alguma coisa com tão poucas palavras?

Ele pegou o descanso de copo de papelão colocado embaixo do drinque e, por desencargo, escreveu as quatro frases:

> **Save me, Dad!**
> **Change your testimony, please!**
> **And we'll be together again.**
> **Right, Dad?**

Bom, e daí? A acreditar em Danny, a garota sabia perfeitamente os riscos que corria. Sabia que seu sequestrador provavelmente fazia parte do cartel mexicano. Logo, não era a identidade do raptor, mas talvez informações sobre o cativeiro que ela teria procurado comunicar. A não ser que...

Ele teve um lampejo que subitamente impôs a evidência. Pegou a caneta e com ela reforçou a primeira letra de cada frase:

> **S**ave me, Dad!
> **C**hange your testimony, please!
> **A**nd we'll be together again.
> **R**ight, Dad?

Colocadas uma depois da outra, as iniciais formavam uma palavra de quatro letras: SCAR.

"Cicatriz" em inglês...

Notas

* “ Me salve, papai! Mude o seu depoimento, por favor! E ficaremos juntos novamente. Certo, papai?”

** Caixa de fósforos.

35

Acossado

Há um instante em que a morte tem todas as cartas e abaixa de uma tacada os quatro ases na mesa.

— Christian Bobin

Williamsburg
Macondo Motor Club
Onze horas da noite

Uma calma enganadora reinava no loft acima da garagem. Diante dos monitores, Blythe Blake e Madeline prosseguiam com suas análises de dados. De pé diante da sacada envidraçada, Danny roía as unhas, fumando um cigarro atrás do outro. Dois agentes montavam guarda: o primeiro, imóvel na porta do apartamento, o segundo patrulhando a garagem, em meio aos flocos de neve que turbilhonavam na noite.

Quase imperceptível, um tilintar metálico anunciou a Madeline a chegada de um SMS.

Deu uma espiada na tela:

> Sei quem sequestrou a Alice!
> Venha me encontrar no Life & Death, esquina da 10th Avenue com a 20th Street. Venha SOZINHA. E, atenção, NÃO TOQUE NO ASSUNTO COM NINGUÉM. Jonathan

Incrédula, a princípio ela julgou ser um estratagema de Jonathan para revê-la.

Mas ele nunca teria usado essa tragédia...

Quem sabe ele não havia realmente descoberto alguma coisa? Nesse caso, por que não telefonar em vez de procurar atraí-la para um bar?

— Me empresta o carro, Danny?

— Vai sair?

— Preciso resolver algumas coisas — ela declarou, vestindo a jaqueta de couro.

Pegou a mochila com o laptop de Jonathan e seguiu Danny pela escada de ferro que levava à garagem. Vigiados pelo guarda-costas, atravessaram o galpão que regurgitava carros de colecionador.

— Pegue este — ele disse, apontando para um Pontiac vermelho-vivo 1964.

— Não tem algo menos chamativo?

Ela voltou a cabeça e franziu os olhos, procurando um modelo mais discreto.

— Por que não este? — sugeriu, mostrando um Peugeot 403 conversível. —

Parece o carro do Columbo!

— Entre no Pontiac! — ele insistiu.

Ela compreendeu que era melhor não teimar e se instalou ao volante do esbelto americano.

Danny se debruçou na janela.

— Os documentos estão aqui — explicou, puxando o quebra-sol. Depois apontou para o porta-luvas. — Se tiver algum problema...

Madeline abriu a cavidade para perceber a coronha de um Colt Anaconda. Compreendeu então a obstinação de Danny em fazê-la aceitar seu carro particular.

— Vai encontrar o namorado? — ele perguntou, com uma expressão maliciosa.

Ela subiu o vidro, ignorando a pergunta.

— Até mais.

* * *

A noite e a neve dificultavam o controle do carro. Madeline pensou em usar o GPS do celular, mas terminou preferindo jogar "à moda antiga". Fez com habilidade a curva fechada que permitia voltar à ponte e atravessou o rio East para se dirigir a Manhattan.

Até aquele momento, a adrenalina da investigação a mantivera desperta, mas de repente sentiu o cansaço acumulado se abater sobre ela, entorpecendo os movimentos e embaralhando as ideias. Naqueles últimos três dias, dormira apenas algumas horas de um sono conturbado. Os olhos ardiam, e ela sentiu uma rápida vertigem.

Porra, não tenho mais vinte anos!, queixou-se, tentando fazer o aquecimento funcionar.

Na saída da ponte, reconheceu a Bowery, que percorrera de manhã durante a perseguição a Blythe. Então a subiu até a Houston Street, onde o quadriculado impessoal da cidade voltava a imperar, tornando a orientação bem mais fácil. Verificou o endereço que Jonathan lhe dera e se deixou guiar até o Life & Death. Já era tarde e o trânsito fluía. Sentiu alívio ao notar diversas vagas livres no início da 20th Street, pois estacionar o Pontiac não seria fácil.

Atravessou o bar e percebeu Jonathan sentado diante de um copo vazio.

— Veio sozinha? — ele se preocupou.

— Como você pediu.

— Novidades sobre a Alice?

— Nada.

Ela se sentou diante dele e desamarrou o cachecol.

— Que história é essa? Por que disse saber quem sequestrou a menina?

— Julgue você mesma — ele respondeu, estendendo-lhe a bolacha do copo.

Ela observou o papelão durante uns dez segundos.

— E daí?

— SCAR! — ele exclamou. — Cicatriz em inglês.

— Sim, obrigada, é minha língua materna, fique sabendo.

— Blythe! Foi a Blythe que sequestrou a Alice! Pelo menos é o que ela está nos dizendo! A Blythe é cúmplice dos mexicanos!

A cara dubitativa da moça jogou um balde de água fria na efusão de Jonathan.

— Você acredita no *Código Da Vinci*? — ela zombou.

— É coincidência, na sua opinião?

— Quatro letras, isso não quer dizer nada...

Mas Jonathan não estava disposto a desistir.

— Reflita trinta segundos.

— Creio que isso está ao meu alcance.

— Ponha-se no lugar dos mexicanos. Quem você tentaria "cooptar" prioritariamente nesse caso?

— Diga você.

— A *marshal* encarregada da proteção do Danny, claro!

Ela ainda parecia cética, mas ele continuou:

— Nos Estados Unidos, os cartéis mexicanos tentam se infiltrar em todas as agências de manutenção da ordem: nas guardas da fronteira, na imigração, nas alfândegas... Cada vez mais funcionários americanos se deixam corromper. E a crise não melhorou em nada a situação.

— Blythe Blake é uma patriota — objetou Madeline.

— Ela tem o perfil ideal oposto! Trabalhou infiltrada junto aos narcotraficantes. Passado um tempo, você perde as referências. E, quando lhe oferecem milhões de dólares, você manda o patriotismo às favas.

Todo homem tem seu preço, ela pensou, lembrando-se das palavras de Danny. Invadida pela dúvida, observou com outro olhar as maiúsculas que formavam a palavra SCAR. Seria possível que Alice tivesse a presença de espírito de transmitir aquela mensagem?

— Temos que avisar o Danny! — decidiu Jonathan. — Ele está correndo perigo!

Madeline sacou o celular, no qual registrara o número de Danny. Após uma breve hesitação, resolveu lhe enviar uma mensagem.

Não confie na Blythe. Talvez cooptada pelos traficantes. Contate o FBI. Seja prudente. Você está correndo perigo.
Madeline

— Vamos avisar os tiras e torcer para que você não esteja enganado.

Quando eles trocaram o calor do bar pelo vento gelado da noite, a Ferrari os esperava do outro lado da rua...

* * *

— É ela!

Esboçaram um movimento de recuo. Blythe certamente julgara suspeita a saída de Madeline e desconfiava de que alguma coisa estava acontecendo pelas suas costas.

— Vou lá ver — decidiu Jonathan, atravessando.

— Não, você está louco!

Merda!, pensou Madeline.

Correu até o Pontiac, lembrando-se da arma no porta-luvas.

Estava um breu. Jonathan se aproximou do Spyder. Estava vazio. Todas as luzes apagadas. Motor desligado.

Onde ela se meteu?

Percebeu um movimento atrás de si. O conversível estava estacionado em frente à entrada de um edifício-garagem. Para aumentar o número de vagas, um engenhoso sistema de elevadores hidráulicos permitia deslocar vertical e horizontalmente cerca de duzentos carros empilhados uns sobre os outros. O vento soprava forte, fazendo ranger os pilares metálicos da imensa estrutura. O lugar era sinistro e dava calafrios.

— Tem alguém aí? — perguntou Jonathan, entrando imprudentemente na área do estacionamento.

* * *

— Que idiota! — xingou Madeline, observando-o de longe. Enfiou a chave na ignição, pensando em "resgatar" Jonathan, mas...

* * *

Tarde demais.

Ouviu-se uma detonação e uma bala assobiou, passando a um fio de cabelo do crânio de Jonathan antes de ricochetear numa coluna de aço.

Ele se jogou no chão, esquivando-se de um novo projétil. Vinte metros atrás, Blythe atirava nele!

Ele se levantou num pulo e correu sem pensar, enveredando pela primeira escada ao ar livre na entrada do estacionamento. Atrás dele, ouviu os passos da *marshal* ressoarem. Ela o alvejava, mas a espiral de degraus a impedia de acertá-lo.

No topo da escada, ele se viu diante de uma grade com dois metros de altura.

Não tinha escolha a não ser escalá-la.

Não praticava esportes havia meses, mas a perspectiva de terminar trucidado foi suficiente para lhe dar forças para escalar a cerca. Pulou a grade para se ver...

... na antiga via férrea elevada que passava acima do Meatpacking District, o antigo bairro dos matadouros e açougues. Antigamente a linha permitia aos vagões

de carga atracar nos entrepostos. A estrutura permanecera abandonada por cerca de trinta anos, invadida pela vegetação, antes de ser restaurada como calçadão. No verão, era um oásis de verde que oferecia uma vista vertiginosa do rio. Naquela noite, era uma série de lajes de cimento, hostis e lúgubres...

19th Street, 18th Street...

Jonathan corria como um desatinado. Naquela primeira parte, os trilhos eram retilíneos. Estava vulnerável, constituindo um alvo fácil. Quinze metros atrás, Blythe atirou duas vezes. Uma bala resvalou nele, a outra estilhaçou a mureta de proteção de acrílico do lado do rio Hudson. Para a sorte de Jonathan, àquela hora da noite, haviam cortado a iluminação ao longo de todo o percurso para não atrair os sem-teto...

* * *

Madeline teve um sobressalto ao ouvir os disparos. Ao volante do Pontiac, espreitava pela janela aberta qualquer movimento na ferrovia. Com os olhos erguidos para os jardins suspensos, tentava adivinhar a progressão da perseguição, avançando em câmera lenta pela pista que acompanhava o High Line. Através do belvedere envidraçado que dava para a rua, percebeu furtivamente a silhueta de Jonathan e deu um suspiro de alívio ao constatar que ele continuava vivo.

* * *

Jonathan se distanciara novamente. A neve que caía em pesados flocos deixara o solo escorregadio. O calçadão agora bifurcava para a esquerda e atravessava na diagonal a 10th Avenue, flutuando acima dos telhados, serpenteando por entre os prédios de tijolos, roçando nas fachadas e nos gigantescos painéis de propaganda.

Para que o lugar preservasse a autenticidade, julgara-se por bem conservar trechos inteiros da via férrea. Duas séries de trilhos de aço continuavam a correr a céu aberto em meio ao cimento. Arrebatado pelo excesso de confiança, Jonathan saltou triunfalmente por sobre uma jardineira embutida no cimento, mas torceu o tornozelo ao enfiar o pé numa das traves de madeira.

Merda!

Prosseguiu sua carreira num ritmo mais lento. Blythe se reaproximara, mas, na altura do Chelsea Market, a antiga estrutura industrial mergulhou num túnel por cima de um amontoado de construções, dando uma trégua ao francês.

* * *

14th Avenue, Washington Street...

Madeline se esgueirava por entre os prédios, mantendo contato visual com a

estrutura de aço do parque suspenso. Por várias vezes, viu-se tentada a parar na altura das escadas que demarcavam o percurso, mas, àquela hora avançada, o acesso estava bloqueado.

Decidiu finalmente ir até a saída e estacionou na Gansevoort Plaza, esperando que Jonathan não fosse morto antes que ela o encontrasse.

* * *

Jonathan saiu do túnel, ofegante. Blythe estava menos de dez metros atrás dele. Uma dor aguda o fustigou sob as costelas. Suando aos borbotões, continuou assim mesmo a correr, esbaforido, costurando por entre os arbustos de erva daninha. Chegou às imediações do *sundeck*, a área reservada ao bronzeamento, onde grandes espreguiçadeiras de madeira fazem face ao *skyline* de New Jersey. Para frear a progressão de sua adversária, derrubou metodicamente tudo que viu na frente: espreguiçadeiras, mesas de jardim, vasos de flores...

Um novo disparo estilhaçou uma jarra de cerâmica.

Bem ao seu lado.

Extenuado, desembocou na última parte do piso de madeira. Empregou suas últimas forças e atravessou uma passagem de vegetação mais densa. As árvores altas e os arbustos impediram que Blythe atirasse.

Em seguida, a passagem se interrompeu bruscamente.

Jonathan se embrenhou pela escada que dava para a Gansevoort Street. Blythe apareceu atrás dele. Uma última grade a escalar e...

Tarde demais. Blythe saltara quase ao mesmo tempo que ele. Dessa vez, ziguezagueando no meio da rua, ele estava vulnerável e sem defesa.

Ela se deu o tempo de mirar. Daquela distância, não podia errar.

* * *

— *Stop!* Largue a arma ou eu atiro! — berrou Madeline.

A sombra felina de Blythe Blake se voltou, avaliando a situação num piscar de olhos. Madeline apontava para ela o Colt Anaconda de Danny.

Sem hesitar, a *marshal* ignorou a ameaça e se precipitou na direção de Jonathan, aplicando-lhe uma gravata no pescoço e pressionando a arma em sua têmpora.

— Um gesto e ele já era! — gritou a americana. — Recue!

As duas mulheres se encaravam, ambas inflexíveis em sua posição. Uma neve grossa, fustigada pelo vento, mascarava suas sombras, que se diluíam num céu pesado.

Blythe recuou até o rio, aumentando a pressão no pescoço de Jonathan.

Madeline deu um passo à frente. Os flocos de neve a impediam de distinguir

direito a *marshal*.

— Se matar o Jonathan, você está ferrada! — ela gritou. — Seus colegas do FBI estarão aqui em menos de dois minutos.

— Pela última vez, recue ou ele já era! Estou me lixando para os agentes do FBI, tenho dez jeitos diferentes de me livrar deles.

Madeline tinha escolha? Se largasse a arma, isso não significava que Blythe os deixaria vivos. Ela mataria os dois. A jovem inglesa piscou várias vezes e sua vista se turvou. O cansaço e o estresse prevaleciam. Na hora errada.

Sentiu a mão tremer. O cano do revólver pesava uma tonelada. Era uma arma de "homem", concebida para caça ou sessões de tiro esportivo. Assim, ela podia tanto arrancar a cabeça de Blythe quanto a de Jonathan. Bastava o erro de um milímetro no momento do tiro para que a bala fizesse a trajetória errada. E aquele era um jogo no qual não havia segunda chance.

Agora.

Ela disparou um único tiro. Antecipando-se ao tranco, Madeline empregou toda sua força para manter o braço firme, impedindo o deslocamento do Colt para trás.

Atingida no meio da cabeça, Blythe Blake foi violentamente cuspida para trás. Tentou se agarrar a Jonathan, mas, no instante seguinte, o corpo sem vida vacilou por cima da mureta e mergulhou no Hudson.

* * *

O vento soprava cada vez mais forte, carregando a estridência das sirenes que vinham da rua.

Esmagada por um peso imenso, afogada no meio dos flocos gelados, Madeline tiritava. Acabava de matar a única pessoa que sabia a localização do cativeiro de Alice. Acabava de matar Alice. Com a mão ainda crispada na arma, não conseguia desprender os olhos da água escura. Jonathan, por sua vez, permanecia imóvel sob o efeito do choque, a camisa respingada de sangue. Subitamente, pareceu sair do transe. Diante dele, Madeline vacilava, afundando na angústia. Temendo que ela desmaiasse, ele a arrastou para o Pontiac estacionado na Gansevoort Plaza.

Arrancou a toda, observando pelo retrovisor as luzes azuis e vermelhas que riscavam a escuridão do céu.

36

Finding Alice

A única coisa capaz de substituir a dependência do passado é a dependência do futuro.

— John Dos Passos

Lower East Side
Um prédio próximo ao Tompkins Square Park
Uma hora da manhã

Jonathan empurrou a porta do banheiro. Madeline dormira dentro da banheira. Ele encontrou um roupão pendurado na porta e se aproximou para acordá-la suavemente. Ela estava pálida, o olhar vazio, os gestos lassos. Dócil, deixou-se envolver e massagear com a túnica atoalhada.

Era muito perigoso voltar para a casa de Claire ou se hospedar num hotel, onde poderiam ser facilmente descobertos. Após ter estacionado o carro algumas ruas adiante, haviam encontrado refúgio naquele quartinho de hóspedes pertencente a Anita Kruk, uma velha polonesa, dona de uma delicatéssen no coração de Alphabet City. Certa vez, Jonathan contratara sua filha como garçonete no L'Imperator e Anita não o esquecera. Para terem certeza de que não seriam localizados, haviam desligado os celulares e os deixado no Pontiac. Os únicos objetos que levaram consigo foram o computador e a arma de Danny.

Houve uma batida na porta. Enquanto Madeline entrava debaixo das cobertas, Jonathan abriu para Anita. A velha trazia uma bandeja sobre a qual estavam dispostas duas tigelas fumegantes de *zurek*, uma sopa de legumes com farinha e centeio fermentado.

Jonathan agradeceu à sua protetora e ofereceu uma das tigelas a Madeline:

— Prove, você verá, é... especial.

Ela tomou uma colherada da sopa e, nauseada, cuspiu-a de volta.

— É, talvez seja um pouco amarga, mas o que vale é a intenção, não é?

Sem esperar por resposta, ela apagou a luz e caiu no sono.

Antes de se juntar a ela, Jonathan se aproximou da janela e olhou através do vidro. A neve continuava a cair num ritmo consistente. Uma camada de mais de dez centímetros de flocos de gelo cobria a rua e as calçadas. Onde estava Alice àquela hora e naquele frio? Pelo menos continuava viva? Conseguiriam arrancá-la daquele

inferno?

Ele precisava ser realista: as coisas estavam mal. A morte de Blythe tornava agora altamente hipotética a possibilidade de chegar ao local do cativeiro.

As palavras de Madeline lhe voltaram à memória como um eco premonitório: “Essa história começou com sangue e vai terminar com sangue”.

Ele ainda não sabia a que ponto ela tinha razão.

* * *

Entreposto de Coney Island

Duas horas da manhã

No silêncio do quarto glacial, ouvia-se apenas o ronronar de uma respiração ofegante.

Foi o frio que despertou Alice. O frio e a dor, uma dor dilacerante que lhe fustigava os rins ao menor movimento. Deitada de lado, o braço torcido, perdera quase toda a sensibilidade naquela parte do corpo, completamente dormente. O sangue pulsava nas têmporas, e à dor de cabeça se misturavam tremedeiras e palpitações.

Tossiu para limpar o pulmão, tentou engolir a saliva, mas teve a impressão de que a língua estava dura como gesso.

Não sabia quanto tempo se passara desde o rapto. Algumas horas? Um dia? Talvez dois? Tinha vontade de urinar o tempo todo, mas os músculos da bexiga davam a impressão de estar paralisados.

Sufocava. O pensamento estava fragmentado, a visão turva, a febre a fazia delirar. Imaginava que um rato gigante estava lhe devorando o ventre, enquanto sua longa cauda escamosa se enrolava no pescoço dela para estrangulá-la.

* * *

Oito horas da manhã

— De pé!

Jonathan abriu um olho e despertou com dificuldade.

— De pé! —repetiu Madeline. — Temos que ir.

Um fulgor lácteo atravessava o vidro. O dia mal despontara.

Jonathan reprimiu um bocejo e saiu da cama com dificuldade. Madeline já estava vestida. Após aquela curta noite de sono, recuperara-se e parecia mais determinada do que nunca.

Enquanto ele percorria o corredor que dava acesso ao banheiro, ela lhe atirou as roupas.

— Deixe o banho para amanhã! Não temos tempo!

Saíram na rua após terem deixado algum dinheiro para a dona da casa. Naquela manhã, não eram mais dez centímetros de neve, mas pelo menos o dobro que cobria a cidade. Os flocos continuavam a cair, prejudicando o trânsito. Nas calçadas, as pessoas limpavam as entradas, funcionários municipais jogavam sal no calçamento, e, na Bowery, dois imensos removedores empurravam a neve para os dois lados da rua, afogando sob uma avalanche as bicicletas e os carros mal estacionados.

Encontraram o Pontiac e pegaram os celulares, antes de continuarem a caminhada em direção ao Peels, seu novo quartel-general.

Por causa da neve e da hora matinal, o café estava vazio. Instalaram-se na mesma mesa da véspera e pediram café, iogurte e cereais.

Como não havia aparelho de tevê, Madeline pegou o computador e estabeleceu uma conexão wi-fi.

— Qual é o site de notícias locais mais confiável aqui?

— Tente o NY1 News.

Madeline entrou no site. A página inicial abria com um vídeo — *NY1 Minute* — que resumia os fatos do dia em sessenta segundos. Se três quartos das notícias se referiam às nevascas inesperadas que ameaçavam paralisar Nova York, a última parte evocava "o misterioso assassinato, esta noite, de uma US *marshal*, Blythe Blake, morta com uma bala na cabeça. O corpo foi encontrado no rio Hudson. A ex-militar estava encarregada da proteção de um cidadão que deve prestar um depoimento crucial na próxima segunda-feira, por ocasião do julgamento da baronesa das drogas Jezebel Cortes. Essa testemunha-chave se encontra agora sob a proteção do FBI".

Madeline respirou. Era impossível saber se a polícia descobrira a culpa de Blythe, mas pelo menos Danny estava fora de perigo. A satisfação durou pouco: precisava encontrar a adolescente, e eles não tinham nenhuma pista.

— A Blythe sem dúvida tinha um cúmplice — observou.

Jonathan verteu café na xícara da moça antes de se servir, depois disse:

— Temos que recomeçar a investigação do zero. É evidente que, nas horas que se seguiram ao rapto da Alice, a Blythe deu um jeito de eliminar as provas e sabotar as investigações.

— Em que está pensando?

— Em localizar o celular da Alice.

— Não temos equipamento. É um trabalho de tira.

Jonathan balançou a cabeça.

— Hoje em dia, não. Com o aumento dos roubos de celular, muitas operadoras aconselham seus clientes a ativarem a função de localização a distância. Se o smartphone da Alice for recente, com certeza tem essa opção.

Madeline não tinha tanta certeza.

— Não sabemos nem o número dela...

— Não funciona com o número, mas com o endereço de e-mail.

Jonathan voltou para ele o monitor a fim de entrar no site Localizar meu Smartphone, de uma famosa marca de informática. Para conseguir detectar o aparelho, era preciso fornecer o endereço eletrônico, bem como a senha associada.

— Não temos nem um nem outro, portanto essa opção está descartada — disse Madeline, mal-humorada, vendo-o digitar.

Dessa vez, Jonathan subiu o tom:

— Eu poderia saber por que, sempre que tenho uma ideia, você não gosta dela?

— Porque vamos perder tempo para nada!

— Não esqueça que foi GRAÇAS A MIM que desmascaramos a Blythe!

— Mas foi POR SUA CAUSA que fui obrigada a atirar nela! — ela rebateu.

Pronto, era isso. A culpa que corroía Madeline acabava de voltar com força. Jonathan preferiu tentar acalmá-la:

— Como é que você falou mesmo? Um canalha a menos... Escute, independentemente do que aconteceu, a Blythe nunca teria dito onde a Alice está presa.

— Se isso é capaz de aliviar a sua consciência...

— O que é capaz de aliviar a minha consciência é você me ajudar a encontrar a Alice!

Ela apontou o dedo para ele e se preparava para lhe desfechar outra resposta quando compreendeu que ele não estava errado.

— Porra! A gente discute como um casal de velhos! — exclamou, consternada.

E se aproximou do computador.

Por favor, digite o usuário.

— E aí, Sherlock, alguma ideia?

— Podemos tentar uma conta hotmail ou gmail — sugeriu Jonathan. — Ou melhor... Por que não a conta da escola de artes?

Julgando a ideia interessante, Madeline abriu uma nova janela para se conectar ao site da Juilliard School. Aparentemente, os professores, os funcionários e os alunos se beneficiavam de uma conta básica de correio eletrônico: prenome.sobrenome@juilliard.edu. Madeline digitou conscienciosamente: alice.kowalski@juilliard.edu.

Agora digite a senha.

— Agora embatuquei — confessou Jonathan.

— Espere! E se ela conservou a antiga?

— A que ela usava quando tinha catorze anos?

— As pessoas fazem muito isso, não fazem? Eu, pelo menos, uso a mesma senha

há séculos.

— E qual é?

— *Mind your business!*[*]

— Vamos, fale!

— Nem pensar!

— Por favor!

— violette1978 — ela suspirou. — Agora vou ter que alterar…

— 1978 é o ano do seu nascimento?

— É. Por quê, que idade você me dava? Mais ou menos?

Ele lhe respondeu com um sorriso, feliz com o retorno da cumplicidade.

— Qual era a senha da Alice na época?

— Heathcliff, o personagem principal de *O morro dos ventos uivantes*.

Jonathan digitou a senha.

— Vamos cruzar os dedos — disse, apertando a tecla enter.

O computador embromou alguns segundos durante os quais eles se olharam em silêncio com um misto de ansiedade e incredulidade. Não podia ser tão simples. Desde o início, a sorte lhes escorrera pelos dedos. Nada lhes sorria. Os obstáculos haviam se multiplicado, cada vez mais insuperáveis, trazendo consequências cada vez mais trágicas. Não podia ser isso.

Mas era...

Um mapa de Manhattan apareceu no computador e um ponto azul cercado por uma auréola piscou na tela — não apenas o celular de Alice se encontrava em Nova York, como estava a menos de três quilômetros dali!

* * *

Eles se levantaram num pulo, gritando e fazendo com que os raros fregueses erguessem a cabeça. Haviam bastado dois minutos para que a esperança voltasse.

Jonathan se debruçou sobre a tela para situar o ponto mais precisamente: um grande prédio na esquina da 5th Avenue com a 23rd Street.

— Sabe que lugar é esse? — perguntou Madeline, quase ofegante de excitação.

— O mercado italiano em frente ao Flatiron.[**]

Salvaram os dados nos celulares e saíram na Bowery. Nevava tão forte que desistiram do carro.

— Vamos a pé? — ela sugeriu.

— Não, com esse tempo levaríamos meia hora! Melhor tentar um táxi.

Contudo, em virtude da tempestade, muitos *yellow cabs* haviam ficado na garagem, e eles tiveram de batalhar mais de cinco minutos antes de conseguir um carro na Broadway.

Uma vez instalados, verificaram na tela a posição do telefone de Alice.

Aparentemente, o ponto não se movera.

— Espero que o celular não tenha sido jogado fora — preocupou-se Jonathan.

— O que é esse mercado que você mencionou?

— Chama-se Eataly, o templo da gastronomia italiana em Manhattan. É uma espécie de supermercado de luxo.

Chegaram em frente a uma loja imensa. Por uma nota de vinte dólares, o táxi aceitou esperá-los com a condição de que suas compras não excedessem dez minutos.

O mercado coberto acabava de abrir, mas, naquele dia de Natal, já estava, ao contrário das ruas, entupido de gente.

— Venha!

Com os olhos grudados na tela, percorreram uma parte dos milhares de metros quadrados de lojas, restaurantes e vitrines de produtos sofisticados.

O celular de Alice emitia um sinal a cada trinta segundos, oferecendo a localização em tempo real. O poderoso GPS permitia situá-lo com uma precisão de dez metros.

— Por aqui!

Usando os cotovelos, esgueiraram-se por entre pirâmides de pão de levedo, caixas de massa e risoto, bolas de parmesão, presuntos de Parma pendurados no teto, o restaurante vegetariano, a pizzaria...

— É aqui!

Estavam agora no corredor que agrupava os estandes de degustação de sorvetes e café.

Tensos, examinaram dezenas de pessoas que se comprimiam no corredor. O movimento era grande, a multidão densa, o lugar barulhento.

— Não vai ser fácil — suspirou Madeline. — Você não teria outra ideia genial?

Jonathan abaixou os olhos para a tela.

— O site permite exibir uma mensagem no celular ou fazê-lo tocar sem parar durante dois minutos, mesmo que esteja no modo silencioso.

— Tente isso!

Ele acionou a função e eles se concentraram.

Porém, no meio do burburinho e do alarido da multidão, era impossível ouvir qualquer toque, mesmo num raio de poucos metros.

— Prepare-se para recomeçar! — disse Madeline, sacando a arma.

— O que você vai...?

Sem hesitar, ela deu um tiro para o alto.

— Agora!

A potente deflagração assustou todos os presentes. Antes da gritaria, houve meio segundo de estupor durante o qual reinou um silêncio quase absoluto. Meio segundo

suficiente para que se fizesse ouvir o bipe prolongado de uma campainha.

— É ela! — indicou Madeline, apontando a arma para uma jovem vendedora da barraca de expressos.

Era uma bonita garota, entre dezoito e vinte anos. Uma mestiça com longos cabelos negros frisados. O celular saía do bolso de seu avental. Madeline se precipitou sobre ela e a puxou com força para fora do balcão.

— Venha conosco! — ordenou.

Com a garota aos prantos, quase a carregando, Madeline e Jonathan conseguiram deixar o local antes da intervenção do serviço de segurança.

Felizmente, o táxi os esperava.

— Ei, que negócio é esse? — queixou-se o motorista, percebendo o Colt.

— Ande logo ou a próxima bala é para você! — berrou Madeline.

Depois, voltando-se para a garota ainda em lágrimas:

— Quem é você?

— Meu nome é Maya.

— Desde quando está com esse celular?

— Desde... desde ontem de manhã — ela respondeu, entre dois soluços.

— Pare de choramingar! Quem te deu o aparelho?

— Foi presente do meu namorado, Anthony.

— Presente?

— Ele pegou no trabalho dele — ela esclareceu. — Pediu para não desligar, porque ele não sabe a senha para reiniciar o celular.

— E que trabalho é esse?

— O Anthony trabalha no depósito de carros do Brooklyn, na Columbia Street.

Um depósito de carros... Era um possível local de cativeiro. A pista se tornava interessante.

— Ele está trabalhando hoje?

— Não, está na casa dos pais, em Stuyvesant Town.

Madeline se voltou para Jonathan, especialista na topografia da cidade.

— Não é muito longe. Bem a leste, entre a 14th e a 23rd Street.

Ela deu duas batidinhas no vidro que os separava do motorista.

— Captou, Fangio?

* * *

Construído na esteira da Segunda Guerra Mundial, Stuyvesant Town era um complexo tentacular de uma centena de pequenos prédios de tijolos vermelhos. Com aluguel controlado, permitira a gerações de pessoas de classe média — policiais, bombeiros, professoras primárias, enfermeiras — que continuassem morando no coração de Manhattan, apesar da escalada dos preços dos imóveis.

Guiado pelas indicações de Maya, o táxi se esgueirou por entre os prédios de apartamentos.

— É aqui, no nono andar. A segunda porta à direita, saindo do elevador.

— Suba conosco. E você, chispa! — ela ordenou ao táxi, que arrancou sem pedir explicações.

A porta da habitação popular cedeu ao pontapé de Madeline. A ex-tira recuperara não apenas os antigos reflexos, como uma determinação que beirava a compulsão. Sua facilidade para passar à ação preocupava Jonathan, ainda que ele soubesse que era imprescindível agir rápido se quisessem encontrar Alice.

O apartamento estava vazio a não ser pelo famigerado Anthony, que se proporcionava uma manhã preguiçosa. Antes de poder se dar conta de qualquer coisa, ele se viu nu em pelo com a arma de Madeline apontada para os testículos.

O sujeito era alto e magro, com abdome de aço e tatuagens de rapper. Seu primeiro reflexo foi esconder o pênis, mas Madeline o obrigou a manter as mãos para cima.

— Se não quiser que eu exploda seu Black Mamba, vai ter que responder às minhas perguntas, entendido?

— Ent... entendido.

— De quem você roubou esse celular?

Jonathan agitou o aparelho de Alice na cara dele.

— Eu achei.

— Onde?

— Num carro que reboquei com o meu guincho ontem à noite.

— Que carro era esse?

— Um Dodge novinho em folha — explicou. — O celular estava dentro, embaixo de um dos bancos de trás.

— E esse Dodge, onde o pegou?

— Em Coney Island.

— Seja mais preciso! — exigiu Jonathan. — Dê o nome da rua.

— Não sei direito! Perto da praia. Do lado do antigo trem-fantasma. Perto do vendedor de cachorro-quente. Lembro que tinha uns cães no terreno da frente que latiam o tempo todo...

Jonathan consultou o mapa no celular.

— Aqui? — perguntou, mostrando um ponto no mapa.

— Mais perto do mar. Aqui, do lado direito.

Madeline memorizou as coordenadas.

— Vamos lá! — exclamou, saindo do apartamento.

Notas

* “ Cuide da sua vida!”

** Um dos mais antigos e populares arranha-céus de Manhattan, de forma triangular, como um ferro de passar (*flatiron*).

37

A febre no sangue

Enquanto um animal se encolhe no escuro para morrer, o homem busca a luz. Quer morrer em casa, em seu elemento, e as trevas não são seu elemento.

— Graham Greene

Coney Island

Dez horas da manhã

Alice estava encharcada da cabeça aos pés. Grossas gotas de suor escorriam pelo seu rosto. Abaixou a cabeça e constatou que uma mancha de sangue atravessara a calça de moletom na altura do baixo-ventre. Os rins sangravam. Agora não teria mais muito tempo. Ainda devorada pela febre, voltou a si apesar do delírio, recuperando um pouco da lucidez.

Não vou morrer antes de tentar tudo...

Sentiu que o cordão de náilon que imobilizava os tornozelos afrouxara um pouco. Não o bastante, mas dava para soltar os pés. As pernas estavam pesadas. Deitada no chão, fez um esforço para empurrá-las para cima, a fim de se apoiar na mureta estreita que sustentava a latrina. Nessa posição, começou a esfregar o cordão de náilon contra a aresta da parede. O canto estava desgastado e serrilhado, mas algumas partes continuavam suficientemente afiadas para carcomer a fibra.

Gotejando de suor, os músculos torturados por cãibras, continuou aquele movimento de vaivém durante quinze minutos, até que...

O náilon cedeu!

Animada com a pequena vitória, recuperou com alívio certa liberdade de movimentos. Claro, as algemas ainda a acorrentavam ao encanamento, mas mais nada lhe parecia impossível. Ficou de cócoras e passou um pé sobre o outro para reanimar as pernas. Apesar da luz fraca, examinou minuciosamente a canalização. O sistema tinha pelo menos uns cem anos. Detectou um ponto de emenda entre dois canos onde a ferrugem começara a atacar o ferro.

Se essa porcaria ceder, vai ser naquele ponto ali!

Posicionou-se e, com a sola direita do tênis, deu um chute violento na junção dos canos. Toda a estrutura se abalou, mas não se quebrou. Sob o efeito do choque, os braceletes metálicos lhe cortaram um pouco mais a carne, mas precisava vencer aquela dor.

O cano ia se romper. Alice tinha certeza disso. Infelizmente, sua investida contra a tubulação provocara um barulho estridente que se espalhara por todo o prédio. Rezava para que o russo não estivesse por ali...

De qualquer jeito, o que tinha a perder?

Determinada, reuniu o pouco de forças que lhe restava para encadear uma série de golpes cada vez mais violentos. Sua intuição se revelou correta: após ter resistido a uma dezena de investidas, o encanamento cedeu na altura do ponto nevrálgico.

Alice soltou um grito furioso e libertador.

Livre dos ferros, voltou-se e...

... a silhueta inquietante de Yuri apareceu no vão da porta. Uma contração sinistra deformava o rosto inchado.

— Minha pequena Matrioshka... — ele disse, avançando em sua direção.

Alice emitiu um berro bestial e perdeu os sentidos.

* * *

Manhattan

Madeline e Jonathan saíram do conjunto habitacional. O céu estava escuro e a tempestade continuava a varrer a cidade. A neve caía insistentemente havia cerca de doze horas. A camada fofa ultrapassava agora trinta centímetros, e nada indicava que iria parar de crescer. Ao contrário, flocos pesados e grossos caíam num ritmo cada vez mais intenso. Para piorar, os pedestres tinham dificuldade para andar, refreados pelas ventanias glaciais que lhes atingiam o rosto em cheio.

— Como vamos para Coney Island? — gritou Madeline, a fim de encobrir a nevasca.

— Vamos tentar o metrô. Tem uma estação do outro lado da rua.

Para Jonathan, que residira durante anos em Nova York, a neve não era novidade, mas a amplitude da tempestade pegara a prefeitura desprevenida.

Até mesmo na 14th Street, embora bem larga, um ônibus estava impedido de avançar. Os táxis patinavam, e um ciclista temerário acabava de levar o tombo mais memorável de sua vida. Os removedores de neve e as retroescavadeiras varriam laboriosamente as grandes artérias, mas pareciam em número insuficiente para limpar as ruas secundárias. As equipes de manutenção estavam manifestamente com falta de pessoal. Sem dúvida, em razão das festas natalinas.

Madeline e Jonathan se engolfaram na estação, cuja escada se transformara num autêntico rinque de patinação.

— A neve vai causar um pandemônio! — preocupou-se Jonathan. — Isso vai virar um caos em menos de uma hora.

Na plataforma, os atrasos se acumulavam. Com dificuldade, conseguiram se esgueirar num vagão lotado.

— É longe? — perguntou Madeline, consultando o relógio.

Jonathan verificou no mapa afixado no trem.

— A linha não é direta. Temos de fazer uma baldeação na Union Square. De lá, é menos de uma hora.

— E de carro?

— Normalmente uns vinte minutos, mas não num dia como hoje.

O vagão avançava devagar e parou tantas vezes que levou uma eternidade para percorrer a distância entre três estações.

Assim que desceu na plataforma, Madeline agarrou Jonathan pelo braço.

— Me beije! — pediu, para enganar eventuais câmeras de vigilância.

E se aproveitou do enlace para enfiar o Colt no jeans de Jonathan.

— O que quer que eu faça com isso?

— Você continua de metrô, eu tento a sorte na rua.

— Isso é loucura, Madeline! O trânsito vai estar parado na saída de Manhattan.

— Tenho uma ideia — ela disse. — O primeiro que chegar faz o que tem que fazer. *Take care*.

Ele tentou protestar, mas ela não lhe deu tempo.

* * *

O céu estava tão escuro que parecia noite fechada. Em geral bastante movimentada, a Union Square estava quase deserta. Os raros carros haviam acendido os faróis de neblina e avançavam lentamente. Os dizeres "Off duty" reluziam no teto dos táxis. Para liberar a rua, um 4x4 da NYPD rebocava um carro abandonado. Apenas os veículos utilitários circulavam normalmente. Madeline percebeu uma limusine chafurdada na neve no início da Park Avenue. Posicionou-se perto do automóvel e esperou que um dos Ford Explorer da polícia parasse para guinchar o veículo. Aguardou o momento preciso em que os dois policiais saíram do 4x4 para se instalar no banco da frente.

— Ei! — gritou o oficial.

Ela arrancou feito um raio. Aquele carro devia pesar duas toneladas e medir quase cinco metros. Em todo caso, era superestável. Madeline prendeu o cinto, ajustou o assento e os retrovisores. Agora conhecia bem o bairro e tomou a direção sudeste. No GPS, inseriu as coordenadas fornecidas por Anthony, o ladrão do depósito de carros. Daquela vez, sabia que estava perto do alvo. Graças a Jonathan, conhecia o local do cativeiro de Alice. Estava prestes a escrever o epílogo de uma investigação que a atormentava fazia mais de três anos.

Claro, os tiras tentariam interceptar seu carro e todas as viaturas policiais eram localizáveis por satélite, mas era justamente isso que ela pretendia: atrair o máximo de policiais para Coney Island para qualquer eventualidade.

Os primeiros quilômetros se desenrolaram como um sonho. No comando do utilitário, Madeline tinha a impressão de que a cidade abandonada lhe pertencia. Um pouco mais à frente, nas imediações da Brooklyn Bridge, o trânsito piorou. Ela sintonizou o rádio numa estação local. O alerta da prefeitura era incansavelmente repetido, pedindo aos moradores que evitassem se deslocar durante a tempestade. Mas aqueles bordões eram ignorados pelos nova-iorquinos, que, naquele fim de semana de Natal, não desistiriam de Manhattan.

Madeline acionou o giroflex e a sirene. O efeito foi imediato. Os carros se afastaram docilmente abrindo caminho, o que lhe permitiu atravessar a ponte sem enfrentar congestionamento. Determinada a tirar o maior proveito daquele salvo-conduto, entrou na Interstate 278, a autoestrada de três pistas que margeava os cais da Upper Bay. Embora a neve prejudicasse a circulação, as autoridades ainda não haviam fechado pontes e túneis. Segundo as informações, isso poderia acontecer de uma hora para outra.

Enquanto o 4x4 se esgueirava por entre os veículos de socorro, Madeline percebeu uma placa luminosa anunciando a iminência de um novo engarrafamento. Dois quilômetros adiante, numa área em que as pistas se estreitavam, os para-choques dos carros chegavam a se roçar. Ela tentou forçar passagem, derrapou, atingiu o meio-fio central e quebrou o retrovisor, raspando a toda velocidade num muro de cimento.

Merda!

Dessa vez estava sem saída. Uma carreta encurralada pela neve obstruía a passagem.

Sem se deixar perturbar, vasculhou no 4x4. Um dos tiras tivera a imprudência de deixar a arma na lateral da porta: a famosa Glock 17, arma regulamentar dos tiras da NYPD. Apoderou-se da pistola automática e abandonou o SUV na beira da rua. O céu de chumbo e a parede de flocos que vedava o horizonte davam à autoestrada uma aparência espectral. A pé, percorreu o acostamento por uma centena de metros a fim de transpor o local do acidente. Graças a manobras arriscadas, alguns carros conseguiam fugir do pântano de neve. Madeline apontou a arma para o primeiro que passou por ela, uma caminhonete familiar conduzida por um reacionário que exibia no vidro traseiro um adesivo em homenagem ao Tea Party.

— Desça! — ela berrou, mirando seu rosto.

O homem não quis ouvir duas vezes e esperou prudentemente que a ladra tomasse distância para erguer o punho e lhe dirigir uma enxurrada de palavrões.

Madeline afundou o pé no acelerador. Não tinha mais sirene nem giroflex, mas mantinha a mão na buzina.

Nunca estivera tão perto do alvo. Fez uma curva fechada para pegar a rampa que dava acesso a Coney Island. O carro adernou, as rodas traseiras travaram por um

instante, mas, reduzindo e executando um belo golpe de direção, ela conseguiu endireitá-lo.

A imagem de Alice Dixon presa, tal como a vira no filme, voltou a assombrá-la. Ainda que saísse viva daquele calvário, em que estado físico e mental a adolescente se encontraria depois daquele novo pesadelo? Alice já dera provas de coragem e equilíbrio, mas que tipo de adulto resultaria daquela série de traumas? Como não se deixar invadir pelo ódio ou pela loucura?

Varreu da cabeça aquelas perguntas ao chegar à Neptune Avenue e entrar no beco indicado por Anthony.

* * *

Linha F do metrô nova-iorquino
Estação Park Slope

> *O trem permanecerá parado por alguns instantes. Para sua segurança, pedimos que não desembarquem...*

Jonathan consultou o relógio com ansiedade. Perguntou-se onde estava Madeline. Tentou falar com ela, mas não havia sinal. As paradas entre as estações se tornavam cada vez mais frequentes. Visivelmente, os trilhos começavam a congelar, as estações iam fechando uma a uma, e Coney Island ainda estava distante...

* * *

O beco pelo qual ela enveredara o carro estava praticamente bloqueado pela neve. Madeline pegou a pistola automática, verificou se o pente estava cheio e abandonou o 4x4 no começo da estreita rua. Foi pela calçada, examinando aquele estranho lugar. Com seus prédios caindo aos pedaços e seus carrosséis enferrujados, o antigo parque de diversões tinha um aspecto de fim de mundo. Alguns canteiros de obras, começados aqui e ali, sugeriam que a área seria revitalizada um dia, mas isso não era para amanhã. Em meio à tempestade, as ruas estavam vazias e ameaçadoras. Ouvia-se apenas o barulho do vento e das ondas fazendo ranger as carcaças de metal.

Então, subitamente... um latido.

Lembrou-se do que dissera o cara do depósito de carros: *Lembro que tinha uns cães que latiam o tempo todo*.

Encontrara o lugar.

Madeline afastou duas tábuas apodrecidas de uma cerca e viu um dogue alemão de pelo amarelo e olhos ameaçadores, arreganhando os dentes e rosnando sem parar. Sua magreza a impressionou. O mastim era pele e osso. Será que estava doente? Ou

um desmiolado o mantinha de propósito naquele estado de tortura...

Sentiu a adrenalina invadi-la e se misturar ao medo; não tinha muita intimidade com cachorros. Desde que um boxer a mordera na infância, só os olhava de longe, alimentando um medo excessivo que todos os cães do mundo percebiam a três quilômetros de distância, presenteando-a com um latido agressivo sempre que ela passava por eles.

Era possível acessar o terreno por uma cancela gradeada. Sacou a Glock do estojo e atirou no cadeado para explodir a fechadura. Como esperava, a detonação assustou o mastim, que se afastou, um tanto desorientado. Ela entrou na propriedade, que conduzia a um grande entreposto prestes a se desfazer em ruínas. Antes que conseguisse alcançar o galpão, o dogue já estava acompanhado por cinco de seus pares. Cinco cérberos agora a cercavam num concerto de latidos. O primeiro pulou sobre ela e cravou as mandíbulas em seu braço esquerdo.

Madeline soltou um grito dilacerante, sentindo os dentes do animal penetrando em sua carne. Outro a atacou na perna, derrubando-a na lama, enquanto um terceiro pulou em seu pescoço.

Foi o que ela matou primeiro. Uma bala à queima-roupa na cabeça. Depois os outros dois que se haviam lançado sobre ela. No auge do pânico, abateu num ataque de fúria os dois últimos cães que se precipitavam em sua direção.

Cercada por cinco cadáveres, ela recuperou o fôlego e ficou de sobreaviso, disposta a abrir fogo se outros monstros exibissem o focinho. Havia sangue por toda parte. Recusou-se a examinar seus ferimentos, mas o braço doía, lacerado em vários lugares.

Mais tarde.

Pôs-se de pé e acertou outra bala na fechadura do galpão.

* * *

— Alice? — ela gritou.

O entreposto estava mergulhado na escuridão. Pegou a lanterna no estojo da pistola e a posicionou no trilho do cano.

— Alice? — repetiu, avançando lentamente, com os dedos crispados no gatilho e a lanterna apontada para frente. No chão de terra batida, notou pegadas que levavam a uma escada metálica.

Se tiver alguém escondido aqui, vai me abater como a um coelho.

Por que não esperara Jonathan? Por que não avisara os tiras?

Porque estava convencida de que não havia um segundo a perder.

— Alice?

Enveredou pela escada, que a levou a uma espécie de túnel escuro. Levantou um pouco mais a Glock, varrendo com o facho de luz a passagem apertada através da

qual o vento penetrava. Sentia o sangue do ferimento escorrer pelo braço, mas por ora o medo era o melhor analgésico. O subterrâneo, tomado por encanamentos de ferro, servia de fossa, na qual se amontoava todo tipo de imundícies. Não pôde evitar os arrepios ao topar com tabuletas de madeira enfeitadas com os monstros repugnantes que assombravam THE SCARIEST SHOW IN TOWN.

Atravessou uma poça d'água e ouviu um grunhido. Apontou imediatamente a arma para baixo, mas era apenas um bando de ratos. No fim do túnel, um corrimão em espiral convidava o incauto a se embrenhar ainda mais nas trevas.

— Alice? — gritou novamente, tanto para se fazer ouvir quanto para se dar coragem.

Chegou diante de uma dezena de portas de ferro, que se sucediam. Explodiu a primeira fechadura, varreu com o cano da pistola o recinto, que cheirava a fechado e a mofo. Estava vazio. Atacou metodicamente todas as outras portas, com o mesmo resultado. Até a última.

Nesse cômodo, reinava uma luz débil. Haviam instalado um leito de armar bastante sumário, mas o principal era que... havia um encanamento semelhante àquele em que Alice fora algemada. Vasculhando cada recanto da masmorra, Madeline achou uma corda de náilon arrebentada, um pedaço de fita isolante e o suéter cor-de-rosa e cinza com capuz da adolescente. Ajoelhou-se para recolhê-lo e o levar perto do rosto: estava encharcado de um suor quente. Considerando o frio que dominava naquela prisão, Alice certamente estivera ali menos de quinze minutos antes.

Tarde demais! Ela chegara tarde demais! Por causa daquela porra de neve! Por causa de sua falta de perspicácia! Por causa de seu cérebro lento demais! Por causa de...

O desânimo durou menos de dois segundos. Madeline já se levantava e, de arma em punho, atravessava o corredor úmido e deixava o entreposto, determinada a prosseguir sua caçada.

38
Little Odessa

— É duro ter vontade de proteger alguém e ser incapaz disso — observou Angel.
— Não se pode proteger as pessoas, meu caro — respondeu Wally. — Tudo que podemos fazer é amá-las.
— John Irving

A van branca avançava com dificuldade na neve pegajosa da Surf Avenue. Apesar das batidas rápidas, os limpadores de neve do para-brisa tinham dificuldade para remover os flocos.

Ao volante, Yuri estava apavorado. Uma hora antes, ficara estupefato ao saber da morte da agente Blythe Blake. Primeiro receara que a polícia rastreasse sua pista, depois decidira rapidamente tirar proveito da situação. Agora Alice lhe pertencia. A putinha bem que tentara escapar de suas garras, mas não tivera forças para isso. Considerando seu estado, era melhor ele não demorar muito se quisesse "revendê-la" por um bom preço. Os irmãos Tachenko haviam prometido que ele poderia ficar com ela. Suborno, prostituição, tráfico de armas — os dois ucranianos dominavam todos os setores do crime organizado. Alice era jovem, bonita, sedutora e, sem dúvida, virgem. Com um tratamento de recuperação, os cafetões poderiam lucrar bastante com ela, destinando-a à prostituição.

Penosamente, a van seguia adiante, sem atolar muito no espesso tapete acolchoado. No console do carro, uma imagem da Virgem com o Menino Jesus dividia espaço com um terço bizantino que tremia com os solavancos.

Yuri respirou ao alcançar a Brighton Avenue. A grande artéria comercial dominada pela ferrovia era bem protegida da tempestade. Fez meia-volta para estacionar em frente a uma loja de conveniência. Antes de sair, deu uma espiada em sua prisioneira.

Atrás, deitada no assoalho do carro, Alice recaíra no delírio da febre. Por várias vezes lhe pedira água.

— Mais alguma coisa? — ele perguntou. — Para comer?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Eu queria... — ela começou.

* * *

Madeline saiu cambaleando do galpão. Correu para atravessar o terreno onde jaziam os cadáveres dos cinco mastins para vomitar o café da manhã na calçada. Tinha o estômago embrulhado, o rosto molhado de suor, a raiva no coração. O que fazer agora? Dar a volta por cima. Não desistir. Lutar até o fim. O sequestrador de Alice tinha pelo menos quinze minutos de vantagem sobre ela. Era muito, não era nada.

Não se enxergava dez metros à frente. Era inútil pegar o carro. Melhor manter a liberdade de movimentos, ainda mais que não conhecia a região. Avançou pela rua e se viu no dique, de frente para o Atlântico. O oceano estava revolto, a vista tão deslumbrante quanto inesperada. Madeline não estava mais em Nova York, estava na Sibéria.

Por instinto, percorreu o calçadão à beira-mar, com seu assoalho de madeira e suas barracas de fritas grafitadas. O deque estava deserto, a não ser por algumas gaivotas que ciscavam nas lixeiras.

Ela estava encharcada. Em poucos minutos, tomou consciência de que o que julgava ser transpiração era sangue. A cada passo, deixava um fino rastro de hemoglobina atrás de si. A coxa estava seriamente machucada, mas era sobretudo do braço, lanhado e cortado em todo o comprimento do músculo, que vinha a hemorragia. Com o cachecol, fez um torniquete improvisado, que amarrou com o membro são e os dentes. Então, seguiu adiante.

* * *

O metrô não ultrapassou a penúltima estação. Dessa vez, os trilhos estavam completamente congelados. O frio paralisara tudo. A neve sufocava a cidade sob uma chapa pesada.

Foi somente ao sair da estação que Jonathan recuperou algumas barras de sinal no telefone. Ligou três vezes para Madeline, mas ela não atendeu. Ele ainda estava longe do ponto de encontro e não fazia ideia de onde ela estava.

Não havia saída.

E se...

Decidiu localizar o celular de Madeline da mesma maneira que haviam feito com o de Alice.

Entrou no navegador do celular.

Por favor, digite o usuário.

Fácil, sabia de cor o e-mail de Madeline.

Agora digite a senha.

Brincara com isso duas horas atrás! Digitou “violette1978” e esperou alguns

segundos até ver um ponto piscando na tela. Madeline estava a mais de um quilômetro de distância, ao sul, perto do mar. Esperou alguns segundos para que a página atualizasse e se deu conta de que o ponto se deslocava no mapa.

* * *

Madeline corria, enfrentando a neve, que lhe fustigava o rosto. Antes morrer do que se render. Não agora, não tão perto. Deixou a beira-mar para cortar por um estacionamento, depois entrou numa das ruas que conduziam à artéria principal de Little Odessa.

O bairro devia seu nome às primeiras comunidades judaicas que haviam escapado da Rússia por ocasião dos expurgos e encontrado um ar de semelhança entre a baía nova-iorquina e o porto do mar Negro.

Madeline fez um balanço da situação: estava na Brighton Avenue, o coração do enclave russo. Sob as estruturas da ferrovia se alinhavam dezenas de vitrines e comércios com tabuletas redigidas em alfabeto cirílico. Apesar da neve, o lugar formigava de gente e os carros circulavam quase normalmente.

Ela abriu os olhos, procurando se agarrar a um detalhe, vislumbrar um indício, um veículo suspeito...

Nada.

Tão logo parou de correr, acusou a dor. O pior era ouvir os fragmentos de vozes nos quais o russo prevalecia sobre o inglês. Conversas que a visavam diretamente.

Percebendo seu reflexo numa vitrine, compreendeu por quê: sua jaqueta perdera a manga, o torniquete se soltara e ela vazava sangue.

Não podia continuar como um elétron livre, sem bússola e gotejando sangue. Entrou numa delicatéssen na esquina da 3rd Street. Se as primeiras prateleiras da grande mercearia transbordavam de tortas, bolinhos de carne, filés de esturjão e outras especialidades locais, o fundo da loja estava abastecido com produtos de higiene. Para desinfetar os ferimentos, Madeline comprou uma garrafa de álcool, bem como várias caixas de gaze e algodão. Aguardou no caixa atrás de um homem que pagava uma garrafa de água mineral e um pacote de biscoitos.

— бутылку клубничного молока — pediu ele, apontando para o armário refrigerado atrás do balcão.

A vendedora abriu a geladeira e entregou ao freguês a garrafinha de leite sabor morango que ele acabava de pedir.

Madeline teve um clique.

Era um chamado.

Observou melhor o pacote de biscoitos: eram bolachas redondas de chocolate, recheadas de creme branco.

Oreo.

* * *

O coração rufou dentro do peito. Ela largou as compras no caixa para seguir o homem na rua. Era um sujeito alto, com a envergadura de um armário, uma espécie de jogador de rúgbi pançudo e com as faces volumosas carcomidas pela acne. Com passos pesados e enérgicos, ele retornou à van branca estacionada um pouco adiante.

Madeline sacou lentamente a pistola do bolso. Como num gesto de prece, juntou as mãos em torno das ranhuras da coronha e aguardou para tê-lo perfeitamente na mira antes de gritar:

— *Freeze! Put your hands overhead!*

Nesse momento, ela soube perfeitamente que iria matá-lo.

Porque sabia muito bem que ele não iria erguer as mãos e se render, mas que tentaria fugir, apostando na sorte.

E foi o que Yuri fez. Abriu a porta da van e...

Madeline atirou, mas nenhuma bala partiu. Atirou e voltou a atirar, mas foi obrigada a se render à evidência: o pente estava vazio.

* * *

Jonathan subia a avenida coberta pelo metrô elevado quando o celular vibrou. Do outro lado da linha, Madeline gritou:

— A van branca!

Ele levantou a cabeça e avistou a moça, vinte metros à sua frente. Com a arma em punho, ela lhe fazia sinais veementes cujo sentido ele não captava.

Sabia apenas que tinha de ser rápido.

E que tinha um revólver no bolso.

E que estava escrito desde o início que aquela história terminaria em sangue.

Ele pegou o Colt de Danny, engatilhou e apontou para a van, que acabava de arrancar a toda velocidade. Embora jamais tivesse disparado um tiro na vida, os gestos se encadearam mecanicamente. Ele ergueu a arma, apertou o braço para não tremer, mirou com todo o cuidado de que era capaz e apertou o gatilho.

A bala estilhaçou o para-brisa.

A van atravessou a rua e bateu no canteiro central, antes de capotar e trombar no pilar da estrutura do metrô.

* * *

O sangue de Madeline jorrava das têmporas. O tempo se congelara. Ela não sentia mais nenhuma dor. Os barulhos vindos de fora não a alcançavam mais, como se lhe houvessem perfurado os tímpanos. Como que em câmera lenta, ela correu até a

traseira da van. Uma viatura dos bombeiros despontava na extremidade da rua. Logo seriam as sirenes da polícia e das ambulâncias. Uma espiada à direita. Uma espiada à esquerda. Ainda sob o choque, a multidão a cercava com desconfiança: o açougueiro empunhava o facão, o peixeiro desencavara um bastão de beisebol, o marisqueiro, uma barra de ferro.

Ela arrancou essa última de suas mãos com um gesto determinado e a usou como pé de cabra para arrebentar as portas duplas da traseira do veículo.

Quantas vezes, em sonho, vivera aquela cena? Quantas vezes aquele filme passara em sua cabeça? Era sua obsessão. O sentido profundo de sua vida. Salvar Alice. Ressuscitá-la.

Golpeadas com insistência, as portas terminaram por ceder.

Madeline se jogou para dentro da van.

Alice estava algemada, inconsciente, com as roupas manchadas de sangue.

Não!

Ela não podia morrer agora.

Madeline se debruçou sobre ela e encostou o ouvido em seu peito à procura de um sinal do coração.

E o seu sangue se misturou ao dela.

Epílogo

Na manhã seguinte

O sol a pino irradiava seus raios sobre a cidade de madrepérola.

Vergando sob sessenta centímetros de neve, Nova York estava isolada do mundo. Os montes gelados bloqueavam ruas e calçadas. Nesse dia, os ônibus e táxis permaneceriam no pátio, os trens nas estações e os aviões pregados no solo. Durante pelo menos algumas horas, Manhattan se tornara uma imensa estação de esportes de inverno. Calçando esquis ou patins, inúmeros nova-iorquinos desafiavam o frio apesar da hora matinal, e as crianças se esbaldavam: corridas de trenó, guerras de bolas de neve, confecção de bonecos com acessórios engraçados.

Com um copinho numa das mãos e uma caixa de papelão na outra, Jonathan descia com passos prudentes a calçada congelada. Passara boa parte da noite na delegacia, para uma longa conversa com os policiais locais e os agentes do FBI, que agora cuidavam da proteção de Danny.

Apesar das precauções, terminou por escorregar naquele sabão. Como um equilibrista, apoiou-se com o cotovelo num poste de luz, inundando de líquido fervente a tampa do copinho. Atravessou com alívio as portas do Hospital St. Jude, vizinho de Chinatown e do Financial District.

Foi de elevador até o andar em que Alice estava sendo medicada. O corredor estava apinhado de policiais uniformizados montando guarda em frente ao quarto.

Jonathan mostrou a credencial antes de empurrar a porta. Deitada na cama, com uma sonda no braço, Alice se recuperava. Ela ergueu os olhos para ele e, ainda um pouco aturdida, iluminou o semblante com um belo sorriso. Operava-se o milagre da reidratação: Alice estava rosada e dava provas de uma serenidade espantosa depois do que acabava de viver. Ele lhe retribuiu o sorriso, dirigindo-lhe um sinal com a mão para indicar que passaria de novo depois que a enfermeira partisse.

Jonathan foi em seguida ao andar onde Madeline estava recebendo cuidados. Passando diante de um carrinho metálico, pegou uma bandeja de plástico, na qual pousou o copinho de chocolate quente. Abriu a caixa de papelão e dela retirou três cupcakes, que arrumou o mais harmoniosamente possível. Finalmente, notando um arranjo de flores brancas preso na parede, roubou uma anêmona, que completou o equilíbrio da bandeja.

— Café da manhã! — exclamou, entrando no quarto.

Embora julgasse encontrar Madeline sozinha, deu de cara com o capitão Delgadillo, um dos chefões da NYPD, um latino alto, com dentes brancos e ar severo. Empertigado, um tanto desdenhoso, o tira não lhe concedeu um único olhar.

— Espero sua resposta até o fim da semana, srta. Greene — ele afirmou antes de deixar o quarto.

Madeline estava deitada. Na véspera, tomara uma anestesia geral. A operação se desenrolara a contento, mas os dentes dos cães haviam penetrado profundamente na carne e ela guardaria para sempre as marcas daquela batalha com os mastins.

— Isso é para mim? — ela perguntou, pegando um bolinho.

— Baunilha, chocolate, marshmallow. Os melhores cupcakes de Nova York — ele garantiu.

— Você faz para mim um dia? Sabe que nunca provei seus pratos!

Ele concordou com a cabeça e se sentou ao seu lado no colchão.

— Viu a Alice? — ela perguntou.

— Agorinha mesmo. Ela vai dar a volta por cima.

— E na polícia, correu tudo bem?

— Creio que sim. Eles me disseram que tomaram seu depoimento aqui mesmo. É verdade?

— É, por intermédio desse sujeito que você viu. Você não vai acreditar: ele me ofereceu um emprego!

A princípio, ele pensou que fosse uma piada, mas ela se entusiasmou:

— Detetive consultora da NYPD!

— Vai aceitar?

— Acho que sim. Adoro flores, mas carrego a profissão de tira no sangue.

Jonathan aquiesceu em silêncio e se levantou para abrir as cortinas. Embora o sol inundasse o quarto, um arrepio glacial sacudiu Madeline. Qual era o futuro da relação deles? Durante aqueles poucos dias, tinham vivido na febre do perigo. As provações que haviam superado juntos eram tão intensas que se tornariam um marco em suas vidas. Sucessivamente, cada um tivera a vida do outro nas mãos. Haviam construído uma relação de confiança mútua, se completado, se amado.

E agora?

Ela se embrulhou na coberta e foi se juntar a ele em frente à vidraça. Ia lhe fazer a pergunta, quando ele tomou a iniciativa:

— O que acha desse lugar? — perguntou, estendendo-lhe o celular.

Na tela do aparelho, fez desfilar as fotos de uma casa antiga com fachada de terracota, numa ruazinha de Greenwich Village.

— Bonito, por quê?

— Está à venda. Poderia dar um belo restaurante. Acho que vou arriscar.

— Sério? Olha que não é má ideia — ela sussurrou, sem conseguir esconder a

alegria.

Ele brincou:

— Assim, se você ficar em Nova York, vou poder te dar uma mãozinha nas suas investigações.

— Uma mãozinha nas minhas investigações?

— Exatamente. Notei que você costuma precisar do meu cérebro incrível quando se encontra em dificuldades.

— É verdade — ela admitiu. — E, em troca, vou poder te ajudar na cozinha!

— Hum... — ele ponderou, fazendo cara de dúvida.

— "Hum" o quê? Conheço algumas receitas, viu? Eu te disse que a minha avó era escocesa? Ela me deixou o segredo de sua famosa tripa de cordeiro recheada.

— Que horror! E por que não pudim de gordura de rins de cabrito?

Jonathan fez correr o batente da janela envidraçada. Unidos em sua cumplicidade renovada, saíram para continuar a conversa na minúscula sacada que dava para o rio East e a ponte do Brooklyn.

O ar estava frio e o céu cristalino. Admirando a neve cintilante sob o sol, Madeline se lembrou da frase que Alice copiara na primeira página de seu diário: "Os anos mais belos de uma vida são os que ainda não vivemos".

E, naquela manhã, teve vontade de acreditar nisso...

Sobre lugares e pessoas...

Alguns leitores, que conhecem a cidade de Manchester, vão se admirar que eu tenha feito Madeline e Danny crescerem em Cheatam Bridge, ao passo que existe ali efetivamente um bairro chamado Cheetham Hill. Não, eu não me enganei. Mas senti necessidade de inventar um bairro para escrever a infância deles — para mim, o romance é um mundo paralelo.

Inversamente, a Juilliard School, essa fantástica escola de artes de Nova York, existe de fato. É uma sede maravilhosa de arte e cultura. Estudantes que têm a sorte de lá exercer seus talentos, não se preocupem, a cena pavorosa que situo na escola de vocês é pura imaginação.

Dentre as referências que atravessam o romance, vocês certamente vão reconhecer, através do papagaio Bóris, uma homenagem a Hergé e seu excêntrico capitão Haddock, ao passo que é evidentemente um excerto da célebre canção de Brassens, “Fernande”, que é reproduzido na abertura do capítulo 3.

Uma última palavra. Há anos venho anotando frases que me fazem sonhar ou rir, que me emocionam ou mesmo me impressionam. Elas vêm, livro após livro, apoiar o que tento transmitir através de um capítulo ou outro. Os leitores franceses e estrangeiros se apegaram a elas, e recebo cada vez mais mensagens me perguntando de onde as tiro. Eis por que encontramos a seguir uma lista de referências. Fico feliz que essas epígrafes sejam portas abertas para o universo de outro autor.

Referências das epígrafes

Capítulo 1: Claudie Gallay, *Seule Venise*, Rouergue, 2004; capítulo 2: Paul Morand, *L'Homme pressé*, Gallimard, 1941; capítulo 3: Stieg Larsson, *Os homens que não amavam as mulheres. Millenium vol. 1*, Companhia das Letras, 2010; capítulo 4: Carlos Ruiz Zafón, *A sombra do vento*, Suma de Letras, 2007; capítulo 5: Joyce Carol Oates, *Fille noire, fille blanche*, trad. C. Seban, ed. Philippe Rey, 2009; capítulo 6: Paolo Giordano, *A solidão dos números primos*, Rocco, 2009; capítulo 7: Romain Gary, *Clair de femme*, Gallimard, 1977; capítulo 8: Joseph O'Connor, *Desperados*, trad. P. Masquart e G. Meudal, Phebus, 1998; capítulo 9: Marguerite Yourcenar, *A obra em negro*, Nova Fronteira, 1981; capítulo 10: Guy de Maupassant, " Solitude", in *Monsieur Parent, contes et nouvelles 1884-1890*, Robert Laffont, 1988; capítulo 11: André Malraux, *Les noyers de l'Altenburg*, 1948, Gallimard/Folio, 1997; capítulo 12: Carson McCullers, *Frankie Adams*, 1946, trad. J. Tournier, Stock, 2008; capítulo 13: Michael Connelly, *The Last Coyote*, Little, Brown and Company, 1995; capítulo 14: Joseph O'Connor, *Desperados*, trad. P. Masquart e G. Meudal, Phebus, 1998; capítulo 15: Paul Verlaine, " Amoureuse du Diable", in *Jadis et naguère*, LGF, 2009; capítulo 16: Provérbio alemão; capítulo 17: Marilyn Monroe, *Fragmentos*, Tordesilhas, 2011; capítulo 18: Sófocles, *Édipo rei*; capítulo 19: Boris Cyrulnik, *Dizer e morrer: a vergonha,* Martins Fontes, 2012; capítulo 20: Flannery O'Connor, *Mon mal vient de plus loin*, trad. H. Morisset, Gallimard, 1969; capítulo 21: Milan Kundera, *A insustentável leveza do ser*, Companhia das Letras, 1999; capítulo 22: Juan Manuel de Prada, *A tempestade*, Best Seller, 2003; capítulo 23: Alfred de Musset, " À mon frère revenant d'Italie", in *Poésies complètes*, LGF, 2006; capítulo 24: François Cheng, *L'Éternité n'est pas de trop*, Albin Michel, 2002; capítulo 25: Jay McInerney, *Trente ans et des poussières*, trad. H. Huet e J.-P. Carasso, L'Olivier, 1993; capítulo 26: Horácio, *Odes*, Livro IV, I; capítulo 27: Sêneca, *Da clemência*; capítulo 28: R. J. Ellory, *Seul le silence*, trad. F. Pointeau, Sonatine, 2008; capítulo 29: Lema da província holandesa de Zeeland; capítulo 30: Mark Twain, *Following the Equator: A Journey around the World*, American Publishing Co., 1897; capítulo 31: Gao Xingjian, *A montanha da alma*, Objetiva, 2001; capítulo 32: Lord Byron, *Le pèlerinage de Childe Harold* (1812), *Oeuvres complètes*, trad. B. Delaroche, 1938; capítulo 33: Artigo 3.521 do Título 18 do Código dos Estados Unidos; capítulo 34: George Sand; capítulo 35: Christian Bobin, *Le Christ aux coquelicots*, Lettres Vives, 2002; capítulo 36: John Dos Passos, *Against American Literature*, New Republic, 1916; capítulo 37: Graham Greene, *O terceiro homem*, L&PM, 2007; capítulo 38: John Irving, *L'Oeuvre de Dieu, la part du Diable*, trad. F. e G. Casaril, Seuil, 1986.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.